

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**A “MAIS FINA SOCIEDADE RIOGRANDINA” E SUAS REPRESENTAÇÕES:
A VIDA SOCIAL DA ELITE DE RIO GRANDE - RS (1956 a 1960)**

Marina Krüger Pelissari

Porto Alegre

Outubro 2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**A “MAIS FINA SOCIEDADE RIOGRANDINA” E SUAS REPRESENTAÇÕES:
A VIDA SOCIAL DA ELITE DE RIO GRANDE - RS (1956 a 1960)**

Marina Krüger Pelissari

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em História.

Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Martini
Orientadora

Porto Alegre

Outubro de 2012

**A “MAIS FINA SOCIEDADE RIOGRANDINA” E SUAS REPRESENTAÇÕES:
A VIDA SOCIAL DA ELITE DE RIO GRANDE - RS (1950 a 1960)**

Marina Krüger Pelissari

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em História.

Aprovado por:

Prof. Dr. Alessandro Kerber – UFRGS

Prof. Dr. Charles Monteiro – PUC-RS

Profa. Dra. Mara Cristina de Matos Rodrigues – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não foi realizado sozinho. Do projeto inicial, passando pela coleta das fontes até a escrita final, muitas pessoas e instituições contribuíram para a sua realização. Agradeço, portanto:

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Luiza Martini, por acreditar nesse trabalho desde o começo, pela liberdade que me deu para escrever, pelas ideias e reflexões feitas juntas pelo caminho, e pelos ajustes finais, essenciais.

Ao Prof. Dr. Jean Baptista, por ter despertado em mim o gosto pela pesquisa e pelas conversas, quando este trabalho eram apenas ideias.

Aos professores doutores Alessander Kerber e Carla Rodeghero, pelos ajustes sugeridos no Exame de Qualificação, muito importantes para o rumo deste trabalho.

Aos meus entrevistados, Marlene de La Rocha Arruda, Eneida Dourado, Carmem Bergamaschi Costa, Glacy Miranda e Walter Albrecht, por me deixarem entrar em suas vidas e compartilharem comigo suas lembranças.

Ao Centro de Documentação Histórica (CDH) – FURG, ao site Papareia, à Fototeca do Centro Municipal de Cultura e à Câmara do Comércio por me permitirem pesquisar em seus arquivos. A Heitor Barcellos e Nilo Freitas, pelas fotografias cedidas. A Nelson Zamel, Abraham e Isaac Goldenberg, filho e irmãos da cronista Zicil, pelas informações trocadas. Em especial à Biblioteca Rio Grandense (Rio Grande) e seus funcionários, pela gentileza, disponibilidade e ajuda na busca pelas fontes deste estudo.

Aos colegas e amigos feitos em Porto Alegre, que tornaram essa mudança fácil e prazerosa. Ao Everton, pela amizade, por sempre perguntar “como está indo” e dividir comigo a experiência de pesquisador. Às amigas “de sempre”, Helena, Meiri e Luiza, por estarem sempre presentes, por compreenderem os “surtos” e as ausências, pelo amor e crescimento que compartilhamos.

Ao Roger Silva, pela criação do Banco de Dados que permitiu uma análise otimizada das fontes, pelo “suporte técnico” nos mais diversos horários e por sua paciência comigo.

Um agradecimento especial à minha família (mãe, pai, Laura, Roger e Laila) por acreditarem nesse trabalho tanto quanto eu, e me ouvirem falar nele sempre. Por ser meu

porto seguro, meu exemplo, por me compreenderem profundamente, pelo amor e amizade que vivemos cercados.

Num salão esmeram-se várias artes: a de receber ou preparar um ambiente de cordialidade e espírito; a de entreter a palestra ou cultivar o humor; dançar uma valsa ou cantar uma ária; declamar ou inspirar versos, criticar com graça e sem maledicência; realçar a beleza feminina nas últimas invenções da moda... Rígorosos azedos dirão que tudo isto são futilidades. Mas que é a metade da vida, senão tudo isto? O passado não foi apenas sério ou trágico, guerreiro ou político, religioso, científico ou econômico, mas também alegre e... frívolo.

(Wanderley Pinho, “Salões e Damas do Segundo Reinado”)

RESUMO

O presente trabalho aborda as representações presentes na vida social da elite da cidade do Rio Grande – RS. Ao longo de três capítulos, procura-se analisar como esta elite entendia o seu lugar social e quais eram as suas práticas sociais distintivas. A partir de crônicas sociais publicadas no jornal *Rio Grande*, entre os anos de 1956 e 1960, além de outras fontes, como atas e entrevistas, percebe-se como se desenrolavam as sociabilidades rio-grandinas, seus principais locais, regras e formas de divertimento, além dos recursos – visuais e discursivos – utilizados pelas cronistas para definir as identidades desse grupo. Por meio de uma (re)construção de representações, divulgadas e legitimadas pelas crônicas sociais, a elite diz quem é, reforçando a sua identidade e distinção em relação aos que não fazem parte desse seletto grupo.

ABSTRACT

This paper addresses the representations present in the social life of the elite of Rio Grande - RS. Over three chapters, it seeks to analyze how this elite used to understand its place in society and what their distinctive social practices were. Using the social columns published in the newspaper *Rio Grande*, between 1956 and 1960 and other sources, such as interviews, it was possible to perceive how sociabilities developed in the town, their main venues, rules and forms of entertainment, besides resources – visual and discursive – used by chroniclers to define the identity of this group. Through a (re)construction of representations, disseminated and legitimated by social columns, the elite says who it is, reinforcing its identity and distinction from those who are not part of this select group.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Fotografia – Praça Sete de Setembro e, ao fundo, Rua Marechal Floriano Peixoto. Acervo pessoal de Nilo Freitas.

FIGURA 2 – Fotografia – Localização e espaço reservado à coluna “Flash Social” na página 2 do Jornal Rio Grande. 13 de setembro de 1956.

FIGURA 3 – Fotografia – “Flash Social” – 1º de setembro de 1956, Jornal *Rio Grande*. Exemplo da estrutura mais recorrente das crônicas sociais escritas por MyrAz.

FIGURA 4 – Fotografia – “TIC-TAC” – 25 de novembro de 1960, Jornal *Rio Grande*. Crônica social com os “Drops” de Zicil.

FIGURA 5 – Fotografia – Entrevista Gosto-Não Gosto. “Flash Social” 26 de novembro de 1956, Jornal *Rio Grande*.

FIGURA 6 – Mapa – Centro da cidade do Rio Grande e localização dos clubes.

FIGURA 7 – Fotografia – Hall de entrada do Clube do Comércio.

FIGURA 8 – Fotografia – Hall do salão de festas do Clube do Comércio.

FIGURA 9 – Fotografia – Salão de festas do Clube do Comércio.

FIGURA 10 – Fotografia – Representantes da elite social rio-grandina reunidos para um baile no Clube do Comércio. Acervo pessoal de Heitor Barcellos.

FIGURA 11 – Fotografia – A debutante Carmem Bergamaschi saindo do “porta retrato” – 1955. Acervo pessoal de Carmem Bergamaschi Costa.

FIGURA 12 – Fotografia – Salão do Clube do Comércio durante a valsa das debutantes de 1954. Acervo do site Papareia – www.guaipeca.blogspot.com.br.

FIGURA 13 – Fotografia – Sábado de Carnaval – Baile no Clube Caixeiral – 25/02/1950. Acervo pessoal de Lêda Germano de Sá.

FIGURA 14 – Fotografia – Concorrentes ao “Miss Bangú – Rio Grande” nas escadas do Clube do Comércio – 1956. Acervo pessoal de Carmem Bergamaschi Costa.

FIGURA 15 – Fotografia – Orquestra Piragine. Acervo do site Papareia.

FIGURA 16 – Fotografia – Ensaio do Teatro da S.T.A.R. – Identifica-se o teatrólogo Álvaro Delfino (sentado) e o ator José Guimarães (atrás do sofá). Acervo site Papareia.

FIGURA 17 – Fotografia – A mais difundida imagem do *New Look* de Dior.

FIGURA 18 – Fotografia – Adaptação rio-grandina do *New Look*. Carmem Bergamaschi e Guatemi Costa em baile no Clube do Comércio.

FIGURA 19 – Fotografia – Adaptação rio-grandina do *New Look*. Lêda Sá e amiga fazendo o *footing* na Rua Andradas (1950).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
“A MAIS FINA SOCIEDADE RIO-GRANDINA”: ANTECEDENTES DA PESQUISA E CONCEITOS	13
CONSTRUINDO O OBJETO: A DINÂMICA ENTRE CONCEITO E INFORMAÇÃO (FONTES, REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E METODOLOGIAS)	21
CAPÍTULO I - ORIGENS E TRADIÇÕES: DO SÉCULO XIX AOS ANOS 50	35
1.1. FORMAÇÃO DA CIDADE DO RIO GRANDE E O SEU DESENVOLVIMENTO...35	
1.2. SOBRE A DÉCADA DE 1950 NO BRASIL	41
1.3. CRÔNICAS SOCIAIS NOS ANOS 50: CRONISTAS, ASPECTOS DE DISTRIBUIÇÃO E ELEMENTOS DISCURSIVOS	44
CAPÍTULO II - AS SOCIABILIDADES RIO-GRANDINAS NA DÉCADA DE 1950: FESTAS, LUGARES, PRÁTICAS E NORMATIZAÇÕES	61
2.1. LUGARES E REGRAS: O TRADICIONAL CLUBE DO COMÉRCIO E A ELITE...61	
2.2. FESTAS E REGRAS: O BAILE É O ÁPICE	72
2.3. O DIVERTIMENTO FORA DO BAILE: OUTRAS FORMAS E LUGARES DE LAZER	90
2.4. A ELITE APRECIA A ARTE: REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E DISTINÇÃO SOCIAL	92
CAPÍTULO III - AS REPRESENTAÇÕES DA ELITE: MORAL, VISUALIDADE, MODELOS E PALAVRAS DISTINTIVAS	103
3.1. RELAÇÕES DE GÊNERO E MORAL NOS ANOS 50.....	103
3.2. VISUALIDADE: FORMAS DE APRESENTAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CORPO.....	118
3.2.1. MODA: IDENTIDADE E DISTINÇÃO	118
3.2.2. CARACTERÍSTICAS DA ELITE: O DESTAQUE DA “BELEZA” E DA “ELEGÂNCIA”	131
3.3. AS CIDADES-MODELO E AS RELAÇÕES COM A ELITE RIO-GRANDINA	142

CONSIDERAÇÕES FINAIS - O DISCURSO DAS CRONISTAS: PALAVRAS DISTINTIVAS	165
FONTES ANALISADAS	175
REFERÊNCIAS	176
APÊNDICE – ELITE SOCIAL	182

INTRODUÇÃO

“A mais fina sociedade rio-grandina”: antecedentes da pesquisa e conceitos.

“A mais fina sociedade rio-grandina e suas representações: a vida social da elite de Rio Grande - RS (1956 a 1960)”, constituiu-se em tema e objeto de pesquisa num processo que iniciou com meus estudos de graduação, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Minha iniciação como pesquisadora na área de história, meus “primeiros passos”, deram-se na cidade onde nasci, estudando um passado envolvido “nos anos dourados”. Os bailes realizados pela elite social rio-grandina em seus clubes, constituíram meu primeiro objeto de estudo. Esses bailes eram organizados para divertimento e lazer, segundo regras dos clubes, para seus associados, gerando expectativas dentro do grupo e fora dele, constituindo acontecimentos na cidade, gerando notícias e documentos, que permitiram minha futura pesquisa. Eles sinalizavam diferenças, uma percepção da sociedade, um sentido, que permitiria discernir e compreender a dinâmica social deste grupo, a elite social, que veio a ser construído historicamente por essas informações. Isto me levou, na pós-graduação, a trabalhar e ampliar uma perspectiva teórica baseada no conceito de representação. Aqui procuro expandir a primeira pesquisa e fazer das relações sociais seu objeto; perceber a sociedade de modo abrangente, instalada em uma dimensão simbólica, com regras e o poder de emitilas, de julgar e de controlar.

Rio Grande também foi escolhida pela escassa produção historiográfica referindo-se ao século XX e aos aspectos sociais e culturais. Os principais estudos sobre a cidade têm como objeto a sua fundação e o século XIX, privilegiando os aspectos políticos e econômicos. Mais recentemente algumas pesquisas buscam outras temáticas sobre a cidade, contribuindo para um maior conhecimento de sua história, caso desta dissertação.

As palavras de Wanderley Pinho, na forma de epígrafe, expressam de forma clara uma opinião, talvez ainda recorrente, sobre trabalhos que falam da cultura ou vida social: são vistos como futilidades. Tratados por muito tempo como âmbitos explicativos menores para produção de objetos de pesquisa, as formas de convívio social são traduzidas como práticas

culturais, através do conceito de representação. Este trabalho filia-se a essa direção, propondo-se a analisar as representações da elite social da cidade do Rio Grande – RS. Os conceitos que tornam o “convívio social” um objeto de pesquisa são os de diferenciação social por *representações* e criação de identidades; elites por *distinção*, por características de ordem cultural. Optei por apresentá-los inicialmente em sua especificidade, explicando e destacando o objeto desta pesquisa: **a história cultural das relações sociais da elite rio-grandina nos anos 50/60**. Este procedimento me permitirá fazer uma narrativa introdutória, envolvendo informações já recolhidas em trabalhos anteriores, conexos a este, explicitar a metodologia e referir os conceitos em sua abrangência, formando um fundo de interpretação. Trata-se de um sentido que se revela na própria construção da pesquisa: o que buscar, onde (informação, bibliografia, fontes), metodologias para seu tratamento, sua transformação em documento e como questioná-los.

Trabalhei aqui com um conceito mais geral de representação, na versão de Roger Chartier, vinculando “as relações sociais às formas como os indivíduos ou grupos se percebem e percebem os demais”.¹ O autor esclarece a importância da noção de representação, pois esta articula três registros da realidade:

[...] por um lado, as representações coletivas incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida; enfim, a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas) da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada. A história da construção das identidades sociais encontra-se assim transformada em uma história das relações simbólicas de força.²

Procurei, portanto, entender como a elite social da cidade do Rio Grande percebe o mundo a sua volta, como ela percebe a divisão social desse mundo, como mostra a sua identidade e quem são os seus representantes nestas relações sociais.

Alguns autores auxiliam-nos, antes de passar para a elite rio-grandina propriamente dita, a pensar as elites de uma forma mais geral. Flávio M. Heinz³ nos diz que não há um consenso sobre o que se entende por elites, sobre quem são e o que as caracteriza. Este é um termo empregado em um sentido amplo e descritivo, que normalmente faz referência a

¹ CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 49.

² CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 11.

³ HEINZ, Flávio M. *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

peças ou grupos que parecem ocupar o “topo”, os “privilegiados” ou “abastados”. Este entendimento nem sempre precisaria de muitas justificações, pois o poder da elite se imporia por si só, não necessitando de maiores explicações.⁴ Este pensamento vai ao encontro das palavras de C. Wright Mills⁵, que ressalta a autoimagem destes grupos como intrinsecamente elite, como se sua condição privilegiada na sociedade fosse natural e não algo construído:

As pessoas com vantagens relutam em se considerarem apenas pessoas com vantagens. Chegam a definir-se prontamente como intrinsecamente dignas daquilo que possuem; chegam a acreditar-se como constituindo "naturalmente" uma elite; e na verdade consideram seus bens e seus privilégios como extensões naturais de seu ser de elite. Nesse sentido, a ideia de elite como composta de homens e mulheres com um caráter moral mais apurado é uma ideologia da elite em sua condição de camada dominante privilegiada, e isso é válido tanto quando a ideologia é feita pela própria elite ou quando outros a fazem por ela.⁶

Segundo Heinz, imprecisão e falta de clareza do conceito de elite, seguidamente criticada, tornou-se, para alguns pesquisadores, cômoda e instrumental:

Um número crescente de pesquisadores encontra na noção de elite uma forma de se estudar os grupos de indivíduos que ocupam posições-chave em uma sociedade e que dispõem de poderes, de influência e de privilégios inacessíveis ao conjunto de seus membros, ao mesmo tempo que evitam a rigidez inerente às análises fundadas sobre as relações sociais de produção.⁷

Entendo que a noção de *elite* diz respeito a um “capital não material” segundo o qual os atores geram, em termos de desigualdade, o desempenho dos seus papéis sociais e do poder, que apenas alguns detêm: “aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças”.⁸

Este poder é “derivado da riqueza, ocupação e status social reconhecido, bem como da posição política e, mais comumente, poder derivado de uma combinação de todos estes aspectos”.⁹ A essas características soma-se a autoimagem – ou seja, a representação – que estas pessoas têm de si, confirmada pelo outro, como pertencentes a um grupo dominante.

⁴ Ibid., p. 7.

⁵ MILLS, C. Wright. *A elite do poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.

⁶ Ibid., p. 25-26.

⁷ HEINZ, op. cit. p. 8.

⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 41.

⁹ NEEDELL, Jeffrey. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993, p. 275.

Para Jean-François Sirinelli: “as elites também se definem não só pelo seu poder e pela sua influência intrínsecas, como também pela própria imagem, que o espelho social reflete”.¹⁰

Pierre Bourdieu, em “*A Distinção – crítica do julgamento social*”¹¹, enuncia alguns conceitos que me possibilitam pensar a elite social rio-grandina e suas formas de diferenciação social através do “gosto”, constituído por preferências sociais e culturais estruturadas, elementos que influenciam na formação do capital cultural de cada pessoa classificando-a socialmente. O autor vê o “gosto” como “um dos pretextos mais vitais das lutas”, uma “manifestação suprema do discernimento que, pela reconciliação do entendimento com a sensibilidade (...) define o homem na acepção plena do termo”.¹² Acrescenta ainda que o gosto é o “princípio de tudo que se tem, pessoas e coisas, de tudo o que se é para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado.”¹³ O espaço do gosto é o campo da classe dominante, aquela que possui o “gosto legítimo”, e também da produção cultural. Assim, para o autor, o gosto classifica e desclassifica, distingue, aproxima e afasta as pessoas, e é uma importante forma de pensar as relações entre classes.

Para Bourdieu, as práticas culturais, as preferências em matéria de arte, música, alimentação, decoração, vestuário, esporte, política estão ligadas ao capital escolar e origem social de determinada pessoa. Acredita-se que a elite social rio-grandina, o grupo privilegiado dentro desta sociedade, desenvolvia suas próprias práticas culturais. Esta elite pode ser pensada como um segmento que se diferencia de outros por seu gosto, entendendo-o como “legítimo” e “dominante”; um *habitus* percebido como se fosse natural, como o que é de nascimento, “de berço”.

O conceito de “gosto” implica-se em outro, o de “*disposição estética*” ou “*distância da necessidade*”, isto é, de urgências habituais e de finalidades práticas. A disposição estética é distanciamento do mundo, disponibilidade às práticas que tem finalidade em si mesma. Para Bourdieu, tal distanciamento e autonomia, tal disposição, é o princípio da experiência burguesa do mundo.

¹⁰ SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre. SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 265.

¹¹ BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

¹² *Ibid.*, p. 17.

¹³ *Ibid.*, p. 56.

A esta disposição estética liga-se o poder econômico, ou seja, o “poder de colocar a necessidade econômica à distância”.¹⁴ Entendo que numa sociedade onde a “abastança” é um horizonte geral, dado pela produtividade, a afirmação de poder está na destruição das riquezas, na ostentação e desperdício e em todas as formas de luxo gratuito. A burguesia, diferentemente da aristocracia que vivia em uma exibição contínua, dividiu seu mundo em oposições, como pagante/gratuito, interesseiro/desinteressado, trabalho/moradia e também entre necessário/desnecessário, distinguindo-se dos outros, reféns da necessidade e do gosto vulgar. As pessoas que têm o poder econômico podem, portanto, afastar-se do mundo da necessidade e viver no mundo da liberdade artística, por exemplo. A seguinte passagem mostra como o distanciamento da necessidade pode ser uma forma de distinção:

Enquanto afirmação de um poder sobre a necessidade dominada, ele [o distanciamento] traz sempre em seu bojo a reivindicação de uma superioridade legítima sobre aqueles que, por não saberem afirmar o desprezo pelas contingências no luxo gratuito e no desperdício ostentatório, permanecem dominados pelos interesses e pelas urgências comuns: os gostos de liberdade só podem afirmar-se como tais em relação aos gostos de necessidade que, deste modo, são levados à ordem da estética, portanto, constituídos como vulgares.¹⁵

Esta disposição estética é uma expressão distintiva de uma posição privilegiada no espaço social e, como toda espécie de gosto, une e separa as pessoas. Associado a uma classe particular com suas condições de existência, o gosto une os que são produto de condições semelhantes, distinguindo-os e opondo-os aos outros.

O conceito de disposição estética permite compreender um grupo social voltado para o prazer, envolvido em atividades que tem essa finalidade em si – o baile, as artes, assim como outros tipos de sociabilidade. São pessoas diferentes dos que não dispõem disto. Trata-se de distinção, de divisões de classe, da ideia de que “a identidade social define-se e afirma-se na diferença”.¹⁶

Bourdieu destaca ainda que o consumo de bens culturais considerados legítimos se origina da concorrência entre grupos pelos bens e práticas raras e distintas. Este consumo pressupõe a interferência do consumidor no uso do produto, ou seja, um trabalho de apropriação pelo consumidor. Esse “contribui para produzir o produto que ele consome

¹⁴ Ibid., p. 55.

¹⁵ Ibid., p. 56.

¹⁶ Ibid., p. 164.

mediante um trabalho de identificação e decifração.”¹⁷ Segundo o autor é mais do que uma relação entre consumidores com gostos intercambiáveis e produtos com propriedades dadas, mas sim uma relação entre gostos que variam de acordo com as condições sociais e econômicas da sua produção e produtos que, por meio destes gostos, recebem suas diferentes identidades sociais.

Se levarmos em conta a ideia de um consumo legítimo, de bens distintivos, podemos também entender melhor como a elite utiliza os bens materiais – as roupas, as joias, os clubes e lugares mais frequentados, as bandas, as comidas e bebidas, etc. – para mostrar a sua identidade social, sempre inscrita pela alteridade. Também as formas como o corpo é utilizado, o modo como dançam, como se portam em público, como falam, como cuidam da saúde, da higiene e da beleza – esta última fator de grande importância na sociedade e na época estudada – classificam e desclassificam. O aspecto normativo dos eventos sociais pesquisados, o grande peso da moral nas decisões de apresentação, regula esta relação do indivíduo e da classe com seu corpo e a maneira como ele vai ser exposto em um ambiente público.

Outros aspectos se apresentam sob esse foco conceitual: uma classe é definida também por sua filiação étnica, idade ou sexo, além da inserção sócio profissional. Nesse quadro, Bourdieu entende o gênero e a idade, a divisão dos lugares do feminino e do masculino e as suas mudanças, como propriedades essenciais na formação das classes e do seu gosto.

Bourdieu relaciona o espaço dos estilos de vida com o seu conceito de *habitus*. Ele nos diz que o espaço social, “representação abstrata, produzida mediante um trabalho específico de construção”¹⁸, nos dá uma visão panorâmica, um ponto de vista sobre o conjunto a partir do qual os agentes lançam o seu olhar sobre o mundo social. Estes pontos de vista dependem da posição ocupada por cada agente e exprimem, muitas vezes, a sua vontade de mudar ou conservar este espaço social.

Este espaço social, espaço dos estilos de vida, está intimamente ligado ao que Bourdieu entende por *habitus*, pois a relação entre suas capacidades é que constituem este mundo social representado. Estas capacidades, que inter-relacionadas formam o *habitus* são a “capacidade de produzir práticas e obras classificáveis” e a “capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto)”¹⁹. Portanto, a relação entre as características

¹⁷ Ibid., p. 95.

¹⁸ Ibid., p. 162.

¹⁹ Ibid., p. 162.

da condição social e os traços de distinção só se torna inteligível segundo a construção do *habitus* como fórmula que permite justificar, ao mesmo tempo, as práticas e produtos classificáveis, assim como os julgamentos distintivos.

(...) o gosto é o operador prático da transmutação das coisas em sinais distintos e distintivos, das distribuições contínuas em oposições descontínuas; ele faz com que as diferenças inscritas na ordem física dos corpos tenham acesso à ordem simbólica das distinções significantes.²⁰

O *habitus* apreende as diferenças de condição segundo princípios de diferenciação nele originados e por isso percebidos como naturais; como o que é de nascimento, “de berço”, essas diferenças são tomadas como intrínsecas ao grupo.²¹

Roger Chartier, ao trabalhar historiograficamente as representações em seus diversos trabalhos, deixa claro que essas não são simples imagens – verdadeiras ou falsas – de uma realidade externa, elas são construções e “possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é”.²² As representações são determinadas pelos interesses daqueles que as constroem e difundem e, portanto, pressupõem lutas pelo poder de representar. A existência destes representantes – sejam individuais ou coletivos, concretos ou abstratos – garantem a estabilidade e a continuidade destas representações simbólicas:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio.²³

As representações são consideradas “as matrizes de discursos e de práticas diferenciadas [...] que têm por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição

²⁰ Ibid., p. 166.

²¹ Ibid., p. 164.

²² CHARTIER, 2009, op. cit., p. 50.

²³ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 17.

contraditória das identidades – tanto a dos outros como a sua”.²⁴ Estes discursos e práticas, esta visão da realidade e de si mesmo pressupõe uma sensação de pertencimento a um grupo/lugar específico e de ter características definidas por eles, ou seja, uma identidade:

Uma identidade se expressa, justamente, através de representações que definem a ideia e o sentimento de pertencer a um grupo. Assim, ela é, ao mesmo tempo, sentimento e ideia, é sentida e pensada enquanto formulação de uma imagem de si mesmo, ou seja, como auto representação. Essa consciência de si através de representações impõe limites às práticas sociais dos indivíduos. Esses limites se dão em torno das fronteiras entre um grupo e outro. Uma identidade se forma, assim, além da percepção das representações comuns, entre o grupo, através da percepção da diferença, em relação ao outro grupo, ou seja, em uma relação de alteridade.²⁵

Utilizarei o termo elite, pois as fontes, as crônicas sociais analisadas, referem-se clara e literalmente a um grupo social diferenciado dentro da sociedade rio-grandina, denominando-o elite, uma *representação* construída pelas próprias crônicas sociais.

É necessário, entretanto, que a elite social rio-grandina seja definida, que suas características sejam expostas e analisadas. Tal é o mote deste trabalho: buscar suas representações, sua autoimagem, parte integrante – e importante – desta definição dentro do grupo e perante a sociedade. Mesmo não sendo possível, nos limites das fontes que se tem acesso para esta dissertação perceber como era a relação da elite rio-grandina com outros segmentos desta mesma sociedade, é possível identificar suas práticas, seu “gosto”, seus mecanismos de distinção. A partir disso, pressupõe-se que existiam lutas simbólicas pelo poder legítimo de dizer quem é quem nesta sociedade. Pelo discurso baseado nestas tentativas de distinção, de estabelecer quem faz parte e quem não faz parte da elite social, podemos indicar a presença de, para usar as palavras de Bourdieu, *pretensiosos* que buscam, por meio do uso dos bens distintos, a mudança do seu lugar social.

Embora me refira neste trabalho recorrentemente a regras sociais, a uma parcela da sociedade extremamente normativa em suas relações com os outros e na seleção de quem participa ou não deste segmento, é necessário ter em mente que nem todas as normas são necessariamente cumpridas por todos, que existem desvios do padrão. As fontes analisadas, principalmente as crônicas sociais, deixam entrever muito mais as regras e costumes do que os problemas e desvios de suas personagens e de sua sociedade. No entanto, o papel do

²⁴ Ibid., p. 18.

²⁵ KERBER, Alessander. *A legitimação da identidade através da alteridade*. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Debates, 2010. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/58813>. Acessado em 23/03/2011, sem página.

historiador é buscar os detalhes, os vestígios e desconstruir o discurso de sua fonte, tentando atingir intenções por vezes escondidas, por vezes silenciadas em sua “fala”.

Portanto, os desvios que encontrei nas fontes analisadas, longe de serem deixados de lado como exceções às regras estabelecidas pela elite, serão levados em conta exatamente por isso e valorizados por sua contribuição a uma visão mais completa das representações deste grupo. Como ressaltou Michel de Certeau, estou interessada em

tornar pertinentes *diferenças* adequadas às unidades formais precedentemente construídas; em *descobrir o heterogêneo* que seja tecnicamente utilizável. A ‘interpretação’ antiga se torna, em função do material produzido pela constituição de séries e de suas combinações, a evidência dos *desvios relativos quanto aos modelos*.²⁶

Proponho-me fazer o que Roger Chartier denomina “história cultural do social”, que procure compreender as formas e os motivos – as representações do mundo social – que traduzem as posições e interesses dos atores sociais e como eles descrevem a sociedade tal como pensam que ela é.²⁷ Não se tratam de questões efêmeras, mas sim questões que são imprescindíveis para a compreensão da sociedade em suas múltiplas faces.

Construindo o objeto: a dinâmica entre conceito e informação (fontes, revisão bibliográfica e metodologias)

As crônicas sociais publicadas no Jornal *Rio Grande*, entre os anos 56 e 60, constituem a principal fonte do nosso trabalho. Focadas pelos conceitos, acima referidos e suas possibilidades metodológicas, colocam-se no centro do movimento da pesquisa entre revisão bibliográfica e busca de outras fontes que se entrecruzam, para dar conta das práticas culturais da elite.

²⁶ CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 85. Grifos do autor.

²⁷ CHARTIER, 1990, op. cit., p. 19.

José Henrique Gonçalves²⁸ assinala que as colunas sociais fornecem material de estudo sobre a vida das elites, indicando suas preferências, suas modas e seus padrões de condutas, permitem perceber as interações entre indivíduos e/ou grupos, vocabulários nativos e ciclos de prestígio de pessoas e profissões. Essas colunas “expressam, também, critérios de demarcação de quem pode ou não integrar aqueles meios.”²⁹

Para Ferreira, indo ao encontro do que diz Gonçalves e do que pode ser percebido nas crônicas sociais selecionadas para análise:

o colonismo social presta-se à manutenção daqueles modelos ideais de vida, baseados no sucesso e no bem estar, mas também, e principalmente, têm função decisiva na produção dos personagens que atuam nesses modelos, através da escolha das pessoas que aparecerão ou não naquela determinada coluna de crônica social.³⁰

A crônica é um tipo de escrita na qual as impressões e opiniões do autor são tão importantes quanto o fato relatado. Para Luiz Beltrão a crônica é uma “forma de expressão do jornalista/escritor para transmitir ao leitor seu juízo sobre fatos, ideias e estados psicológicos pessoais e coletivos.”³¹ Segundo Ferreira a crônica ou coluna social caracteriza-se por ser um texto de opinião, no qual a personalidade e a subjetividade do seu autor estão presentes. Este é um espaço onde o nome do autor ganha destaque e no qual ele pode reunir informações e seus juízos, elogios e críticas sobre elas. Ferreira ressalta que estas colunas localizam-se sempre na mesma posição no jornal, na mesma página, facilitando a sua localização pelos leitores habituais.³²

Alguns artigos sobre colunas sociais e sobre cronistas específicos, contribuíram para uma visão das semelhanças e diferenças na escrita destas colunas mostrando novas formas de análise. Entre eles destaco os trabalhos de Beltrão³³, Ferreira³⁴, Souza³⁵, Lord³⁶, Sant’anna³⁷, Travancas³⁸.

²⁸ GONÇALVES, José Henrique Rollo. *Escavando o chão da futilidade: colunas sociais, fontes para o estudo de elites locais*. Revista de História Regional 4(2):35-59, Inverno 1999.

²⁹ *Ibid.*, p. 36.

³⁰ FERREIRA, Alexandre Leonardo de Alvarenga. *Coluna Social*. Elementos utilizados pelo colonismo social que remetem ao processo de projeção e identificação do público, caracterizados por Edgar Morin. Monografia de Conclusão de Curso – UNI-BH, 2006. Disponível em <http://www.convergencia.jor.br/bancomonos/2006/alexandrealvarenga.pdf> Acessado em 15/11/2010, p. 43.

³¹ BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo opinativo: filosofia e técnica*. Porto Alegre: Sulina – ARI, 1980, p. 66.

³² *Ibid.*, p. 38-39.

³³ *Ibid.*

³⁴ FERREIRA, op. cit.

³⁵ SOUZA, Rogério Martins. *Colonismo e redemocratização: das colunas sociais às notas informativas e políticas*. 1º Colóquio em Comunicação e Sociabilidade. UFMG, 2008. Disponível em

É preciso situar o cronista em relação ao “lugar”, à importância do jornal que o credencia – e vice-versa –, ao panorama da cidade ou localidade a que se dirige, à abrangência de seu público, de seus leitores preferenciais, em suma: à sua capacidade de formar opinião.

A imprensa rio-grandina, principal fonte utilizada neste trabalho, foi objeto de alguns estudos que abarcam diversos tipos e aspectos de suas publicações, dos quais podemos destacar os trabalhos do historiador Francisco das Neves Alves, como “A pequena imprensa rio-grandina no século XIX”³⁹ e “A imprensa na cidade do Rio Grande: um catálogo histórico”⁴⁰, entre outros. No entanto, estes trabalhos dizem respeito ao século XIX, sendo o século XX pouco estudado em relação à sua imprensa.

Segundo Francisco das Neves Alves⁴¹, o início da imprensa rio-grandina pode ser localizado por volta de 1830, acompanhando o desenvolvimento econômico e social da cidade do Rio Grande. Privilegiada por seu porto e pelo grande crescimento comercial e industrial do século XIX, a cidade também sofreu a intensificação da circulação de informações, ideias e opiniões por meio de jornais que chegavam de navio do Rio de Janeiro e da Europa e eram distribuídos por todo o sul.⁴²

Diante de um cenário de “significativo crescimento econômico, avanço urbano, expansão populacional e relativo progresso cultural”⁴³ as práticas jornalísticas rio-grandinas também tiveram uma evolução considerável, acompanhando o desenvolvimento da cidade. Este avanço da imprensa também serviu como uma forma de reafirmação da cidade como lugar “civilizado” e cada vez mais moderno.⁴⁴

http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispres/SOUZA_rogerio.pdf. Acessado em 15/11/2010 e SOUZA, Rogério Martins. *O cavalheiro e o canalha: Maneco Müller, Walter Winchell e o apogeu dos colunistas sociais após a Segunda Guerra Mundial*. Revista Pauta Geral, n. 9, 2007.

³⁶ LORD, Lúcio. *Estudo antropológico das crônicas da vida cotidiana porto alegreense: 35 anos de observatório do colunista Gasparotto*. Revista Iluminuras, v. 2, n. 4, 2001.

³⁷ SANT’ANNA, Mara Rúbia. *Aparência e poder: novas sociabilidades urbanas, em Florianópolis, de 1950 a 1970*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

³⁸ TRAVANCAS, Isabel. *A coluna de Ibrahim Sued – um gênero jornalístico*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/travancas-isabel-coluna-ibrahim-sued.pdf>. Acessado em 15/11/2010.

³⁹ ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: FURG, 1999.

⁴⁰ ALVES, Francisco das Neves. *A imprensa na cidade do Rio Grande: um catálogo histórico*. Rio Grande: FURG, 2005.

⁴¹ ALVES, Francisco das Neves. A cidade do Rio Grande e o seu jornalismo: brevíssimo bosquejo histórico acerca do século XIX. In: Alves, Francisco das Neves (org.). *Imprensa & história no Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2001.

⁴² *Ibid.*, p. 15.

⁴³ *Ibid.*, p. 14.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 14.

De acordo com Alves, Rio Grande foi uma das primeiras localidades gaúchas a possuir jornais, sendo sua imprensa uma das mais destacadas do Estado e mesmo do país, tanto pela quantidade quanto pela qualidade de suas publicações. Alguns de seus jornais chegaram a circular por mais de 60 anos, acompanhando, passo a passo, a evolução da imprensa brasileira.⁴⁵

O Jornal *Rio Grande*, fundado no dia 1º de dezembro de 1913 e publicado até 1994, definia-se em seu princípio como uma publicação partidária, um “órgão do Partido Republicano”, de acordo com as tendências jornalísticas da época⁴⁶, e dizia originar-se do esforço comum de um grupo de correligionários que procuravam um meio de difundir suas ideias. O Jornal se propunha a “(...) promover uma labuta ‘honeste e fecunda’ da doutrinação e defesa dos princípios que tinham bussolado o pensamento e a ação da hoste castilhistas (...)”.⁴⁷

Mesmo sendo um órgão partidário, o *Rio Grande* considerava-se representante dos interesses do conjunto da comunidade, pois acreditava que representar os intentos do castilhismo-borgismo equivalia representar os objetivos da população em geral. Dizia que os interesses da agremiação política da qual era órgão iam ao encontro dos interesses gerais do Rio Grande do Sul e da República.⁴⁸

No começo dos anos de 1930, já com quase duas décadas de publicação, o jornal acompanhou as mudanças na política regional e nacional e passou a se auto-intitular “órgão do Partido Republicano Liberal”. O *Rio Grande* garantia, em sua publicação, que manteria “a mesma fé cívica, o mesmo ardor patriótico, o mesmo sincero e honesto, ardente e desinteressado desejo de bem servir a coletividade, de quem e para quem, argumentava viver.”⁴⁹

Ao completar trinta anos, o periódico deixou de se denominar como uma folha partidária, de acordo com o espírito político predominante na época da ditadura estado-novista. Mesmo com a mudança o Jornal *Rio Grande* garantia prosseguir a jornada traçada até ali, se propondo a

⁴⁵ Ibid., p. 14.

⁴⁶ RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003, p. 35 e seguintes.

⁴⁷ ALVES, Francisco das Neves. *Biblioteca Rio-Grandense: textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005b, p. 83.

⁴⁸ Ibid., p. 86-87.

⁴⁹ Ibid., p. 87.

servir à cidade que era o seu nome e sua bandeira, debatendo, para atender as necessidades desta comuna, incentivando o seu incessante progresso material e moral, defendendo as suas justas aspirações de ordem e de trabalho, de paz e de justiça.⁵⁰

A história e características do Jornal *Rio Grande* misturam-se com as informações expostas por Francisco Rüdiger⁵¹ sobre o jornalismo no Rio Grande do Sul. Predominantemente partidário até então, no final do século XIX observa-se o começo das mudanças no tipo de jornalismo feito com o surgimento do *Correio do Povo* (1895), com uma escrita mais moderna e informativa.⁵² A partir dos anos 30 o jornalismo rio-grandense intensifica seu processo de modernização, acompanhando as transformações em curso na sociedade, e as matérias noticiosas suplantavam os artigos políticos nos jornais rio-grandenses.⁵³ Essas mudanças não significaram um jornalismo apolítico, apenas uma nova forma de escrevê-lo, dissimulando seu caráter político.⁵⁴

Marialva Barbosa⁵⁵ analisando a imprensa no Rio de Janeiro durante todo o século XX contribuiu para uma visão mais ampla do desenvolvimento da imprensa ao longo do tempo e as mudanças durante a década de 1950. Seguindo o exemplo dos Estados Unidos, a imprensa carioca buscava uma nova forma de dar as notícias, mais imparcial e objetiva, promovendo uma padronização da linguagem informativa e buscando construir um espaço de neutralidade no jornalismo.⁵⁶

Depois da redemocratização, o mercado se restabelece. O jornalismo sai da censura do Estado Novo com um perfil empresarial, vendendo publicidade. Apresenta um perfil ideológico, mas situado num mundo político plural, retomando o caminho dos anos 20, interrompido pela ditadura getulista. Não dispomos, ainda, de trabalhos voltados para a imprensa da cidade de Rio Grande, na década 50-60. Porém o curso provável das imprensas locais era de seguir a intensa influência da imprensa americana, que já caracterizava sua modernidade pela própria introdução da crônica social. O Brasil, como referiu Antônio Tota⁵⁷, sofria uma intensa influência dos EUA, em diversos aspectos, inclusive no jornalismo e nas crônicas sociais, inspiradas pelas *gossip columns* de Walter Winchell.

⁵⁰ Ibid., p. 89.

⁵¹ RÜDIGER, op. cit., p. 35 e seguintes.

⁵² Ibid., p. 77-78.

⁵³ Ibid., p. 83.

⁵⁴ Ibid., p. 85 e 87.

⁵⁵ BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

⁵⁶ Ibid., p. 151.

⁵⁷ TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

Trata-se, portanto, de também considerar um modo de “jornalismo” onde se insere a coluna ou a crônica social. Situadas em jornais que buscavam uma “imparcialidade”, as crônicas eram ainda espaços de opiniões pessoais, reforçada por um grupo – os leitores e/ou objetos de suas falas.

As informações e bibliografia disponíveis sobre a imprensa rio-grandina nos anos 50 é ainda escassa: não encontrei nenhuma pesquisa que informasse sobre o desenvolvimento posterior do Jornal *Rio Grande*. Como o espaço deste trabalho não permite uma pesquisa mais extensa e aprofundada sobre este jornal, nos ateremos ao desenvolvimento das crônicas sociais nele durante a década de 1950 e levaremos em consideração as características do jornalismo no Rio Grande do Sul nesta época.

Escolhi as crônicas sociais publicadas no Jornal *Rio Grande* (1913-1994⁵⁸), pois este foi um dos periódicos mais longevos, e por alguns períodos o único de distribuição diária, publicado na cidade. Antes do aparecimento das crônicas no Jornal *Rio Grande*, as notícias sobre a sociedade eram publicadas em pequenas notas soltas ao longo do jornal, ou em uma sessão chamada de “Sociais”, que informava os aniversariantes do dia, de maneira sucinta.

As crônicas, diferentemente das notas “Sociais”, abrangiam uma ampla gama de temas, como os bailes, os jantares, os concursos de beleza, os jogos de bridge, os saraus artísticos, além de diversos comentários sobre a vida pessoal da elite, como seus namoros e rompimentos, moda, beleza e elegância, suas viagens e atividades em outras cidades, sua posição escolar, etc. Por serem fontes com muita riqueza de detalhes em sua própria constituição, optou-se por fazer uma explanação mais pormenorizada de suas características em uma subdivisão do Capítulo I. Esta tratará dos aspectos formais destas crônicas, de sua distribuição externa (em relação ao jornal) e interna (suas notas e dizeres), os tipos de recursos discursivos e visuais utilizados, aspectos curiosos, além de caracterizar as cronistas responsáveis.

Uma vez delimitada esta área de trabalho, ampliei o foco para as práticas culturais da elite, sua emergência como sociabilidades e práticas diferenciadas na vida social local. A bibliografia sobre a cidade do Rio Grande é relativamente vasta quando o tema é a sua fundação como comandância militar e seu posterior desenvolvimento político, comercial e industrial. Pesquisadores como Maria Luiza Bertulini Queiroz⁵⁹, Francisco das Neves Alves⁶⁰,

⁵⁸ Dados fornecidos pela Biblioteca Rio-Grandense da cidade do Rio Grande - RS.

⁵⁹ QUEIROZ, Maria Luiza Bertulini. *A Vila do Rio Grande de São Pedro, 1737-1882*. Rio Grande: Editora da FURG, 1987.

Luiz Henrique Torres⁶¹ e Solismar Fraga Martins⁶² publicaram diversos estudos sobre estes aspectos da cidade. Sobre aspectos sociais e culturais é possível encontrar alguns trabalhos específicos como os de Adriana Senna sobre casamento⁶³ e divórcio⁶⁴. As práticas culturais e a vida social rio-grandina foram trabalhadas especificamente por Ezio Bittencourt⁶⁵. Tomando o teatro durante o século XIX como referência o autor mapeia os espaços sociais e as formas de divertimento de Rio Grande, desde sua fundação chegando aos anos 30, embora se detenha mais precisamente no século XIX. Bittencourt ressalta o impacto de modernidades sobre a cidade, através do desenvolvimento de uma manifestação artística. Rebecca Enke⁶⁶, estudando o Balneário Villa Siqueira (posteriormente conhecido como Cassino), entre 1890 e 1905, revela a vida social desta praia pertencente ao município de Rio Grande em seus primeiros tempos. Nos anos 50 o Balneário Cassino foi lugar de lazer da elite durante o verão. O trabalho de Enke, no entanto, abarca apenas os primeiros anos do balneário e não se estende a toda a cidade.

Regionalmente ainda encontramos alguns trabalhos com temas afins. Mesmo que não guardem muitas semelhanças com a abordagem utilizada aqui, coadunam-se com alguns aspectos deste estudo. Entre eles destaca-se a tese de Dalila Müller⁶⁷ sobre a vida social de Pelotas no século XIX (1840-1870), tendo como foco os espaços formais, semiformais e informais das sociabilidades.

Dentre os trabalhos com preocupações semelhantes, conexas, destaca-se o de Mara Rúbia Sant'anna⁶⁸ sobre aparência e sociabilidades em Florianópolis durante as décadas de 1950, 1960 e 1970. A autora nos mostra – utilizando-se também de crônicas sociais como fonte – uma Florianópolis que se transforma e moderniza, a constituição da poética da

⁶⁰ ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. *A cidade do Rio Grande: uma abordagem histórico-história*. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1997. ALVES, op. cit., 2005b.

⁶¹ ALVES, op. cit., 1997. TORRES, Luiz Henrique. *Câmara Municipal do Rio Grande: berço do parlamento gaúcho*. Rio Grande: Salisgraf, 2001.

⁶² MARTINS, Solismar Fraga. *Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873 – 1990)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2006.

⁶³ SENNA, Adriana Kivanski de. *A instituição matrimonial: os casamentos em Rio Grande (1889-1914)*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2001.

⁶⁴ SENNA, Adriana Kivanski de. *As tentativas de implantação do divórcio absoluto no Brasil e a imprensa rio-grandina (1889-1916)*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007.

⁶⁵ BITTENCOURT, Ezio. *Da rua ao teatro – os prazeres de uma cidade*. Sociabilidades & cultura no Brasil Meridional (Panorama da história de Rio Grande). Rio Grande: Editora da FURG, 2001.

⁶⁶ ENKE, Rebecca. *Balneário Villa Sequeira: a invenção de um novo lazer (1890-1905)*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, 2005.

⁶⁷ MÜLLER, Dalila. *“Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza”*: Espaços de Sociabilidade em Pelotas (1840-1870). Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, 2010.

⁶⁸ SANT'ANNA, op. cit.

aparência, a instituição de padrões de beleza e elegância vinculados a um determinado estrato social, a elite.

A tese de Francisco Alberto Rocha⁶⁹ sinaliza as relações entre práticas: bailes, sua dança e sua música, em uma São Paulo que passava pelo processo de modernização (décadas de 1930 a 1950). Relaciona-os com as imagens do cinema e outros ambientes culturais de música, estimulando o movimento de pesquisa nesta multiplicidade: conectar práticas.

Jeffrey Needell⁷⁰ contribuiu em dois aspectos cruciais neste trabalho: primeiramente, na definição da elite (quem é quem?). Através de seu trabalho “Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século (1898-1914)” o autor propõe um modo dinâmico de atingi-la. Needell pesquisou uma grande quantidade de nomes da elite carioca, incluindo uma espécie de contingente flutuante, que não faz parte da “alta sociedade”, da elite propriamente dita, mas está próximo a ela, o “grupo potencial de elite”, abrangendo:

[...] os ricos e poderosos ou os bem articulados e educados, aos quais faltam alguns dos elementos que permitiriam seu ingresso na elite *per se*, e que se situam assim, forçosamente, no limbo social acima das camadas superiores dos estratos médios. É deste, claro, que se originam muitos membros da elite, e também é onde, seguramente, acabam muitos de seus membros, sobretudo quando perdem a riqueza ou os contatos.⁷¹

Seu procedimento de análise ressalta que a natureza destes grupos – elite e grupo potencial de elite – muitas vezes não é suficientemente delimitada para que se chegue a uma definição precisa de quem é quem.⁷² Em um segundo momento, Needell contribuiu ao lidar com as influências europeias exercidas sobre a elite carioca, ajudando a refletir sobre o papel de modelos e fatores externos que também influenciavam a elite rio-grandina.

Autores como Bassanezi⁷³, Eco⁷⁴, Laver⁷⁵, Svendsen⁷⁶ e Vigarello⁷⁷ contribuíram com a reflexão sobre a moral e a visualidade dos anos 50, tratando dos papéis atribuídos ao gênero,

⁶⁹ ROCHA, Francisco A. *Figurações do ritmo: da sala de cinema ao salão de baile paulista*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

⁷⁰ NEEDELL, op. cit., p. 275.

⁷¹ *Ibid.*, p. 275.

⁷² *Ibid.*, 275.

⁷³ BASSANESI, Carla. *Mulheres dos Anos Dourados*. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

⁷⁴ ECO, Umberto (org.). *História da Beleza*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2004.

⁷⁵ LAVER, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

⁷⁶ SVENDSEN, Lars. *Moda: uma filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

das transformações nos padrões de beleza e da moda ao longo do tempo. Suas argumentações foram importantes no momento de analisar as fontes, percebendo as relações entre os padrões locais e os de fora.

Neste espectro de trabalhos correlatos ao tema aqui pesquisado, configurou-se uma investigação em um quadro histórico mínimo a ser expandido como história social e cultural.

A cidade do Rio Grande, a mais antiga do Estado do Rio Grande do Sul, teve, em sua origem, um caráter predominantemente militar, como posto estratégico de proteção dos domínios portugueses no Brasil. Ao longo do tempo, sua localização – contato com o Oceano Atlântico e com a Lagoa dos Patos – e seu porto propiciaram o forte desenvolvimento comercial da cidade. Rio Grande tornava-se, a partir do final do século XVIII e começo do século XIX, um importante entreposto comercial, local de trocas de mercadorias assim como de conhecimentos e costumes. As atividades comerciais formaram uma elite econômica e social que se consolidou com a consequente industrialização da cidade.

A elite de Rio Grande, durante a década de 1950, apresentava uma vida social intensa marcada por festas, bailes, eventos artísticos e beneficentes, um conjunto de práticas culturais provavelmente enraizadas por uma tradição emergente na segunda metade do século XIX. O próprio Jornal o *Rio Grande* também emprestava a suas cronistas sua tradição, seu poder de formar opinião, para divulgar e comentar a vida social. A partir desse contexto é possível analisar qual era a imagem que as crônicas sociais construía sobre esta elite, distinguindo estes sujeitos dos outros; quais eram as representações criadas a partir da sua vida social e que poderiam contribuir para a formação da sua identidade de grupo.

Para entender como era a vida social desta elite local durante a década de 1950, como ela se representava, mapeei suas sociabilidades, os principais lugares frequentados, a sua dinâmica, as suas regras e as suas características, a partir do que é possível filtrar das crônicas sociais. Além disso, identifiquei indivíduos que as cronistas consideravam importantes ressaltar, quais eram os modelos que os influenciavam e os tornavam especialmente distintos. Por fim procurei identificar as cronistas – possivelmente membros dessa camada – indivíduos que desempenham o papel de conferir-lhe estabilidade e coerência, como sinaliza Bourdieu. Elas citam, distinguem pessoas, seus comportamentos, preferências de moda e lazeres, ou colocam outras em ostracismo, por exemplo.

⁷⁷ VIGARELLO, Georges. *História da Beleza*. O corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

Além da autoridade do jornal e das cronistas – aos quais ele dá espaço – há os clubes, neste caso instituições de lazer e divertimento, mas detentoras do poder definidor das regras para as festas, para os bailes e qualquer outra prática de sociabilidade e cultura que ali se realizasse. O clube reúne estes nomes *distintos*, conferindo-lhes e conferindo-se uma tradição. Assim, também utilizei como fonte um Livro de Atas do Clube do Comércio, um dos mais importantes e mais frequentados pela elite rio-grandina. Iniciado no dia de sua instalação com este nome, no ano de 1897, este livro estende-se até o ano de 1955, fornecendo-nos informações sobre suas regras e administração, por meio, principalmente, de seus estatutos. É importante ressaltar que a delimitação temporal deste estudo (1956-1960) foi feita a partir das crônicas sociais, nossa fonte principal. As informações dadas pelo Livro de Atas do Clube do Comércio (1897-1955), no entanto, auxiliam no entendimento do desenvolvimento deste clube e de suas regras, que, acredita-se, continuaram vigentes nos anos estudados.

Analizamos as fontes textuais (crônicas sociais, entrevistas transcritas, atas, estatutos) a partir da proposta da Análise de Conteúdo (AC) desenvolvida por Bardin.⁷⁸ Transformei os dados brutos destas fontes em dados organizados. A partir do momento em que identifiquei as “crônicas sociais” periodicamente publicadas no Jornal *Rio Grande*, percebi que elas seriam uma importante fonte, formando um conjunto considerável de informações. Coletei todas as crônicas sociais publicadas neste jornal a partir de 28 de junho de 1956, com o início do “Flash Social” escrito pela cronista MyrAz, depois sucedida pela cronista Zicil até 31 de dezembro de 1960, quando ela deixa de escrever, totalizando 399 crônicas. Parte destas crônicas foram transcritas diretamente dos jornais do acervo da Biblioteca Rio-Grandense de Rio Grande, em visitas periódicas durante o ano de 2008. Após algum tempo este trabalho foi otimizado, sendo possível reproduzir cópias das páginas das crônicas sociais e a transcrição passou a ser digitada fora do ambiente da Biblioteca. Isto permitiu um acesso mais fácil e rápido ao seu conteúdo, e a transcrição permitiu uma leitura mais acurada, sem a confusão visual própria dos jornais da época. A grafia e os erros da escrita original foram mantidos. As crônicas sociais foram divididas em três blocos de acordo com seus títulos: “Flash Social” foi publicada 23 vezes, “Crônica Social” 139 vezes e “Tic-Tac” 237 vezes.

Após a digitação, todas as crônicas foram inseridas em um banco de dados criado especialmente para este trabalho, levando em consideração suas necessidades e no qual cada uma delas foi identificada da seguinte forma: jornal, data, dia da semana, edição, ano da edição e página. Dentro deste banco de dados foram também criadas 199 “descritores”, ou

⁷⁸ BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 3.ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004.

seja, palavras que identificam os assuntos ou expressões recorrentes nas fontes. Cada crônica foi classificada com estes descritores de acordo com os assuntos tratados. A busca de um assunto específico pode ser feita por meio deles ou de uma busca por palavras e nomes. As atas, os estatutos, as entrevistas e as fotos também foram inseridas no banco de dados, identificadas⁷⁹ e classificadas com os descritores.

Para ter uma noção mais apurada de quem é a elite social aqui estudada foram listados os nomes de todas as pessoas que apareceram nas crônicas sociais entre os anos de 1956 e 1960, formando uma lista de cerca de 1700 nomes⁸⁰. Foram excluídos os nomes de pessoas que claramente não eram de Rio Grande, e mantidos os nomes de alguns visitantes mais assíduos e que tinham visíveis relações com a sociedade rio-grandina. Durante a elaboração desta lista foi possível perceber que existem nomes muito recorrentes citados pela cronista, os quais formam o grupo que consideramos representantes desta elite. Em contrapartida, alguns nomes são citados apenas uma ou duas vezes; estes foram listados e reservados a um segundo grupo, o da “elite em potencial”. Esta divisão foi feita baseada nas informações das fontes e inspirada na definição de elite proposta por Needel a que nos referimos acima. Como Needel, procuramos entender quem é a elite rio-grandina, identificando quais os nomes e as características atribuídas a eles, procurando os que a representam de fato. Conforme disse, muitos nomes foram citados apenas uma vez, ou em situações e eventos específicos, não ligados necessariamente à alta sociedade de Rio Grande. Esses foram classificados e generalizados como um “grupo potencial de elite”.

Para complementar este trabalho de organização dos nomes dos integrantes da elite elaborei listas que informam suas profissões; os filmes em cartaz nos cinemas da cidade; os “pensamentos” de diversos autores publicados por Zicil ao final de cada coluna, o que possibilitou um melhor entendimento de um panorama geral. A leitura minuciosa destas crônicas e a elaboração destas listas me permitiu um conhecimento maior dos nomes e características e a possibilidade identificar relações entre os membros citados, estabelecendo parentescos, amizades, romances, casamentos, profissões, títulos e características pessoais. Estas informações foram imprescindíveis para entender quem é quem dentro desta camada.

⁷⁹ *Atas* – Livro, Nº da ata, data.

Estatutos – Nome, data.

Entrevistas – Nome do entrevistado e do entrevistador, data da entrevista, dados do entrevistado e observações.

Fotos – Nome, descrição, data, créditos, origem do arquivo.

⁸⁰ Este número diz respeito aos nomes citados diretamente pela cronista. Em alguns casos a cronista citava o nome de alguma pessoa e acrescentava “e Sra.” ou “e filhos”, podendo este número ser maior.

A partir desta primeira organização das fontes – coleta, transcrição, inclusão no banco de dados, classificação por descritores e confecção de listas e tabelas – foram criadas categorias e subcategorias que nos permitiram analisá-las. Os descritores foram agrupados entre si por assunto, formando categorias que podem se subdividir internamente. Estas categorias foram analisadas quantitativamente (quantidade de repetições de categorias ou subcategorias no universo das fontes) e, principalmente, qualitativamente, levando em conta a dimensão subliminar possível (significados, intenções), forma, elementos retóricos do texto.

É importante ressaltar que as categorias aqui construídas não são estanques, elas ligam-se entre si, confundindo-se e complementando umas às outras. Assim, apesar de haver uma divisão para empreender uma análise mais acurada, considero as fontes, principalmente as crônicas sociais, como um conjunto de informações interligadas e coerentes internamente.

Além das fontes documentais, utilizei também entrevistas realizadas com alguns homens e mulheres participantes da elite social de Rio Grande. Entre os nomes citados recorrentemente, pelas crônicas sociais foi possível localizar algumas pessoas. Entrevistei quatro mulheres e um homem, entre os anos de 2007 e 2008. Estas pessoas contaram sobre sua vida durante a década de 1950 e as diversas formas de se divertir, tendo como enfoque principal os bailes oferecidos por clubes recreativos.

Utilizei a metodologia de história oral temática e transcrição integral das entrevistas. Essas foram tratadas como fonte de informação sobre a vida social rio-grandina, após uma crítica e checagem com outras fontes disponíveis. Porém, estas entrevistas foram tomadas, sobretudo, como representações, como a visão dos entrevistados sobre um tempo vivido e, assim, carregado de subjetividade e afetos, fontes importantes para se captar as sensibilidades⁸¹ da época.

Portanto, mesmo não sendo as fontes principais deste estudo, as fontes orais foram importantes na análise da elite de Rio Grande, sendo muito mais do que mero apoio factual ou ilustrativo. Assim, situamos a análise que foi feita das entrevistas coletadas no que Jorge Eduardo Lozano classificou de “estilo do analista completo”:

⁸¹ Utilizamos o conceito de sensibilidades desenvolvido por Sandra Pesavento: “Sobre as sensibilidades, pode-se dizer que corresponderiam a este núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo. O conhecimento sensível opera como uma forma de apreensão da realidade que brota não do racional ou das construções mentais mais elaboradas, mas dos sentidos, que vem do íntimo de cada indivíduo. Às sensibilidades compete esta espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade. As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, a si e ao mundo, comparecendo como uma área de tradução da realidade através das emoções e dos sentidos.” PESAVENTO, Sandra. *Os sete pecados da capital*. São Paulo Hucitec, 2008, p. 13-14.

Na prática, eles colhem, ordenam, sistematizam e criticam o processo de produção da fonte. Analisam, interpretam e situam historicamente os depoimentos e as evidências orais. Complementam suas fontes orais com as outras fontes documentais tradicionais do trabalho historiográfico. Não se limitam a um único método e a uma técnica, mas as complementam e as tornam mais complexas.⁸²

É importante destacar ainda uma percepção a partir destas entrevistas, que reforçam a importância de levar em conta as sensibilidades neste trabalho. É possível perceber, principalmente nas entrevistas de mulheres, quando falam sobre os costumes dos anos 50, e sobre o que era permitido e o que era proibido, uma visão ambígua. As lembranças oscilam entre sentimentos – saudades, indignação e crítica. Às vezes lembrada como um passado idílico, no qual as pessoas se respeitavam mais e prezavam os “bons costumes”, essa época é vista ao mesmo tempo com um modo retrógrado de pensar e costumes rígidos demais. Ao longo do estudo, analisando as regras e costumes, assim como os desvios desta sociedade, levei esta visão dúbia em consideração.

Por fim, utilizei como fontes as fotos dos clubes, dos lugares sociais e das pessoas durante os eventos sociais. Estas fotos nos permitirão entender melhor a visualidade da época e desta sociedade, muito ligada ao físico e à aparência, além de suas relações com os espaços que frequentam. Poderão mostrar-nos ainda os modelos seguidos nas formas de se vestir e de se portar, destacando o que era moda neste tempo.

Estas fotografias foram entendidas não como espelhos dos fatos passados, reproduzindo o que “realmente aconteceu”, mas sim como representações a partir do real, do acontecido, influenciadas pelo olhar do fotógrafo e por um contexto histórico específico. A criação do fotógrafo engloba estética, cultura e técnica que originam a representação fotográfica, ou seja, ela é um processo de seleção em função de uma intencionalidade, da subjetividade de quem a produz, influenciando na imagem final.⁸³

Filiamo-nos ao pensamento de Charles Monteiro⁸⁴, que define a fotografia não apenas como um suporte material, mas também como uma imagem que é trespassada pela visão de mundo de quem a produz, pelo momento em que é produzida e ainda sujeita a diferentes

⁸² LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 23.

⁸³ KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999, p. 26-27.

⁸⁴ MONTEIRO, Charles. *Imagens sedutoras da modernidade urbana: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950*. Revista Brasileira de História. Vol.27, n.53, São Paulo, Janeiro/ Junho de 2007.

interpretações de acordo com quem a recebe, que também é influenciado por sua própria subjetividade:

É uma imagem técnica de natureza híbrida, em parte produzida por processos físico-químicos e em parte produzida pela mão do homem com auxílio de um aparelho ótico. Em sua produção entram as concepções técnicas, políticas, sociais, culturais e estéticas do fotógrafo e da sociedade à qual ele pertence. A fotografia é uma imagem ambígua e polissêmica, passível de múltiplas interpretações de acordo com o meio que a veicula, seu intérprete, os contextos e os tempos de sua produção e recepção.⁸⁵

A análise destas imagens também está sujeita à subjetividade de quem as lê e interpreta. No processo de decodificação da fotografia, de recuperação do inventário de informações que ela oferece, na minuciosa identificação dos detalhes icônicos, as imagens mentais preconcebidas – morais, ideológicas, culturais, éticas – do intérprete estão presentes.⁸⁶

As ideias expostas até aqui introduzem o objeto de estudo e os objetivos deste trabalho, além de mostrarem a forma como o tema será analisado. A seguir farei uma breve explanação sobre a cidade do Rio Grande e sua história, além de analisar as principais características da época estudada, os anos 50, e das crônicas sociais e sua organização e temas.

⁸⁵ Ibid., p. 2.

⁸⁶ KOSSOY, op. cit., p. 44 e 59.

CAPÍTULO I

ORIGENS E TRADIÇÕES: DO SÉCULO XIX AOS ANOS 50

1.1. Formação da cidade do Rio Grande e o seu desenvolvimento

É importante, no início deste trabalho, considerar aspectos da história local, cenário das sociabilidades estudadas, procurando as origens de algumas práticas posteriores. As particularidades de localização e desenvolvimento de Rio Grande, assim como a sua vida social durante o século XIX – com seus teatros, saraus, bailes, etc. – guardam relações e semelhanças com a década de 1950, inseridas no *habitus* da elite, e poderão ser percebidas ao longo da narrativa.

A cidade do Rio Grande, localizada no sul do Estado do Rio Grande do Sul, foi fundada em 1737 como uma ocupação com função militar que buscava proteger os domínios portugueses no sul do Brasil e no rio da Prata, além de explorá-los economicamente. Em um momento de enfrentamento e disputas entre Portugal e Espanha, Rio Grande era entreposto de apoio à Colônia do Sacramento, localizada no atual Uruguai, e naquele momento em poder dos portugueses. O território do atual Rio Grande do Sul, chamava a atenção da administração colonial e de particulares com o intuito de explorar o potencial econômico da região até então pouco habitada. A instalação de uma Comandância Militar e a construção do Presídio Jesus-Maria-José marcou o primeiro ponto de ocupação oficial da Coroa portuguesa na região.⁸⁷

Território de difícil exploração, com solo arenoso e dunas móveis, além de seu isolamento inicial, os primeiros momentos em Rio Grande foram de muito trabalho para os militares e para a pequena população ali instalada. Predominantemente advinda da imigração açoriana ela imprimiu suas feições à vila.⁸⁸ No entanto, ao longo de seu desenvolvimento, sofreu influência de diversos imigrantes, entre eles italianos e alemães.

A função estratégico-militar inicial da Vila foi gradualmente dando espaço a outra, mais lucrativa: a de ponto de escoamento da produção rio-grandense. A sua localização na desembocadura da Laguna dos Patos e o seu porto marítimo deram um caráter comercial à

⁸⁷ ALVES, 1997, op. cit., p. 35.

⁸⁸ QUEIROZ, op. cit., p. 83 a 94.

cidade, que chegaria ao seu ápice no século XIX.⁸⁹ Durante o século XVIII a economia rio-grandina esteve ligada à pecuária e à agricultura de subsistência. O começo das transformações desta economia está ligado ao início do Ciclo do Charque por volta de 1780, e ao escoamento desta produção por Rio Grande, intensificando as atividades portuárias⁹⁰:

O comércio por Rio Grande era uma consequência natural da expansão econômica e das necessidades dos novos núcleos urbanos sul-rio-grandenses. Assim, o porto constituiu-se num elemento primordial para o dinamismo, empreendimento e crescimento da urbe.⁹¹

Segundo Queiroz, o progresso e o desenvolvimento gerados pela função comercial da Vila do Rio Grande estão intimamente ligados à ação de uma elite comercial abastada, que começou a se formar a partir de 1780.⁹² A dragagem do cais e a construção do Porto Velho, entre outras obras de modernização da Vila são atribuídas aos comerciantes e financiadas por eles, evidenciando, segundo as palavras de *Arsène Isabelle*, um viajante francês que visitou a região, o “espírito de associação” e o “progressismo” da elite rio-grandina.⁹³ Solismar Martins⁹⁴ também reafirma esta ideia:

No período comercial em Rio Grande formou-se uma elite econômica e social, que se consolidaria com a industrialização. Essa elite foi capaz de construir clubes, teatros, prédios suntuosos, assim como abrigar eventos culturais importantes de expressão nacional.⁹⁵

A presença de um porto marítimo propiciou trocas e influências de Rio Grande com outros lugares. As relações com o resto do Brasil e com a Europa deram à cidade um cosmopolitismo próprio de cidades portuárias, e a possibilidade de contato com culturas diferentes. Os costumes europeus impunham-se como modelo para a elite, que vivia o que alguns autores consideram uma “fantasia europeizante, deslocada e alienadora”.⁹⁶ Segundo Bittencourt, “envolvida no grande comércio marítimo, a burguesia citadina ascendeu

⁸⁹ ALVES, 1997, op. cit., p. 39.

⁹⁰ BITTENCOURT, op. cit., p. 35.

⁹¹ Ibid., p. 35-36.

⁹² QUEIROZ, op. cit., p. 156.

⁹³ ISABELLE *apud* BITTENCOURT, op. cit., p. 38.

⁹⁴ MARTINS, op. cit.

⁹⁵ Ibid., p. 95.

⁹⁶ BITTENCOURT, op. cit. p. 41.

socialmente e imprimiu seu estilo de vida europeizado às relações sociais e à fisionomia urbana.”.⁹⁷

O final do século XIX assinala o desenvolvimento cada vez maior de indústrias na cidade, transformando-a em pólo industrial. A Companhia União Fabril (1873), de Carlos Rheingantz, e a fábrica de charutos Pooch & Cia (1891), se destacam no processo de industrialização e urbanização não só do estado como da cidade de Rio Grande, acarretando também um crescimento da sua vida social e cultural:

Numa decorrência dos processos de urbanização e industrialização, incrementaram-se as atividades de lazer e cultura oferecidas aos diferentes segmentos sociais. Aumentou-se o número de teatros, salas de espetáculos, bares, bilhares, *cabarets*, bibliotecas, escolas, clubes, sociedades dramáticas, sociedades musicais, jornais, etc.⁹⁸

A crença no progresso e na modernidade refletia-se no espaço físico da cidade, com seu embelezamento e melhoria dos serviços urbanos. Esses benefícios, no entanto, restringiam-se ao centro e atendiam aos interesses do comércio e indústria locais, ou seja, da elite rio-grandina.⁹⁹

O centro é o “núcleo original, o ponto de partida nodal de uma aglomeração urbana. O centro é, pois, o marco zero de uma cidade, o local onde tudo começou, o seu núcleo de origem. Assim sendo, o centro é um espaço privilegiado no tempo.”.¹⁰⁰ O centro de uma cidade, em geral, é o local que abriga a política, a economia e a religião, além de ser local de cultura e intensa sociabilidade. Na cidade do Rio Grande, o centro histórico era onde ficava a Prefeitura Municipal, o antigo Quartel General, a Alfândega, a Igreja Matriz, os principais pontos de comércio e serviços, as maiores praças e passeios, a Biblioteca Rio-Grandense, os cine-teatros, as confeitarias e cafés, os clubes sociais. É neste centro que a vida urbana se desenrolava e que as sociabilidades da elite, tema deste estudo, aconteciam.

A partir da ideia de modernização vigente, as praças, largos e jardins tornaram-se lugares de lazer ao ar livre para a elite rio-grandina. Três praças principais foram redesenhadas, modernizadas, para abrigar os divertimentos das camadas altas. A Praça Xavier Ferreira, localizada no centro histórico, em uma zona comercial e residencial nobre, com uma

⁹⁷ Ibid., p. 39-40.

⁹⁸ Ibid., p. 45.

⁹⁹ Ibid., p. 55.

¹⁰⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História, memória e centralidade urbana*. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Nº 7, 2007. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/document3212.html>. Acessado em 20 out. 2007, p. 2.

de suas faces voltada para a Rua Marechal Floriano Peixoto, era iluminada, dotada de belos jardins em estilo francês, lagos, monumentos e chafarizes (um deles de metal trazido da Inglaterra):¹⁰¹

[...] esse tradicional espaço público de sociabilidade foi modernizado (isto é, retificado e limpo da presença popular), adquirindo um “tom aristocrático” e constituindo-se no ponto de encontro das famílias elegantes aos domingos, no passeio matinal das crianças e dos bebês, e no local predileto dos namorados que se embalavam com os sons das retretas ao entardecer. Passeio Público, onde os rio-grandinos viam e eram vistos.¹⁰²



Figura 1 – Praça Xavier Ferreira e, ao fundo, Rua Marechal Floriano Peixoto. Acervo pessoal de Nilo Freitas.

A Praça Sete de Setembro, antigo local do Forte Jesus-Maria-José constituía-se em cenário para atividades artísticas, concertos e apresentações de circos, além de oferecer um velódromo. A Praça Tamandaré era um grande parque, com diversos jardins e passeios arborizados e iluminados, pontilhada por monumentos e quiosques; havia um coreto onde se apresentavam bandas e realizavam-se comícios públicos. A higienização e o embelezamento

¹⁰¹ Ibid., p. 81.

¹⁰² Ibid., p. 81.

destes espaços públicos tornou o passeio pela cidade uma forma de divertimento, o prazer do *footing* (ou da *flânerie*) era um momento de lazer e sociabilidade:¹⁰³

À tardinha, a rua Marechal Floriano Peixoto, com sua lojas, cafés e praça, agitava-se com o trânsito de pessoas flanando despreocupadamente a ver as novidades do comércio, conversando com amigos, trocando olhares com os pretendentes, ou, simplesmente, exibindo a elegância e boas maneiras e o vestuário da moda: todos os homens – inclusive os operários – usavam colarinho, gravata e chapéu; as mulheres não saíam à rua sem luvas e com a cabeça descoberta.¹⁰⁴

O centro, ruas principais e praças, mesmo urbanizados e com intenção de constituírem-se ambientes selecionados, abrigavam diversos grupos que viviam nesses lugares o seu cotidiano, tanto ligado ao trabalho como ao lazer. Lugares abertos e públicos, eles abrigavam tanto as sociabilidades da elite quanto a de outras camadas, proporcionando uma interação e convivência entre eles. Esta mistura, no entanto, não significa necessariamente que as diferenças fossem esquecidas ou extinguidas. Já os ambientes privados proporcionavam à elite a possibilidade de um maior controle na sua convivência e vida social. Os clubes e as casas dessas pessoas eram locais que permitiam esta seleção, diferenciando o lazer da elite.

Segundo Bittencourt, durante o século XIX e início do XX, eram muito frequentes os saraus literários e musicais nas residências das famílias mais abastadas, e que normalmente acabavam transformando-se em bailes:

Encenavam-se pequenos quadros dramáticos, a elite afeita ao beletrismo recitava suas poesias, os que estudavam músicas demonstravam suas habilidades no canto e em instrumentos executando um repertório romântico, trechos de peças ligeiras e árias de óperas italianas. Discutia-se política, teatro, literatura ou simplesmente jogavam-se cartas. Desde muito, a consolidada sociedade francesa de salão, famosa por refinamento e arte da conversação, inspirava os seletos frequentadores desses ambientes.¹⁰⁵

Estas eram oportunidades de cada um mostrar seus dotes e sua erudição, constantemente inspirados nos costumes europeus. Em um ambiente privado, rodeados de pessoas próximas à família, eram oferecidos divertimentos distintos e um ambiente elevado de contato entre pares. Estas recepções poderiam ter um caráter mais íntimo, como os saraus para poucas pessoas, ou uma recepção maior, como os bailes. A recepção em salões de festas, tanto

¹⁰³ BITTENCOURT, op. cit., p. 82.

¹⁰⁴ Ibid., p. 83.

¹⁰⁵ Ibid., p. 89.

em casa de família quanto em clubes recreativos, ganharam importância nesta época, tornando-se marca das elites.

Durante o século XIX a sociedade rio-grandina passou a se organizar em associações recreativas, filantrópicas, artísticas, classistas, esportivas, carnavalescas, etc. Estes espaços, cada um com suas características e público próprios, desenvolviam atividades variadas, normalmente de recreação, como festas, bailes, saraus musicais e literários, almoços, jantares, chás, teatro, aulas de danças e música, eventos esportivos, atendendo às necessidades de lazer de seus frequentadores. Algumas associações desenvolveram caráter de instrução, oferecendo cursos ou aulas de pintura, desenho, dança, idiomas, alfabetização de adultos e palestras. Segundo Bittencourt, a moral e os bons costumes eram muito importantes nestes espaços: “nos festivos encontros noturnos, era sempre destacado o caráter familiar da promoção, dentro dos rigorosos princípios de respeitabilidade da época, calcados na ordem e no recato e que regiam a família.”¹⁰⁶

Os bailes nos clubes recreativos gozavam de grande prestígio. Eram entendidos como divertimentos coletivos, onde se exercitava a sociabilidade e o lazer, as danças e a conversa, mas também eram oportunidades de “mostrar-se”, de deixar ver àquela sociedade seus principais representantes. Esta elite também foi responsável pela construção de espaços para arte e sociabilidades correspondentes: o Teatro Sete de Setembro, “nova e confortável casa de espetáculos”¹⁰⁷, apresentava, além do palco, na plateia, o teatro da sociedade em grande estilo.

Muitos destes divertimentos presentes na sociedade rio-grandina durante o século XIX e primeira metade do século XX, como os grandes bailes, os saraus, o lazer nos clubes, o *footing*, tiveram continuidade durante as décadas de 50 e 60, como veremos ao longo deste trabalho. Tais formas de diversão estavam inscritas no *habitus* da elite de então e continuaram presentes, com as devidas proporções, na estrutura perceptiva dos anos estudados, como parte do seu “gosto” ligado à classe. A seguir identificarei alguns aspectos relevantes da década de 1950, do ponto de vista social e cultural.

¹⁰⁶ Ibid., p. 91.

¹⁰⁷ Ibid., p. 104.

1.2. Sobre a década de 1950 no Brasil

A década de 1950 no Brasil, chamada também de “anos dourados”¹⁰⁸, é lembrada por algumas características marcantes e retratada como uma época de mudanças, tanto econômicas e políticas quanto nos costumes e modos de vida. Nota-se, principalmente, um impulso de industrialização e modernização do país.

A sociedade brasileira vivia um processo de urbanização desde o começo do século XX, mas foi na segunda metade dos anos 40 e início dos 50 que isso se intensificou. Segundo Lúcia Lippi Oliveira:

É nos anos de 1950 que pela primeira vez na história do Brasil o mundo urbano sobrepuja o rural em termos de imaginário da sociedade brasileira. Foi consagrado nessa época um discurso no qual o mundo rural era identificado como atrasado, velho, passado, enquanto o mundo urbano seria visto como adiantado, novo, moderno.¹⁰⁹

Segundo Marcos Napolitano¹¹⁰, a eleição de Getúlio Vargas em 1950, pelo voto popular, consolidou o populismo como uma nova política de massas que prometia libertar o país do subdesenvolvimento e a realização de uma política de industrialização. Porém, é na segunda metade da década de 50, com o governo de Juscelino Kubitschek, que este processo de industrialização, já iniciado por Vargas, tomará uma forma mais delineada e a agenda desenvolvimentista priorizará um crescimento econômico acelerado baseado no setor industrial.¹¹¹

¹⁰⁸ Lúcia Lippi Oliveira diz, baseada na tese de Mônica Kornis (USP, 2000), que a denominação de “anos dourados” para os anos do governo de Juscelino Kubitschek é uma imagem construída nos anos 80, no fim da ditadura militar. Segundo a autora essa construção é baseada na “crença de que os anos JK eram tempos em que nos sentíamos otimistas e acreditávamos no progresso. A lembrança reconstruída tende a resgatar apenas o que de positivo aconteceu, omitindo, esquecendo os pontos negativos.” OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Tempos de JK: a construção do futuro e a preservação do passado. In: MIRANDA, Wander Melo (org.). *Anos JK: Margens da Modernidade*. São Paulo: Imprensa Oficial; Rio de Janeiro: Casa de Lúcio Costa, 2002, p. 32. É possível perceber que a imagem de “anos dourados” se estendeu também para toda a década de 1950 no imaginário das pessoas que viveram nesta época, como podemos perceber, por exemplo, pelas entrevistas feitas com os participantes da vida social da elite rio-grandina.

¹⁰⁹ Ibid., p. 31.

¹¹⁰ NAPOLITANO, Marcos. *Cultura Brasileira. Utopia e Massificação (1950-1980)*. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

¹¹¹ ANASTASIA, Carla Maria Junho. De Drummond a Rodrigues: venturas e desventuras dos brasileiros no governo JK. In: MIRANDA, Wander Melo (org.). *Anos JK – Margens da Modernidade*. São Paulo: Imprensa Oficial; Rio de Janeiro: Casa de Lúcio Costa, 2002, p. 22.

O país experimentava um crescimento urbano e uma industrialização ainda não vistos, propiciando o aumento das possibilidades de educação e profissão e o acesso à informação, ao consumo e também ao lazer.¹¹² *Carla Bassanezi* ressalta que esta urbanização modificou alguns padrões culturais. As distâncias ficaram maiores entre os locais de moradia, de trabalho, de estudo e de lazer, popularizando o automóvel e reforçando o uso do ônibus. As possibilidades de diversão, tanto diurna quanto noturna, aumentaram. Ir à praia e piscinas, a festas, bailes e brincadeiras dançantes, ao cinema e fazer o *footing* proporcionavam às pessoas uma convivência mais próxima¹¹³. As formas de lazer dos jovens já não se confundiam ou misturavam com as dos adultos; os “brotos” podiam aproveitar seu tempo com seus amigos, sem uma vigilância direta dos adultos como nas décadas anteriores.¹¹⁴

No campo das expressões culturais, uma característica marcante da década de 50 é o grande apelo do rádio, que estava em quase todas as casas, tanto ricas quanto mais pobres¹¹⁵. Presente desde a década de 1930, a partir da Segunda Guerra Mundial há uma massificação da radiodifusão e o seu papel torna-se fundamental, tanto como forma de obter informação, quanto como fonte de lazer, cultura e sociabilidade¹¹⁶. As rádio-novelas e os programas de auditório faziam grande sucesso e os concursos de “Rainha do Rádio” mobilizavam os fãs das cantoras concorrentes em eleições tão disputadas quanto a eleição para presidente da República, movimentando as paixões populares¹¹⁷. As tentativas, já existentes nos anos de 1930, de fazer-se um rádio educativo, que divulgasse uma cultura superior europeizada e uma cultura nacionalista folclorizada, levadas a cabo por alguns moralistas e educadores já não era possível nessa época. “As paixões populares, o gosto musical mais simples e a busca por lazer por parte da população haviam triunfado (...)”¹¹⁸

Consolidavam-se também, nessa época, as chanchadas musicais, uma vertente popular do cinema brasileiro, que eternizou figuras como Oscarito, Grande Otelo e Mazzaropi¹¹⁹. Estes filmes centravam-se em histórias banais, normalmente comédias ou melodramas musicais: aventuras de pessoas simples para garantir *seu lugar ao sol*, casais apaixonados e os obstáculos que precisavam vencer; seguidamente o carnaval e a sátira constituíam a moldura

¹¹² BASSANESI, op. cit., p. 608.

¹¹³ Ibid., p.621.

¹¹⁴ Ibid., p.621.

¹¹⁵ NAPOLITANO, op. cit., p. 13.

¹¹⁶ Ibid., p. 13

¹¹⁷ Ibid., p. 12.

¹¹⁸ Ibid., p. 14.

¹¹⁹ Ibid., p. 14.

crítica para a abordagem de tais temas¹²⁰. Enquanto no Rio de Janeiro as chanchadas populares de consagravam, em São Paulo a Companhia Cinematográfica Vera Cruz pretendia conquistar um público mais voltado para o cinema norte-americano, e mesmo a pretensão de competir com Hollywood.¹²¹

A música popular brasileira sofria algumas mudanças na década de 1950. Desde a década de 1930 o samba era aceito como a autêntica música brasileira; a partir do final dos anos de 1940 ele passa a dividir o seu espaço na programação musical das emissoras de rádio. Ritmos dançantes como o xote e o baião, próprios do nordeste brasileiro, assim como o bolero e o samba-canção (samba “abolerado”) passam a fazer sucesso.¹²² O ano de 1959 foi marcado pelo sucesso de dois novos estilos musicais no Brasil, a Bossa Nova e o rock’n’roll. A primeira, com sua raiz do samba misturada a elementos do *cool jazz*, trazia uma nova maneira de cantar, mais suave, em voz baixa, e de tocar, baseada no violão harmônico e rítmico. A Bossa Nova foi ao encontro do gosto da moderna classe média, mais sofisticada, que até então ouvia música erudita e jazz norte-americano. Os filhos dessa classe média, grande parte dos universitários, passaram a gostar de música popular brasileira a partir desse novo movimento.¹²³ O rock’n’roll, americano entra tardiamente no Brasil, apenas em meados de 1959. A “juventude transviada” que gostava deste ritmo reunia-se no Clube do Rock, no Rio de Janeiro, e formaria Jovem Guarda, rival da Bossa Nova durante a segunda metade dos anos 1960.¹²⁴

Também se percebe nessa época o que Napolitano chamou de “os dilemas de uma sociedade excludente, desigual e conflituosa.”¹²⁵ O povo e os produtos culturais dirigidos a ele, que haviam consolidado sua audiência (programas de rádio e cinema), eram vistos pelas elites como manifestações menores e motivo de vergonha¹²⁶. Elas não eram contra esses meios de comunicação em si, o problema estava nos conteúdos veiculados e nos tipo humanos (pessoas pobres, malandros, cafajestes) divulgados¹²⁷. Esses grupos de elite – “face civilizada e educada do povo brasileiro”¹²⁸ – procuravam outros projetos culturais que os representasse.

¹²⁰ Ibid., p. 14.

¹²¹ Ibid., p. 20.

¹²² Ibid., p. 14-15.

¹²³ Ibid., p. 29-30

¹²⁴ Ibid., p. 34.

¹²⁵ Ibid., p. 17.

¹²⁶ Ibid., p. 17.

¹²⁷ Ibid., p. 17.

¹²⁸ Ibid., p. 17.

Por meio do teatro, do cinema e das artes plásticas eles buscavam outra identidade brasileira, que se preocupava em mostrar sofisticação e modernidade nas suas formas e conteúdos¹²⁹.

As crônicas sociais publicadas durante a década de 1950, como veremos a seguir, também são úteis para a percepção de características e costumes desta época.

1.3. Crônicas sociais nos anos 50: cronistas, aspectos de distribuição e elementos discursivos

As crônicas sociais têm a sua origem ligada às *gossip columns*, criadas pelo cronista norte-americano Walter Winchell na década de 1920. Estas eram colunas de “focofocas sobre os ricos e famosos da época”, mostrando o seu cotidiano e vida privada em notas, acrescidas muitas vezes de um ponto de vista sarcástico e mordaz:

O que Winchell trouxe de novo? Basicamente ele modernizou a coluna sobre sociedade, publicando pequenas notas sobre a vida privada, e acrescentando aqui e ali um ponto de vista debochado e sarcástico sobre as pessoas famosas. Além disso, misturou tudo com escândalos típicos de imprensa sensacionalista, informações não oficiais sobre mulheres grávidas, divórcios e especulações, rumores e boatos que divertiam os leitores. Winchell foi o primeiro jornalista a romper o tabu existente até então, que se recusava a expor a vida privada de pessoas públicas, deixando permanentemente alteradas as relações entre jornalismo e celebridade.¹³⁰

Esta fórmula criada por Winchell seria reproduzida por inúmeros outros cronistas sociais, fazendo verdadeiro sucesso nos Estados Unidos e também em outros países. Isto lhes rendeu fama, poder e espaço. Tanto que Igor Cassini, também colunista, descreve a década de 1940 nos Estados Unidos como “era de ouro” para este tipo de jornalistas.¹³¹

Até meados de 1940 no Brasil, as notícias e comentários sobre a sociedade eram pequenas notas de registro social, chamadas normalmente de “Sociais”. Registravam sucintamente nascimentos, casamentos, batizados, aniversários, etc. da elite local.¹³² É para escrever tais notas que Maneco Müller, mais tarde um dos primeiros cronistas sociais de destaque no Brasil, foi contratado pelo Jornal Folha Carioca. Maneco, no entanto, não se

¹²⁹ Ibid., p. 19.

¹³⁰ SOUZA, 2007, op. cit., p.71.

¹³¹ Ibid., p. 75.

¹³² Ibid., p. 65.

conformou em registrar passivamente esse dia-a-dia, escrevendo notas com estilo, em forma de crônicas, fazendo comentários sobre as “personagens” desta sociedade. Segundo Rogério Souza, seus primeiros textos geraram surpresa e desagrado, pois traziam uma linguagem nova e ousavam retratar, ao lado da burguesia carioca, algumas pessoas “comuns”, que lhe pareciam interessantes, mas que não faziam parte das altas rodas, quebrando assim uma “hierarquia” da época.¹³³ A repercussão, no entanto, foi grande e lhe valeu o emprego e a continuidade de sua forma de escrever.

Foi no Jornal Diário Carioca, no entanto, que Maneco Müller, então com apenas 22 anos, tornou-se um famoso cronista social, usado um pseudônimo, Jacinto de Thormes. Inspirado nas famosas crônicas americanas, escritas por Walter Winchell, Elza Maxwell, Cholly Knickerbocker e etc., Maneco trouxe para o Brasil uma forma de escrever mais interessante para os leitores, com mais conteúdo e ironia, fugindo das “crônicas floreadas”: “Com Maneco as coisas mudariam: seu personagem Jacinto de Thormes inaugurava a crônica social com um estilo inconfundível, um misto de ironia, seriedade, esnobismo, fanfarronice e sarcasmo.”¹³⁴ Maneco Müller trouxe também dos EUA o estilo de escrever notas “sincopadas”, nas quais a nota seguinte poderia complementar ou não a anterior¹³⁵, e a inspiração para criar a “lista das dez mais elegantes”, eleição que se tornou um grande sucesso em todo o país, sendo publicada, com adaptações locais, por diversos cronistas.¹³⁶ Segundo Maneco “a lista das dez mais elegantes era coisa americana, mas as listas americanas não tinham a dimensão que estas ganharam aqui no Brasil. Quando eu saía, as pessoas me paravam na rua para discutir a lista.”¹³⁷

Jacinto de Thormes cunhou diversos bordões, que repetia ao longo de suas crônicas, como quando descrevia as festas, contando apenas o essencial, resumindo as roupas, as joias e o buffet em apenas uma frase: “Depois eu conto...”, o que não acontecia.¹³⁸ Foi ele também que criou o termo *colunáveis*, referindo-se às pessoas que apareciam em suas crônicas¹³⁹; usava também o termo gente “bem” para referir-se às personagens e realçava os seus sobrenomes: “Jorginho, que também é Guinle”.¹⁴⁰ Além disso, Maneco ainda deu espaço em

¹³³ Ibid., p. 66.

¹³⁴ Ibid., p. 67.

¹³⁵ Ibid., p. 68.

¹³⁶ Ibid., p. 83.

¹³⁷ MORAES NETO (2004) apud SOUSA, op. cit., p. 84.

¹³⁸ SOUZA, op. cit., p. 85.

¹³⁹ Ibid., p. 67.

¹⁴⁰ Ibid., p. 85.

sua coluna para os *bailes de debutantes*, que se tornaram tradicionais e concorridos na sociedade da época, sobrevivendo até hoje em algumas regiões.¹⁴¹

Em meados da década de 1950, Jacinto de Thormes – ao lado de outros cronistas famosos da época, como Ibrahim Sued – era um nome de imenso prestígio. Em 1953 ele foi convidado a publicar sua coluna na Revista Cruzeiro, então a maior revista semanal do país.¹⁴² O sucesso do columnismo no Rio de Janeiro, então capital federal e vitrine da alta sociedade brasileira, espalhou-se por todo o país, que vivia um momento propício para esta expansão, em um impulso desenvolvimentista e modernizador. Como já assinalamos, anteriormente, a imprensa também se modernizara.

Havia agora todo um mundo festivo, de recepções, coquetéis, bailes e afins para noticiar. Foi o apogeu das colunas sociais, um apogeu e prestígio que começara, em grande parte, pelo sucesso da coluna de Jacinto de Thormes no Diário Carioca.¹⁴³

As crônicas sociais rio-grandinas têm grandes semelhanças com as publicadas no resto do Brasil, acompanhando o seu sucesso. Elas assemelham-se ao que hoje é chamado de coluna social: nelas uma cronista, discorria, em um conjunto de pequenas notas que formavam a crônica, sobre os principais acontecimentos sociais da cidade, do Estado e do país, tendo os membros da elite rio-grandina como suas personagens principais. Nota-se, porém, a diferença da proporção entre imagens e texto em relação às colunas atuais; nas crônicas dos anos de 1950 dava-se mais importância ao texto, tendo ele um espaço muito maior do que as imagens, que começaram a aparecer e se intensificar no final da década de 1950 no Jornal *Rio Grande*. Mesmo assim, as imagens fotografias, além de alguns desenhos, eram reservados para momentos especiais, ilustrando grandes eventos.

Nas pesquisas feitas com as crônicas sociais publicadas no Jornal *Rio Grande* – em trabalhos prévios¹⁴⁴ e neste – até o presente momento, foi possível perceber colunas sociais com três nomes e duas cronistas entre os anos de 1956 e 1960. O “*Flash Social*”, primeira crônica a ser publicada neste jornal, abarca o período de 28 de junho de 1956 a 27 de fevereiro de 1957 e é escrito por MyrAz. De 20 de novembro de 1957 a 27 de janeiro de 1959

¹⁴¹ Ibid., p. 83.

¹⁴² Ibid., p. 82

¹⁴³ Ibid., p. 80.

¹⁴⁴ PELISSARI, Marina Krüger. *Festas de elite: sociabilidades, costumes e diferenciação nos bailes de Rio Grande (década de 1950)*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2008; PELISSARI, Marina Krüger. *As elites no jornal: representações e identidades na crônica “Flash Social” (Jornal Rio Grande – 1956-1957)*. Trabalho de Conclusão de Curso – Especialização. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2010.

é publicada, no lugar de “*Flash Social*”, a “*Crônica Social*”, escrita por Zicil. A partir de 4 de fevereiro de 1959 a “*Crônica Social*” passa a se chamar “*TIC-TAC*”, porém continua a ser escrita por Zicil, estendendo-se até 31 de dezembro de 1960. O término da publicação de “*TIC-TAC*” é a delimitação final deste estudo, apesar do *Jornal Rio Grande* continuar publicando crônicas sociais com outras cronistas.

A partir da leitura destas crônicas foi possível perceber que MyrAz e Zicil – as duas cronistas aqui estudadas – eram pseudônimos de Myrian Azevedo e Cecília Goldenberg, respectivamente. Elas eram jovens (estima-se que entre 18 e 25 anos), integrantes da elite sobre a qual escreviam. Myrian Azevedo teve um período como cronista mais curto, não se destacando tanto quanto Zicil posteriormente. Não foi possível descobrir muito sobre sua vida como cronista, no entanto, depois de parar de escrever, Myrian tornou-se uma das personagens das crônicas de Zicil. Ela foi referida diversas vezes nas crônicas, com notas sobre seu casamento, sua elegância, sua participação em eventos, o nascimento de seu primeiro filho, etc.

Sobre Cecília Goldenberg, com um tempo como cronista mais longo, e maior destaque na sociedade rio-grandina, há mais informações. Cecília nasceu no dia 4 de julho de 1935 em Rio Grande, era filha de Henrique e Raquel Goldenberg e irmã de Abraham, Isaac, Rosa e Jaime Goldenberg. Estudou no Colégio Lemos Júnior e tornou-se professora, dando aulas na rede municipal de ensino entre os anos de 1956 e 1960. Cecília, também durante estes anos, fazia parte da S.T.A.R. (Sociedade Teatral Artística do Rio Grande) junto com outros membros da elite rio-grandina e sob a direção do “teatrólogo” Álvaro Delfino. Este grupo apresentava variadas peças durante eventos sociais e nos cines-teatro da cidade. Ela começou a escrever colunas sociais no *Jornal Rio Grande* no ano de 1957, sob o pseudônimo de “Zicil”, dissertando sobre a vida social da cidade, destacando os eventos e as pessoas que julgava interessantes. Zicil ficou conhecida em Rio Grande por seu trabalho como cronista e a sua coluna, com o tempo, foi ganhando cada vez mais espaço. No começo (1956) as crônicas sociais ocupavam menos de 1/4 da folha do jornal, passando a ocupar mais da metade durante o ano de 1960. Cecília parou de escrever no final do ano de 1960, quando se casou com Henrique Zamel, natural de Porto Alegre, e foi morar nesta cidade.¹⁴⁵

¹⁴⁵ As informações sobre Cecília Goldenberg foram obtidas em conversas com membros de sua família (filho e irmãos), sendo a cronista já falecida, e por meio de sua ficha de professora do município de Rio Grande e de suas próprias crônicas sociais.



Figura 2 – Localização e espaço reservado à coluna “Flash Social” na página 2 do Jornal Rio Grande. 13 de setembro de 1956.

A popularidade e o crescimento das crônicas “Crônica Social” e “Tic-Tac”, escritas por Zicil, são indicados também, além do seu aumento de espaço físico no jornal, pelo começo de uma comunicação mais direta com seus leitores por meio de cartas. Esta comunicação com as pessoas começa a aparecer em 1959, quando muitos leitores passam a escrever para a cronista dando opiniões sobre a lista dos “10 mais elegantes” escolhidos anualmente, pedindo conselhos, mandando pensamentos, etc. Estas cartas, algumas respondidas por Zicil na própria crônica, outras respondidas com cartas pessoais, dão uma ideia da recepção do público leitor em relação ao que é escrito.

Temos acesso às cartas apenas pelas respostas dadas por Zicil nas crônicas, quando ela responde diretamente ou avisa o leitor que responderá por meio de outra carta enviada para o seu endereço. A maioria dos leitores preferia usar pseudônimos ou não assinar as cartas; Zicil

se recusava a responder cartas anônimas e aceitava o uso de pseudônimos para responder, desde que ela soubesse de quem se tratava realmente, como podemos ver nos trechos a seguir:

Srnh. INOCÊNCIA

Obrigada por suas palavras, é muita gentileza de sua parte.

Quanto ao que me pede, terei prazer em atende-la se você tiver a fineza de assinar as cartas que me dirigir.

De maneira alguma considero cartas anônimas, mesmo tratando-se de algo de valor, como a sua.¹⁴⁶

Em resposta às perguntas que me são dirigidas por cartas (únicamente às assinadas) devo esclarecer que ainda não foi escolhida Miss Rio Grande-60 e, talvez, nossa cidade não envie representante este ano para o Concurso Miss Rio Grande do Sul.

Agradecida pelas sugestões de candidatas que me estão enviando, algumas delas ótimas mesmo, caso nossa cidade ainda decida escolher “Miss”, suas opiniões serão consideradas.¹⁴⁷

Lêda

Recebi sua carta onde faz uma pergunta relativamente fácil de ser respondida, mas que sou forçada a deixar sem solução para não abrir precedentes numa resolução adotada por esta coluna: não serão respondidas cartas onde o autor não se identifique.

Seu nome não seria publicado em minha resposta, onde prevaleceria o pseudônimo enviado por você, como faço em casos semelhantes, mas eu saberia a quem estava me dirigindo.

Se estiver interessada ainda, em minha opinião sobre o caso exposto na sua gentil cartinha, escreva novamente, mas não esqueça seu nome completo e endereço.

Sempre às ordens.

ZICIL¹⁴⁸

Grande parte das cartas faziam elogios à coluna de Zicil, agradeciam algo que ela tivesse escrito ou evento que participou, comentando depois; faziam convites para festas, jantares, chás e até para a posse da diretoria de um clube, além de darem sugestões de possíveis participantes das listas de elegância feitas pela cronista e pedirem conselhos de todos os tipos. Zicil parecia gostar de receber sugestões sobre suas listas, principalmente

¹⁴⁶ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 11/07/1959.

¹⁴⁷ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 12/05/1960.

¹⁴⁸ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 24/08/1960.

quando as indicações iam ao encontro do que ela considerava “elegante”. No entanto, na maioria das vezes, a cronista parecia não concordar com as indicações de seus leitores, reservando-se o direito de fazer sua escolha baseada apenas em sua opinião. Deixava clara sua autonomia, mas agradecia as contribuições e incentivava os leitores a continuarem mandando seus candidatos. “Continuo recebendo sugestões para minhas listas de elegantes, alguns nomes são realmente aproveitáveis, mas outros levam-me a crer que os colaboradores estão gracejando. De qualquer maneira, muito agradecida.”

Muito agradecida, Lúcia Irene pela colaboração, enviando-me a lista das senhoras e senhorinhas que, na sua opinião, deveriam constar de minha relação de elegantes-59.

Infelizmente, nossa opinião não coincide e sou forçada a desconsiderar suas elegantes.¹⁴⁹

Diante recusas à incluir as sugestões dos leitores em sua lista, por não coincidirem com sua opinião, como se viu nos trechos acima, alguns leitores, ao que parece, criaram uma imagem específica de Zicil, uma cronista que não ouve as sugestões dos que leem suas crônicas. Isto obrigou Zicil a se explicar e corrigir o “mal-entendido”:

Sra. T. Araújo...

Muito agradecida pela valiosa colaboração. Quem lhe disse que Zicil não costuma acatar opiniões de seus leitores enganou-se redondamente. Suas opiniões são recebidas com prazer, mais do que isso são consideradas e estudadas em seus mínimos detalhes.

O que acontece é que, as vezes, a opinião do caro leitor não coincide com a minha, e como vocês fornecem os pareceres, mas não podem pensar sequer na hipótese de verem seus nomes publicados como autores dos mesmos, não posso fazer outra coisa senão frizar que “quem assina e responde por TIC TAC sou eu”, como responsável só posso publicar o que esteja de acordo com meu parecer.

Quatro das senhoras que indica para figurarem na minha lista de elegantes-60, já estão enquadradas na relação. Quanto as outras... estudarei com carinho o caso.

Sempre às ordens

ZICIL¹⁵⁰

A leitura minuciosa das crônicas sociais mostra que Zicil – ou mais precisamente Cecília Goldenberg – era dotada de uma personalidade forte e opiniões formadas. Em diversos momentos de sua escrita a cronista deixa clara sua maneira de pensar, mas é na resposta a algumas cartas que ela tem uma posição mais firme, revelando mais de si mesma.

¹⁴⁹ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 05/12/1959.

¹⁵⁰ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 08/11/1960.

Sua forma franca e direta de escrever quando respondia as cartas mostra seus valores e a *sua* verdade dos fatos. Uma carta em especial é ilustrativa disso. Em outubro de 1960, quando a comunicação entre cronista e leitores já parecia mais frequente, Zicil recebeu uma carta do “Sr. R.” pedindo que publicasse um pensamento escolhido por ele no final de sua crônica, como ela fazia normalmente, mas duvidando que ela realmente publicasse:

Senhor R...

Engana-se ao escrever em sua carta “estou quase certo que não publicará o Pensamento que lhe escrevo”, a prova está que êle vai aqui publicado. Unicamente houve atrazo (sic) porque, desculpe-me a franqueza, eu quis verificar se de fato o filósofo Morceau teria tido tal pensamento. Agora sei que sim, mas sei também ser bem possível que ambos, o senhor e o filósofo Morceau estejam enganados.¹⁵¹

Zicil, mesmo parecendo não concordar com o que dizia o pensamento escolhido pelo “Sr. R.”, realmente publicou-o:

UM PENSAMENTO PARA VOCÊS

“Algumas das nossas mulheres mais veneradas e castas persistem na sua condição virtuosa, unicamente pelo prazer perverso de contrariar os homens. Bem injusta é a sociedade que honra essas egoístas e menospreza as bondosas criaturas que obedecem às intenções da natureza”.

N. Morceau (1623/67) filósofo francês na sua obra “Bibliothèque des Femmes”.¹⁵²

Alguns dias depois o “Sr. R.” voltou a escrever e “parecia querer” que Zicil publicasse um novo pensamento. A resposta da cronista é negativa e indignada com o conteúdo do pensamento enviado:

Sr. R.

Desta vez está certo ao escrever “penso que não publicará o Pensamento que lhe escrevo”. O pensamento, meu caro senhor, é livre, portanto qualquer um pode pensar o que bem entender, mas direito de publicar só assiste aqueles que gozam de algum prestígio literário, ou possuam algum cantinho em jornal revista ou mesmo pasquim. O autor de seu Pensamento atual é um filósofo, o senhor bem o friza, mas eu pergunto: E daí? A única vantagem que gozava êsse “seu” filósofo, era possuir um meio de divulgação de seus artigos, porque bons pensamentos está provado que

¹⁵¹ ZICIL, “*Tic-Tac*”, Jornal *Rio Grande*, 07/10/1960.

¹⁵² Idem.

não tinha. Agora o senhor quer a minha coluna para divulgar os baixos pensamentos de seu filósofo?!? Sinto muito, mas TIC-TAC se uma vez concordou em publicar sua colaboração não o repetirá agora, porque o Pensamento que me enviou é indigno desta ou qualquer outra coluna que se preze.

Zicil

Zicil, não concordando com o que lhe era pedido, dá uma resposta direta, reservando-se o direito de escolher o que é publicado em vinculação com o seu nome e em seu espaço. Assim como esta resposta, algumas outras também mostram sua característica franca e por vezes com pouco tato ou cortesia, principalmente quando os assuntos pareciam mexer com suas paixões e opiniões fortes, que não foge, como vimos anteriormente, ao espírito ou fórmula da crônica social.

Entretanto, a “fala” da cronista não é, de modo algum, predominante neste sentido. Na maior parte do tempo ela escreve de forma amena, simples e muito elogiosa. A vida social dos membros da elite é relatada como se fosse (quase) sempre uma festa, repleta das melhores roupas, comidas, pessoas, lugares. Esta forma elogiosa de escrever as crônicas rio-grandinas parece ser comum em diversos outros lugares, como ressalta José Henrique Gonçalves, falando sobre as características das crônicas sociais:

(...) o deslumbramento e os elogios superlativos dão o tom absoluto das colunas sociais. Há pouca maledicência e não é comum o incentivo ao conflito entre grupos, famílias ou indivíduos notáveis. As instituições tradicionais, sobretudo o casamento, são permanentemente louvadas. Pouco se fala de separações, divórcios, adultérios e coisas desse tipo.¹⁵³

Mesmo as críticas existindo e destacando-se em alguns momentos, os elogios e a exaltação desta elite têm um lugar muito maior, como poderemos ver ao longo de todo este trabalho.

Alguns bordões e títulos, no começo ou final das crônicas, tornavam-se característicos das suas escritoras. Myraz utilizava a frase “Foi, viu e comenta” no começo de algumas de suas crônicas, referindo-se ao trabalho da cronista de ir aos eventos sociais, ver o que acontecia neles e depois comentar em suas crônicas. Zicil costumava terminar suas crônicas com um “Pensamento para vocês”, citando dizeres de alguns autores famosos, como

¹⁵³ GONÇALVES, op. cit., p. 42.

Shakespeare, Sócrates e Aristóteles. Em seguida vinha a frase “Por hoje é só...” como encerramento, fazendo por vezes algumas brincadeiras: “Como quem chega de férias não tem o impulso costumeiro, creio que... Por hoje é só...”.¹⁵⁴

Em seu começo, as crônicas, mesmo divididas em notas, apresentavam textos mais longos para cada uma delas. Podemos perceber isto no “Flash Social” e na “Crônica Social”. As cronistas detalhavam um evento, escrevendo bastante sobre ele, quem havia participado, descrevendo as roupas usadas pelas senhoras e senhorinhas. Em “Tic-Tac”, concomitantemente com estas notas mais longas, que falavam de festas mais elaboradas, Zicil escrevia pequenas notas, com uma ou duas frases, relatando rapidamente algum acontecimento, uma viagem, uma visita, um namoro, um elogio ou uma crítica. Estas pequenas notas eram anunciadas pelo título “Drops”.

¹⁵⁴ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 06/09/1958.

Flash Social

Escreve: MyrAz

Fol, viu e comenta.

Aniversariou sexta-feira a Srnha, Neida Regina Souza, elegante membro da nossa "society". Apesar de enfêrma, ofe recebeu pequena festa a suas amizades íntimas. Sucederam se as costumeiras homenagens e o alegre "happy birthday", regado a champanhota.

Felicidades, Dinda ..

xxx

A figura imortal de Caxias, símbolo e patrono do Soldado Brasileiro, em sua data comemorativa, foi motivo de agradabilíssima "soirée" realizada, sábado, no Cruzeiro do Sul.

Tôdo o "grand-mond" de Rio Grande esteve ali reunido, num "cocktail" de confraternização, de que foram gentilíssimos anfitriões o Sr e Sra, Cel. Haroldo Pradel de Azambuja.

Muita gente bonita, elegante e glamourosa. Modernos e exóticos chapéus emprestaram tonalidade variegada e colorida ao ambiente. Os "drinks" circularam durante tôda a festa e os salgadinhos e doces estavam deliciosos.

Destacaram-se em elegância as Sras.: Elvira Pradel de Azambuja, Estela Cramer Peixoto, Carmen Sampaio, Francisca Braga, Eda Anselmo Abrantes, Niobe Silva, Helena Duhá, Olinda Amaral, Lígia Pinho Oliveira, Ana Maria Braga Lopes e Nina Heller.

Aurora Dourado e Terezinha Costa aconteceram em "suspense", ambas "very beautiful", ostentando lindos trajes. Iguamente elegantes as srnhas. Magda e Léa Libório, Sylvia Cora Moody, Cila Milano, Aniete Rury (simpática carioca), Alda Marly Pereira, Daycir Andriano, Nininha e Tiré Oliveira.

xxx

No Clube do Comércio funcionou, como acontece e continuará (espero) acontecendo tôdos os sábados, a super-simpática "Boite-Bem".

Embora não estivesse programado, foi improvisado um "show" de Primo ao piano (Ele toca divinamente).

Começou executando a belíssima melodia "A love is a many splendored thing", do filme "O supício de uma saudade", que já tive ocasião de assistir, podendo assegurar ser um verdadeiro espetáculo, talvez uma das melhores películas do cinema norte-americano. Continuou com "História de um Amor", "Molambo", "Lisbôa Antiga", "Pobres de Paris", "Stranger in Paradise" e "Tea for two". Enquanto seus dedos trabalhavam magistralmente no teclado, as mesas ficavam vasias e os pares lotavam a pista, enlevados com o ritmo convidativo.

Tive o prazer de bater um papinho com José Guimarães, que regressou de uma temporada em Porto Alegre, encantado com a vida social noturna da metrópole gaúcha.

Provavelmente acabará em romance a amizade entre uma garota elegante e um jovem oficial do Exército. Deixemos tudo "em suspense" por enquanto.

xxx

Amanheceu um domingo belíssimo, especialmente encomendado para as competições esportivas de aniversário do Clube de Regatas.

Graças a um preparo físico e técnico dos melhores, triunfaram brilhantemente as atletas riograndinas sôbre as pôrto alegrensens. Parabens às remadoras e ao mestre Bira Martinez.

xxx

Festeja seu aniversário a 1ª de setembro nossa encantadora "Miss Rio Grande", que continua circulando elegantemente na sociedade carioca. Aliás Teresinha Flôres esteve aparecendo em Minas Gerais, mas já está de volta à cidade maravilhosa.

Um grande abraço à ultra-simpática "Srnha, Elegância".

Figura 3 – "Flash Social"

– 1º de setembro de 1956,

Jornal Rio Grande.

Exemplo da estrutura mais

recorrente das crônicas

sociais escritas por

MyrAz.

RIO GRANDE 25 DE NOVEMBRO 1960 Página 4

TIC-TAC

ZICIL

DROPS

A sempre linda Gilka Cunha subirá ao altar da Igreja de N. Sra. do Carmo, no dia 20 de dezembro às 11 horas, para tornar-se Sra. Ennio Adams. Agradecida pela gentileza do convite, espero comparecer.

x x x x

Em mensagem enviada por rádio a oficialidade do Navio Escola "Custódio de Mello" solicitou reserva de dez mesas para o baile beneficente da próxima quarta-feira e "solicitam" permissão das senhoras organizadoras para contribuírem com um presente para ser rifado em favor do Natal das Crianças Pobres. Elogiável a atitude da Marinha.

x x x x

Amanhã mais uma noite de "boite" no Clube do Comércio, reunindo nomes de destaque na sociedade riograndina.

x x x x

Cada mesa, do baile de 30, quarta-feira, no Clube do Comércio estará concorrendo, com os quatro cartões, aos valiosíssimos prêmios que serão ofertados. Espítes informam que entre as maravilhas oferecidas, provavelmente haverá uma passagem de ida e volta ao Rio de Janeiro.

x x x x

Dona Cegonha com importante encomenda para meados de 61, para o casal Dr. Pedro e Gilka Sanchez Gatti. Parabens!

xxxxx

As organizadoras do baile em benefício do Abrigo de Menores "Assis Brasil" que será realizado sábado, 3 de dezembro, na Associação dos Empregados no Comércio, estão programando dois desfiles. O primeiro será uma repetição da apresentação das debutantes-60 do Clube do Comércio e o segundo desfile de trajes típicos de vários países do mundo.

x x x x

Todas as jovens que debutaram no Clube serão convidadas para tomar parte na festa de três de dezembro, ocasião em que terão oportunidade de apresentarem, mais uma vez ainda este ano, seus suntuosos vestidos de meninas-moças.

x x x x

Maria Izabel Llopert responderá pela parte de "ballet", orientada por sua professora Auzenda Maria Sequera.


xxxxx

Marília Leonini e belíssima voz, farão parte do "show" da festa em benefício dos garotos do "Assis Brasil".

x x x x

Os cinemas anunciam para este fim de semana: "Três Mosqueteiros e Meio" — sábado no Glória. "Paraíso Roubado" — película alemã com Annie Rosar e Hans Hold, sábado no Glória. "Christine" — com Romy Schneider, continuará este fim de semana no Carlos Gomes. "Indiscreta" — Gary Grant, Ingrid Bergman e Cecil Parker, a partir de vant première de sábado no Glória.

x x x x



Clotilde de Castro Miranda, uma das mais comentadas debutantes-60 repetirá seu sucesso na noite de 3 de dezembro na Associação dos Empregados no Comércio, ocasião em que as demais jovens debutantes desfilarão com suas "toilettes" de gala.

x x x x

Notícias de última hora informam que até um rádio inclui-se entre os prêmios que serão ofertados do baile da próxima quarta-feira, no Clube do Comércio.

xxxxx

UM PENSAMENTO PARA VOCES

« Edificar sobre a virtude é construir para o tempo e para a eternidade. »

Silveira Maranhão

x x x x

Por hoje é só.

Figura 4 – "TIC-TAC" – 25 de novembro de 1960, Jornal Rio Grande. Crônica social com os "Drops" de Zicil.

Zicil também fez uma subdivisão, em algumas de suas crônicas, com o nome de "Bisbilhotando", assumindo o caráter de "fofoca" que as crônicas sociais em geral exibiam. No entanto, nem sempre as notas que vinham sob o nome de "Bisbilhotando" tinham um conteúdo diferente das notas normais, sem título ou em forma de "drops". Esta separação não significava uma verdadeira distinção entre notas que "bisbilhotavam" e outras que não faziam isso. Este nome parece mais uma forma da cronista de se aliar às características atribuídas aos cronistas sociais, de ser irreverente e chamar atenção, do que uma mudança significativa em sua escrita.

Tanto MyrAz quanto Zicil – embora em relação a esta última tenhamos mais material para análise – deixavam entrever, em sua escrita, sua amizade com muitas das pessoas sobre as quais falavam e a sua posição como participantes da “turma”. Em muitos momentos Zicil parece falar por um grupo de pessoas, colocando a sua opinião como o reflexo de uma “opinião geral”.

Esta relação entre colunistas e colunáveis também é observada por Gonçalves quando se refere a grandes nomes do colunismo social como Jacinto de Thormes e Ibrahim Sued:

Eles não escondiam sua adesão ao ideário aristocrático. Muitos compartilhavam intimidades com os colunáveis, confundindo-se com seus objetos de reportagem. Tomavam partido. Defendiam com unhas e dentes o direito da elite ser um espetáculo em si mesmo. E, sobretudo, tinham um enorme e variado poder. Aliás, nutriam uma consciência profunda de sua capacidade de influenciar diferentes meios sociais.¹⁵⁵

Não é possível afirmar, com tanta ênfase quanto Gonçalves, a consciência e a extensão do poder exercido pelas cronistas aqui estudadas. Acredita-se sim, que elas influenciavam a sociedade sobre a qual escreviam, que recebiam deferências por este papel e (re)construíam representações sobre a elite, mas não temos fontes suficientes para afirmar sua consciência plena deste poder.

Esta amizade com as personagens sobre as quais dissertam pode ser observada pela reunião do um “grupo de espiões” que auxiliava Zicil. A partir da metade de 1960 a cronista passou a viajar cada vez mais, principalmente para a cidade de Porto Alegre, onde tinha amigos e onde morava Henrique Zamel, seu noivo e com quem se casaria em 1961. Durante este último semestre em que escreveu “Tic-Tac” para o Jornal Rio Grande, Zicil utilizou-se de uma “equipe” de senhoras e senhorinhas da sociedade, que participavam dos eventos sociais dos quais a cronista estaria ausente e depois relatavam o acontecido a ela, que então escrevia sobre eles:

Sábado a tarde estarei a caminho de Pôrto Alegre, atendendo inadiáveis compromissos sociais, e deverei retornar na noite de domingo, assim impossibilitada de comparecer aos grandes acontecimentos riograndinos e não desejando deixar os leitores de TIC TAC sem comentários, terei uma ótima equipe de espiões que me fornecerão notas sôbre a vida social de nossa cidade nêsse fim de semana, inclusive o grande enlace matrimonial de Magda Lêda Silva com Edgar Érico Gama.¹⁵⁶

¹⁵⁵ Gonçalves, op. cit., p. 38.

¹⁵⁶ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 10/05/1960.

Meus agradecimentos às gentilíssimas senhoras de nossa sociedade, cujos nomes permanecerão em sigilo, que constituirão minha equipe de valorosos espiões, fornecendo-me notas sobre os acontecimentos sociais dêste fim de semana, em nossa cidade, quando estarei ausente.¹⁵⁷

Este grupo a princípio deveria ser secreto, mas com o tempo alguns nomes, como o de Yedda Vianna do Couto, amiga íntima de Cecília, foram publicados: “YEDDA VIANNA DO COUTO comenta para TIC-TAC o “ballet” da Escola de Bailados de Auzenda Maria Sequeira, na noite de 25, quando esta cronista esteve ausente. (...)”¹⁵⁸

Algumas crônicas sociais apresentavam uma estrutura diferente, entrevistando algumas pessoas, predominantemente senhorinhas, “destacadas figuras de nossa sociedade”¹⁵⁹. No período em que a crônica se chama “*Flash Social*”, e é escrita por MyrAz, estas entrevistas apresentaram duas formas: entrevista de perguntas e respostas, com interação entre cronista e entrevistadas e entrevista dividida em “Gosto/Não Gosto”. Nas crônicas escritas por Zicil as entrevistas foram apenas sob forma de perguntas e respostas.

No primeiro tipo de entrevista as perguntas giravam principalmente em torno da opinião da entrevistada sobre a vida social rio-grandina, sobre o concurso de Miss Brasil e Miss Universo, seu gosto em matéria de leitura, moda, música, cinema, seu “capital escolar”, que lugares gostaria de conhecer, como gostava de se divertir. Em uma destas entrevistas há uma pergunta inusitada e uma resposta surpreendente, tendo em vista o caráter conservador e normativo da elite e a importância da família para a sociedade da época. A cronista pergunta à Ivone Machado, nome recorrente nestas colunas, o que ela pensa sobre o divórcio¹⁶⁰ e ela responde que é a favor:

P. E’ a favor ou contra o divórcio.

R. Sou católica, mas inteiramente a favor do divórcio. Acho que a indissolubilidade do matrimônio, além de outros inconvenientes, impede legalizar situações de fato, inúmeras, existentes no Brasil. O divórcio viria preencher, assim, esta clausula em nossas leis.¹⁶¹

¹⁵⁷ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 12/05/1960.

¹⁵⁸ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 04/07/1960.

¹⁵⁹ MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 03/08/1956.

¹⁶⁰ O divórcio foi legalizado no Brasil apenas em 1977.

¹⁶¹ MYRAZ. “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 28/08/1956.

No outro tipo de entrevista a cronista não faz perguntas, apenas disponibiliza o espaço para algumas senhorinhas dizerem dez coisas que gostam e dez coisas que não gostam:

Flash Social

Escreve: MyrAz

Zaira Canuso Pinto diz:

GOSTO	NÃO GOSTO
1) Gatos	1) Comer muito
2) Ler	2) De não ter o que fazer
3) Jogar cartas	3) Dia de chuva ou vento
4) Sentar em banquinhos de bar	4) Baile
5) Ouvir música no escuro	5) Tirar pó
6) Filme Francês	6) Qualquer bebida doce
7) Tomar café preto	7) Dentista
8) Dansar rumba	8) Gente que fala demais
9) Telefonar	9) Rodar no vestibular
10) Vestido bonito	10) Dor de cabeça ¹⁶²

As perguntas de MyrAz e Zicil, excetuando-se a relacionada ao divórcio, não fogem do âmbito da vida social e dos interesses das senhorinhas entrevistadas. Não parece haver intenção de se aprofundar em assuntos mais sérios, mantendo o tom do resto das crônicas sociais, baseadas em amenidades. Apenas quatro entrevistas feitas por Zicil fogem ao padrão relatado: uma feita com Luiz Carlos Magalhães, ator rio-grandino que ia fazer faculdade em Porto Alegre, girando as perguntas em torno das suas provas de vestibular e sobre teatro; outra feita com Benette Cassareto Motta, senhora da elite pelotense e “pintora elegante”¹⁶³, sobre pintura e moda; entrevista com Ornella Anselmi, sobre sua temporada de estudos na Itália; e por último uma entrevista feita com Adalgisa Colombo, Miss Brasil 1958, na ocasião de sua visita à cidade, falando sobre concursos de miss, sua vida e noivado e sobre sua impressão dos gaúchos.

¹⁶² MYRAZ. “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 03/12/1956.

¹⁶³ ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 27/06/1958.

As entrevistas parecem um recurso que as cronistas encontraram de fazer o público conhecer melhor pessoas que elas consideravam importantes, seus gostos e sua personalidade, já que os entrevistados são representantes da elite da cidade, sendo frequentemente citadas em outras crônicas, ou pessoas de projeção estadual e nacional. Percebe-se com isto uma forma de explicitação das práticas sociais e culturais desses membros da elite, que é registrada e pode ser perpetuada pelo jornal e pela cronista como uma forma legítima de representação. É uma seleção do que é interessante mostrar aos outros sobre esta elite, reforçando seus pontos altos e sua distinção.



Figura 5 - Entrevista Gosto-Não Gosto. “Flash Social” de 26 de novembro de 1956, Jornal Rio Grande.

As fotos publicadas nas crônicas sociais foram ganhando espaço ao longo do tempo, sendo cada vez mais utilizadas enquanto ilustração dos acontecimentos sociais. A importância do texto escrito, porém, superava as imagens, sendo que apenas 166 crônicas apresentam fotografias ou desenhos, em um universo de 399. O trabalho e elaboração que a utilização de fotografias requeria na impressão dos jornais também provavelmente apresenta-se como motivo da preferência do texto escrito.

As imagens mostravam, em sua maioria, retratos de senhoras e senhorinhas da sociedade rio-grandina e por vezes da cidade vizinha, Pelotas, além de misses, modelos, cantoras, bailarinas e atrizes nacionais e internacionais. Algumas fotos mostram momentos dos eventos sociais, como jantares e aniversários. As listas de elegantes dos anos de 1959 e 1960, além dos nomes das escolhidas, traziam fotos em suas casas ou em momentos sociais. Eram publicados, também, alguns desenhos e fotos relacionados à moda, roupas, chapéus e penteados como sugestões para as “elegantes riograndinas”. A maioria dessas imagens eram atribuídas ao costureiro Rui, de Porto Alegre.

Outra característica de Zicil como cronista parece ser o seu esforço por “dotar” seus leitores de certo refinamento e conhecimento dos divertimentos “elegantes” e “finos”. Ela dissertava sobre teatro e apresentações de ballet, tanto as que aconteciam na cidade como em Porto Alegre ou no Rio de Janeiro, falava sobre arte e incentivava a leitura, e, em último caso, fazia pensamentos de grandes autores chegarem ao conhecimento dos leitores, mesmo que pequenos e fora do contexto de um livro, em seus “Pensamento para vocês”. Esta busca por um gosto distinto vai ao encontro da ideia de “disposições estéticas” desenvolvida por Bourdieu. Ele propõe que essa é uma “distância da necessidade”, deixando de lado a função e utilidade dos objetos e focando-se em práticas que têm uma finalidade em si mesmas. Este distanciamento da necessidade está intimamente ligado ao poder econômico, que permite a ostentação, o luxo e viver no mundo da liberdade artística. A possibilidade que a elite tem de exercer esta disposição estética, de viver longe da necessidade, usufruindo da arte, do lazer, do luxo é também uma forma de se distinguir, de evidenciar a sua posição de poder e privilégio no mundo social.

As características descritas até aqui conseguem mostrar um pouco da dinâmica das crônicas sociais estudadas. Ao longo do trabalho algumas outras também irão se revelando, complementando as informações e dando uma visão mais geral sobre a elite rio-grandina e suas representações. A seguir se fará um mapeamento dos principais lugares frequentados pela elite, os tipos de festas e sua regras de participação.

CAPÍTULO II

AS SOCIABILIDADES RIO-GRANDINAS NA DÉCADA DE 1950: FESTAS, LUGARES, PRÁTICAS E NORMATIZAÇÕES

2.1. Lugares e regras: o tradicional Clube do Comércio e a elite

Durante a década de 1950 alguns lugares se destacavam por serem frequentados pela elite em sua vida social. Abordarei estes lugares e suas características, os tipos de festas oferecidas pelos clubes e pelos membros desta elite. Abarcarei tanto os locais com acessos mais restritos quanto os mais abertos, procurando perceber as normatizações destes espaços.

Lugares de lazer por excelência, os clubes recreativos, já citados, eram alguns dos principais espaços de sociabilidade da alta sociedade. Eles apresentavam um caráter predominantemente fechado, com a entrada e participação restrita aos seus sócios. Estas regras, no entanto, variavam de clube para clube. Nos anos 50 existiam diversos clubes na cidade do Rio Grande. A elite aqui estudada, porém, frequentava principalmente três clubes localizados no centro histórico da cidade: o Clube do Comércio, o Clube Caixeiral e a Associação dos Empregados no Comércio.



Figura 6 – Mapa do centro da cidade do Rio Grande.

De acordo com frequentadores destes espaços, existia alguma diferenciação – mesmo que implícita ou inconsciente – no que concerne a clubes do centro e clubes dos bairros e entre clubes ligados a nacionalidades ou profissões. Esta separação não era física, mas simbólica, construída com o tempo, feita pelos rio-grandinos de acordo com seus costumes e valores. Os moradores do Bairro Cidade Nova, por exemplo, participavam de bailes no Clube Ferroviários e no Clube Águia Branca, este último também frequentado pelos poloneses; os portugueses frequentavam o Centro Português e o Grêmio Lusitano; os alemães frequentavam a Sociedade Germânia; ao Jockey Club iam os ingleses e em Clubes do centro (Clube do Comércio, Clube Caixeiral e Associação dos Empregados no Comércio) compareciam comerciantes, médicos, funcionários públicos, advogados e juizes, políticos, engenheiros, pessoas que ocupavam altos cargos nas indústrias, além dos moradores dessa parte da cidade, a elite rio-grandina. Portanto, quem participava de festas do Grêmio Lusitano não participava, normalmente, de festas do Clube do Comércio; como diz a senhora Marlene de La Rocha Arruda, “era uma seleção mesmo”.¹⁶⁴ Glacy Leivas Miranda, falando sobre o Grêmio Lusitano, reafirma esta ideia: “aí já era... um degrau abaixo. Era um degrau só, nada de diferença, mas ali se estabelecia uma pequena diferença, só em frequentar o clube né?”.¹⁶⁵ O Clube do Comércio se destacava por ter como sócios as “pessoas mais... abonadas”¹⁶⁶, como refere o senhor Walter Albrecht. Segundo Carmem Bergamaschi Costa, frequentadora do Clube do Comércio durante a década de 1950, os “(...) médicos, gerentes de bancos, donos das fábricas, todos esses faziam parte do Clube do Comércio”¹⁶⁷, sendo esse o clube mais restrito no que diz respeito à participação de não-sócios. O Clube Caixeiral e a Associação dos Empregados no Comércio eram mais “abertos” a este tipo de participação.

Percebe-se, por meio das crônicas sociais, algumas menções a festas em outros clubes que não estes três, como a Sociedade Cruzeiro do Sul, o Grêmio Lusitano e o Jockey Club. A quantidade, no entanto, de menções ao Clube Caixeiral, à Associação dos Empregados no Comércio, e, principalmente, ao Clube do Comércio é consideravelmente maior. Durante os anos de 1959 e 1960 podemos perceber um aumento nas referências da cronista Zicil às festas do Clube do Comércio, deixando um pouco de lado os dois outros clubes aos quais até então

¹⁶⁴ ARRUDA, Marlene de La Rocha; TRAPAGA, Eneida Dourado. *Os bailes de Rio Grande*: depoimento. [18 dezembro, 2007]. Rio Grande. Entrevista concedida a Marina Pelissari, p. 2

¹⁶⁵ MIRANDA, Glacy Serrat Leivas. *Os bailes de Rio Grande*: depoimento. [24 abril 2008]. Rio Grande. Entrevista concedida a Marina Pelissari, p. 8

¹⁶⁶ ALBRECHT, Walter. *Os bailes de Rio Grande*: depoimento. [07 dezembro 2007]. Rio Grande. Entrevista concedida a Marina Pelissari, p. 2.

¹⁶⁷ COSTA, Carmem Bergamaschi. *Os bailes de Rio Grande*: depoimento. [17 junho 2008]. Rio Grande. Entrevista concedida a Marina Pelissari, p. 3.

também dava atenção. Este aumento não significa necessariamente uma diminuição das festas no Clube Caixeiral ou na Associação dos Empregados do Comércio – o que pode ainda assim ter acontecido – mas pode também refletir uma escolha da cronista em escrever sobre estes eventos ou mesmo sua participação maior neles.¹⁶⁸ No entanto, a importância do Clube do Comércio como o ápice das festas de uma elite dominante é inegável e fica clara em diversos momentos, servindo como exemplo e inspiração de vida social distinta para os clubes menores e seus frequentadores.

Durante o verão os eventos sociais se deslocavam para o Balneário Cassino, onde grande parte da elite veraneava. Neste período as festas aconteciam principalmente na Sociedade Amigos do Cassino (SAC) e no Hotel Atlântico, com sua “boite” Blue Moon. Estes lugares eram frequentados pelo mesmo público do que os clubes do centro da cidade.

O Clube do Comércio, dos três principais clubes aqui trabalhados, foi o único que teve um livro de atas conservado, permitindo-nos saber mais de sua história. Este clube foi fundado em 1861 como “Club Commercial” e reformulado em 1897, quando passa a se chamar “Club do Commercio”, momento em que o referido livro de atas passa a ser escrito. Os estatutos do clube, reformulados ao longo do tempo, nos dão um panorama das principais mudanças ocorridas nas funções e regras dessa associação. A finalidade do Clube era, em seu princípio, a de “proporcionar aos socios os diferentes jogos uzados em boa sociedade e quaesquer outras diversões próprias de instituições d’esta natureza que forem adoptadas pela Directoria”¹⁶⁹, além da “leitura de jornaes nacionaes e estrangeiros e aquisição de noticias telegráphicas de interesse commercial, quando esteja em circumstancias de o fazer”¹⁷⁰

O estatuto de 1942 retoma proposições de outros estatutos e modifica um pouco os fins do clube, expandindo-os:

Art.1º - O Clube do Comércio, com séde e fôro na cidade do Rio Grande, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, fundado em 1861 e reorganizado em 27 de Junho de 1897, é uma sociedade civil, legalmente registrada, constituída por tempo indeterminado, de sócios de ambos os sexos, em numero ilimitado, sem distinção de nacionalidade e crédos politicos ou religiósos, tendo por fim proporcionar aos seus associados: a) reuniões, bailes, concêrtos, jógos licitos e outras diversões; b) bôa

¹⁶⁸ Não foi possível, durante a pesquisa das fontes deste trabalho, encontrar registros do Clube Caixeiral e da Associação dos Empregados do Comércio, ficando as informações sobre estes clubes restritas às entrevistas e às crônicas sociais. Do Clube do Comércio foi possível encontrar um Livro de Atas que, no entanto, não nos dá informações de frequência ou de festas oferecidas durante o período aqui estudado. As relações entre os clubes e as preferências do público, portanto, podem apenas ser estimadas, levando em consideração a opinião e as preferências da cronista Zicil.

¹⁶⁹ LIVRO DE ATAS – CLUBE DO COMÉRCIO. Ata 3 (1897), p. 3.

¹⁷⁰ Ibid.

leitura, assinando jornais, revistas e outras publicações nacionais e estrangeiras, mantendo, para tal fim, uma sala especial no recinto social.¹⁷¹

O estatuto de 1954 reafirma estas finalidades do Clube do Comércio, tratando-o por sociedade “de caráter social e recreativo”¹⁷², e estabelece como sua festa oficial um baile de gala, a ser realizado no dia 7 de setembro da cada ano.¹⁷³

A partir dos estatutos do Clube do Comércio e de notas publicadas no Jornal *Rio Grande* podemos perceber algumas regras principais para a participação nos clubes e em suas festas. Para ser sócio deste clube era necessário pertencer à classe comercial, sendo enquadrado como sócio efetivo, ou pertencer a outra “classe trabalhadora”, sendo enquadrado como sócio contribuinte. A diferença entre estes tipos de sócios estava no valor das mensalidades e no pagamento ou não da joia¹⁷⁴, além da participação na diretoria e de votos nas assembleias, restritos aos sócios efetivos. Nos estatutos até o do ano de 1942 os sócios não poderiam ser menores de 21 anos.¹⁷⁵ Estes sócios são admitidos por um sistema de “auto-proposta”, sendo o candidato submetido a escrutínio secreto e aceito ou não por votos dos sócios.¹⁷⁶

No estatuto elaborado em 1897 não há menção às mulheres como participantes ou sócias. A ata 33, do ano de 1918, relata uma reforma do estatuto do clube, que entre outros pontos passa a compor-se de número ilimitado de sócios de ambos os sexos.¹⁷⁷ Fica implícito que os maridos seriam os sócios pagantes, sendo as mulheres de sua família aceitas como frequentadoras do clube. As reformulações do estatuto em 1942 confirmam a ideia de que antes era assim. Em 1942 o clube reafirma a participação de mulheres e agora a sua possibilidade de serem sócias, na categoria de “sócias contribuintes”, não precisando pagar a joia. Elas tinham o direito de frequentar o clube, tomando parte em suas festas e jogos, sem o direito a votos em assembleias.¹⁷⁸ O estatuto do clube é novamente reformado no ano de 1954, mantendo as regras para participação das mulheres do estatuto de 1942 e acrescentando

¹⁷¹ LIVRO DE ATAS – CLUBE DO COMÉRCIO. Ata 66 (1942), Estatuto do Clube do Comércio, artigo 1, p. 142.

¹⁷² LIVRO DE ATAS – CLUBE DO COMÉRCIO. Ata 77 (1954), Estatuto do Clube do Comércio, artigo 1, p. 173.

¹⁷³ LIVRO DE ATAS – CLUBE DO COMÉRCIO. Ata 77 (1954), Estatuto do Clube do Comércio, artigo 1, letra “a”, parágrafo único, p. 173.

¹⁷⁴ Quantia paga ao clube no momento da associação, cobrada de acordo com o tipo de sócio.

¹⁷⁵ LIVRO DE ATAS – CLUBE DO COMÉRCIO. Atas 3 (1897) e 4 (1897), p. 4 a 6.

¹⁷⁶ LIVRO DE ATAS – CLUBE DO COMÉRCIO. Ata 33 (1918), p. 59.

¹⁷⁷ Ibid., p. 58.

¹⁷⁸ LIVRO DE ATAS – CLUBE DO COMÉRCIO. Ata 66 (1942), Estatuto do Clube do Comércio, artigo 22, p. 144.

que seriam aceitas apenas mulheres “que gozem de boa reputação”.¹⁷⁹ As sócias contribuintes que contraíssem matrimônio ficavam automaticamente desligadas do clube, devendo a associação ser feita por seus maridos, se este fosse o caso.¹⁸⁰

As mudanças nas regras para a participação das mulheres refletem também as mudanças que sofreu o seu papel na sociedade, ganhando mais espaço com o decorrer do tempo. A sua frequência durante a década de 1950, no entanto, estava ainda muito ligada à de seus pais ou maridos e sujeita às regras morais vigentes, que preconizavam um comportamento distinto e uma boa reputação.

Era necessário ser sócio do clube ou conseguir convites especiais por meio de amigos¹⁸¹ para frequentar as suas festas. O associado e sua família adquiriam direito à “caderneta social” que deveriam apresentar à entrada de cada festa, acompanhada do recibo do pagamento da última mensalidade.¹⁸² Esta caderneta tinha como fins:

Artº 44º - São fins da caderneta social:

- a) identificar o sócio seu possuidor;
- b) provar que o mesmo está em pleno gozo dos seus direitos;
- c) servir de ingresso por ocasião das festas;
- d) ser apresentada sempre que o sócio quiser exercer o seu direito de voto;
- e) demonstrar sua categoria e graduação;
- f) para todos os fins de direito social.¹⁸³

A caderneta social é um documento que prova a situação de sócio e de votante e permite à diretoria o controle de quem frequenta o clube. É, também, uma forma de “demonstrar sua categoria e graduação”, ou seja, de demonstrar quem é aquela pessoa, qual o seu status social e status dentro do clube, distinguindo-a tanto dos que não fazem parte do clube quanto *dentro do próprio círculo do clube*. Esta qualificação, fosse ela uma forma de prestígio ou não, possivelmente estendia-se aos dependentes do sócio principal, como suas esposas, irmãs, filhos e filhas.

¹⁷⁹ LIVRO DE ATAS – CLUBE DO COMÉRCIO. Ata 77 (1954), Estatuto do Clube do Comércio, artigo 20, p. 174.

¹⁸⁰ Ibid., parágrafo 4, p. 174.

¹⁸¹ COSTA, op. cit., p. 3.

¹⁸² CLUBE DO COMÉRCIO, “Convite”, Jornal *Rio Grande*, 16/07/1955. LIVRO DE ATAS – CLUBE DO COMÉRCIO. Ata 77 (1954), Estatuto do Clube do Comércio, artigo 43, p. 177.

¹⁸³ LIVRO DE ATAS – CLUBE DO COMÉRCIO. Ata 77 (1954), Estatuto do Clube do Comércio, artigo 44, p. 177.

O Clube Caixeiral publicou uma nota no jornal estabelecendo algumas normas e esclarecendo como seria possível aos não associados conseguirem convites especiais, tendo em vista sua grande procura para os bailes de carnaval no ano de 1956 e tentando selecionar seu público:

Tendo em vista a grande procura de convites especiais, que, tradicionalmente, fazem pessoas não pertencentes ao nosso quadro social, para frequentar nossos bailes de Carnaval, e com o intuito de salvaguardar os legítimos interesses de nossos associados e de proporcionar aos mesmos o ambiente social que estão acostumados a usufruir em nossas reuniões, a Diretoria resolveu determinar as seguintes instruções para o franqueio de nossa sede social, aos associados, e concessão de convites especiais:

1. Será solicitado, indistintamente, a apresentação do convite social, para ingresso no Clube, em dias de festividades, convite este que é intransferível, e privativo do associado e sua família, observadas as prescrições regulamentares.
2. Roga-se aos senhores associados, para evitar recíprocos dissabores, não se fazer acompanhar de pessoas estranhas à sua família, além como de filhos maiores de idade, para os quais poderão ser pedidos convites especiais, a juízo da comissão respectiva.
3. Não será permitido o ingresso, em nossas festas noturnas, de menores de 15 anos, devendo os filhos de associados com idade até 18 anos se fazerem acompanhar de seus pais.
4. Para concessão de convites especiais, em número limitado, estará a disposição dos interessados uma Comissão. (...) Será obedecido o seguinte critério:
 - a) Família de sócios falecidos, com exceção de filhos maiores;
 - b) Ex-sócios, em trânsito pela cidade;
 - c) Filhos de sócios, maiores, mas dependentes;
 - d) Visitantes, com apresentação de sócios;
 - e) Para melhor observação do presente, pede-se a cooperação de todos os associados, o que, sem dúvida, virá em maior provento do nosso Clube, fazendo com que as nossas reuniões transcorram dentro do ambiente alegre e socialmente elevado em que vêm sendo efetuadas.

Rio Grande, Fevereiro de 1956

A DIRETORIA.¹⁸⁴

A partir desta publicação pode-se ter uma ideia do esforço de seleção dos clubes, decidindo a quem é permitido o acesso às suas diversões e automaticamente se diferenciando das pessoas que “não podem”. A diretoria do Clube Caixeiral permite a entrada de pessoas que não pertencessem ao seu “quadro social”, como visitantes, no entanto deixa claro que este acesso é restrito. O intuito desta restrição é o de manter o nível a que estão acostumados os seus sócios, mantendo o controle do ambiente.

¹⁸⁴ CLUBE CAIXEIRAL, “Carnaval”, Jornal *Rio Grande*, 01/02/1956.

A família à que a nota se refere consta apenas do pai, mãe e filhos menores de idade. A intenção, ao restringir a participação de filhos maiores de idade que tenham renda, parece ser a de induzi-los a fazer a sua associação independente da sua família, ganhando o clube assim mais um sócio. Apenas se este filho for maior de idade, mas ainda dependente, é que lhe era permitido ter um convite, mas ainda assim um “convite especial” que seria disponibilizado – ou não – por uma Comissão.

O Estatuto do Clube do Comércio de 1942, estabelece que eram consideradas pessoas da família dos sócios: “si o sócio fôr homem - espôsa, filhas, irmãs solteiras, mãe e filhos menóres de 18 anos; si for mulher – filhas e irmãs solteiras, mãe e filhos menóres de 18 anos.”.¹⁸⁵ Esta determinação abarca mais pessoas que a nota do Clube Caixeiral, principalmente as mulheres, e vai ao encontro de sua regra de restringir a participação de pessoas maiores de idade como dependentes. Em seguida, no parágrafo único do artigo acima citado, o estatuto reafirma esta regra: “para gozar das vantagens deste artigo, exige-se que as pessôas da familia n’ele sitadas não tenham independencia economica reconhecida pela Diretoria.”.¹⁸⁶

O estatuto de 1954 modifica as regras de participação de filhos maiores de idade. Passam a ser aceitas na qualidade de sócias pessoas maiores de 18 anos, e não mais 21 anos, ou que sejam “legalmente emancipadas e que, tendo reputação firmada, gozem de bom conceito social.”.¹⁸⁷ Passa a ser permitido que os filhos de sócios que atingirem a maioridade (18 anos) tornem-se sócios juniores, pagando 50% da joia e 50% da mensalidade até completarem 21 anos, quando então se tornariam sócios contribuintes e passariam a pagar a mensalidade completa sem, no entanto, completar o pagamento da joia. Este tipo de “desconto” aos homens jovens era um incentivo para sua associação no clube. O filho que não quisesse ser sócio júnior podia frequentar o clube apenas em algumas festas, com convite especial para esta, e acompanhado de seu progenitor.¹⁸⁸

O impedimento da participação de menores de 15 anos, referido na nota do Clube Caixeiral e também nos estatutos do Clube do Comércio, coaduna-se com a moral e os costumes da época, na qual os filhos nesta idade ainda eram crianças ou “brotos” e estavam

¹⁸⁵ LIVRO DE ATAS – CLUBE DO COMÉRCIO. Ata 66 (1942), Estatuto do Clube do Comércio, artigo 24, p. 144. Com grifos no original.

¹⁸⁶ LIVRO DE ATAS – CLUBE DO COMÉRCIO. Ata 66 (1942), Estatuto do Clube do Comércio, artigo 24, parágrafo único, p. 144.

¹⁸⁷ LIVRO DE ATAS – CLUBE DO COMÉRCIO. Ata 77 (1954), Estatuto do Clube do Comércio, artigo 8, p. 173.

¹⁸⁸ LIVRO DE ATAS – CLUBE DO COMÉRCIO. Ata 77 (1954), Estatuto do Clube do Comércio, artigo 10 e respectivos parágrafos, p. 173.

apenas começando a despertar para a vida adulta. Havia uma tentativa de controlar e proteger a juventude, para que não participassem da vida social muito cedo. A existência destas regras, no entanto, não significa necessariamente a sua obediência, variando de família para família, como veremos ao longo do trabalho.

A divulgação destas festas era feita pela publicação de convites nos jornais e pelas crônicas sociais. O convite, normalmente, continha o seguinte texto:

Convidamos nossos distintos Consócios e Exmas. Famílias, para o grandioso baile que levaremos a efeito em nossos salões de festas, na noite de 26 do corrente, com início às 22 horas, e que será abrilhantado pela famosa ‘Orquestra Espetáculo Cassino de Sevilha’ a maior orquestra do mundo no seu gênero (...). Servirá de convite para este baile, o recibo correspondente ao mês de junho pp. (...) Traje passeio.¹⁸⁹

Eram recorrentes as publicações de convites que também reforçavam a restrição na entrada das festas. Eles normalmente terminavam solicitando a “especial fineza dos senhores associados não se fazerem acompanhar de crianças e nem de pessoas estranhas a exma. família”.¹⁹⁰ Nota-se nessa recomendação, tanto em convites quanto em notas, a preocupação em impedir a participação de pessoas que não faziam parte desta mesma vida social. Existia a intenção de impedir pessoas diferentes, que não se ajustassem ao que este grupo considerava adequado.

O acesso aos clubes era normatizado, de forma a controlar as sociabilidades desta sociedade. Estabelecer quem pode ou não participar, ou ainda quem é adequado ou não para compartilhar destes ambientes mostra-se como uma, entre várias, formas de distinção e definição deste grupo. A elite se diferencia dos “outros”, classificando e desclassificando, definindo o que é próprio do seu gosto e o que fica fora desta esfera.

As preocupações com a sociabilidade faziam parte das mais importantes recomendações e, como podemos ver, abarcavam diversas questões. Eram normas e costumes que faziam parte de uma vida em sociedade, que iam ao encontro da moral da época. A diretoria dos clubes incutia também em seus sócios a responsabilidade pela manutenção destes costumes, pedia a colaboração de todos os associados para o cumprimento dessas regras, fazendo também deles – os interessados em um “ambiente alegre e socialmente

¹⁸⁹ CLUBE DO COMÉRCIO, “Convite”, op. cit.

¹⁹⁰ CLUBE CAIXEIRAL, “Convite”, *Jornal Rio Grande*, 28/06/1950.

elevado” como diz a nota do Clube Caixeiral – os fiscais destes parâmetros e reprodutores da legitimidade deste grupo.

Dentro das festas também haviam regras a serem seguidas, fossem elas impostas pelo clube, pela sociedade ou pela própria família dos participantes. As regras ditadas pela família faziam parte da educação dada pelos pais à seus filhos, diziam respeito a como as pessoas deveriam se portar em um lugar público, como se sentar, como comer, como falar, como vestir-se, como dançar adequadamente. Glacy Leivas Miranda nos conta sobre isso:

As regras vinham dentro de ti por que a tua família te colocava essas regras como parte da tua educação. Tinha que ter uma certa postura, não podia chegar numa festa e te agarrar, te abraçar, te beijar com o teu namorado. Aliás, não se fazia isso em parte alguma, não se fazia, a verdade é essa né.¹⁹¹

No entanto, se os costumes e regras não fossem ensinados pela família ou se seus membros não os respeitassem, dentro dos clubes haveria quem disciplinasse o local e as pessoas fora do padrão.¹⁹² Pessoas com modos impróprios eram repreendidas. A cronista Zicil ironiza a postura do Presidente e do Vice-Presidente do Clube do Comércio que continuavam “assistindo” aos bailes em vez de dançar, como se eles estivessem observando as atitudes dos presentes.¹⁹³ Mais de um ano depois ela volta a referir-se aos dois: “Desta vez o presidente e o vice abusaram da dança. Não há dúvida que a orquestra convenceu mesmo, pois até os ‘fiscais de salão’ esqueceram as funções e entraram na valsa.”¹⁹⁴ Os estatutos do Clube do Comércio têm como uma das atribuições dos Diretores Sociais a fiscalização e o zelo pelo bom andamento das festas, além da recepção e atenção aos sócios¹⁹⁵, reforçando a ideia de um ambiente controlado.

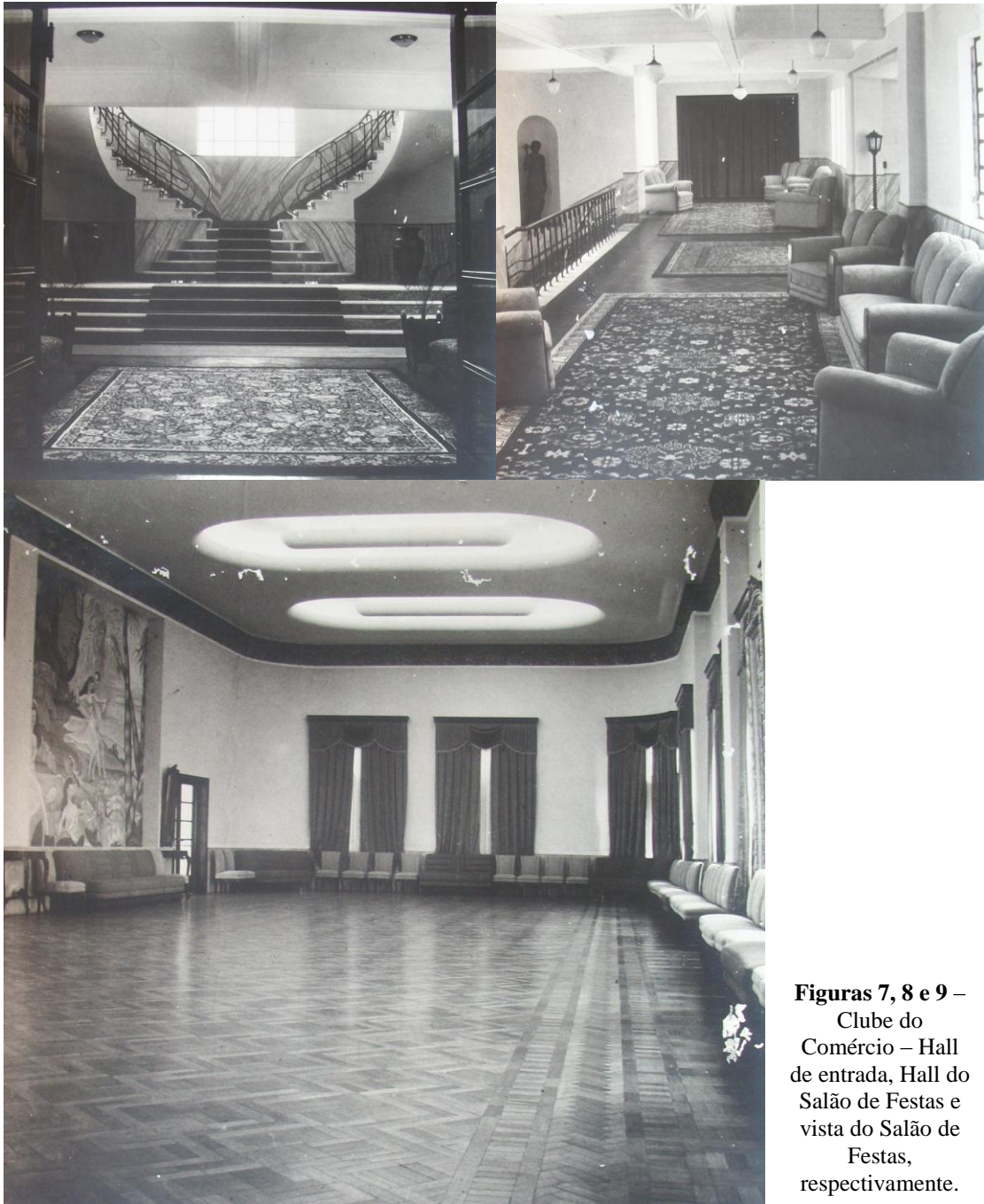
¹⁹¹ MIRANDA, op. cit., p. 9.

¹⁹² Ibid., p. 10.

¹⁹³ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 08/01/1958.

¹⁹⁴ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 15/04/1959.

¹⁹⁵ LIVRO DE ATAS – CLUBE DO COMÉRCIO. Ata 77 (1954), Estatuto do Clube do Comércio, artigo 123, p. 184.



Figuras 7, 8 e 9 –
 Clube do
 Comércio – Hall
 de entrada, Hall do
 Salão de Festas e
 vista do Salão de
 Festas,
 respectivamente.

O traje era um fator importante para a participação nas festas. As roupas e outras formas materiais de expressar o gosto, o comportamento e as expressões também são maneiras de distinguir-se, como ressaltou Bourdieu, revelando uma identidade social.

Produto social, o corpo – única manifestação sensível da “pessoa” – é comumente percebido como a expressão mais natural da natureza profunda: não há sinais propriamente “físicos”; deste modo, a cor e a espessura do batom ou a configuração

de uma mímica, assim como a forma do rosto ou da boca, são imediatamente lidas como índices de uma fisionomia “moral”, socialmente caracterizada, ou seja, estados de ânimo “vulgares” ou “distintos”, naturalmente “naturais” ou naturalmente “cultivados”.¹⁹⁶

Estes índices de moralidade, como refere Bourdieu, eram de extrema importância na entrada e na participação das festas e eventos sociais em geral. A forma como as pessoas – com destaque especial para as mulheres – se apresentavam materialmente, suas roupas e sapatos, suas joias e acessórios, seus penteados e maquiagem eram exibidos por eles e observados pelos outros como forma de se dizer quem é, de exibir a sua distinção. Esta exibição, porém, ia além do material, estendendo-se à personalidade, ao comportamento, e ao gosto das pessoas.

Nos convites publicados nos jornais lia-se, na maioria das vezes, o pedido para o uso do “traje passeio”, composto, na época, de vestido para as mulheres e terno e gravata para os homens. Vestir-se adequadamente era o que se esperava dos frequentadores, citados nas crônicas como pessoas elegantes e de bom gosto. As “toilettes” usadas pelas senhoras, “senhorinhas” e “brotinhos” eram muito observadas, elogiadas e descritas no jornal. A cronista normalmente citava o nome da moça e descrevia o traje usado, sempre de maneira elogiosa. A comprovação da importância das roupas usadas está no fato de no final de cada ano ser publicada pelas colunistas MyrAz, do “Flash Social”, e Zicil, da “Crônica Social” e de “Tic-Tac”, a lista das “Dez Mais Elegantes”. MyrAz, ao publicar a primeira – e sua única – lista deste tipo, diz: “depois de longa análise, aliás deveras difícil, consegui analisar (sic) a lista das ‘Dez mais elegantes’ senhoras e senhorinhas que se destacaram no ‘society’ desta cidade, durante o ano de 1956”.¹⁹⁷ Zicil deu continuidade a esta prática enquanto sua coluna foi publicada e estendeu a lista também ao homens, elegendo “Os mais elegantes senhores da cidade”.¹⁹⁸ As características e representações ligadas a estas listas serão melhor exploradas no Capítulo III.

Sejam ligadas às roupas, ao comportamento, à situação financeira, à associação ou não a um clube, etc. as regras estavam presentes em grande parte dos eventos sociais da elite de Rio Grande. Eram formas de definir e excluir, de diferenciar quem fazia parte ou não destes ambientes. Os bailes, tendo os mais variados temas e motivos, também eram espaços/momentos de representações e distinção.

¹⁹⁶ BOURDIEU, op. cit., p. 183.

¹⁹⁷ Ibid., p. 183.

¹⁹⁸ ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 11/12/1957.

2.2. Festas e regras: o baile é o ápice

Além dos divertimentos diurnos, disponíveis nas salas de jogos e salões dos clubes, eram oferecidos constantemente os bailes, um formato de festa muito utilizado na época. Eram festas mais restritas e cercadas de glamour, em um ambiente mais formal, que requisitavam uma maior elaboração no vestuário, na decoração, nas atrações. O baile era um momento de divertimento, de lazer, mas lazer controlado, dentro dos costumes e boas maneiras. O baile era o momento de “exibir-se”, era o evento para o qual deveriam ser usadas as melhores roupas e o penteado da moda; no qual os homens poderiam mostrar sua distinção no trajar e as mulheres sua elegância e beleza; onde os namorados aproveitavam a oportunidade de conversar mais de perto; onde o rapaz tirava a moça para dançar e conversava com ela, mostrando seu interesse; onde a cronista poderia observar os “romances prognosticáveis”, onde os “brotos” se divertiam dançando e conversando com seus amigos; onde os senhores e senhoras conviviam com seu círculo de amigos, trocando experiências. O baile era o espaço de sociabilidade da elite rio-grandina, de troca entre pares, de distinção dos “outros” – e, por que não, distinção intra-elite – de mostrar quem é quem, quem pertence e quem não pertence, espaço de definição, de legitimação, de (re)construção de representações.



Figura 10 – Representantes da elite rio-grandina reunidos para um baile no Clube do Comércio. Acervo pessoal de Heitor Barcellos.

Como se pode observar na Figura 10, o baile possibilitava o encontro e a troca. As senhoras, trajadas em seus vestidos de noite e suas estolas de pele, com os cabelos arrumados em penteados presos e sapatos de salto, posam com suas amigas para as lentes do fotógrafo. Os senhores, seguindo a etiqueta social, aparecem vestidos com terno completo, incluindo a gravata e o lenço no bolso do paletó fechado. Reúnem-se em uma das salas de estar do Clube do Comércio, provavelmente para um momento de descanso e conversa longe do salão principal. A foto também mostra o ambiente e seu mobiliário. Um primeiro inventário identifica madeira escura e lavrada combinada a tecidos nobres, acetinados com motivos em brocado. A mesa de centro, mais em evidência, permite observar o lavrado que repete o da moldura dos sofás. Trata-se de um estilo denominado *chippendale*.¹⁹⁹ Refere-se a um mobiliário criado por um ebanista inglês, que mobiliou castelos de dinastias aristocráticas entre 1758 e 1775. Tornou-se popular no final do século XIX e muito apreciado nos anos 50. O efeito procurado e consagrado pela moda é de imponência, nobreza e tradição. Um quadro com paisagem e outro com a bandeira do Brasil sobre uma lareira completam o ambiente que se pretende suntuoso e aconchegante. Algumas senhoras sorriem para a fotografia, outras mantêm uma expressão mais neutra. Todas apresentam postura, disposição de pernas e mãos consideradas características de educação e tradição de anos frequentando ambientes sociais distintos.

Os limites desse trabalho, entretanto, não permitem um inventário mais acurado de elementos registrados e de identificação das pessoas fotografadas. Procurei indicá-los, o suficiente para caracterizar visualmente, sensorialmente, o ambiente almejado pela elite rio-grandina objeto das crônicas sociais.

Estes bailes poderiam apresentar diversos temas e motivos, como o carnaval, o réveillon, as debutantes, bailes beneficentes, ou bailes apenas como uma forma de divertimento, sendo esse o seu motivo e fim. A seguir trataremos das principais características de cada tipo de baile.

O baile do Réveillon era um evento importante, festejado em diversos clubes e até em “boites”, como a Boite “Chez Nous” em 1958.²⁰⁰ Era uma festa de gala, famosa por seu

¹⁹⁹ Cf. http://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Chippendale.

²⁰⁰ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 27/12/1958. A coexistência de clubes e “boites” como lugares para as festas da elite foi tornando-se cada vez mais comum com a aproximação do final da década de 1950. As “boites” apresentavam ambientes mais descontraídos, sem a suntuosidade das festas oferecidas nos clubes. Há a hipótese de que o aparecimento desses novos lugares e dessa nova dinâmica de divertimento indicassem uma abertura maior dos espaços restritos de lazer e um possível começo do desprestígio dos clubes sociais. Essa ideia,

glamour, principalmente a do Clube do Comércio, realizando-se todo o dia 31 de dezembro. Os sócios, praticamente todos conhecidos, ali comemoravam o novo ano após suas festas particulares. No ano de 1960, por iniciativa de seu Presidente, Bolívar Frazão, o clube ofereceu garrafas de champanhe a cada mesa do salão exatamente à meia noite. Segundo Zicil, esta iniciativa do clube pretendia repetir o sucesso de réveillons antigos:

Conforme TIC-TAC já divulgou em edição anterior o Presidente está programando para o Baile do Reveillon no Clube do Comércio uma festa super. A meia noite, pontualmente, os garçons entrarão nos salões oferecendo, em nome do Clube, garrafas de chapanha (sic) em todas as mesas. Dessa maneira pretende o Sr. Frazão repetir o sucesso de antigamente quando o início do ano era comemorado no Clube e não, como atualmente, que os freqüentadores deixam para chegar ao baile depois das 24 horas do último dia do ano. A meia noite, impreterivelmente, confetis (sic), serpentinas comorarão (sic) um feliz início de 1960.²⁰¹

Depois do baile Zicil parabenizou a Diretoria do Clube do Comércio pela iniciativa e pelo sucesso do baile, prevendo que nos próximos anos o seu réveillon seria ainda mais concorrido, devido ao êxito do ano de 1960.

Parabéns merece a diretoria do Clube do Comércio pelo grandioso baile do “réveillon” de 1960. A entrada do Ano Novo no clube foi bastante concorrida e animada, os brindes sucederam-se a exemplo dos “réveillons” das grandes cidades e, tudo indica, que o próximo baile dessa época será ainda mais concorrido, pois aqueles que tiveram oportunidade de romper o ano no clube, numa homenagem tão bela e significativa, certamente não deixarão de fazê-lo no próximo ano.²⁰²

Este baile acontecia em um clima de “ano novo... vida nova” que, aliado à grande variedade de bebidas oferecidas, incentivava comemorações e “expansão de sentimentos”. No entanto, eram também bailes “chiques” e elegantes, no qual as pessoas iam com sua melhor roupa de gala, as mulheres de vestidos longos e os homens de smoking, roupas estas descritas, quando era possível, pelas cronistas:

O tradicional ‘Reveillon’ realizado no ‘mui nobre’ Clube do Comércio aconteceu distintamente na madrugada de primeiro de janeiro do novo mil novecentos e cinquenta e sete.

no entanto, por limitações de fontes e do alcance do trabalho, não poderão ser melhor desenvolvidas nesse espaço.

²⁰¹ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 05/12/1959.

²⁰² ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 06/01/1960.

Ano novo... vida nova... toilettes novas e chics, aliás ‘trés chics’, que foi o que se verificou no decorrer desse magnífico baile, onde todos desabafaram alegria e otimismo, num ambiente cordial e alegre.

Evidentemente, os wiskeys, champanhes, cuba-livres e outras diversas qualidades de drinks, ingeridos durante o rompimento do ‘new-year’, foram os fatores primordiais que impulsionaram essa expansão de sentimentos.

Os amplos salões do Clube ficaram superlotados, motivo este que dificultou-me observar detalhadamente os trajes, a fim de descrevê-los, como era minha intenção. Entretanto, posso adiantar que eram belíssimos e que a mulher rio-grandina continua progredindo consideravelmente no que diz respeito à ‘MODA’, esta pequena palavra, composta sómente de quatro letras, mas deveras complexa e dispendiosa.

A nota máxima da noite foi, sem dúvida alguma, a apresentação das debutantes. Um grupo de graciosas jovens, ostentando lindos vestidos, ultrapassou a expectativa dos presentes.²⁰³

O baile de réveillon, durante os anos de 1957 e 1958, ofereceu como atração adicional – que muitas vezes tornava-se atração principal – as debutantes. Nos anos seguintes as debutantes ganharam um baile especial para a sua apresentação, realizado no dia 6 de setembro, aproveitando o feriado e as comemorações da Independência.

O baile das debutantes era um grande acontecimento na cidade. As crônicas noticiavam quem seriam elas, os estilistas e modistas que confeccionavam seus vestidos, descreviam-nos, elogiavam as meninas que mais se destacavam por sua beleza, elegância e simpatia. Os vestidos usados pelas meninas-moças eram o grande assunto antes – na expectativa e confecção – e depois – na repercussão do baile:

Aproxima-se a data da apresentação oficial da nova safra de “brotos” à sociedade riograndina. Na noite de 6 de setembro, nos salões de festa do Clube do Comércio, as jovens Debutantes de 1960 farão seu comentado desfile. (...) Pelos modelos, ainda em confecção, que tive o prazer de apreciar, a convite das meninas-moças, não resta dúvida que será uma apresentação encantadora e suntuosa.²⁰⁴

A cronista Zicil, durante os anos em que escreveu para o *Jornal Rio Grande*, elegeu a “1ª Debutante” de cada ano, a moça que incorporava o espírito da “verdadeira debutante”²⁰⁵, aquela moça que se destacava por sua beleza, por seu comportamento adequado, por suas finas maneiras, elegância, simpatia e charme:

²⁰³ MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 05/01/1957.

²⁰⁴ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 02/09/1960.

²⁰⁵ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 09/09/1959.

Concordo em que o “Brotinho Sensação” Tânia Franco foi a 1ª Debutante de 1958. Nazareth (figurinista da Manchete) esteve num de seus dias felizes ao criar o modelo da Tânia, e a garota tem tudo para impressionar bem: beleza, simpatia e meiguice.²⁰⁶

As opiniões dos presentes no Clube do Comércio, na noite de domingo foram mais que favoráveis aos novos ‘brotos’. Realmente 1959 teve uma turma parêlha e encantadora. TIC-TAC classifica como PRIMEIRA DEBUTANTE DE 1959: Neuzinha Mendes, que deslumbrou num modelo de Lanvin Castilho em tule branco, todo bordado a canutilhos prateados desenhando flores e folhas em setim italiano. Confecção da modista Graziella Gastal Simões Lopes (Pelotas).²⁰⁷

Lídice Magalhães Fonsêca é a Debutante-1960 que mais se destacou entre as vinte e três jovens estreantes na noite social. Lídice Fonsêca – Debutante nº 1 – no Modelo Sonho Dourado, criação de Saint Laurent e execução de Auróra, arrebatou aplausos de todos os presentes. Vestido de tule amarelinho, detalhes bordados em doirado.²⁰⁸

Estas três moças, escolhidas como primeiras debutantes, eram citadas como participantes de outras festas nessas mesmas épocas; tratava-se de garotas que chamavam atenção no ambiente social por elas frequentados, destacando-se também no momento de debutarem. O conhecimento e frequência do nome destes “brotos” antes mesmo de debutarem confirmam que nem todas as regras – no caso a que diz respeito à idade para participar dos bailes – eram rigidamente seguidas, já que elas provavelmente teriam menos de 15 anos quando começaram a ir a festas sociais.

No baile de debutantes reuniam-se, portanto, as mais proeminentes moças da sociedade rio-grandina que ainda não haviam passado por este ritual de passagem. As moças eram chamadas uma a uma, passavam pelo que Carmem Bergamaschi Costa descreveu como “porta retrato”, uma porta decorada com luzes neon, e entregavam a flor que tinham nas mãos a sua mãe.²⁰⁹

²⁰⁶ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 12/09/1958.

²⁰⁷ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 09/09/1959.

²⁰⁸ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 12/09/1960.

²⁰⁹ COSTA, op. cit., p. 2.



Figura 11 – A debutante Carmem Bergamaschi saindo do “porta retrato” – 1955. Acervo pessoal de Carmem Bergamaschi Costa.

Este era o momento no qual as meninas deixavam a infância para trás, como uma mera lembrança do que se foi, e tornavam-se mulheres, passando a “fazer parte” da sociedade. A moça parece sair do escuro – o seu lugar anterior na sociedade – para a luz – o seu “pertencimento” à sociedade em questão. Pode-se perceber ainda o ar de pureza que envolve a debutante. O vestido branco longo, com saia rodada e sobre saia de tule e decote não proeminente remetiam à inocência da menina protegida, ainda não conhecedora do mundo social ao seu redor. Sua expressão é de alegria, mas também de recato, como era esperado para uma moça em sua posição.

Depois de sua apresentação as debutantes dançavam a primeira valsa com seu pai, oficializando a passagem para a vida adulta. Após esse momento, o baile seguia animado pela orquestra e os convidados também poderiam dançar e se divertir.



Figura 12 – Salão do Clube do Comércio durante a valsa das debutantes de 1954. Acervo do site Papareia* – www.guaipeca.blogspot.com.br.

Este era um baile importante para as debutantes e para sua família, não só pela mudança que representava, mas também por ser uma oportunidade para cada menina mostrar seus atributos, sua beleza, sua educação, sua simpatia e sua riqueza, ou seja, sua forma diferenciada de ser. Era um momento de prestígio para a família da debutante, que pelo brilho de um dos seus, também se fazia brilhar. Esta distinção não é apenas baseada em aspectos materiais, esta elite se distingue também no plano simbólico, definindo-se com características mais abstratas como a beleza e a elegância:

Debutantes

Desfile de elegância, graça e beleza apresentaram as jovens debutantes à sociedade Rio Grandina no baile do “reveillon”. (...) A opinião geral é que jamais um conjunto de meninas moças esteve tão homogêneo em luxo e encanto como nas debutantes de 1957.²¹⁰

* O “Papareia” é um blog organizado por um grupo de rio-grandinos que se propõe a relembrar o passado e manter contato com os amigos de Rio Grande ao redor do mundo. O blog tem um acervo de mais de 36 mil arquivos, disponibilizados para pesquisa. www.guaipeca.blogspot.com.br.

²¹⁰ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 06/01/1958.

Percebe-se que as cronistas, além de mostrarem a sua própria opinião sobre os bailes ou sobre seus frequentadores, também fazem desse julgamento uma opinião unânime. Expressões como “a opinião geral” do trecho citado acima são recorrentes e mostram como a cronista fala – ou pensa falar – por todo um grupo de pessoas que freqüentam estas festas.

Alguns bailes eram promovidos como recepção e em homenagem aos navios da Marinha do Brasil que atracavam alguns dias na cidade. Rio Grande, cidade portuária e cercada de água, recebia visitas da Marinha frequentemente. Esses navios, como o Custódio de Mello e o Tamandaré, ficavam na cidade durante três ou quatro dias e eram recebidos com muita pompa pelos clubes e pelo Capitão dos Portos. Quando os navios estavam na cidade aconteciam grandes festas. Além dos bailes nos clubes, os próprios oficiais faziam recepções nos navios. Essas festas são sempre descritas como muito glamorosas, com música e comida de qualidade, sempre concorridas:²¹¹

Despedindo-se de nossa cidade a oficialidade da Marinha de Guerra Brasileira, que nos visitou, ofereceu a bordo do Cruzador ‘Barroso’, uma brilhante recepção. Autoridades civis e militares, destacando-se elementos de nossa sociedade e da vizinha cidade de Pelotas, compareceram em grande quantidade. Num ambiente de extrema cortezia (sic) e amabilidades foram os convidados conduzidos durante a recepção. As danças sucediam-se, tanto no convés, ao som de uma orquestra, como no interior do barco, na ‘boite’, com música de eletróla. Seria impossível descrever, ou fazer justiça, ao deslumbrante desfile de modas apresentado pelas Rio Grandinas e Pelotenses. Um luxo sem precedentes, toiles finíssimas desfilavam em profusão.²¹²

Estas festas estão muito presentes na memória das senhoras entrevistadas; elas lembram, divertindo-se e achando graça, do seu comportamento em relação a estes bailes e aos marinheiros. Tais visitantes eram recebidos muito bem, principalmente pelas “senhorinhas”. Os bailes ficavam repletos de “moças casadoiras” e de brotinhos procurando um namorado ou até um marido. Marlene de La Rocha nos conta mais sobre esses eventos:

O Capitão dos Portos com a sua família, ele abria a Capitania pra receber a sociedade de Rio Grande. (...) Na casa dele, tinha coquetel, tinha festa. Eu me lembro uma vez que eu fui numa festa lá que era uma festa baiana. Vieram baianas da Bahia fazer acarajé. Então fizeram comidas bem típicas da Bahia né, eram festas maravilhosas que a Capitania dos Portos dava e à medida que chegavam os navios, eles mandavam convites pra sociedade de Rio Grande né, pro pessoal que vivia

²¹¹ ARRUDA; TRAPAGA, op. cit., p. 14-15. ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 17/10/1958, 20/10/1958, 14/01/1959, 21/01/1959, 27/01/1959.

²¹² ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 27/11/1957.

realmente assim uma vida em sociedade e eles... Eram festas maravilhosas, claro que naquela época nós íamos todo mundo de olho nos oficiais né, as gurias....²¹³

Segundo Marlene, quem não gostava muito dessas visitas eram os rapazes; os namorados “ficavam furiosos” e muitos não iam aos bailes. Alguns, porém, viam com ironia o “assanhamento”²¹⁴ das meninas. Em uma crônica de setembro de 1959 foi publicada uma nota com a frase de um rapaz por ocasião da visita do navio Custódio de Mello na cidade, ela diz: “um dos rapazes de maior projeção entre as garotas comentou com os amigos: - Eu estava mesmo precisando repousar um pouco, assim vou aproveitar a chegada dos marinheiros para fazer um retiro”.²¹⁵

Os bailes de carnaval eram muito concorridos, movimentavam a cidade e o Balneário Cassino ganhando destaque nas crônicas sociais. O baile do sábado anterior ao carnaval do Clube do Comércio, os bailes infantis da Associação dos Empregados no Comércio e o baile de segunda-feira do Clube Caixeiral eram tradicionais. Esse último foi classificado como o melhor e o mais divertido por Glacy Leivas Miranda.²¹⁶ Segundo Glacy, o do Clube do Comércio “era um baile mais chique, mais sofisticado, mais calmo, mas era um baile bom. Agora não dá pra se comparar com o baile do Clube Caixeiral e o da Associação que eram bailes mais de gente jovem sabe... era bom mesmo!”.²¹⁷ Durante o mês de fevereiro, portanto, as cronistas se dedicavam a comentá-los:

Concorridíssimos estiveram os bailes carnavalescos da Associação dos Empregados do Comércio, para isso contribuiu a ótima Diretoria do Clube que não mede esforços no sentido de proporcionar o máximo a seus associados e também a orquestra que além de muito animada esteve com ótimo repertório de músicas deste carnaval. Digna de cumprimento a ornamentação, feita pelo Sr. Franklin Bastos. Parabéns à Diretoria da Associação no Comércio pelas magníficas festas apresentadas no Reinado do Momo.

xxxx

Momo no Caixeiral..

Tradicionalmente comentado, o Clube Caixeiral na segunda-feira é sempre o líder do Carnaval riograndino, desta vez não só um lugarzinho no salão era coisa bastante difícil, como até a entrada no Clube exigia certo respeito às filas indianas. Os foliões sentem-se no Clube Caixeiral no maior dos ‘a vontade’ e talvez seja por isso que ali encontramos verdadeiras exposições de sambistas (Este comentário refere-se aos demais bailes, pois no de segunda-feira não havia espaço para demonstrações.)

²¹³ ARRUDA; TRAPAGA, op. cit., p. 14.

²¹⁴ Ibid., p. 15.

²¹⁵ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 14/09/1959.

²¹⁶ MIRANDA, op. cit., p. 1-2.

²¹⁷ Ibid., p. 1-2.

Cumprimentos à Direção do Clube Caixeiral por seus bailes que se enquadram entre os melhores da cidade.²¹⁸

As cronistas costumavam destacar o sucesso das festas carnavalescas e as “farras” feitas por seus convidados: “[...] tivemos carnaval de verdade nos salões do Clube do Comércio. Desde as primeiras horas até o fim manteve-se animadíssimo o baile; a febre da folia foi geral e o povo aderiu à farra com notável disposição”.²¹⁹ Confetes e serpentinas eram distribuídos no salão, o lança perfume era um modo de diversão lícito e pessoas que, normalmente, participavam de outros bailes de forma discreta e muitas vezes nem dançavam eram descritas como muito animadas, “freqüentadoras assíduas do centro do salão”. “Confetis (sic), serpentinas e lança perfumes desfilaram em grande quantidade pelos salões da S. A. C. num dos mais divertidos bailes carnavalescos que lá se realizaram.”²²⁰



Figura 13 – Sábado de Carnaval – Baile no Clube Caixeiral – 25/02/1950. Acervo pessoal de Lêda Germano de Sá.

²¹⁸ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 17/02/1959.

²¹⁹ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 22/02/1958.

²²⁰ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 15/02/1960.

O carnaval, tido como um momento onde as regras se invertem ou deixam de existir, era festejado pela elite de Rio Grande com muita animação, com muitas festas e realmente com normas mais flexíveis. As pessoas usavam fantasias que não mostravam o rosto, o que acredito deixavam-nas mais a vontade; os adolescentes “brincavam” e dançavam no meio do salão lotado, longe dos olhos de seus pais, os quais muitas vezes também aderiam à farra e “enfezavam”²²¹. A normatividade dos clubes, no entanto, não era deixada totalmente de lado.

As regras estabelecidas para a frequência também eram observadas durante o carnaval, sendo possível a participação de sócios e pessoas com convites especiais. As regras de vestuário também deveriam cumprir-se: pedia-se o uso de fantasia fina ou traje a rigor para alguns bailes e era proibido o uso de trajes mais despojados. Essa exigência foi reafirmada pelo Clube do Comércio em um aviso publicado no Jornal *Rio Grande*:

Atendendo a insistentes pedidos, a Diretoria do Clube do Comércio avisa aos srs. sócios que, para o próximo baile, sábado 15 do corrente, não prevalecerá a exigência do “Traje a Rigor”. Ficando, entretanto, proibido o uso de trajes de praia, camiseta de malandro, calças de brim Coringa, bem como outros trajes menos convencionais.²²²

Os “insistentes pedidos” pela rejeição do traje a rigor iam ao encontro do clima mais relaxado do carnaval, e foram atendidos. No entanto, a flexibilidade do vestuário ia até certo ponto, não se podendo deixar de lado totalmente as convenções.

As cronistas concentravam-se, na hora de narrar os acontecimentos do carnaval, nas roupas e na visualidade dos foliões. Elas elogiavam e elegiam as melhores fantasias, as mais originais ou bem feitas e os blocos – de casais e de “brotos” – mais bem enturmados e que também caprichavam nas suas fantasias, como as “pierretes”, as “melindrosas”, as “califas” e as “modêlos” no ano de 1958²²³, as “baianas” e os “espantalhos” em 1959²²⁴:

Merceu primeiro lugar o grupo das “Baianas”. Os “Espantalhos” exibiram uma fantasia nova, original e fina o que lhes valeu cumprimentos sinceros. Quanto às “Melindrosas” trata-se de uma fantasia já bastante repetida e comum, sendo

²²¹ ZICIL, “*Tic-Tac*”, Jornal *Rio Grande*, 15/02/1960.

²²² CLUBE DO COMÉRCIO, “*Aviso*”, Jornal *Rio Grande*, 12/02/1958.

²²³ ZICIL, “*Crônica Social*”, Jornal *Rio Grande*, 22/02/1958.

²²⁴ ZICIL, “*Tic-Tac*”, Jornal *Rio Grande*, 06/02/1959.

unicamente enaltecida pelos modelos, pois foi um blóco de garotas bonitas e graciosas.²²⁵

Existiam também, na programação do carnaval dos clubes, os bailes infantis. A repercussão nas crônicas não era grande como a dos bailes adultos, mas ainda assim eram publicadas notas sobre as fantasias das crianças e sobre a elegância de suas mães.

Parte importante para o sucesso dos bailes de carnaval eram as músicas e as orquestras. Elas davam animação à festa e estimulavam as pessoas a dançar e cantar: “não há dúvidas de que a garotada sabe enfezar e deu mostras disso, provando ainda que em conhecer as letras das músicas carnavalescas, nem os adultos conseguem chegar perto-”.²²⁶ No ano de 1957 a reclamação foi a falta de músicas ou marchinhas, sendo necessário cantar músicas de outros carnavais: “observa-se perfeitamente a ausência de músicas compostas para este ano; a não ser o já famoso ‘MARACANGALHA’ de Dorival Caymi, nada mais pegou e as canções entoadas pertencem aos carnavais passados.”²²⁷

O carnaval nas ruas não era assunto nas crônicas sociais. Apenas uma vez este tipo de folia fora dos clubes foi citado, sem maiores detalhes: “Momo homenageado com entusiasmo pelos foliões riograndinos nos clubes e nas ruas”.²²⁸ O carnaval nas ruas era mais livre e popular, mais próximo do Entrudo, enquanto os bailes de carnaval em clubes aproximavam-se mais do carnaval veneziano, com seus *bals masqués* (bailes de máscaras) que aconteciam dentro de salões ou teatros.²²⁹ Os clubes, locais diferenciados e restritos, ofereciam bailes de acordo com essas características, sendo esses também eventos que mostravam a distinção e alteridade da elite.

Os anos 50 foram uma época em que os concursos de Miss estavam na moda. A presença das misses da cidade era constante na crônica social. Bailes eram cenário dos concursos e homenagens às eleitas para representarem Rio Grande, especialmente para os concursos de “Miss Rio Grande”, “Miss Bangú”, “Miss Cassino”, “Miss Brotinho”, “Rainha das Praias do Atlântico Sul”, “Rainha do Aéro Clube”. O concurso de “Miss Rio Grande” era promovido pelo Sr. Thiago Carvalho, um dos membros da elite rio-grandina que organizava a seleção das concorrentes. Elas eram normalmente filiadas a um clube, representando-o. As concorrentes eram apresentadas à sociedade por meio de festas e das crônicas sociais, que

²²⁵ Idem.

²²⁶ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 07/03/1960.

²²⁷ MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 27/02/1957.

²²⁸ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 04/03/1960.

²²⁹ BITTENCOURT, op. cit., p. 75.

falavam sobre suas qualidades e por vezes publicavam suas fotos. É importante ressaltar que a maioria das participantes deste concurso eram moças da elite da cidade, sendo os seus nomes já conhecidos por serem citados em outras ocasiões:

A primeira candidata convidada e inscrita no Concurso de Miss Rio Grande é a Srnha. MARLY SÁ FRNCKOWIEK. Marly é professora, formada pela Escola Normal Juvenal Miller, tem 19 anos, 1,68m. de altura e possui (sic) todas as qualidades necessárias para uma verdadeira MISS: beleza, elegância, cultura. Sem dúvida a primeira concorrente é forte candidata à tão cobiçado título.²³⁰

Um júri avaliava as candidatas.²³¹ No dia do baile elas desfilavam em traje “toilette”²³² para os jurados e para o público presente, sendo então, a eleita, coroada “Miss Rio Grande”. Esta e outras eleições de beleza movimentavam a vida social da cidade e rendiam bailes muito concorridos, sendo atração principal as “representantes da beleza rio-grandina”:

O baile de sábado no Aéro Clube reuniu o máximo, em quantidade e qualidade, da sociedade riograndina. Concorridíssimo como esteve dificultou uma indicação justa dos “MAIS” da festa, porém esta coluna não deixará de apresentar os destaques desta noite. “Miss Rio Grande 1959 – Srnha. Marlene Terezinha Ferreira Mancio. “Rainha do Aéro Clube” – Srnha. Sônia Flôres. Muito aplaudidas as jovens vitoriosas (sic).

Aéro Moças em quantidade foram atenciosas recepcionando os presentes e ficaram um encanto em seus uniformes. Uma aéro moça em destaque: Célia Regina G. Gomes, apesar (sic) de nova na cidade é admiradíssima por sua simpatia pessoal e simplicidade de maneiras.

A Mais Elegante senhorinha da festa: Déa Mara Ernst, num modelo belíssimo e muito elogiado.

O casal em destaque: Sr. e Sra. Dênis Lawson. Comentada a elegância da Sra. Inah, em vermelho.

O Sr. Thiago Carvalho, como sempre, incansável nas festas de projeção em Rio Grande, foi um dos principais responsáveis pelo sucesso da noite de sábado, digno dos maiores cumprimentos. (...)

Tânia de Oliveira, Miss Rio Grande 1958, fez um desfile rápido na passarela, sendo aplaudidíssima. Comentada a elegância de Ivone Machado.

Norberto Baudauf superou a expectativa (sic). Sua orquestra, em música para dançar, é realmente uma das melhores do Estado. O baile do Aéro Clube é um dos mais fortes concorrentes à lista das “FESTAS DO ANO”.²³³

O concurso de “Miss Bangú” também movimentava a cidade e as crônicas sociais. Ele era promovido pela fábrica de tecidos Bangú²³⁴ e abarcava todo o Brasil. Algumas

²³⁰ ZICIL, “Tic-Tac”, Jornal *Rio Grande*, 23/03/1959.

²³¹ ZICIL, “Tic-Tac”, Jornal *Rio Grande*, 04/05/1959.

²³² O traje “toilette” refere-se a vestidos, podendo ter comprimento abaixo do joelho ou longo.

²³³ ZICIL, “Tic-Tac”, Jornal *Rio Grande*, 11/05/1959.

“senhorinhas” em destaque social recebiam tecidos para um modelo que desfilariam concorrendo ao título de “Miss Bangú”. A vencedora de Rio Grande concorreria em Porto Alegre e a vencedora de Porto Alegre concorreria novamente no Rio de Janeiro.



Figura 14 – Concorrentes ao “Miss Bangú – Rio Grande” nas escadas do Clube do Comércio – 1956.
Acervo pessoal de Carmem Bergamaschi Costa.

Participar destas competições de beleza, e mais, vencê-las, era atingir o “topo”. O nome das moças que participavam tornava-se cada vez mais conhecido: modelo de mulher atraente, a inspirar outras mulheres e homens, isto é, transformava-se em objeto de distinção. Nomes como o de Magda Libório e Myrtis Bergamaschi – vencedoras em Rio Grande do “Miss Bangú” – e o de Terezinha Flôres, Telma Tavares Marques e Marlene Mancio – vencedoras do “Miss Rio Grande” – eram constantemente lembrados pelas crônicas como sinônimos de elegância, beleza e carisma, destacando estas moças na sociedade. Outros concursos de beleza, mesmo que tivessem menos importância, ainda assim movimentavam a cidade e serviam de atração para os bailes.

²³⁴ ARRUDA; TRAPAGA, op. cit., p. 3; COSTA, op. cit., p. 2.

Algumas festas tomavam também a beleza e a elegância como mote, mas sem uma competição declarada. Eram desfiles de modas, organizados por senhoras e senhorinhas ou por lojas de roupas, que buscavam promover seus produtos. Estes desfiles aconteciam em bailes, festas essas com um caráter mais formal, mas também durante jantares ou reuniões dançantes em “boites” e até durante o dia, em chás nos salões dos clubes. Eles seriam também, por vezes, beneficentes, ajudando a arrecadar recursos para obras de igrejas, comida e roupas para os necessitados, etc.:

Normalmente quem desfilava nestas ocasiões eram as próprias moças da alta sociedade, mostrando desenvoltura e intimidade com a passarela por já terem ganhado algum concurso, ou treinando para um possível futuro como modelo ou miss. Acredito que ser escolhida para desfilarem nestes eventos fosse uma honra para as senhorinhas e brotos e significasse algum destaque social já alcançado. Os nomes das moças repetem-se em diversos desfiles, indicando que sua reputação e prestígio nessa sociedade influenciavam no convite para participar do evento. A crônica social constrói, dá a ver, essa dinâmica:

SUCESSO COLOMBO

Sem precedentes o êxito alcançado no desfile de modas das CASAS COLOMBO. Verdadeira parada de elegância e bom gosto, pois os modelos apresentados, parte de um deslumbrante estoque, são dignos de elogios e cobiça por parte das elegantes riograndinas. As jovens desfilantes impressionaram pela naturalidade com que percorreram a passarela e exibiram as “toilettes”.

Os “brotinhos” Regina Martinez e Sônia Flôres fizeram, com sucesso, sem (sic) “debut” como modelos. Edda Azevedo foi outra novata que conquistou aplausos por seu porte altivo. Já é conhecido o grande valor de Ivone Machado e Neida Regina Souza e os aplausos bem o demonstraram. Marilice Llopert e Silvia Cora Moody, verdadeiros encantos, entusiasmaram o público presente. Clair Pelayo – Miss Rio Grande 1958 – impressionou pela distinção e simpatia com que percorreu a passarela. Dificilmente se imaginava que fosse seu primeiro desfile de modas. Aplaudidíssima. Magda Libório, que se pode escrever sobre um “manequim profissional”? Magda superou-se a si mesma. (...)

Abrilhantando essa tarde singular Luiz Carlos de Magalhães declamou algumas poesias de seu vasto repertório, bastante ovacionado.

Os salões do Clube do Comércio estiveram lotados e entre a assistência houve uma verdadeira apresentação de “finesse” em belíssimos trajes. Como não poderia deixar de ser, as “ELEGANTES DE 1957” compareceram quase todas, tanto senhoras como senhorinhas e “brotos”, fazendo jus ao título recebido. Também fortes candidatas à lista das “ELEGANTES DE 1958” foram admirar e admiradas.

Todo lucro dessa tarde reverteu em benefício do Abrigo de Menores Assis Brasil e é impossível omitir o trabalho do Sr. Tiago Carvalho incansável em benefício dos garotos desamparados. Sr. Tiago é, sem dúvida alguma, um dos mais indicados candidatos da cidade ao “Reino do Céu”. (...)

A festa prolongou-se até as 21 horas com deliciosa reunião dançante abrilhantada por Percy e seu apreciado conjunto. (...)

A Diretoria do Clube do Comércio merece cumprimentos por oferecer em seus salões um programa diferente e com tão completo sucesso, o que vem afirmar o título de “O Clube que tem oferecido as maiores destas da cidade”.²³⁵

Muitas festas, portanto, além das atrações que traziam, como concursos de beleza, desfiles ou orquestras, eram beneficentes, sendo comum a reunião de senhoras de destaque para organizar eventos cujos fundos se destinassem à caridade. Bailes ou festas mais informais, além de contarem com a disposição generosa do público, ofereciam alguma atração para garantir sua participação. Zicil divulgava estas festas, incitando as pessoas a participar, divertirem-se e ainda ajudarem os necessitados:

Notícias recentes, das senhoras que constituem a comissão organizadora do “bingo” em benefício do Natal da Criança Pobre, informam que devido a falta de licença das autoridades policiais o mesmo não se realizará. Em substituição a êsse programa será realizada uma reunião dançante, no próximo dia 30, quarta-feira, das 21 às 24 horas, com a presença da oficialidade e dos guarda-marinhas do Navio Escola Custódio de Mello. As mesas, já vendidas, concorrerão com quatro cartões para sorteio dos valiosos prêmios, generosamente ofertados pelo comércio riograndino.

XXXX

Zicil recomenda à sociedade riograndina que compareça a festa em benefício das Crianças Pobres tanto por ser um ato de bondade para os necessitados garotinhos, como também pelas atrações que oferecerá essa noite, em prêmios valiosíssimos, atualmente em exposição nas vitrines da Importadora Espina. Em próxima crônica Zicil publicará os nomes das Casas Comerciais que oferecem os prêmios.²³⁶

Ser filantropo, doar aos pobres, às crianças desamparadas ou às pessoas necessitadas e trabalhar por uma vida melhor para os outros era uma qualidade admirável e muito incentivada:

Aproxima-se uma das mais belas datas do ano, o Natal. E, embora tendo uma festa sem preocupações há os que se preocupam com aqueles menos afortunados, que talvez não possuam meios para comemorar, mesmo simplesmente, o dia de Natal. Elogiável gesto de grupos de senhoras que, recorrendo ao comércio e indústrias, ou fornecendo festas estão conseguindo alguma coisa para reverter em auxílio do Natal dos Pobres. Cooperar com essas senhoras é mais que um dever, é um ato de humanidade.²³⁷

²³⁵ ZICIL, “Crônica Social”, Jornal *Rio Grande*, 03/05/1958.

²³⁶ ZICIL, “Tic-Tac”, Jornal *Rio Grande*, 23/11/1960.

²³⁷ ZICIL, “Tic-Tac”, Jornal *Rio Grande*, 30/11/1960.

É interessante notar que a filantropia também era uma forma de se destacar dentro da sociedade rio-grandina. Os atos de caridade, tanto dos organizadores quanto dos participantes destes eventos, são elogiados e mostram quão boa e desprendida é esta elite. As senhoras que organizam as festas são tratadas como pessoas admiráveis, que mesmo tendo uma situação financeira e cultural excelente, se preocupam com os que não a tem, doando seu tempo para ajudar os necessitados e ganhando prestígio por isso.

Às vezes os bailes não apresentavam um tema definido. Os clubes ofereciam as festas com a animação de alguma orquestra de fora da cidade, mas a festa em si não visava nada além do intuito de divertir as pessoas. A orquestra era importante fator para o sucesso, de público e de animação, do baile. Uma orquestra boa, que conseguisse empolgar os participantes, fazia certamente uma festa ser bem sucedida:

Do ritmo Cubano (cha-cha-cha, guarachas e mambos) passou-se ao samba cadenciado e batucado, demonstrando o 'Jazz' possuir um variadíssimo repertório, o que é, sem dúvida alguma, o fator mais importante para a animação de um baile.²³⁸

Orquestras de fora normalmente atraíam grande número de pessoas às festas. Durante o período aqui estudado se apresentaram em Rio Grande artistas e orquestras como Mascarenhas e Conchita²³⁹, a “Orquestra Espetáculo Cassino de Sevilha”, Nereida e sua orquestra “Ensueño Tropical”²⁴⁰ de Cuba (orquestra feminina), “Suspiros de España”, a orquestra portoalegrense de Bruno Baldo²⁴¹, a orquestra argentina “Music Hall de las Américas”²⁴², o orgãoonista Jean Duval²⁴³, o conjunto Canabá²⁴⁴, a orquestra de “Don Mickey”²⁴⁵, de “Istvan Weishaus”²⁴⁶ e de “Bebe Chinici”²⁴⁷, “Fuglia Pedrosa”²⁴⁸ e a “Santa Paula Serenaders”²⁴⁹, o “Jazz São Francisco”²⁵⁰ e o “Conjunto Baldauf”²⁵¹, de Porto Alegre. Este

²³⁸ MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 12/10/1956.

²³⁹ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 17/04/1959.

²⁴⁰ CLUBE DO COMÉRCIO, “Convite”, op. cit.

²⁴¹ CLUBE DO COMÉRCIO, “Reportagem”, op. cit.

²⁴² ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 14/04/1959.

²⁴³ MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 21/05/1956.

²⁴⁴ MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 23/01/1957.

²⁴⁵ MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 17/09/1956.

²⁴⁶ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 23/04/1959.

²⁴⁷ MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 04/10/1956.

²⁴⁸ MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 04/10/1956.

²⁴⁹ MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 04/10/1956.

²⁵⁰ MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 12/10/1956.

²⁵¹ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 11/05/1959.

último conjunto, de Porto Alegre, tocava em diversos bailes por todo o estado, apresentando-se diversas vezes em Rio Grande e garantindo boa música para dançar.



Figura 15 – Orquestra Piragine. Acervo do site Papareia.

Na ausência de uma atração de fora, diversos conjuntos e orquestras da cidade apresentavam-se. Alguns deles eram muito elogiados como “Nunes e seus rapazes”²⁵², “Orquestra Piragine”²⁵³, “Luiz Laviaguerra e seu conjunto”²⁵⁴, “conjunto do Percy”²⁵⁵, “Six Fools”²⁵⁶ e “Primo e seu conjunto”²⁵⁷. Surgiram, durante este período e como uma forma de diversão para seus integrantes, bandas compostas por jovens da elite da cidade, como o

²⁵² ARRUDA; TRAPAGA, op. cit., p. 12.

²⁵³ ALBRECHT, op. cit., p. 3. MIRANDA, op. cit., p. 2.

²⁵⁴ ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 17/01/1958, 24/01/1958.

²⁵⁵ MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 14/08/1956.

²⁵⁶ ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 28/06/1958.

²⁵⁷ ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 29/01/1958.

“Conjunto Arpege”, composto apenas de rapazes e “Garotas do Ritmo” e “Garotas em Surdina”, compostos apenas de moças.

2.3. O divertimento fora do baile: outras formas e lugares de lazer

As festas da elite, no entanto, não se restringiam aos bailes, apesar do seu número elevado. As pessoas reuniam-se para comemorar aniversários, casamentos, desfiles de moda, momentos artísticos, para jogos de carta, como o bridge, etc., tanto no centro da cidade quanto no seu balneário.

O balneário Cassino era importante lugar de sociabilidades. Proprietários de casas no lugar costumavam passar os meses de verão aproveitando o lazer que a praia oferecia. Outros se serviam do trem ou dirigiam até o balneário, aproveitando a praia, fazendo o *footing* na avenida principal, divertindo-se nos bailes da SAC e nas festas da “boite” do Hotel Atlântico. O Cassino recebia também muitos veranistas de outras cidades do Estado e do país; os mais conhecidos, veranistas de costume, eram citados por Zicil, que desejava-lhes boas vindas.

As festas no Cassino rendiam crônicas parecidas com as escritas sobre os eventos que ocorriam na cidade. Eram bailes, jantares, churrascos, aniversários, sobre os quais a cronista discorria, contando quem participara, detalhes divertidos, namoros, descrevia as roupas, etc. Com temperaturas altas e espírito de férias, os bailes realizados no balneário reuniam grande número de pessoas, geralmente um sucesso:

Como era de se esperar, obteve completo êxito o grandioso baile realizado sábado, na Boite Blue Moon, do Hotel Atlântico, no Cassino. Apesar (sic) do forte calor reinante, os amplos salões estiveram sempre superlotados, o que contribuiu decisivamente para o sucesso alcançado. Aliás, já é de praxe, quasi (sic) todos os bailes e reuniões dansantes (sic) efetuados no Cassino ultrapassam a expectativa. Um fato deveras interessante, que merece ser registrado, é o que diz respeito a animação dos pelotenses, que constituíram a maioria dos presentes, inclusive muitos vieram especialmente da Princesa do Sol, naquela noite em vários ônibus. (...) Apresento cumprimentos aos organizadores deste baile ‘três-chic’ e desejo que os próximos já programados, obtenham o mesmo sucesso.²⁵⁸

As festas de casamento que nos chegam ao conhecimento, por serem comentadas nas crônicas sociais, eram geralmente grandes, com muitos convidados e muita pompa. A

²⁵⁸ MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*. 23/01/1957.

cerimônia começava na igreja e estendia-se para uma recepção nos clubes ou na residência das famílias dos noivos, com cardápio variado e infinidades de doces, além das bebidas. A beleza da noiva, em seu vestido branco, e, recorrentemente, a gentileza do noivo, a preocupação dos dois em servir bem seus convidados, tornando a festa ainda melhor, enfim, todos os detalhes da recepção eram objeto das crônicas. Como era normal a maioria delas mencionavam participantes que “destacaram-se elegantemente”²⁵⁹ adicionando um breve comentário sobre as “toilettes” mais bonitas e refinadas.

Os aniversários de 15 anos assemelhavam-se às festas de casamento: muita pompa e elaboração, quer se realizassem na casa das aniversariantes ou nos clubes, também com grande quantidade e variedade de comidas e bebidas. Mas a diversão normalmente ficava mesmo a cargo dos “brotos” e da pista de danças. Os pais e adultos ficavam em mesas, conversando, divertindo-se e controlando. A cronista não chega a noticiar grandes festas de 15 anos nas quais o aniversariante seja um menino. Este tipo de festa, assim como o “debut” era visto como uma espécie de rito de passagem, reservado às meninas-moças. Alguns aniversários, de qualquer idade, também eram comemorados menos formalmente, com chás e jantares nas residências dos aniversariantes e também nos clubes.

O bridge, jogo de cartas em duplas, embora não fosse um divertimento especialmente distintivo ou característico da elite, era uma prática desse grupo e fez sucesso nas crônicas sociais da época, sendo muito referido por Zicil. Os rio-grandinos elegeram uma “Diretoria” do bridge entre suas relações que organizava jogos e torneios na cidade. Homens e mulheres, jovens e mais velhos foram ganhando interesse pelo jogo, que no final de 1960 contava com um grande número de adeptos dentre a elite. Diversos eventos foram organizados, nas casas dos jogadores ou nos clubes, e divulgados nas crônicas sociais, contando inclusive com taças para os ganhadores e homenagens a jogadores com os seus nomes nas taças. O bridge levou muito rio-grandinos a outras cidades dentro do Estado, como Pelotas, Porto Alegre, Caxias do Sul, e fora dele para jogos e campeonatos:

De malas prontas para circular, a partir de domingo, por Pôrto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte, acompanhando a caravana de “bridgistas”, os elegantes Dr. Alberto e Laura Ayres.

Os Ayres recepcionaram na noite de ontem destacados nomes de nossa sociedade, para um esporte de mesa, como despedida. Entre os presentes: Sr. e Sra. Francisco Faraco, Sr. e Sra. José Curi, Sr. e Sra. Melik Curi, Sra. Marina Castanheira e, dando

²⁵⁹ Expressões como esta e suas variações são recorrentes nas crônicas sociais.

uma espichada na noite, apareceu o Sr. Thiago Carvalho preferindo os quitutes ao esporte.²⁶⁰

A elite também se apropriava dos espaços públicos com a sua presença distinta, exercitando o seu lazer e sociabilidade fazendo o *footing* na Rua Marechal Floriano e na Avenida Rio Grande do Balneário Cassino, frequentando cafés, confeitarias e sorveterias, como o Café Dalila, o Sol de Ouro e a Sorveteria Novillar, aproveitando a praia durante o verão e fazendo visitas às residências de seus amigos. Estas sociabilidades, no entanto, apresentavam um caráter mais cotidiano e chegam-nos com maior dificuldade, por meio de vestígios que nem sempre oferecem detalhes desta parte da vida social. As festas nos clubes ou as que possuíam grande vulto, além da vida artística, ao contrário, eram amplamente divulgadas pelas crônicas sociais, permitindo-nos uma visão melhor desta vida social.

2.4. A elite aprecia a arte: representações artísticas e distinção social

Nas residências de pessoas da alta sociedade rio-grandina aconteciam momentos artísticos. As pessoas se reuniam para apresentações de piano, canto, dança, teatro, para declamações e leitura de poesias, sendo os “artistas” os próprios convidados, os quais exibiam suas habilidades. O casal Martensen, Inah e Oswaldo, oferecia seguidamente festas deste tipo, sendo Inah²⁶¹ uma grande admiradora de diversos tipos de arte, além de professora de canto e piano:

Carinhosa recepção foi prestada ao elenco do Teatro do Sul na residência do casal Oswaldo e Inah Martensen, após a apresentação de “O outro lado do rio”. Anfitriões perfeitos misturaram brilhantemente bom gosto de uma reunião íntima com deliciosa hora de arte. Programa: cada um apresenta o que sabe (e, por vezes o que pensa saber).

No lado do “que sabe”: Yedda Vianna do Couto, magnífica no piano, acompanhou Marília Leonini e sua voz maravilhosa. Auzenda Maria Sequeira e Lídice Fonsêca deram elogiosa exibição de “ballet”. Daisy Santana, a artista, fez uma imitação da popular Maysa, explorando as cenas mais cômicas da cantora, impagável. Marlene Ruperti, outra que se revelou grande cantora.

²⁶⁰ ZICIL, “*Tic-Tac*”, Jornal *Rio Grande*, 26/08/1960.

²⁶¹ A atual Escola de Belas Artes Inah Emil Martensen faz uma homenagem a esta professora e difusora das artes em geral na cidade do Rio Grande.

No lado do “que pensa saber”: Um casal de bailarinos que até hoje (depois de longos anos) apresentam o mesmo cacete e conhecidíssimo número. Está na hora de mudar o repertório, antes que acabe digno de figurar em museu. (...)

Uma reunião íntima e agradável onde, mesmo em brincadeira, o “show” foi digno de elogios.²⁶²

No entanto, a ligação da elite com o meio artístico não se restringia apenas a “horas de arte” e saraus em suas casas, mas também ao teatro propriamente dito e ao cinema. As crônicas sociais informavam as principais companhias de teatro que se apresentavam na cidade, como o “Teatro do Sul” e a programação do grupo de Teatro da S.T.A.R. (Sociedade Teatral Artística do Rio Grande)²⁶³, do qual Zicil fez parte por um período. Quando as apresentações eram feitas no Clube do Comércio, a entrada era franqueada não apenas aos sócios, mas a todo público apreciador da arte teatral.²⁶⁴ A cronista costumava relatar as atividades deste grupo teatral, composto, em sua maioria, por nomes de jovens conhecidos da alta sociedade rio-grandina, e de seu diretor, Álvaro Delfino. Seu nome é citado entre os atores de forma natural, sem explicar que se trata dela mesma:

S.T.A.R.

O incansável Diretor e Teatrólogo Alvaro Delfino está organizando um espetáculo diferente, que dentro em breve apresentará à culta platéia de Rio Grande.

Tratam-se das três modalidades do teatro moderno:

I – Valéria – episódio do Teatro de Sartre – peça de autoria de Alvaro Delfino. Apresentada por Luiz Carlos de Magalhães (o artista) e Iedda Viana do Couto.

II – A Visita Importante – comédia moderna – autoria de Fagundes Filho. Apresentada por: Edi Figueira e Cecilia Goldenberg.

III – A terceira peça será uma tragédia moderna, apresentada por Mário Rodrigues e Ivone Machado.

Cumprimentos sinceros ao Diretor, Escritor e Teatrólogo Álvaro Delfino e seus artistas.²⁶⁵

Em outros momentos, falando sobre a repercussão das apresentações da S.T.A.R., a cronista prefere não comentar seu próprio número, mas deixa implícita sua participação:

A Associação dos Empregados do Comércio realizou na noite de Natal mais um de seus frequentadíssimos bailes. Os associados tiveram antes a apresentação da

²⁶² ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 17/04/1959.

²⁶³ ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 29/11/1957.

²⁶⁴ ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 24/03/1958.

²⁶⁵ ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 29/11/1957. Grifo meu.

S.T.A.R., que contou com duas comédias, uma do século passado e outra atual. Como parte suspeita, não farei comentários dessa exibição do Teatro (embora muito desejasse).²⁶⁶



Figura 16 – Ensaio do Teatro da S.T.A.R. – Identifica-se o teatrólogo Álvaro Delfino (sentado) e o ator José Guimarães (atrás do sofá). Acervo do site Papareia.

É possível perceber, pelo espaço dado ao teatro e, principalmente, ao cinema, que esses eram tipos de divertimento em voga, muito frequentados pelos rio-grandinos, sendo também do gosto da cronista, em sintonia com sua época.

Os Estados Unidos influenciaram a sociedade brasileira de inúmeras e diferentes formas, principalmente diante da abertura do Brasil ao capital e cultura deste país, procurando aproximar-se do *american way of life*. Até os anos 1940 o padrão de comportamento e liderança parecia vir da Europa, principalmente da França, seu imaginário de civilização.²⁶⁷ Com o crescimento cada vez maior do poder dos EUA depois da sua entrada na Segunda

²⁶⁶ ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 27/12/1958.

²⁶⁷ DULCI, Luciana Crivellari. *Moda e cinema no Brasil dos anos 50: Eliana e o tipo “mocinha” nas chanchadas cariocas*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFMG, 2004.

Guerra Mundial, este país torna-se o modelo a ser seguido e expande suas relações de “amizade” e negócios por toda a América Latina.

A influência norte-americana, ou a americanização, segundo Antonio Tota, foi uma questão polêmica e é ainda hoje discutida. Existiam os que a viam como um grande perigo destruidor da cultura brasileira e os que acreditavam que ela poderia tirar o Brasil de uma letargia cultural e econômica, modernizando a sociedade.²⁶⁸ O americanismo era baseado em alguns elementos importantes, como a democracia – ligada às ideias de liberdade, de direitos individuais e de independência –, como o progressismo – associado ao racionalismo, à capacidade do homem e, no fim, ao consumismo – e como o tradicionalismo, que remetia ao mito de uma vida pura e saudável, ligada à natureza, aos valores familiares, à coragem do homem e seu temor a Deus.²⁶⁹ Todos estes elementos formavam uma ideologia maior que os EUA procuravam inculcar na América Latina:

A americanização da nossa sociedade quebraria possíveis resistências à aproximação política entre os Estados Unidos e o Brasil. A Política de Boa Vizinhança de Roosevelt era o instrumento, de amplo espectro, para a execução do plano de americanização. A sintonia fina da operação ficou a cargo de uma verdadeira “fábrica de ideologias”, criada pelo governo americano nessa conjuntura mundial.²⁷⁰

Essa influência, tanto na forma material de seus produtos quanto na de pensamentos e modos de vida, foi intensa e abrangente. O progresso estava no horizonte e os EUA seriam os “parceiros” nessa modernização. A publicidade, os livros, jornais e revistas, o rádio e o cinema se encarregariam de transmitir os valores norte-americanos ao resto do mundo:

As diferenças regionais diminuíram diante do implacável avanço das estradas de ferro, do telégrafo, do telefone, do jornal, da fotografia, componentes da dinâmica e padronizada modernização americana. Padronização em todos os níveis, inclusive cultural. O cinema, a maior de todas as inovações americanas na área do *entertainment*, divulgou, mais do que qualquer outro meio, o *American way of life*, americanizando, primeiro, os Estados Unidos, depois o resto da América. Difundia a imagem pastoral do passado dos pioneiros, dos *farmers*, das pequenas cidades, da vida simples – o tradicionalismo, enfim –, por meio de modernos e complexos meios de comunicação de massa. O americanismo mercantilizado.²⁷¹

²⁶⁸ TOTA, op. cit., p. 10-11.

²⁶⁹ Ibid., p. 19-20.

²⁷⁰ Ibid., p. 19.

²⁷¹ Ibid., p. 21.

Entre as influências sofridas pelo Brasil está, portanto, o grande apelo do cinema de Hollywood e de suas *stars*. Artistas norte-americanos, famosos nos EUA e já conhecidos do público em todo o mundo, visitavam o Brasil para promover seus estúdios e filmes e por vezes cooperavam com o governo americano na busca de uma política de aproximação entre os dois países, colhiam informações e divulgavam a causa americana.²⁷²

O cinema ganha cada vez mais espaço no Brasil, com o aumento das suas salas de exibição e quantidade e qualidade dos filmes. O público incorporou este tipo de divertimento em suas vidas, sendo alguns aficionados pelas películas e por seus intérpretes, consumindo diversos produtos ligados principalmente à Hollywood.

Os diretores brasileiros também se encantavam com o cinema norte-americano e procuravam imitá-lo. Segundo Dulci, é possível perceber referências em diversas produções nacionais do período.²⁷³ Chanchadas parodiavam filmes americanos, como *Matar ou correr* (Carlos Manga, 1954), aludindo a *Matar ou morrer* (Fred Zinnemann, 1952), aproveitando-se do sucesso que os filmes estrangeiros faziam no Brasil.

Assim como o resto do país, Rio Grande também sentiu as influências do cinema, tanto como forma de lazer e divertimento, como difusor de estilos de vida e de pessoas. Havia quatro cineteatros na década de 1950, sendo três no centro, Cine-Teatro Carlos Gomes, Cine Glória e Cine-Teatro Sete de Setembro, e outro mais afastado, o Cine Avenida (futuro Teatro Municipal). Segundo MyrAz, em sua primeira crônica, a vida social rio-grandina restringia-se basicamente ao cinema até o ano de 1956, deixando “sem programa” quem assistia os filmes em cartaz:

O Rio Grande era, há pouco tempo atrás, uma cidade sem vida noturna. O povo possuía como divertimento exclusivo o cinema. Entretanto, chegando ao fim da semana, a maioria já havia assistido a todos os filmes em cartaz, ficando assim ‘sem programa’.

Agora já estamos progredindo regularmente nesse setor.²⁷⁴

A visão dessa cronista talvez não seja a mais apurada, pois a vida social de Rio Grande já associava vida cultural, como teatro, concertos, ópera, à sociabilidade específica dos clubes e bailes há muito tempo. No entanto, é interessante ver a importância que o cinema ganhara como lazer na época, mesmo não sendo suficiente para uma vida social satisfatória.

²⁷² Ibid., p. 130.

²⁷³ DULCI, op. cit., p. 67.

²⁷⁴ MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 28/06/1956.

MyrAz dedicava, em suas crônicas, algum espaço ao cinema, sem regularidade. Os comentários apareciam nas entrevistas, perguntando se as pessoas gostavam mais de cinema ou de teatro, pedindo para citar filmes de sua preferência, ou fazendo comentários sobre filmes que havia assistido em Porto Alegre. Incentivava a frequência ao cinema – mesmo se necessário ir até a cidade vizinha – publicando fichas cinematográficas de filmes que mais apreciara:

Eis a ficha cinematográfica de ‘Marty’, elaborada pelo Cineclube Pro Deo:

ELENCO: Betsy Blair (Clara), artista de origem irlandesa, Ernest Borgnine (Marty), ator de origem italiana, que já atuou bem em papéis secundários em: ‘A um passo da eternidade’, ‘Johnny Guitar’, ‘Demetrius o gladiador’ e ‘Esther Minciotti’.

Apontado pelos críticos de Nova York com o melhor filme de 1955. Foi a fita inicial norte-americana a alcançar o primeiro prêmio em Cannes.

ARGUMENTO: História de um humilde açougueiro do bairro de Bronx, de Nova York, que encontra, afinal, a mulher que o compreende e ama, e juntos procuram vencer as dificuldades financeiras inúmeras para a fundação de um lar. ‘Marty’ é uma conjugação feliz de altos valores. A história é toda feita de pequenos fatos, na aparência comuns, mas que tem importância na pintura matizada de uma personalidade.

O filme prova que a arte verdadeira não precisa de mentiras: baste lhe refletir a vida, apanhando a em seus movimentos essenciais e humanos. O grande valor dos personagens não é o de falarem em alguns assuntos religiosos, mas de viverem ‘até a medula’ princípios morais religiosos profundos de não separarem a religião da vida.

‘Marty’ não é comédia, nem tragédia, nem drama; é a filmagem de um retalho da vida.

Não traz progressos técnicos ou de estética cinematográfica, mas se vale de uma boa linguagem para bordar um problema de comovente humanidade.

E’ o desenvolvimento de uma experiência de emancipação, de liberdade total, através do amor.²⁷⁵

Zicil deu mais espaço para o cinema. Entre os anos de 1957 e 1958 predominavam os comentários detalhados dos filmes que via, indicando alguns com crítica elogiosa, elaborando pequenas notas indicativas de sua opinião, mas sem regularidade.

Não percam este fim de semana, no Glória (sic), “A Donzela de Ouro”, um dos mais destacados filmes de 59.

“A Donzela de Ouro” conseguiu arrebatrar as mais diferentes críticas por ser uma película diferente e com suas grandes interpretações.

Enquanto uns crêem no choque emocional, outros perguntam friamente: Isso é cura!? Então por que não é empregado como remédio em casos semelhantes?

TIC TAC recomenda “A Donzela de Ouro” e tire você próprio suas conclusões.

²⁷⁵ MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 31/10/1956.

Ótimo elenco, enredo magnífico, numa das melhores películas que tive oportunidade de assistir.²⁷⁶

Concorridíssimo o Glória nas exhibições de “Gata em teto de Zinco Quente” e, apesar de algumas opiniões contraditórias, esta cronista só pode tecer elogios ao filme que coloca entre as maiores produções cinematográficas.

“Gata em Teto de Zinco Quente” reúne uma equipe de ótimos artistas, desempenhos notáveis, enredo que absorve completamente a atenção dos espectadores pela crueza do tema, numa família onde o dinheiro e a ignorância misturam-se admiravelmente.

“Gata em Teto de Zinco Quente”, quando exibida em teatro, estabeleceu um Record de bilheterias.²⁷⁷

Em 1959 este tipo de texto muda; a cronista passa a informar a programação de forma regular, mas sem tantos comentários, informando apenas os filmes, onde seriam exibidos, os atores e os horários. Os comentários mais longos sobre os filmes passam então a ser mais esparsos.

Os cinemas Cupello oferecem para êste fim de semana:

No Glória, a partir de sábado em avant première – Três Encontros com o Destino, com Robert Wagner, Dana Wynter, Jeffrey Hunter, Hope Lange e uma equipe de grandes artistas.

Sete de Setembro – hoje e amanhã – Viva o Amor – com Silvia Pinal, filme mexicano.

Carlos Gomes – David Crocket Enfrenta os Corsários – realização de Walt Disney – domingo.²⁷⁸

Os cinemas anunciam:

“Assassinato na 10ª Avenida” – com Richard Egan, Jan Sterling e Dan Duryea – hoje no Glória, domingo e Segunda-feira no Sete de Setembro.

“Adeus às Armas” – com Rock Hudson, Jennifer Jones e Vittorio de Sica – um dos mais comentados filmes do ano – a partir de avant-première de hoje no Glória.²⁷⁹

Zicil foi uma grande defensora do cinema na cidade, incentivando as pessoas a verem determinados filmes que faziam sucesso e que deveriam ser conhecidos dos “elegantes de Rio Grande”. Ao fazer comentários e disponibilizar a programação dos cinemas, procurava

²⁷⁶ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 20/02/1960.

²⁷⁷ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 12/05/1960.

²⁷⁸ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 30/01/1960.

²⁷⁹ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 23/07/1960.

mostrar as boas opções de divertimento que a cidade oferecia, como formas de entrar em contato com o que acontecia no mundo e com a cultura internacional. Fazia diversos elogios, tanto aos filmes exibidos quanto à Empresa Cupello, responsável por três dos quatro cinemas da cidade, e também procurava intervir na programação, “fazendo pedidos” e dando sugestões de filmes:

Os cinemas riograndinos exibiram ultimamente ótimos filmes e, de acordo com os cartazes apresentados, continuará a série dos grandes lançamentos.

Em destaque: “Os boas vidas” verdadeira obra prima do cinema italiano, um filme que reúne admiravelmente drama e comicidade. Uma película que teve de tudo para ser classificada como ótima.

“Os tubarões e os peixes pequenos”, produção alemã, faz parte dos grandes lançamentos da semana passada e, encerrando com chave de ouro está: “Doze homens e uma sentença” produzido pelo cinema americano.²⁸⁰

“Sinfonia Dourada” película que se enquadra entre os grandes lançamentos cinematográficos dos Cinemas Cupellos (sic) e que será apresnetada a partir de hoje em avant premiére no Cine Glória.

Os Cinemas Cupello estão merecendo os maiores elogios pelos filmes exibidos ultimamente, produções variadas e bem dosadas, naturalmente os elogios chegariam ao máximo se chegassem também ao máximo, ou seja: reprisar o filme nacional “MEUS AMORES NO RIO” exibido em época de férias e portanto numa ocasião em que muito estudante estava ausente, perdendo assim oportunidade de assitirtir (sic) a grandiosa produção do Cinema Nacional.

Não seria possível aos Cinema Cupello a repetição dessa película?²⁸¹

Nas programações disponibilizadas aos leitores das crônicas os filmes norte-americanos destacavam-se, aparecendo em maior quantidade. No entanto, filmes franceses, mexicanos, alemães e japoneses também apareciam e eram recomendados. Os cinemas de Rio Grande chegaram a fazer festivais de filmes com nacionalidades específicas, um apenas com filmes japoneses e outro apenas com filmes franceses:

A partir do dia 7 de Setembro, no Carlos Gomes, Semana “França Filmes”.

Uma atração por dia! Sete vêzes um festival!

“Os Libertinos” (Les Dragueurs) – com Dany Robin – dia 7 de Setembro, quarta-feira.

“Os incompreendidos” (Les quatre cents coups) – com Albert Remy – dia 8 quinta-feira.

²⁸⁰ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 27/05/1959.

²⁸¹ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 29/08/1959.

“Rififi entre mulheres” (Du Rififi chez lês femmes) – com Nadja Tiller – dia 9, sexta-feira.

“Aguias indomáveis” (Normandie Niemen) – com Pierre Trabaud – dia 10, sábado.

“Arquimédes o Vagabundo” (Arquiméde, Le Clochard) com Jean Gabin, dia 11 domingo.

“A Ponte da Desilusão” (Die Brecke) – com Vólker Bohnet, dia 12 segunda-feira.

“Hiroshima meu amor” (Hiroshima Mon Amour) com Elji Okada – dia 13, terça-feira.

Sòmente “Aguias Indomáveis” e “Arquimedes o Vagabundo”, terão censura livre, os demais são impróprios até 18 anos.

Todo êsse festival terá três sessões diárias: às 16, 19 e 21 horas.²⁸²

A partir de hoje, no Carlos Gomes, o super interessante festival de Filmes Japonêses. Verdadeiras obras primas.

“40.000 Testemunhas” – hoje, terça-feira, 8, em três sessões às 16, 19,21 horas. Proibidos até 18 anos.

Quarta feira, dia 9, “Culpa dos Pais” – Proibido até os 18 anos.

Quinta feira, dia 10 – “Orvalho da Flôr” – Censura livre.

Sexta feira, dia 11 – “Sombra da Meia Noite” – Censura livre.

Sábado, dia 12 – “Coquetel de Melodias” – Censura livre.

Domingo, dia 13 – “Primavera Desfolhada”. Proibido até 10 anos.

Segunda feira, dia 14 – Reprise da “Primavera Desfolhada”.

Diariamente, durante o festival, haverá três sessões às 16, 19, 21 horas.²⁸³

As exibições de alguns filmes, a exemplo de alguns bailes e desfiles, já citados, revestiam-se de caráter beneficente. As pessoas pagavam o ingresso – as vezes por um valor mais alto do que o usual – e colaboravam para alguma causa nobre. Zicil divulgava estes eventos, incentivando os rio-grandinos a praticarem boas ações em ajuda aos mais necessitados e ao mesmo tempo se divertirem:

Ao povo de Rio Grande transmito o convite dos garotinhos que, não encontrando em seus lares o necessário para viverem, recorrem a instituições de caridade em busca de abrigo e instrução. No nome deles e no meu, os convido para assistirem à comentada película “MARCELINO PÃO E VINHO” no dia 11 de Junho, quarta-feira, às 22 horas, em avant-Première, no Cine Glória, revertendo o lucro dessa exibição para o Abrigo de Menores Assis Brasil e Educandário “Coração de Maria”.²⁸⁴

²⁸² ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 29/08/1960.

²⁸³ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 08/11/1960.

²⁸⁴ ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 06/06/1958.

É possível perceber, pelo espaço reservado ao cinema e ao teatro, que a crônica social também se apresenta no jornal não só como afirmação do poder da elite, mas também enquanto forma de civilização, de cultivo de sua sensibilidade para reflexão sobre o mundo. Trata-se de algo mais além da filantropia e da conversação interessante, trata-se de “educa-la” para ser cada vez “mais elite”. Ou seja, a crônica agrega mais um elemento de disponibilidade estética, com o caráter de gratuidade, assinalada por Bourdieu. Ser culto e portador de uma discussão própria sobre o mundo, sugerida na crônica social, segundo o modelo “Jacinto de Thormes” de coluna social, é chique.

Além dos comentários dos filmes em si, as cronistas também contavam sobre a vida e as novidades dos artistas de sucesso. A beleza e a elegância das atrizes como Ava Gardner e Audrey Hepburn eram notícia, assim como o aniversário de Liz Taylor e os destaques do Festival de Cannes:

Audrey Hepburn uma das Mais Elegantes artistas do Cinema Americano, e que tanto se destacou em películas como: “Sabrina”, “A Princesa e o Plebeu”, volta agora às telas dos cinemas riograndinos, em “Cinderela em Paris” que o Sete de Setembro exhibirá a partir de hoje.²⁸⁵

Uma nota internacional

O mais importante acontecimento social do ano em Hollywood foi a festa de aniversário que Eddie Fischer ofereceu a Elisabeth Taylor (27 anos), onde compareceram cem dos maiores cartazes do cinema. Entre eles: Gary Grant, Lana Turner, Rock Hudson, Jane Leigh, Peter Lewford e Ronald Reagan.²⁸⁶

A referência constante a atores e atrizes, além dos filmes que protagonizavam, e à suas vidas privadas, mostra a importância que eles ganharam como modelos, na época. O cinema apresenta um caráter diferencial, relativo à visualidade e padrões de beleza, especialmente nos filmes que não os épicos e de caráter histórico. Os filmes implicam não só na diversificação dos modelos de beleza, mas vão além, afetam valores cultivados pelas elites tradicionais. Segundo Vigarello²⁸⁷, as estrelas de cinema como modelos de beleza, durante os anos 1930 e 1940, dão um peso extra às preocupações com o corpo diante da vontade de se parecer com aquelas mulheres. Nos anos 1950 e 1960 a beleza parece inspirar-se ainda nas estrelas do cinema, mas dando atenção a um *sex appeal*, a uma beleza mais provocante e sensual. “Novas

²⁸⁵ ZICIL, “Tic-Tac”, Jornal Rio Grande, 07/03/1959.

²⁸⁶ ZICIL, “Tic-Tac”, Jornal Rio Grande, 19/03/1959.

²⁸⁷ VIGARELLO, op. cit.

partes do corpo assumem uma importância marcante, na qual o “*sexy*” se impõe como um novo *sex appeal*: lábios entreabertos e bojudos, busto conquistador e ressaltado.”²⁸⁸

O cinema americano fixou no imaginário brasileiro a imagem dos heróis e heroínas americanos, criando estereótipos com os quais o público se identificava.²⁸⁹ O cinema criou e eternizou diversas *stars* e tipos de mulheres, que seriam seguidas e imitadas pelo seu sexo e admiradas pelo sexo oposto. *Sexys* e sedutoras ou ingênuas e boas moças, o cinema oferecia os mais variados tipos, procurando identificar-se com o público feminino.

Musas do cinema na época – Marilyn Monroe, Sophia Loren e Brigitte Bardot – eternizam o look *sexy* dos vestidos colados ao corpo. Símbolos de mulheres provocantes, mas que guardam uma ingenuidade (cuidadosamente produzida), não chegavam a constituir o tipo “carne e fogo” das morenas Rita Hayworth, Ava Gardner ou Gina Lollobrigida, mas estavam longe do modelo incorporado por Debbie Reynolds. (...) Paralelamente, um tipo diferente afirmava-se entre as atrizes hollywoodianas: o da mocinha ingênuas. No estilo bem comportado, reinava a atriz de cinema americana Grace Kelly, como o mito da loura-chique. (...) Outras divas que encarnavam este tipo, no star system hollywoodiano, eram Deborah Kerr, Vivian Leigh e Audrey Hepburn. Em uma versão mais cotidiana, menos glamourizada, estavam June Allyson e Debbie Reynolds.²⁹⁰

Ao mesmo tempo em que estes eram os estereótipos mais difundidos para as mulheres, os homens jovens espelhavam-se em James Dean, seu comportamento e visual rebeldes e rock’n’roll. Os homens mais maduros também dispunham de imagens construídas, como o galã, o amante latino, o cavalheiro refinado. A vida dos atores que incorporavam estes tipos era acompanhada por fãs do mundo inteiro, que consumiam seus filmes, produtos ligados a eles, lendo revistas que narravam e comentavam suas vidas privadas.

A partir do que foi exposto até aqui, percebe-se quais eram os lugares freqüentados pela elite rio-grandina, as principais formas desta vida social e as normas e costumes que regiam esta camada social. Os espaços freqüentados, a maneira como o grupo se apropriava desses espaços e as regras que impunham para a participação nestas sociabilidades, assim como os tipos de festas que ofereciam eram parte da identidade desta elite e revelavam o seu esforço de distinção e alteridade. A seguir se verá como os costumes e moral da época e seus modelos de visualidade e comportamento, moda, beleza e elegância influenciaram a elite de Rio Grande na sua busca de definição e diferenciação.

²⁸⁸ Ibid., p. 172.

²⁸⁹ TOTA, op. cit., p. 132.

²⁹⁰ DULCI, op. cit., p. 91-92.

CAPÍTULO III

AS REPRESENTAÇÕES DA ELITE: MORAL, VISUALIDADE, MODELOS E PALAVRAS DISTINTIVAS

3.1. Relações de gênero e moral nos anos 50

Um relato sobre o imaginário social, a moral e as relações de gênero dos anos 1950 permitem entender melhor as relações sociais desse período e como a sociedade rio-grandina o representou. Como ressalta Bourdieu, o gênero e a idade são propriedades fundamentais para definir as classes. Segundo ele, as formas pelas quais os papéis do feminino e do masculino são organizados em uma classe ou fração de classe, e como elas variam no tempo, são o que essa classe tem de mais essencial:

As propriedades de gênero são tão indissociáveis das propriedades de classe quanto o amarelo do limão é inseparável de sua acidez: uma classe define-se no que ela tem de mais essencial pelo lugar e valor que atribui aos dois sexos e a suas disposições socialmente construídas. Eis o que faz com que, por um lado, o número de maneiras de realizar a feminilidades corresponda ao número de classes e de frações de classe; e, por outro lado, no seio das diferentes classes sociais, a divisão do trabalho entre os sexos assumam formas completamente diferentes, tanto nas práticas quanto nas representações. A verdade de uma classe ou de uma fração de classe *exprime-se*, portanto, em sua distribuição segundo o sexo ou a idade e, talvez, ainda mais, por tratar-se de seu futuro, na evolução desta distribuição no decorrer do tempo.²⁹¹

Algumas mudanças comportamentais e representações de gênero remontam ao começo do século XX, gerando debates e esforços para disciplinar a sociedade brasileira.²⁹² As primeiras décadas do século XX experimentaram transformações no comportamento feminino. As mulheres começaram a sair sozinhas de casa, sem acompanhantes (mãe ou dama de companhia), a dirigir automóveis, a trabalhar; inconformadas, passaram a reivindicar um novo papel na sociedade, a igualdade de formação com os homens, alguma independência financeira e uma maior liberdade.²⁹³ Nesta nova paisagem urbana, estes questionamentos e

²⁹¹ BOURDIEU, op. cit., p. 102. Grifo do autor.

²⁹² MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) *História da Vida Privada no Brasil*. República: da Belle Époque à Era do Rádio. V.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 368 e seguintes.

²⁹³ *Ibid.*, p. 369 a 371.

experiências geraram uma reação contra a corrosão da ordem da sociedade e da quebra dos costumes, que modificavam os papéis de homens e mulheres.²⁹⁴

A Revista Feminina, no ano de 1920, expressa a reunião de esforços para disciplinar qualquer iniciativa “modernizadora”. Denunciava a deserção do lar pela mulher, que desperdiçava sua vida e sua energia com banalidades fora de casa; “Rumo à cozinha!” era seu lema do momento.²⁹⁵

O discurso que separa os papéis dos homens e das mulheres – assim como separa o público do privado – na sociedade, tratando-os como opostos já é relativamente conhecido. A mulher deveria ser a guardiã do lar, tendo como função casar, ter filhos e educá-los. Ao homem cabia a vida pública, prover o sustento da família e o poder das decisões. “Dentro desta ótica, não existiria realização possível para as mulheres fora do lar; nem para os homens dentro de casa, já que a eles pertenceria a rua e o mundo do trabalho.”²⁹⁶

A ideia de um “lar feliz” e da separação de funções estava presente nas mais diversas publicações. Os papéis de mulheres e homens deveriam ser complementares, porém em nenhum momento iguais, cada um respeitando os limites do domínio do outro.²⁹⁷

(...) se ao marido cabia prover a manutenção da família, à mulher restava a identidade social como esposa e mãe. A ele, a identidade pública; a ela, a doméstica. À figura masculina atribuíram-se papéis, poderes e prerrogativas vistos como superiores aos destinados à mulher. Delineava-se com maior nitidez a oposição entre esferas pública e privada, base necessária para que a mulher se torne mulher e o homem se torne homem, ao mesmo tempo que fornece os elementos de identificação do lugar do homem e da mulher em todos os aspectos da vida humana.²⁹⁸

É possível perceber, durante os anos 50, uma moral, regras e separações semelhantes aos do começo do século. Mas as tendências de modernização e de emancipação feminina durante a Segunda Guerra Mundial, na qual as mulheres participaram em alguns setores, se tornavam mais aceitas. O Brasil, no entanto, também foi influenciado pelas tendências e campanhas internacionais que, após o fim da guerra, estimulavam a volta das mulheres ao lar²⁹⁹. Assim, durante os anos 50, mesmo com alguma liberdade alcançada, ainda estava muito presente a ideia de que o lugar da mulher era em casa, cuidando do marido e dos filhos, que

²⁹⁴ Ibid., p. 371.

²⁹⁵ Ibid., p. 372.

²⁹⁶ Ibid., p. 374.

²⁹⁷ Ibid., p. 375

²⁹⁸ Ibid., p. 379-380

²⁹⁹ BASSANEZI, op. cit., p. 608.

ela nascia para ser dona de casa, esposa e mãe, tendo no casamento o seu maior objetivo³⁰⁰. Carla Bassanezi, falando especificamente da década de 1950, descreve o comportamento esperado de mulheres e homens, reafirmando algumas características já descritas e dando maiores detalhes sobre esta moral.

Segundo Bassanezi, a masculinidade era definida pela iniciativa, pela força e pelo espírito de aventura³⁰¹. O homem era o chefe da família, quem deveria prover o sustento de sua mulher e filhos, além de ter a autoridade e o poder de tomar decisões. Em uma época de dupla moral sexual, a vida sexual e a infidelidade masculina eram entendidas como natural, como um instinto próprio do seu gênero. Era aceita – e até incentivada – uma vida sexual intensa aos homens; eles poderiam se divertir com várias mulheres – prostitutas ou mulheres com quem não queriam compromisso sério –, sendo a sua virilidade medida por essas experiências³⁰². O homem infiel, desde que mantivesse minimamente as aparências e continuasse provendo para sua família, não era reprovado.³⁰³ O marido que as mulheres procuravam era o “bom partido”, aquele de bom caráter, honesto e trabalhador, respeitador e correto, que podia manter uma família com conforto e não tentava ultrapassar os “limites da decência”, pelo menos não com uma “moça de família”³⁰⁴.

À mulher ficava reservado o papel de “rainha do lar”, encarregada de tarefas domésticas como cozinhar, lavar, passar, limpar a casa e cuidar dos filhos. Era imprescindível, porém, que a mulher não descuidasse de sua aparência e de sua feminilidade – caracterizada pelo instinto materno, pela resignação, pela pureza e doçura³⁰⁵. Embelezar-se para o marido – e apenas para ele –, ser companheira e boa anfitriã, ser econômica no orçamento doméstico, não discutir, saber falar e calar na hora certa eram atributos de uma boa esposa, mas, mais do que isso, eram sua obrigação. A família ocupava o papel central na vida da mulher casada e seu maior objetivo era manter seu marido satisfeito para que, assim, se alcançasse a felicidade conjugal.³⁰⁶

As crônicas sociais também mostravam mulheres e homens de uma forma diferente entre si. Como era de se esperar, sendo as frivolidades constantemente ligadas ao feminino, as mulheres ocupavam um espaço muito maior na escrita das cronistas. Elas apareciam como a

³⁰⁰ Ibid., p. 609-610.

³⁰¹ Ibid., p. 609.

³⁰² Ibid., p. 613.

³⁰³ Ibid., p. 635.

³⁰⁴ Ibid., p. 616.

³⁰⁵ Ibid., p. 608-609.

³⁰⁶ Ibid., p. 627-628.

atração de desfiles e concursos de miss, como embelezadoras dos bailes, como promotoras de festa beneficentes, como perfeitas donas de casa e anfitriãs para suas amigas, como mulheres modernas, que viajavam e seguiam a moda, além de convidadas elegantes dos eventos sociais, juntamente com seus maridos. Já eles eram delineados como homens de negócios, ocupados, interessantes e distintos, simpáticos com seus pares e sociáveis nas festas em que compareciam. Eram os homens que formavam a diretoria dos clubes, estabeleciam regras e zelavam pelo bom andamento de suas festas, fiscalizando o ambiente e o comportamento dos “brotos”, mais jovens e insaciáveis. Parece haver uma divisão tênue nos eventos sociais, provavelmente inconsciente para grande parte do público, que encarrega as mulheres da beleza e diversão da festa, de tornar o ambiente atraente, e os homens da autoridade e seriedade, de manter o ambiente selecionado e digno de seus frequentadores.

A união destas pessoas, mantendo seus papéis divididos, mas complementares, estava entre as grandes expectativas da época. O “casamento-modelo” ou a “família-modelo” eram imagens muito divulgadas pelas revistas femininas e tornaram-se objeto de desejo. Normalmente representados por uma família branca, de classe média, nuclear, hierárquica e com papéis definidos³⁰⁷, depositavam no homem a autoridade e poder máximos. À mulher, como já foi dito, cabia cuidar da casa e dos filhos e obedecer ao marido.

As cronistas sociais de Rio Grande davam grande destaque aos casais que incorporavam esta imagem de “casal perfeito”. Bolívar e Maninha Frazão, Jorge e Lucy Curi, Emílio e Lourdes Tosi, Colombo e Conceição Cosenza, para citar apenas alguns exemplos, eram tidos como casais de sucesso, elas como senhoras elegantes, ótimas anfitriãs e filantropas e eles como senhores distintos e simpáticos, presidente do Clube do Comércio, homens de negócios e médico, respectivamente. Eles representavam o “casamento-modelo”, transmitindo harmonia, elegância e comprometimento, eram os “casais 20”, como Zicil costumava chamar, ou os “queridos”, em referência a forma como os Cosenza tratavam um ao outro.

A importância do casamento e a aparente subordinação da mulher ao seu marido podem ser notadas, também, em um pequeno, mas importante, detalhe na nomeação desses casais nas crônicas sociais. Percebe-se que as senhoras casadas eram mencionadas nas colunas pelo nome do marido, por exemplo, Sra. Carlos Amaral, e não por seu primeiro nome junto com o sobrenome. Em alguns momentos este primeiro nome poderia vir logo depois, entre parênteses: Sra. Carlos Amaral (Eloá). Tanto em notas normais quanto em momentos de

³⁰⁷ Ibid., p. 609.

destaque feminino, como a publicação da lista das “10 mais elegantes”, esta forma de chamamento é utilizada, reforçando a ligação da mulher ao seu marido e ao nome que recebe dele. É curioso notar que diversas mulheres da sociedade rio-grandina gozavam de um destaque social muito maior que seus maridos, por sua constante presença em festas e também frequentemente por seus trabalhos filantrópicos, mas era o nome destes senhores que se projetava nas crônicas, mesmo se sua participação efetiva na vida social da elite fosse mínima.

A imagem de perfeição conjugal transmitida pelas cronistas só foi maculada uma vez, nas notas intituladas “Papai Pernilongo e sua protegida \$\$\$”, nas quais Zicil denuncia ironicamente a infidelidade de alguns senhores da sociedade – sem dizer seus nomes – com moças mais novas. A cronista refere-se na maioria das vezes a um senhor, mas fala da existência de outros como ele. “Papai Pernilongo”, mesmo sendo casado e conhecido na cidade, desfilava em lugares públicos com sua “protegida”.

Quando o assunto vai além da ‘Amizade Americana’ e também não é namoro, então passa a ser ‘PAPAI PERNILONGO E SUA PROTEGIDA...\$\$\$’.

E não é que estamos com três ‘Papais Pernilongos’ famosos no Cassino \$? (Na verdade um desses já pode considerar-se ‘Vovô Pernilongo’ \$...) ³⁰⁸

‘Papai Pernilongo \$’ enfezou de máscara (o que só vim descobrir no último baile) e pela silhueta da mascarada que o acompanhava não tive dúvidas que sua caríssima esposa foi substituída pela ‘protegida’. Grandes farras, hein ‘Papai Pernilongo \$’? E olhe que se não fosse pelo seu relógio jamais o teria descoberto dentro daquele disfarce... ³⁰⁹

A relação, como indica o cifrao sempre que se fala em “Papai Pernilongo”, parece ser baseada em romance, mas também em dinheiro. Isso fica claro no tipo de “proteção” oferecido: “Há pessoas que não podem ver defunto sem chorar. Assim como ‘Papai Pernilongo \$’ não pode ver uma garota bonita sem tentar ‘protegê-la \$’.” ³¹⁰

Zicil passa a dar atenção ao caso, escrevendo um total de 9 notas sobre o assunto, e despertando a curiosidade de seus leitores, que procuram adivinhar quem são as pessoas envolvidas:

³⁰⁸ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 01/02/1958.

³⁰⁹ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 25/01/1958.

³¹⁰ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 08/02/1958.

‘PAPAI PERNILONGO \$’ E SUA PROTEGIDA...

Êste assunto inicia a crônica de hoje devido o grande interesse e curiosidade com que me perguntam quem é o Papai Pernilongo.

Não pretendo decepcionar, de todo, os curiosos, assim darei seguidamente pistas bem claras para que se orientem e descubram por si mesmos o ‘conhecidíssimo’ personagem.

O único motivo que me impede revelar o nome de Papai Pernilongo \$ é ser êle casado. E, quem é casado...³¹¹

Nem todos têm sucesso nas suas adivinhações e acabam sendo repreendidos pela cronista e passando vergonha publicamente:

Madame, por obséquio, não torne a dar suas leves suspeitas como certezas confirmadas, citando em público o suposto nome de ‘Papai Pernilongo \$’.

Pode acontecer (como realmente aconteceu) que esteja forçando a carapuça na cabeça errada.

Lembre-se que não revelei a quem quer que seja o nome de ‘Papai Pernilongo \$’, portanto, qualquer afirmativa, sua ou de quem for, será mera (e às vezes infundada) tentativa de adivinhação.³¹²

Com o passar do tempo os alvos de fofoca de Zicil acabaram o romance – ou ficaram mais discretos – mas a cronista não deixa o assunto de lado antes de fazer um último comentário, deixando sua dúvida sobre o seu fim no ar:

O que é isso, ‘Papai Pernilongo \$’?

Será mesmo que terminou a ‘proteção’? Sua ‘protegida’ vai ao cinema geralmente você está) e nas horas que é quase certo encontrá-lo (perto do meio dia e depois das seis) e fica tudo por isso mesmo?!?

Ou isso é ‘truque’ p_ra que esta coluna o deixe em paz? Afinal, nada como ter paciênci_, não é?³¹³

Depois disso “Papai Pernilongo” e a sua “protegida” foram deixados em paz e não foram mencionados novamente. Esse caso mostra a presença da infidelidade masculina, muitas vezes sem uma verdadeira preocupação de disfarce, pois seguidamente não gerava maiores consequências do que comentários irônicos e ridicularização por parte de uma cronista social. A esposa traída, personagem importante nessa trama, mesmo que menos referida, é também exposta e ridicularizada. Ela, assim como o marido e a amante, é alvo da

³¹¹ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 14/02/1958.

³¹² ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 21/02/1958.

³¹³ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 12/03/1958.

maledicência da cronista e também de seus leitores, vendo sua vida nas páginas dos jornais, sendo julgada e talvez criticada ou digna de pena. As fofocas vão perdendo a sua força com o tempo, e as aparências voltam a dominar a escrita da cronista.

Na vida das moças solteiras o casamento desempenhava importante papel, sendo o objetivo de toda “moça de família”. Segundo Bassanezi:

Desde criança, a menina deveria ser educada para ser boa mãe e dona de casa exemplar. As prendas domésticas eram consideradas imprescindíveis no currículo de qualquer moça que desejasse se casar. E o casamento, porta de entrada para a realização feminina, era tido como “o objetivo” de vida de todas as jovens solteiras.³¹⁴

Um comportamento adequado era exigido dessas moças para alcançar este objetivo. As moças de família – que se comportavam corretamente, com gestos contidos, respeitavam os pais, não fumavam nem abusavam de bebidas alcoólicas, conservavam a inocência e não se deixavam levar por intimidades físicas com os rapazes – teriam mais chances de um casamento-modelo e o respeito da sociedade³¹⁵. Já às moças chamadas “levianas” isso era negado. Essas usavam roupas sensuais, se permitiam intimidades com os homens e na classificação social estariam entre as moças de família e as prostitutas³¹⁶. Eram aquelas com quem os rapazes até namoravam, mas não casavam³¹⁷. Carla Bassanezi ressalta:

O código da moralidade era de domínio geral e praticamente todos se sentiam aptos a julgar os comportamentos de uma jovem: os pais, os vizinhos, os amigos e amigas, os educadores, os jornalistas... A moralidade defendia a *boa família*, ou melhor, o modelo dominante de família.³¹⁸

As crônicas e outras publicações dos clubes deixavam claras algumas regras, que serviam para disciplinar e salvaguardar a juventude da época. Uma delas referia-se à participação nas festas, que deveria restringir-se a pessoas maiores de 15 anos. Na prática, porém, esta regra parecia valer muito mais para as mulheres do que para os homens. As meninas deveriam frequentar as festas apenas depois de debutarem, quando eram apresentadas formalmente à sociedade e dela começavam a “fazer parte”. Antes disso, elas

³¹⁴ BASSANEZZI, op. cit., p. 610.

³¹⁵ Ibid., p. 610.

³¹⁶ Ibid., p. 610.

³¹⁷ Ibid., p. 612.

³¹⁸ Ibid., p. 613. Grifo da autora.

deveriam ficar em casa, não tendo a permissão dos pais – ou o respaldo da sociedade – para irem às festas. Algumas ficavam observando, dos cafés que existiam perto dos clubes, as pessoas entrando, mas não podiam fazer o mesmo, como conta Eneida Dourado Trápaga:

‘Não, só depois que tu fizer quinze anos’, todo mundo ia pros bailes, por que eu andava com uma turma, às vezes, mais velha do que eu... Elas iam pros bailes e eu tinha que ficar com o pai e com a mãe (...). Aí, eu ficava ali com a minha mãe e mais algumas duas ou três que tinham as mães também, (...) e via todo mundo entrando pro baile e eu ficava ali chupando meus dedos, louca pra ir! Não havia nem choro nem vela, não dava, não ai, não ia, não ia. Ah bobagem aquilo! Assim, eram uns exageros!³¹⁹

O estranhamento em relação à desobediência dessas regras sociais pode ser traduzido pela fala de Zicil: “Fato curioso foi a presença nessa festa de garotas que ainda nem debutaram oficialmente. Uma homenagem à Marinha?!?”³²⁰ A vontade das moças de participar das festas, mesmo sem a idade adequada, é patente e algumas realmente conseguiam burlar essas regras, principalmente se a festa tivesse como convidados de honra uma grande quantidade de marinheiros, em visita à cidade.

Era importante que as meninas ainda menores de idade, mas maiores de 15 anos, fossem às festas acompanhadas pelos pais, como requisita o clube e nos contam as mulheres entrevistadas. Elas afirmam que não recebiam permissão dos pais para irem sozinhas, a família devia acompanhá-las. Ir em companhia de uma família amiga cujos pais se responsabilizassem pelas meninas era um alternativa.³²¹ Marlene de La Rocha Arruda nos conta sobre estes costumes:

(...) uma mãe levava três, quatro [moças]. Nunca se ia sozinho, nunca se foi sozinho a lugar nenhum. Assim, quando tinha um grupo aquela mãe se responsabilizava e levava, e deixava em casa, tudo assim, e a gente tudo obedecia, ninguém ficou traumatizado. (...) Mais tarde já sim. Um amigo, assim, que fosse muito conhecido da família, a família permitia né, mas também dizia assim ‘olha, tu cuida a minha filha hein! Tu cuida bem ela, tu é responsável’.³²²

Já não era mais esperado que as pessoas casassem sem afeto ou fizessem um casamento arranjado por vontade de seus pais como em outros tempos. A influência e a aprovação do casamento pelos pais ainda era considerada, mas com menos força, dada como

³¹⁹ ARRUDA; TRAPAGA, op. cit., p. 7.

³²⁰ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 17/10/1958.

³²¹ ARRUDA; TRAPAGA, op. cit., p. 6.

³²² *Ibid.*, p. 6.

zelo e cuidado com os filhos.³²³ As moças poderiam conhecer os rapazes, namorá-los antes de casar, mas para isso reforçava-se, além do que fora incutido na educação, o autocontrole, para não se deixarem levar por pressões masculinas, não correrem o risco de “ficar falada”. A essas jovens era ensinada a diferença entre o certo e o errado, o contato permitido, a conservar suas virtudes, enfim, a “dar-se o respeito”.³²⁴

Os mais conservadores ainda preferiam que elas só andassem com rapazes na companhia de outras pessoas – amigas, irmãos ou parentes, os chamados *seguradores de vela*. Também seria muito prejudicial a seus planos de casamento ter fama de *leviana*, namoradeira, *vassourinha* ou *maçaneta* (que passa de mão em mão), enfim, de *garota fácil*, que permite beijos ousados, abraços intensos e outras formas de manifestar a sexualidade.³²⁵

Bassanezi identifica que ficar solteira era o maior medo das jovens. Temiam a solidão, pois – diferente dos homens – não podiam ter aventuras amorosas ocasionais, e possuíam também a obrigação de se sustentar, evitando se transformarem em um peso para a família. Aos 20 anos uma mulher sem perspectiva de casamento corria o risco de “ficar para titia” e aos 25 anos já era considerada “solteirona”, posição constrangedora perante a sociedade³²⁶.

Antes de casar, porém, existiam os flertes e os namoricos. Esse estágio, cheio de galanteios e olhares, visto, por vezes, como um passo que conduziria a algo mais sério, como o namoro e um possível casamento, também poderia, no entanto, não ter continuidade³²⁷. Mesmo no flerte era recomendado cuidado às mulheres, já que tomar a iniciativa para conquistar um rapaz era condenável. Assim, era preciso encontrar um equilíbrio entre o “não casar” – ou seja, fracassar socialmente – e “se oferecer” demais. Era permitido, para arranjar pretendentes, que as moças se utilizassem de artifícios pouco explícitos como estimular a vaidade dos homens, estar sempre de bom humor, vestir-se bem e como *ele* gosta, ser, ao mesmo tempo, amável e indiferente, interessar-se pelo seu trabalho, elogiá-lo³²⁸. Era preciso dar a impressão que *ele* a estava conquistando, mesmo que isso não fosse a realidade. Os homens também deveriam ter suas artimanhas para manter as namoradas, e uma dose de indiferença parecia ser necessária, como recomenda Zicil:

³²³ Ibid., p. 616.

³²⁴ Ibid., p. 610.

³²⁵ Ibid., p. 612. Grifos da autora.

³²⁶ Ibid., p. 619.

³²⁷ Ibid., p. 614.

³²⁸ Ibid., p. 614.

UM NAMORO EM FAZE (SIC) DE LIQUIDAÇÃO...

É o de uma bonita dupla riograndina. E tudo por que?

Porque o garoto é atencioso em demasia, impõe sua presença com exagero e deixou a jovem “cheia de vento”.

Não estará na hora do namorado mostrar um pouquinho de indiferença para reconquistar a “cabecinha de vento”?³²⁹

O namoro, dentro ou fora das festas, também era cheio de regras. Dentro delas os flertes aconteciam através de códigos³³⁰ e se desenrolavam lentamente. As meninas ficavam de um lado do salão, com suas amigas e os rapazes ficavam do outro, também com seus amigos³³¹. Eram eles que convidavam as moças pra dançar³³², mas apenas depois de, através de sinais, saber se elas aceitariam³³³; se elas aceitavam, dançavam duas ou três músicas e voltavam para os seus lugares³³⁴. Carmem Bergamaschi Costa conta que quando elas gostavam de dançar com algum rapaz, mas já estavam dançando com ele há algum tempo diziam “Ah acho que vou sentar, já estou um pouco cansada...” e eles retrucavam “Ah não, vamos dançar mais uma!”³³⁵. Com isso elas não pareciam estar “gostando demais” da dança, o que não ficaria bem para uma menina de família. Estavam sempre presente os ensinamentos de autocontrole e bom comportamento e a preocupação em não “ficar falada”, em manter uma boa reputação.

Se um rapaz com quem estava dançando se tornasse inadequado era esperado que a moça não tolerasse seu comportamento e pedisse, educadamente, licença para se sentar. Depois disso a moça não aceitava mais dançar com ele³³⁶. Para dançar de rosto colado levava algum tempo e na maioria das vezes apenas quando já eram namorados³³⁷. Não eram permitidos beijos, abraços e “agarramentos”³³⁸ aos namorados, mas podiam dar as mãos. “Ele pegava a tua mão com um jeito especial, dava um apertãozinho na mão... é, tinha uns sinais né, uns sinaizinhos.”³³⁹

³²⁹ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 16/09/1959.

³³⁰ COSTA, op. cit., p. 5. MIRANDA, op. cit., p. 10.

³³¹ ARRUDA; TRAPAGA, op. cit., p. 9.

³³² ARRUDA; TRAPAGA, op. cit., p. 9. ALBRECHT, op. cit., p. 3.

³³³ COSTA, op. cit., p. 5.

³³⁴ COSTA, op. cit., p. 5. ARRUDA; TRAPAGA, op. cit., p. 9.

³³⁵ COSTA, op. cit., p. 5.

³³⁶ ARRUDA; TRAPAGA, op. cit., p.9

³³⁷ MIRANDA, op. cit., p. 10

³³⁸ Ibid., p. 9.

³³⁹ Ibid., p. 10.

Os bailes e jantares dançantes eram lugares muito propícios para este contato maior entre homens e mulheres, desde que guardada certa distância entre os corpos dos pares. O flerte e a paquera, porém, também existiam fora dos bailes:

Ah e a paquera era tão boa... E ele passa na frente da tua casa, pára na esquina... aí tu saía de casa lá pelas tantas e ele dizia ‘posso te acompanhar?’ [risos]. Nas procissões que tu ias, eles iam pela calçada né, paquerando pela calçada. Foi interessante.³⁴⁰

Os rapazes, quando estavam interessados em alguma garota, costumavam mandar flores. Mandavam flores no dia do “debut”, pra dizer que gostariam de dançar com a moça à noite na festa, ou também para agradecer uma dança concedida na noite anterior. As flores vinham acompanhadas de cartões de agradecimento dizendo que fora um prazer dançar com a garota e que se encontrariam no próximo baile³⁴¹. Eram nesses espaços que as sociabilidades se desenrolavam, que os contatos eram feitos, que as pessoas se conheciam e começavam relacionamentos.

As crônicas sociais estavam recheadas de pequenos comentários sobre flertes, namoros e romances, com os nomes dos envolvidos ou deixando algum suspense sobre quem se tratava. Os jovens, chamados de “brotos”, eram os maiores alvos destes comentários. Quando os oficiais da Marinha estavam na cidade, as danças, os flertes e os comentários eram certos:

Sr. e Sra. José Monki da Silveira acompanhados pela bonita Maria Helena, que atualmente está exibindo comentado guarda-roupa.

Maria Helena muito cotada no início da festa, substituiu a cotação pela presença de um jovem Oficial do navio José Bonifácio, que é seu par desde antes do Carnaval. Romance? (...)

XXXX

José Carlos Gonçalves Gomes e Maria Delícia Miranda formaram a dupla mais romântica do coquetel e se mantiveram todo tempo alheios ao resto do movimento. (...)

XXXX

³⁴⁰ MIRANDA, op. cit., p. 10.

³⁴¹ COSTA, op. cit., p. 8.

O Oficial do Exército Dr. Amaury Lopes Favilla passou, com relativa facilidade, a Maria para trás e foi par de Maria Alice Duprat.

Espiões informam que novo encontro foi marcado para o dia seguinte.

Romance?!?³⁴²

Assim como achava graça e incentivava alguns romances, Zicil também censurava e fiscalizava alguns comportamentos mais liberais, que confrontassem a moral, os bons costumes e o comportamento contido que era esperado dos jovens – principalmente das moças: “Um brotíssimo de quinze anos está “passando os garotos em revista”. Calma, garota, o mundo não foi feito num só dia e você é encantadora demais para se expor dessa maneira.”³⁴³ As mulheres deviam manter o seu bom comportamento, sem se exporem em demasia. Alguns homens eram repreendidos quando passavam do limite, normalmente em relação à quantidade de namoradas e rapidez com que trocavam de uma para outra: “O “play-boy” riograndino, Fernando Pinho, devia cortar asas para evitar seus vôos exagerados.”³⁴⁴ No entanto, as reprimendas aos homens eram mais raras e mais seguidamente feitas em tom de ironia e brincadeira, e não de uma censura séria, sendo seu comportamento por vezes tratado como próprios da idade ou do gênero:

Dignos de nota o pelotense Fernando José Bertaso e a bonita Susana Grillo (Bagé), é sabido que o jovem Bertaso foi, no veraneio passado, o bater de Record em namorar garotas bonitas (épocas diferentes e com pouco intervalo). Mas admito que o maior Record de beleza foi obtido por Susana Grillo. Soube pelo meu ‘cabo informador’ que Fernando José (em 1 ano) foi três vezes a Bagé. Tudo indica que... Parabéns!³⁴⁵

Cousas da garotada...

O elegante Paulo Antônio Duhá após deixar (ou ser deixado?) um dos brotinhos mais bonitos da cidade, deu para “passar em revista” garotas riograndinas:

Ao que para (sic), o cavalheiríssimo, empenha-se em encontrar uma substituta à altura da anterior.

Difícil, não é?³⁴⁶

³⁴² ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 01/04/1960.

³⁴³ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 23/05/1960.

³⁴⁴ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 17/03/1959.

³⁴⁵ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 20/01/1958.

³⁴⁶ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 04/04/1959.

É importante ressaltar que se as regras de controle constituíam costumes na sociedade da época, a sua aplicação variava de família para família. O controle, maior ou menor, sobre os jovens, em especial sobre as moças poderiam ter intensidades diferentes, como, por exemplo, a restrição das festas para as moças menores de 15 anos. As exceções sempre estiveram presentes. Identifiquei alguns nomes de meninas que ainda não haviam debutado, mas mesmo assim frequentavam festas e já eram nomes conhecidos nessa sociedade, e de outras que tiveram diversos namorados durante os anos aqui estudados.

Estes costumes e regras mostram, no entanto, uma sociedade com uma moral sexual ainda muito rígida, que procurava disciplinar as pessoas para agirem de acordo com o que os “bons costumes” previam. As moças jovens eram o principal alvo destas tentativas de educação, partindo tanto de revistas femininas quanto da família nuclear, dos clubes e da sociedade em geral. A fala de Glacy Miranda mostra a sensação de controle que experimentavam as moças da época:

Por que tudo falavam mal, tinha aquela história, falam mal. Mas eu cortei aquela história do falam mal [inaudível] então não vou a nada! Se sair de noite falam mal, se tu vais com duas ou três amigas numa festa falam mal, se vai no cinema com as amigas falam mal, se tu vem pra casa uma hora da madrugada falam mal de ti! [risos] Eu não fazia nada!³⁴⁷

Seja dançando a noite inteira com apenas um rapaz – sem ser seu namorado – infringindo uma regra flexível ou tendo uma vida sexualmente ativa, rompendo totalmente com o que os costumes ditavam, o fato é que nem todos se deixavam doutrinar ou conseguiam se controlar pelo código da sociedade burguesa. Os riscos que corriam as mulheres com vida sexualmente ativa eram graves: possibilidade de gravidez sem a reparação do casamento, ou tornar-se conhecida como mulher vulgar, “fácil”, indigna de fazer parte do seletto grupo que constituía a boa sociedade.

O trabalho feminino não era visto com bons olhos, dada a ideia de que a mulher devia ficar cuidando da casa e dos filhos. O magistério, considerado o curso mais próximo da função de mãe, era o mais procurado pelas moças. Porém, formar-se na escola normal não significava, necessariamente, exercer a profissão. Muitas mulheres – quando as condições financeiras de sua família permitiam – contentavam-se com o prestígio do diploma e com os

³⁴⁷ MIRANDA, op. cit., p. 5.

conhecimentos adquiridos³⁴⁸. A educação que visava uma carreira profissional era desaconselhada para as mulheres, ao contrário do que acontecia com os homens. Havia uma nítida distinção social de papéis e de capacidades entre o feminino e o masculino, mas que não impedia a mulher de ter uma educação mínima. A hierarquia entre os dois sexos se mantinha pela difusão da ideia de que um pouco de educação e cultura eram necessários para as moças saberem conversar e agradar os rapazes, mas uma mulher muito culta poderia afastar os homens e um possível casamento³⁴⁹.

Entre as mulheres da elite de Rio Grande a profissão de professora parecia realmente ser a mais procurada. De acordo com fichas cadastrais da Prefeitura Municipal, diversas senhorinhas da elite cursaram o magistério e praticaram-no, muitas como professoras substitutas. É interessante notar, pela cronologia dessas fichas, que a maioria não exerceu a profissão durante muito tempo, pedindo rescisão de seu contrato depois de uma média de dois anos. Exemplo disso é a própria cronista Zicil, que cursou o magistério na Escola Lemos Júnior e deu aulas durante quatro anos, abandonando a docência (e as crônicas sociais) para se casar em 1960. É evidente que existiram exceções e algumas senhorinhas, futuras senhoras, continuaram dando aulas nos colégios municipais, públicos e particulares, por gosto pela profissão ou mesmo por necessidade. Entre estas mulheres destacou-se Alice Lotufo, que foi professora, Orientadora do Ensino Primário e tornou-se Diretora da Diretoria de Educação e Saúde em 1959, ganhando muito prestígio na profissão e presença constante nas crônicas sociais.

É interessante notar também que os “brotos” do final da década experimentavam uma relação um pouco diferente com a profissão. Alguns rapazes, como era de se esperar, desde cedo iam estudar na Capital do Estado ou mesmo no Rio de Janeiro, escolhendo as mais variadas profissões. As moças que estavam formando-se no colégio no final dos anos 50 – e ainda não estavam noivas ou casadas –, ao contrário do que era comum até então, pareciam conviver com uma ideia real de profissão. Algumas fizeram a opção de estudar em Porto Alegre assim como os rapazes e de cursar uma faculdade, para as quais prestavam vestibular. O curso mais procurado, sem dúvidas, foi o de Filosofia, em Pelotas, mas algumas moças também cursaram Línguas Neo-Latinas, Física e Medicina. Mesmo que a maioria das jovens ficasse em Rio Grande, casadas ou mesmo sendo professoras, a possibilidade de um estudo

³⁴⁸ Ibid., p. 625.

³⁴⁹ Ibid., p. 625-626.

mais prolongado e fora, e de uma profissão já denotam alguma mudança e um possível avanço na sociedade da época.

Uma grande ameaça na vida das “mulheres dos anos dourados” era a separação. Além do aspecto afetivo e do julgamento da sociedade – que discriminava as mulheres separadas – havia o fator financeiro, já que a maioria das mulheres dependia do homem como provedor³⁵⁰. Como a realização da mulher, nessa época, passava pelo casamento, sua manutenção era desejada a qualquer custo. Se um casamento fosse desfeito, a culpa, normalmente, recairia sobre a mulher.

As regras sociais ainda determinavam: a mulher que não se enquadra no *ideal de boa esposa* corre sérios riscos de perder o marido *obrigando-o a buscar fora de casa a tranqüilidade e a harmonia que não sabe lhe proporcionar*³⁵¹. Era freqüente a idéia de que a própria mulher, *descuidada, dominadora* ou *queixosa*, pudesse ser a responsável pelo descaso e até pela infidelidade do marido.³⁵²

Esta separação só poderia ser feita oficialmente através do desquite, que não dissolvia os vínculos conjugais e não permitia novos casamentos. Os homens desquitados não sofriam muito preconceito, o que não acontecia com as mulheres que eram submetidas à análise constante de sua conduta moral sob o risco de perder a guarda dos filhos³⁵³.

Como se viu, o divórcio era discutido na sociedade rio-grandina, a ponto de ser assunto para uma pergunta em entrevista com senhorinhas da elite, sendo aprovado ou não por elas. Contudo, as cronistas não fazem nenhuma menção a pessoas separadas ou desquitadas, a nenhuma família desfeita, em suas colunas. A harmonia familiar e os casamentos modelos são objeto de maior interesse do que situações de desafio à moral e aos costumes vigentes na época, como o divórcio.

A existência das regras e costumes, descritos até aqui, como já foi ressaltado, não quer dizer que todas as pessoas pensavam e agiam de acordo com o esperado. A expectativa de um determinado comportamento social fazia parte da sua realidade e influenciava atitudes e escolhas³⁵⁴, porém alguns não seguiam essas regras. As “transgressões” iam de fumar, ler coisas proibidas, usar roupas sensuais, a investir em um futuro profissional, discordar dos pais

³⁵⁰ Ibid., p. 631.

³⁵¹ Citado em Jornal das Moças, 16 maio 1957 apud BASSANESI, Carla. op. cit., p. 632.

³⁵² Ibid., p. 632. Grifos da autora.

³⁵³ Ibid., p. 636.

³⁵⁴ Ibid., p. 608.

e contestar a moral sexual da época³⁵⁵. Pode-se dizer que essas pessoas, que não se deixaram levar pela pressão dos costumes, que tiveram coragem e ousadia para renovar e questionar desempenharam importante papel nas mudanças ocorridas posteriormente nessa sociedade.³⁵⁶ As imagens dos papéis e comportamentos adequados para as mulheres e para os homens, “mais do que refletir um aparente consenso social sobre a moral e os bons costumes, promoviam os valores de classe, raça e gênero dominantes na época.”³⁵⁷

3.2. Visibilidade: formas de apresentação e representação do corpo

3.2.1. Moda: identidade e distinção

Parte integrante e essencial das representações da elite rio-grandina estão relacionadas à moda e à forma como as pessoas se apresentavam nos eventos sociais. Em uma época em que a moda já se mostrava uma forma de consumo de massa, em que os concursos de beleza e elegância eram recorrentes, em que o cinema ditava formas de vestir e suas atrizes eram copiadas, em que os cronistas sociais elegiam os “10 mais elegantes”, o vestuário era uma importante forma de expressar uma identidade.

Segundo Lars Svendsen, em seu livro “Moda: um filosofia”³⁵⁸, as roupas, tratadas como mercadorias, têm funções de pontes e barreiras. Elas podem definir a identidade de quem as usa tanto positivamente, ligando-a a algum tipo, como negativamente, diferenciando-a de outro.

É enganoso afirmar que as mercadorias podem ser usadas como barreiras *ou* pontes. Para que sirvam ao estabelecimento de uma identidade, o decisivo é que tenham ambas as funções. Fazer uma demarcação, dizendo por exemplo que uma pessoa não se veste como a maioria, é insuficiente para construir uma identidade. É preciso haver também uma identificação positiva. “Não sou hippie” só fornece uma identidade extremamente imprecisa, que precisa ser expandida por uma identificação positiva, tal como: “Não sou hippie porque sou um roqueiro punk.” A identidade

³⁵⁵ Ibid., p. 622.

³⁵⁶ Ibid., p. 637.

³⁵⁷ Ibid., p. 609.

³⁵⁸ SVENDSEN, op. cit.

social, em outras palavras, exige tanto uma demarcação negativa quanto uma identificação positiva.³⁵⁹

Hoje a moda está principalmente relacionada a uma expressão da individualidade, de quem se é como pessoa e não necessariamente como grupo. Por muito tempo, no entanto, a moda foi representativa de classes e segmentos sociais. Entre os séculos XIII e XVII vigoravam as leis suntuárias, que regulavam o uso de determinados artigos de vestuários, trajes, objetos e tecidos, relacionando cada tipo a classes específicas. “Elas [as leis] serviam precisamente para reforçar o papel das roupas como um marcador importante, ao criarem critérios relativamente claros para o status social ligado a vários objetos.”³⁶⁰

Alguns teóricos, como Veblen e Bourdieu, acreditam que a moda diz respeito principalmente à diferenciação de classes, que as classes baixas imitam as classes altas, procurando tornar-se cada vez mais parecidas com o que está acima (Veblen) e as classes altas buscam diferenciação, tanto das pessoas de sua própria classe quanto dos de fora (Bourdieu). Como sublinhei, desde o início deste trabalho, para Bourdieu os bens simbólicos, entre eles as roupas, estão ligados ao gosto da classe, podendo ser ele legítimo ou não, requintado ou não. É neste ponto que o uso de determinada roupa diferencia quem a usa pelo “bom” gosto, em rejeição ao que é considerado “mau” gosto. Percebe-se na sociedade rio-grandina do final dos anos 50 uma relação íntima das roupas usadas com a camada à qual cada pessoa entende pertencer.

As cronistas sociais aqui estudadas, tanto MyrAz quanto Zicil, davam extrema importância às roupas, à aparência em geral da elite, a que pertenciam e sobre a qual escreviam, seguindo a fórmula do cronista Jacinto de Thormes. Esta atenção ia da simples descrição dos mais elegantes de um determinado baile à eleição dos “10 mais elegantes” do ano, escolha que ganhou cada vez mais vulto e divulgação.

A moda, as tendências e novidades em termos de vestuário, e o bom gosto – ou falta dele – estavam presentes nos assuntos abordados pelas cronistas em diversos momentos. Apareciam nas notas sobre concursos de beleza, sobre desfiles de modas, na descrição em detalhes das *toilettes* usadas por senhoras, senhorinhas e brotos em alguns bailes mais importantes e também dos vestidos das debutantes de cada ano, nas entrevistas, nas notas sobre tendências internacionais, nas dicas e críticas ao vestuário.

³⁵⁹ Ibid., p. 130.

³⁶⁰ Ibid., p. 41.

Os concursos de beleza e os desfiles de moda, já referidos em outros momentos deste trabalho, além de arrecadarem recursos para obras beneficentes, de mostrar a elegância das senhorinhas que desfilavam, tornando-as conhecidas neste meio e motivo de elogios – e críticas, mesmo que raramente – eram também formas de atualizar a moda para os rio-grandinos. Os desfiles, principalmente, eram eventos promovidos por grandes lojas, como as Casas Colombo, Modas Recamier e Casemiras Rheingantz (também uma empresa industrial) que exibiam suas coleções de inverno e verão, atraindo grande público interessado, também, nas tendências e lançamentos para a próxima estação. “Os modêlos exibiram-se em trajés: esportes, capas de chuva, vestidos, “tailleurs”, abrigos de lã e peles, tendo nesta amostra de 40 “toilettes” de Inverno apresentado o que há em moderno e elegante.”³⁶¹

E, finalmente, vamos ter o prazer de assistir a um grande DESFILE DE MODAS, patrocinado pelas CASEMIRAS RHEINGANTZ, que, a exemplo das exibições máximas que nos proporcionam as grandes capitais e cidades do país, deve ser esperado, desde já, com auspiciosa expectativa e ‘suspense’. Êste acontecimento, como é natural, já centraliza a atenção da nossa ‘society’, pois será o ponto alto do atual veraneio na praia papareia. Todo lucro obtido será empregado na construção da Igreja do Cassino.³⁶²

As rio-grandinas procuravam, por meio desses eventos, além da leitura de revistas e jornais e também de viagens que faziam para outros lugares, se informarem sobre as tendências e o que era moda no país e no mundo. A moda da década de 1950 parece uma reação à moda restritiva predominante durante a 2ª Guerra Mundial. A partir de 1941, na Inglaterra, foi estabelecido o racionamento das roupas e uma noção de “utilidade”, diante da falta de materiais:

Regras estabelecidas limitavam a metragem de tecido para cada categoria de roupa, a qualidade do tecido, o comprimento e a largura das saias. Algumas roupas não-utilitárias também estavam sujeitas a restrições de tecido e adornos e ao racionamento.³⁶³

James Laver ressalta que: “Depois de crises, a moda costuma apresentar uma tendência para o luxo e nostalgia de uma era ‘segura’.”³⁶⁴ Antes da guerra as saias já apresentavam uma tendência a se ampliarem, tornando-se mais volumosas e fluidas. Depois

³⁶¹ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 03/05/1958.

³⁶² MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 29/01/1957.

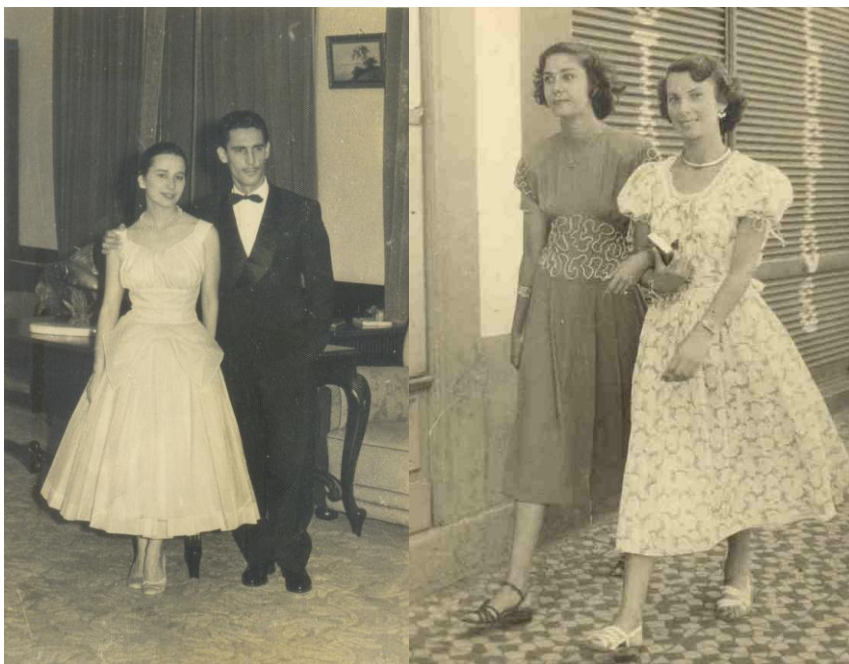
³⁶³ LAVER, op. cit., p. 252.

³⁶⁴ *Ibid.*, p. 256.

da guerra essa moda ganha força, sendo influenciada por Dior com o seu *New Look*. Predominavam então as cinturas apertadas, as saias muito amplas e as blusas estruturadas, os sapatos altos e os chapéus grandes. Essa moda poderia valer tanto para vestidos de noite, com grande sucesso do “tomara que caia”, como para vestidos do dia a dia.³⁶⁵



Figura 17 – A mais difundida imagem do *New Look* de Dior.



Figuras 18 e 19 – Adaptações rio-grandinas do *New Look*. Carmem Bergamaschi e Guatemi Costa em baile no Clube do Comércio (esq.) e Lêda Sá e amiga fazendo o *footing* na Rua Andradas (1950) (dir.)

³⁶⁵ Ibid., p. 257.

Após o sucesso do *New Look*, a moda internacional ganhou nova força e atividade intensa, acompanhada de perto pelas brasileiras interessadas nas novas tendências. Dior, o “rei” de Paris até a sua morte em 1957, liderava a agitação, lançando novidades a cada estação. A economia já estava mais saudável, possibilitando inovações e liberdades em relação às posições de cinturas e bainhas ou amplidão e comprimento de saias. É no fim da década de 1950 que surgem novos modelos, como o vestido trapézio e a moda “saco”. As roupas mais casuais também seguiam a moda da época, destacando-se, sobretudo entre os jovens, os chemisiers, calças cigarretes ou slacks, blusões e suéteres, sapatos baixos.³⁶⁶

As cronistas, principalmente Zicil, também davam algumas “dicas” de moda – tanto para mulheres quanto para homens – e informavam seus leitores do que acontecia nesse setor no Brasil e no mundo. Estas notas, no entanto, não eram muito elaboradas quando comparadas com outros assuntos e resumiam-se, normalmente, a algumas pequenas frases.

Estão sendo comentadas em Nova York a camisa e suéter pretos que Ali Khan usa mesmo nos locais elegantes. Nota ótima para os “Dez Mais”...

XXXX

Em Paris os ternos de homens apresentam-se com os ombros mais largos e também as calças mais largas. A segunda para os “Dez Mais”...³⁶⁷

PARIS DITA A MODA...

Para recepções e coquetéis as parisienses estão abolindo o uso dos chapéus.

De acórdio com a coluna social de Pamona Politis do Diário Carióca, é provável que também as cariocas sigam os princípios adotados por Paris: cabelos bem penteados, pós coloridos ou perucas substituem o uso dos chapéus.³⁶⁸

A referência a outras cidades como modelos de lugares de moda, assim como é feito com Paris e Nova York nos trechos acima, é recorrente. É interessante perceber a procura de uma ligação dos rio-grandinos com estes locais, citando os “Dez Mais” como possíveis seguidores da nova moda, agora que informados dela por meio das crônicas sociais.

A moda dessas outras cidades, principalmente Porto Alegre e Rio de Janeiro, eram referência para as cronistas e para as mulheres rio-grandinas. Na volta de uma viagem a Porto

³⁶⁶ Ibid., p. 260.

³⁶⁷ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 28/04/1959.

³⁶⁸ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 19/05/1959.

Alegre, MyrAz conta para seus leitores sobre o que acontece na capital do Estado, o que está na moda e elogia a forma como as mulheres porto-alegrenses se vestem:

Quanto à moda feminina, ‘cada vez mais cada vez’. Na minha opinião, as garotas abusam um pouco da maquiagem, mas, mesmo assim se destacam, na elegância, beleza e bom gosto glamour e charme. Desde cedo, encontram-se senhoras e senhorinhas ostentando toillettes impecáveis, num permanente e agradável desfile da mulher porto-alegrense, considerada (com muita justiça) ‘super-tres chic’ e superando, nesse setor, as cariocas e as paulistas.

Em pleno reinado as cores preto e branco. É a nova exigência da moda para os vestidos da tarde e da noite, do mais simples ao mais fascinante. O preto predomina nos cocktails, jantares elegantes e ‘premières’ porque é uma cor mágica que sempre embeleza. O branco é mais usado para os complementos indispensáveis, como bolsas e carteiras (atualidade) e luvas.

Continua o sucesso dos suéteres e blusões, vestidos também e admiravelmente adaptados ao corpo da geração moderna, que sabe valorizar sua silhueta. O interesse está justamente em procurar usá-los com saias graciosas, em geral plissadas. No que diz respeito ao cabelo, o último grito é o estilo ‘pagem côm de cobre’.³⁶⁹

Certamente as mulheres que se destacavam em Porto Alegre, assim como as cariocas e paulistas, eram modelos de comportamento e vestuário para as rio-grandinas. É possível perceber, na “fala” da cronista, a visão dessas cidades como lugares desenvolvidos, modernos e com uma vida social que servia de referência. Sempre é sugerida a ligação da elite de Rio Grande com esses lugares, tentando reforçar a sua distinção e importância “por aproximação”. Na moda não é diferente. A mulher rio-grandina também se destacava por suas vestimentas suntuosas e de bom gosto, aprendendo cada vez mais sobre como cuidar a aparência:

Os amplos salões do Clube ficaram superlotados, motivo este que dificultou-me observar detalhadamente os trajes, a fim de descrevê-los, como era minha intenção. Entretanto, posso adiantar que eram belíssimos e que a mulher rio-grandina continua progredindo consideravelmente no que diz respeito à ‘MODA’, esta pequena palavra, composta somente de quatro letras, mas deveras complexa e dispendiosa.³⁷⁰

Da forma como MyrAz coloca, temos a idéia de que há um desenvolvimento na forma de vestir das mulheres de Rio Grande, melhorando com o tempo. Este é um tom que podemos observar em outros momentos na escrita desta cronista. Talvez por ser a primeira crônica social a ser publicada nestes moldes, o *Flash Social* tem um caráter de abertura, de apresentação. A cronista parece introduzir uma vida social que apenas a partir deste momento começa a se desenvolver e tornar-se satisfatória. Como se a partir do ano de 1956 as festas se

³⁶⁹ MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 24/10/1956.

³⁷⁰ MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 05/01/1957.

tornassem mais interessantes, os clubes mais agitados e empenhados em oferecer eventos atraentes e as pessoas mais adaptadas a uma vida social intensa, comportando-se e vestindo-se em adequação a isso. Esta visão, no entanto, parece corresponder mais a uma representação da cronista, talvez por neste momento começar a escrever crônicas sociais e ter mais contato com variados eventos, do que uma modificação própria da vida social da cidade. Não temos fontes suficientes para uma comparação formal da vida social dos anos anteriores ao período com o qual trabalhamos, mas Rio Grande, desde o começo do século XX experimentava uma grande prosperidade econômica, comercial e industrial, e já contava com os mais variados clubes e associações recreativas, além de diversos bares, cafés e cines-teatro, o que indica – e apenas isso – a existência de uma vida social intensa.

As roupas e a moda eram referidas em diversos momentos das crônicas, inclusive nas entrevistas feitas com as senhorinhas de destaque nesta sociedade. Nas duas primeiras entrevistas feitas por MyrAz no *Flash Social*, as perguntas giram em torno de amenidades e preferências das entrevistadas.³⁷¹ O vestuário é assunto quando a cronista pergunta o que acham da moda atual, se achavam que a mulher deveria seguir a moda ou vestir o que mais lhe agrada e qual seu tipo de roupa favorito, esporte ou *toilette*:

P. Que me diz da moda.

R. Acho a moda atual muito elegante e exótica, embora deixa de beneficiar um certo número de mulheres, por exemplo as de pequena estatura. Mesmo assim, a linha atual atinge o clímax de elegância da moda feminina.

P. Acha que a mulher deve seguir a moda ou usar o que mais lhe agrada.

R. Isto é muito relativo. Nem sempre a moda em vigor vem ao encontro do nosso tipo. Nesse caso devemos estabelecer um paralelo de elegância: usarmos aquilo que nos agrada sem fugir completamente à linha moderna.

P. Prefere roupa esporte ou toilette.

R. Admiro muito a toilette, mas prefiro e me sinto melhor com o tipo esporte.³⁷²

As duas senhorinhas entrevistadas, Sylvia Cora Moody e Ivone Machado, têm a mesma opinião, admiram a beleza da moda da época e acreditam que a mulher deve segui-la, porém prestando atenção ao que lhe cai bem. Sylvia prefere as *toilettes*, roupas mais chiques, usadas em eventos formais, enquanto Ivone prefere as do dia a dia, tipo esporte, por se sentir mais a vontade.

³⁷¹ MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 03/08/1956, 28/08/1956.

³⁷² MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 28/08/1956.

A descrição das roupas usadas por senhoras e senhorinhas nos bailes mais importantes era uma forma de manter atualizada a moda local para o público leitor e de elogiar, neste quadro, quem se destacava. Entre descrições do ambiente da festa, da decoração, dos convidados “dignos de nota”, dos romances, da orquestra e das músicas tocadas, as cronistas informavam o nome da pessoa em questão e davam detalhes das *toillettes*, reiteradamente: o modelo, o corte, o tecido e os enfeites utilizados e por vezes também o costureiro ou a modista que havia confeccionado tal vestimenta:

São dignas de referência especial as seguintes senhoras e senhorinhas:

Edelma Zabaleta (Pelotas), num lindo vestido justo de cetim de algodão bordado.

Yedda Helena Carvalho, em rosa justo, corte princesa, sapatos brancos.

Maria Amélia Gatti (Melita), com um manteau branco de piquet e vestido floreado.

Vera Cruz e Souza, em branco de ‘pois’ vermelhos.

Gilca Martins (Pelotas), vestido branco de broderie com fita de veludo vermelho.

As inseparáveis Lia Strauch e Léa Fonseca, em vestidos floreados.

Maria Carmem Miranda, em branco com ‘pois’ de cores variegadas.

Estela Magalhães Copstein, em cinza bordado.

Marta Curi, em lilás de organza bordada e manteau de tafetá natural furta-côr.

Lucy Mendes, em cetim bangú branco, com fios prateados.

Estela Cramer Peixoto, em cetim Bangu violeta, degotado.³⁷³

As cronistas priorizavam a descrição das *toillettes*, próprias para bailes. No entanto, é possível ver em alguns momentos a descrição de roupas mais casuais, compatíveis com eventos de menos vulto, e que nos permitem vislumbrar a moda do dia-a-dia:

As irmãs Carvalho, como sempre, dignas de nota. Yedda Helena em ‘chemisier’ branco com listras azues (sic). Silvinha em branco, saia justa e blusão imitando ‘chemisier’.

As Pôrto Alegrenses Marília e Eloísa Santos Rocha, veraneando em nossa praia, também compareceram. Marília em saia azul e blusa branca. Eloísa em saia de linho cor areia e blusa verde florida.

O elegante par Sérgio Peixoto e Vera Regina Loureiro, comentadíssimos. Vera Regina apresentou lindo modelo em tecido florido (sic). Esta jovem dia a dia confirma sua inclusão na lista das ‘MAIS ELEGANTES’ por seu apurado gosto no trajar.

A Pôrto Alegrense Myriam Nascimento, novamente passando o verão no Cassino, esteve digna de elogios. Apresentou interessante vestido com motivos orientais.

³⁷³ MYRAZ, “Flash Social”, Jornal Rio Grande, 23/01/1957.

Os encantadores ‘brotinhos’ Délia Bacigaluz e sua prima carioca Maria Clara estiveram inseparáveis. Délia em branco com vermelho e Maria Clara em cetim de algodão, corte princesa.

A simpática Iedda Vianna do Couto apresentou bonito modelo em ‘faille’ azul.

A ‘priminha’ Jandira Andrade, uma das mais belas garotas da cidade, esteve um verdadeiro encanto em vestido branco com ‘pois’ pretos.³⁷⁴

Os vestidos das debutantes – as vestes da iniciação das meninas em mulheres – mostram a associação de características, tais como luxo (desperdício), propriedades de gênero e idade da sociedade burguesa, às inovações, ao que está na moda, na ordem do dia. Elas somam-se, na articulação da própria moda, enquanto inovação, à tradição do clube e do jornal, resultando em acontecimento. A espera e expectativa pelos modelos que seriam apresentados pelos “brotos”, que começavam ali oficialmente a sua vida social, era grande. As cronistas não desapontavam os leitores, curiosos pelos detalhes de cada vestido, fazendo uma descrição pormenorizada, muitas vezes complementada com fotos das debutantes em diversos momentos ao longo de algumas crônicas:

Desfile de elegância, graça e beleza apresentaram as jovens debutantes à sociedade Rio Grandina no baile de ‘reveillon’.

Por ordem de entrada no salão:

Agripina Laurino Encarnação – Vestido branco, corpo de renda gripour e saia de tule.

Dulce Maria Corrêa – Em rendão bordado com fio prateado e lantejoulas nacaradas. Babado rosa de tule plissado com caída posterior. Sombra rosa. Faixa com lamé prateado.

Gilda Helena Vidal – Criação Balenciaga, saia muito ampla em rouges de tule, intercalados com renda chatily inteiramente rebordada de nacarada. Corpo justo com decote alongando-se sobre os ombros.

Glair de Castro Franco – Em cristal branco, drapeado, com aplicações de renda francesa, bordado a nacaradas, canutilhos e missangas. Modelo Jean Pathou.

Inácia Warlet Santos – Em renda chatily branca com tule plissado, bordado com lantejoulas nacaradas e fio prateado. Sombra azul.

Josefina Gomes – Vestido em renda e organza brancas, bordado a lantejoulas nacaradas. Modelo Pierre Balmain.

Leda Maria Ennes Carociello – Vestido branco de tule e rendas, bordado com lantejoulas nacaradas.

Leda Maria Nahuys – Modelo de José Ronaldo em rendão branco bordado a nacaradas e bordado de tule.

Maria do Carmo Maia – Modelo de Jean Dessés em organdi bordado em azul e cinto de lantejoulas nacaradas.

³⁷⁴ ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 16/01/1958.

Maria Elizabeth Cupertino – Modelo Susan Paige branco sôbre azul, em organza de nylon lavrado e babados de organza de nylon liso.

Maria da Glória Duhá – Vestido rosa em cetim e renda francesa, bordado a nacaradas e pérolas.

Maria da Graça Duhá – Modelo ‘Sonho Azul’ em renda francesa e nylon azul.

Maria Luiza Farinha – Modelo de Belmain em gaze de nylon branco com aplicações em lamé, palhetés e nacarados.

Marilene Freitas Coelho – Modelo Jaques Griff em tule branco com sombra rosa, corpo drapeado bordado com lantejoulas nacaradas. Saia com aplicações de tomas de organdi.

Marilice Llopart – Vestido branco em renda chatily, contornado com fio prateado. Saia de tule com aplicações de renda. Caída para trás. Modelo Jean Pathou.

Marly da Silva Gutierrez – Modelo Lavin – Castillo em renda branca, com sombra azul, bordado com nacaradas e missangas com babado de tule.

Regina Maria Martinez – Modelo ‘Espuma do Mar’ de Jean Pathou, em tule de nylon branco, entremeado com fita azul.

Sonia Dias Pereira – Belíssimo modelo francês em branco pérola de organza cristal, trabalhado com plissés e aplicações de rendas bordadas a nacaradas. Luvas rosas.

Sonia Maria Barbosa Martins Costa – Vestido branco em laise e gaze plissé, bordado de contas nacaradas. Faixa branca e azul.

Vera Corrêa Mendes – Vestido de renda chatily branca, inteiramente bordado a pérolas. Luvas rosa. Sapatos brancos também bordados.

Ana Maria Figueiredo – Em renda alemã legítima (50 anos de existência) saia original em três babados, corpo bordado com nacarados.

Regina Helena Vignoli – Vestido de tuli lavrado com fundo azul.

Ruth Py Daniel – Modelo da Jaques Heim em organza de nylon com drapeado, saia com cauda para trás. Faixa rosa.³⁷⁵

É possível perceber que os nomes ressaltados pela coluna, como pessoas que eram dignas de ter as suas roupas descritas, repetem-se constantemente ao longo dos cinco anos aqui analisados. Nomes novos, sem dúvida, aparecem e sobressaem-se ao longo do tempo. Alguns desses permanecem, tornando-se parte do grupo seletivo de “destaques” e outros são apenas passageiros. Estas pessoas que “destacam-se” repetidamente são os modelos de moda que devem ser divulgados, a própria “encarnação” da pessoa distinta e de bom gosto.

A fala da cronista Zicil, apesar de ser em grande parte elogiosa, principalmente quando o assunto são os trajes das senhoras e senhorinhas da elite, também faz algumas críticas às roupas usadas: “O carnaval ainda não chegou, portanto garota bonita, não é ocasião de apresentar-se fantasiada nas festas. Slacks pretos, blusas brancas e faixas vermelhas...?!?”³⁷⁶. Algumas inovações eram bem vindas, mas ir a festas com uma roupa

³⁷⁵ ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 06/01/1958.

³⁷⁶ ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 01/02/1958.

muito fora do padrão, “fantasiada”, era motivo de crítica pública nas crônicas sociais. Os homens desempenhavam um papel consideravelmente menos importante do que as mulheres quando o assunto era vestuário e moda, adequado a sua propriedade de gênero (provedor, empreendedor), mas nem sempre conseguiam fugir das críticas: “A UM PASSO... Cuidado, cavalheiro, moda e elegância estão a um passo do ridículo... no seu caso.”³⁷⁷

O comprimento das saias também era motivo discussão, aprovação ou crítica. A moda lançada na França por Yves Saint Laurent em 1959, de saias acima dos joelhos causou espanto e resistência, mas foi assimilada depois de algum tempo no Brasil e também em Rio Grande. Zicil dedicou boa parte de uma crônica social a este assunto e às opiniões de pessoas “abalizadas”:

Joelhos à mostra – Saias curtas fazem subir a fama de Saint Laurent

Embora a contragosto e sob protesto as cariocas adotarão as saias curtas (joelhos à mostra) segundo o decreto de Yves Saint Laurent.

A moda das saias curtas de Saint Laurent é o assunto das rodas elegantes de Paris, de Londres e a discussão nas rodas cariocas.

XXXX

ALGUMAS OPINIÕES SÔBRE A NOVA MODA DE SAINT LAURENT

Sra. Ivone Lopes (uma das MAIS ELEGANTES DO BRASIL) – Detesto. Considero-a exageradamente ridícula, caricata, deselegante. Nenhuma mulher poderá usá-la. Desta forma é melhor usar um “short”.

XXXX

Sra. Terezinha Mairink Veiga (elegante da sociedade carioca) – Nem mesmo Cid Charisse, que é considerada a dona das pernas mais bonitas do mundo poderá usar saias acima dos joelhos.

XXXX

Sra. Maria do Carmo Gregório (que acaba de regressar da França) – Se tiver que comparecer a alguma recepção importante, irei estritamente na moda, de saia curta, acima dos joelhos, conforme observei na minha recente visita a Paris. De um modo geral a reação à linha Laurent é semelhante à que sucedeu o lançamento da linha “trapézio”. Mas as elegantes terminaram adotando a “trapézio”.

³⁷⁷ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 16/01/1960.

XXXX

“Daily Mirror” – o maior jornal de Londres, cuja tiragem é de 4 milhões e 500 mil exemplares apresentou comentários extensos sobre os modelos da nova linha.

A saia terminará na altura de 58 centímetros e será rodada, o que, segundo os comentários ouvidos em Côte d’Azur, remoçará a mulher, tornando-a mais leve, mais feminina.

XXXX

Costureiro José Ronaldo (famoso no Brasil inteiro e criador do vestido de debutante de Tânia Franco, o “Brotinho Sensação” desta coluna) – Como lançamento internacional Yves Saint Laurent já venceu a “batalha dos joelhos”. Dizem que o joelho é feio. E o cotovelo? Exite coisa mais citoplasmática que isso? A moda não visa agradar um determinado grupo. Moda é moda. Usa quem pode, sabe usá-la ou tem elementos para isso. Pessoalmente aprovo inovações, voto a favor.

XXXX

“TIC-TAC” – Só pelo “movimento” que a nova moda lançada por Saint Laurent está fazendo no Brasil, é quase certo que também as brasileiras encurtarão as saias.

Em pouco tempo veremos muita elegante riograndina com “joelhos à mostra”.³⁷⁸

Podemos observar que Zicil traz as opiniões de mulheres reconhecidamente elegantes, que fazem parte de listas de elegantes não só do Rio de Janeiro, mas como de uma lista para o Brasil inteiro, que fazem viagens internacionais – portanto conhecedoras da moda destes lugares –, de um jornal internacional importante e de um famoso costureiro, procurando mostrar como esta nova moda é recebida, quem aprova e quem não aprova. Percebe-se também, como ressaltai anteriormente, a ligação de uma destas figuras ilustres com personagens de Rio Grande, no caso o costureiro José Ronaldo, criador do vestido de debutante do “Brotinho Sensação”, Tânia Franco. Seria mais uma tentativa de mostrar importância e distinção da sociedade rio-grandina por uma aproximação com figuras consideradas também distintas e importantes? Acredito que sim.

Algumas moças mais jovens e mais ousadas adotaram a moda das saias mais curtas. A cronista, no entanto, não parecia ver com bons olhos este encurtamento, pelo menos quando

³⁷⁸ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 27/08/1959.

lhe parecia exagerado: “A morenice bonita de Vera Siedler exagerou na falta de comprimento da saia de seu modelo em negro. É pena!”.³⁷⁹

O assunto mais singular: um tal saiote de um vestido azul. Saiote foi o mais apropriado termo para o comprimento de certo vestido, que ultrapassa qualquer inovação dos figurinistas franceses, que estão optando pelos trajes curtos. A bonita jovem e seu narizinho arrebitado chamaram atenção, o que se admite porque comprimento (ou falta de comprimento) era mesmo de causar espanto. Assim também não.³⁸⁰

Como podemos notar a partir do que foi exposto até aqui, a preocupação da elite com a sua apresentação diante de seus pares e também de pessoas de fora, traduzida, entre outros fatores, pelo seu esforço de “estar na moda” é uma forma de reforçar a sua identidade distinta. Usar roupas que remetem a certos tipos de pessoas e comportamentos – elegância, recato, *finesse* ou ousadia; boas moças, senhoras elegantes ou jovens modernas – mostra e reafirma quem é quem nessa sociedade e qual estereótipo garante o pertencimento à esta elite. Como disse Dulci:

A respeitabilidade e o prestígio que os indivíduos dos estratos superiores gozam frente aos seus círculos sociais, são percebidos como dependentes, em grande proporção, da composição de sua aparência pessoal e de suas vestimentas.³⁸¹

Estar “bem vestido”, ou de acordo com o que este grupo considerava adequado, era um pré-requisito para participar dos eventos oferecidos pelos clubes sociais, como se viu. Porém, mais do que garantir a entrada dessas pessoas, usar as roupas certas e seguir a moda era uma forma de ganhar a aprovação dos seus pares e, por vezes, de se destacar entre eles. Os “bonitos” e “elegantes”, como veremos a seguir, desempenhavam um papel importante, e talvez até essencial, nesse grupo, sendo os protagonistas da vida social da elite rio-grandina.

³⁷⁹ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 24/09/1960.

³⁸⁰ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 09/08/1960.

³⁸¹ DULCI, op. cit., p. 26.

3.2.2. Características da elite: o destaque da “beleza” e da “elegância”

A beleza está, seguidamente, ligada ao corpo. Corpo belo que passou por diversas transformações ao longo do tempo, mudando os seus conceitos. Segundo Umberto Eco³⁸², o que é considerado belo depende da época e da cultura. Seu livro, *História da Beleza*

parte do princípio de que a Beleza jamais foi algo de absoluto e imutável, mas assumiu faces diversas segundo o período histórico e o país: e isso não apenas no que diz respeito à beleza física (do homem, da mulher, da paisagem), mas também no que se refere à Beleza dos Deuses ou dos santos, ou das ideias...³⁸³

Os modelos de beleza foram se modificando, e o que era considerado belo no passado pode gerar estranhamento nos dias de hoje. No entanto, é importante lembrar que nem tudo muda, alguns modelos foram mantidos ao longo do tempo, que diferentes formas de ver a beleza também coexistiram e coexistem, uma não excluindo a outra.

Segundo Georges Vigarello, junto com diversas mudanças que trouxe a virada do século XX, viu-se uma transformação na silhueta das mulheres, mais alongadas, e do que era considerado belo:

É sobre uma mudança de silhueta que se inaugura a beleza do século XX, “metamorfose” iniciada dos anos 1910 aos anos 1920: linhas estendidas, gestos aligeirados. As pernas se exibem, os penteados se elevam, a altura se impõe. As imagens de *Vogue* ou de *Femina*, em 1920, não tem relação com as de 1900: “Todas as mulheres dão a impressão de terem crescido.” Sua aparência desliza da imagem da flor à da haste, da letra “S” à letra “I”. Extensão “desmedida” em relação à aparência, já sensível, do começo do século XX.

Essa gracilidade não é apenas formal. Ela pretende revelar a autonomia das linhas do corpo, ilustrando a profunda transformação da mulher. É o que as revistas dos Anos Loucos dizem com toda a ingenuidade: “A mulher, animada com o movimento e a atividade, exige uma elegância apropriada, cheia de desenvoltura e de liberdade.” É seguramente um sonho, mas assinala uma diferença decisiva e uma originalidade.³⁸⁴

As mudanças na visualidade acompanhavam as transformações da sociedade e as tendências das modas. A moda à *garçonne*, de linha alongada, maquiagem forte e cabelos curtos, procurou ir além do estético, pressupondo um comportamento mais livre e

³⁸² ECO, op. cit.

³⁸³ Ibid., p. 14.

³⁸⁴ VIGARELLO, op. cit., p. 143.

transgressor, com uma vida sexual ativa e vivida fora de casa.³⁸⁵ As tentativas de inclusão das mulheres em uma vida pública durante os anos 1920 e 1930, trabalhando ou apenas podendo andar livremente, segundo Vigarello, deixam marcas em seus corpos. O ar, o sol, o mar, os momentos de lazer e as férias gozadas ao ar livre relacionavam a beleza aos corpos bronzeados e ao ar saudável.

Essa imagem do “lado de fora” é canônica, destacando os bronzeamentos, opondo exterior a interior, transgredindo as velhas indicações do feminino e do abrigo. Ela instaura o “sair” como prioridade – gesto tão reservado e, no entanto, tão controlado na jovem tradicional. Esse “sair” não é admitido em todos os lugares. Mas já não é a “escapada” (...).³⁸⁶

Essa nova forma de ver a beleza gera também novos cuidados com o corpo, incluindo a maquiagem, a depilação, a hidratação, o filtro solar e uma série de cosméticos que prometiam deixar a mulher cada vez mais bela.

A apresentação desses corpos “ensolarados”, ativos e mais despidos devia misturar magreza e vigor. Até então propriedade exclusiva do homem, agora o corpo feminino que saía de casa e que trabalhava devia ser magro e musculoso, se movimentando com leveza. Intensificaram-se então as preocupações com o peso e com a altura, com as formas do corpo para alcançar um ideal de beleza cada vez mais difundido.³⁸⁷

A ascensão e intensificação das estrelas de cinema como modelos de beleza, durante os anos 1930 e 1940, dá um peso extra às preocupações com o corpo diante da vontade de se parecer com aquelas mulheres. As *stars* dividiam com o público seus truques de beleza, os produtos utilizados, as dietas feitas, possibilitando a imitação. Porém, independente dos produtos consumidos, o que era destacado era o lado psicológico de tornar-se bela: era preciso determinação, vontade e disciplina para *adquirir* a beleza desejada.³⁸⁸

(...) O embelezamento diz respeito, pela primeira vez, a um corpo mental e conscientemente representado, submetido, até na sua sensibilidade, às injunções da vontade.

Esse triunfo desloca a relação da autoridade, como desloca a relação do si. O conselho distingue aqueles que têm vontade daqueles que não a têm. A ordem dada não é mais verdadeiramente vertical: joga-se mais com a culpabilidade, implicando o indivíduo e sua responsabilidade. Pressupõe uma participação ativa, engajada. (...)

³⁸⁵ Ibid., p. 145-146.

³⁸⁶ Ibid., p. 148.

³⁸⁷ Ibid., p. 149 e seguintes.

³⁸⁸ Ibid., p. 162 a 165.

A silhueta não é mais aperfeiçoada pela empregada doméstica e os espartilhos, como no século XIX, ela se aperfeiçoa pelos bons exercícios e a vontade. Instaura-se um imperativo: “Seja o escultor de sua silhueta.” Impôs-se uma convergência, da estética e do trabalho.³⁸⁹

A afluência e o acesso cada vez maiores dos modelos e produtos de beleza nesses anos tornam todos passíveis de ficarem belos. A beleza passa a ser consumida, tanto de forma abstrata, pelos modelos que os meios de comunicação divulgam, como materialmente, com grande destaque para os cosméticos. Cada vez mais massificada, a beleza se diversifica, tendo inúmeros ideais do que é belo, e se generaliza, sendo acessível a muitas pessoas e encobrendo – pelo menos parcialmente e a um primeiro olhar – as diferenças sociais.³⁹⁰

Hedonismo e lazer parecem levar a melhor nos anos 1950-1960, sobretudo o consumo, desarrumando o conjunto do universo estético: modelos mais numerosos, mais acessíveis também, mais concretizáveis do que nunca. Pode-se aquilatar a importância dessa divulgação: a beleza de “todos” – dos humildes, das idades, dos gêneros – também passa por revisão. O corpo se tornou “nosso mais belo objeto de consumo”. Daí a “generalização” dessa beleza, impensável até então, ao alcance da retórica lisa e versátil do mercado. Beleza mais livre também, secretamente trabalhada pela dinâmica da igualdade.³⁹¹

O belo, seja público ou privado, ao ar livre ou dentro de casa, sexy ou recatado, apenas para alguns ou para todos, está, como ressaltou Eco, recorrentemente associado à ideia de algo bom:

“Belo” – junto com “gracioso”, “bonito” ou “sublime”, “maravilhoso”, “soberbo” e expressões similares – é um adjetivo que usamos frequentemente para indicar algo que nos agrada. Parece que, nesse sentido, aquilo que é belo é igual àquilo que é bom e, de fato, em diversas épocas históricas criou-se um laço estreito entre o Belo e o Bom.³⁹²

Nas crônicas sociais rio-grandinas, o belo e o elegante estão intimamente ligados a esta ideia de “bom”. Os elogios recorrentes das cronistas concentram-se em boa parte sobre essas duas características atribuídas aos participantes da elite. “Beleza” e “elegância” têm, no entanto, a sua própria definição dentro do contexto das crônicas e são adjetivos que vão muito além de uma beleza estética ou de uma elegância no vestir.

³⁸⁹ Ibid., p. 165.

³⁹⁰ Ibid., p. 171 a 175.

³⁹¹ Ibid., p. 171.

³⁹² ECO, op. cit., p. 8.

É importante dizer que essas duas características estão extremamente conectadas entre si na fala de MyrAz e Zicil, ou seja, falar de beleza normalmente também é falar de elegância e vice-versa. Elas são em grande parte relacionadas com o feminino e com a moda. A elegância e a beleza de determinadas pessoas são comentadas diante da sua participação constante na vida social da elite, em festas e bailes mais glamorosos, assim como em eventos de menor porte. As cronistas falam sobre as pessoas que foram dignas de nota, descrevendo as suas roupas, seus penteados, suas joias, sua maquiagem, sua postura, a forma como sabem se comportar e vestir as roupas, etc.

Seria impossível descrever, ou fazer justiça, ao deslumbrante desfile de modas apresentado pelas Rio Grandinas e Pelotenses. Um luxo sem precedentes, toilettes finíssimas desfilavam em profusão.

A presença do casal Carlos Alberto Vieira Motta e Benette, foi comentadíssima. Benette uma das maiores representantes da elegância da mulher pelotense, apresentou-se em vestido de lamê, ouro, corpo largo, imitando blusão, ajustava-se da altura dos quadris para baixo. Decote em V, terminado com uma flôr azul, luvas também azues, Benette Cassareto Motta parecia uma visão de beleza.

Digna de nota a Sra. Antonio Mendes Neto (Neuza). Em azul, corpo bordado a fio de prata, estava belíssima. (...) ³⁹³

O par mais elegante da noite Sr. e Sra. Carlos Spohr. Célia esteve deslumbrante. (...)

Sr. e Sra. Cléo Lages. A suave Margot, esteve simplesmente deslumbrante em cetim branco bordado, corpo comprido, a saia com ampla roda. Foi uma das mais belas senhoras da noite. (...)

Sr. e Sra. Antonio Mendes Neto. Sra. Neuza, um das MAIS ELEGANTES da cidade, vem se destacando pela suntuosidade de suas ‘toilettes’ e por sua beleza. Seu vestido de Lamé verde enquadrava-se entre os mais belos, sendo alvo de muitos elogios.

Sr. e Sra. Dr. Hugo Dantas Silveira. A encantadora Suely, muito elegante, em vestido justo de brocado cinza prateado, abotoado do lado esquerdo, saia mais curta na frente. Estola e sapatos de gaze vermelha. Notadíssimos. ³⁹⁴

Em meio a nomes e descrições de roupas, estão os elogios, mostrando quem é elegante e belo e o que definiria esses dois adjetivos. A beleza estava normalmente ligada à harmonia e simetria das linhas, dando maior atenção ao rosto, aos olhos e ao sorriso. Quando elogiava a beleza de alguma moça, Zicil referia-se aos olhos, a um belo “palmo de rosto”, ou a uma beleza em geral, não especificando que atributos a constituiriam:

³⁹³ ZICIL, “*Crônica Social*”, Jornal *Rio Grande*, 27/11/1957.

³⁹⁴ ZICIL, “*Crônica Social*”, Jornal *Rio Grande*, 08/01/1958.

Vocês já notaram o encanto que está Maria Tereza Azevedo? O brotinho, que debutará êste ano, é um verdadeiro mimo e dono de belíssimos olhos. Maria Tereza (dentro de alguns anos) será uma provável Miss Rio Grande.³⁹⁵

Miss Rio Grande, Clair Pelayo encantou com seu belo sorriso, sendo anunciada sua presença na festa e juntamente com Miss Pelotas receberam calorosos aplausos da assistência.³⁹⁶

Zicil chegou a eleger, no ano de 1959, as “Dez carinhas mais bonitas” da cidade, dando atenção especial para esta parte do corpo:

AS “DEZ CARINHAS MAIS BONITAS DE RIO GRANDE”

Dentro de alguns dias esta coluna lançará os nomes das garotas riograndinas possuidoras dos mais belos rostos.

Aguardem portanto, para breve as “DEZ CARINHAS MAIS BONITAS DE RIO GRANDE”.³⁹⁷

Concentrada principalmente na parte de cima, rosto e cabelos, a beleza do corpo era vagamente descrita, resumindo-se no elogio da bela “plástica” que apresentavam algumas senhoras e senhorinhas, sem ater-se muito aos detalhes:

Um único tópico reúne hoje o que há de máximo em matéria de elegância na praia do Cassino: MAGDA LEDA VIERNO LIBÓRIO e sua plástica perfeita num deslumbrante “maillot” de Ouro, que causaram enorme sucesso.

(N.R. – Para quem estiver interessada na aquisição de um “maillot” de Ouro o mesmo veio dos Estados Unidos).³⁹⁸

As grandes belezas da cidade eram reveladas e exaltadas nos concursos de miss que faziam grande sucesso na época. As moças mais bonitas de Rio Grande eram selecionadas e convidadas a participar desses eventos, podendo vir a participar de outras seleções no Estado e no país. Tornavam-se os modelos para as outras moças dessa sociedade e a definição de beleza da época. Apesar de serem concursos de beleza, o quesito elegância estava sempre presente, como parte do conjunto.

³⁹⁵ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 30/01/1958.

³⁹⁶ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 03/06/1958.

³⁹⁷ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 07/01/1959.

³⁹⁸ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 06/02/1959.

Miss Bangú 1957 – Magda Libório

Entre as 12 desfilantes e as 11 concorrentes ao título de Miss Elegante Bangú, sagrou-se vencedora Magda Libório, secundada por Auróra Dourado.

Ambas concorrerão a novo concurso Bangú, dia 14 de Dezembro na cidade de Pôrto Alegre, onde vão enfrentar candidatas de todo o Rio Grande do Sul.

As desfilantes criaram alguma indecisão no júri, o que é admissível, pois algumas estavam ‘no seu dia’, não só em beleza, como no domínio e confiança com que percorreram a passarela.

MAGDA LIBÓRIO – foi nessa noite o mais perfeito sinônimo da palavra elegância. Nosso ‘manequim profissional’ jamais esteve como neste desfile. Não é toda pessoa que consegue numa toilette, como a apresentada por Magda, em vermelho, sair-se maravilhosamente bem. É preciso muito para conseguir-se isso.

AURÓRA DOURADO – talvez a que reunisse maior conjunto, em elegância e beleza. Criou aos membros do júri verdadeira indecisão. Lóla dominou e encantou o público, numa exibição de grande classe.

SILVIA CORA MOODY – impressionou vivamente. Jamais uma corôa foi tão bem justificada como na cabeça de Sílvia Cora. Era de fato magestade, em graça e beleza, considerada a desfilante de mais lindo rosto. Sua apresentação foi um espetáculo, tendo sido a mais aplaudida entre todas, ao exhibir-se em vestido de baile.

Este foi o ‘trio climax’ da noite. Entre estas candidatas o título oscilou durante algum tempo, numa forte indecisão. Magda Libório – a mais elegante; Auróra Dourado – o melhor conjunto – elegância e beleza; Sílvia Cora Moody – o mais encantador rosto.³⁹⁹

Além dos concursos de beleza, as mulheres que se tornavam “manequins profissionais” também eram tidas como modelos, já que podiam usar sua visualidade como profissão, como mercadoria a ser consumida pelos outros. Como diz Vigarello:

A profusão da imagem, a cultura generalizada da revista impuseram ainda um outro personagem cuja primeira qualidade é a das linhas desabrochadas na fotogenia: o manequim. “Beleza mercadoria” ou “beleza publicitária”, substituindo a beleza atormentada da estrela, o manequim sistematizou o princípio de um corpo de “papel gelado”.⁴⁰⁰

Em Rio Grande, Magda Libório era considerada a “manequim profissional”. Mesmo que não tivesse uma verdadeira carreira, tendo desfilado apenas em algumas ocasiões, Magda era considerada por Zicil uma manequim, pois vencera o concurso de Miss Bangú e desfilava muito bem, reunindo o melhor conjunto de beleza, elegância, graça e simpatia.

³⁹⁹ ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 25/11/1957.

⁴⁰⁰ VIGARELLO, op. cit., p. 173.

Destaques em Rio Grande

AS MAIS ELEGANTES RIOGRANDINAS

(foto)

MAGDA LÊDA VIerno LIBÓRIO, “Miss Elegante Bangú”, é considerada o manequim profissional pela magnitude como percorre uma passarela.

Em matéria de Elegância, Magda lidera a lista das senhorinhas, impecável em sua maneira de trajar e distinção.

No clichê Magda Leda, quando desfilava no Leopoldina de Porto Alegre.⁴⁰¹

Em meio a elogios breves sobre beleza, elegância e moda, algumas moças se destacavam, chamando a atenção das cronistas e ganhando notas mais longas sobre seus atributos:

Zuzú, Marilice Llopart, estava na sua noite. Linda, linda, linda... Há muito Zicil não via em Zuzú aquela (sic) charme (a não ser de maillot) aquela personalidade. Envolvida auma (sic) estola branca de peles, usando singelo modelo de veludo azul mar, conservando os cabelos quase como ditam os franceses, bem maquilada, Zuzú merecia qualquer título de beleza por mais disputado que fosse.

As cores claras embelezam a ex-Rainha das Praias do Atlântico Sul.⁴⁰²

A nota máxima da festa, indiscutivelmente, foi a presença de Marlene Colembergue, beleza estonteante que dominou com sua elegância, charme e plástica. A jovem despertou atenção das elegantes de nossa sociedade, sendo alvo de comentários elogiosos, durante toda a noite.

Marlene Colembergue e sua atraente beleza causaram notícia e muitas opiniões indicam-na como forte concorrente ao título de Miss Rio Grande-61. Anotem êsse nome, pois a beleza da jovem em questão é, realmente, digna de comentários.⁴⁰³

Juntamente com o destaque que recebia a beleza nas crônicas sociais, diante da profusão de eventos sociais, bailes e concursos, a elegância tornou-se palavra recorrente, caracterizando grande e diverso número de pessoas. Ligada, em alguns momentos, com o bem vestir, com roupas consideradas na moda e à forma como as pessoas as vestiam, com o bom caimento e bom gosto, em outras ocasiões a elegância estendia-se mais, de uma forma mais abstrata, caracterizando formas de se comportar ou apenas um adjetivo para alguma pessoa que era importante – e não necessariamente bem vestida.

⁴⁰¹ ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 27/06/1958.

⁴⁰² ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 09/07/1960.

⁴⁰³ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 02/12/1960.

Ápice do elogio, ponto máximo de reconhecimento social, as listas dos “Dez mais elegantes” mostravam os nomes que incorporavam, nessa sociedade, a palavra elegância. Ser escolhido para fazer parte destas listas, destacando-se por seu modo de vestir, certamente era uma grande honra, principalmente para as mulheres. Os escolhidos eram seguidamente referidos pelas cronistas por este título, como podemos ver nos seguintes trechos: “Ana Maria de Lima, uma das Mais Elegantes desta coluna, esteve num de seus dias. Elegantíssima e super atualizada foi uma das sensações da noite.”⁴⁰⁴ “(...) Sr. Miro Colussi, um dos Mais Elegantes Riograndinos (...)”⁴⁰⁵

Alguns homens e mulheres que fizeram parte destas listas aparecem apenas uma vez, tendo-se destacado apenas durante aquele ano. Outros, mais conhecidos por serem referidos constantemente nas crônicas sociais nos mais diversos eventos (principalmente as mulheres), eram escolhidos durante vários anos seguidos. É o caso, por exemplo, de duas senhoras, Eloá Amaral e Giovanna Ballester, que, por figurarem nas listas de elegância durante muitos anos seguidos, foram consideradas *hours concours* pela cronista no ano de 1960, dando vaga para mais duas senhoras serem consideradas como “elegantes”:

A inconfundível elegância de duas senhoras de nossa sociedade, que, em anos consecutivos, lideram as listas de elegantes riograndinas, faz com que desta vez, eu as classifique “Hors Concours”:

ELOÁ AMARAL e
GIOVANNA DI GESU BALLESTER

constituem os expoentes máximos em moda, elegância e bom gosto. Essas duas senhoras, que jamais poderiam ser excluídas das listas de elegantes de nossa cidade, passam para o rol das “Hors Concours”, unicamente para ceder em seus postos às que durante 1960 esmeraram-se por merecer o lugar de destaque em moda e “finesse”. TIC-TAC oferece o título das “Mais Elegantes Riograndinas dos Últimos Tempos”, à Eloá Amaral e Giovanna Ballester.⁴⁰⁶

Ao que parece, Zicil tornou a lista das “Dez mais” uma “competição” importante na cidade, e que certamente ganhou grande vulto na sua crônica social. Ela fazia comentários constantes sobre a escolha das candidatas e dos candidatos e recebia diversas cartas de moradores da cidade com seus palpites e preferidos. Um trecho de sua crônica, em dezembro de 1960, demonstra este contato com seus leitores e a importância da lista:

⁴⁰⁴ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 11/09/1959.

⁴⁰⁵ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 10/03/1959.

⁴⁰⁶ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 24/12/1960.

Cartas e mais cartas insistem na presença de certa riograndina em minha lista de elegância-60 (sic). O único senão prende-se a ausência de mencionada (sic) senhora nas noites sociais de nossa cidade. Talvez não fosse justo que eu incluísse em minha lista um nome que jamais comparece em sociedade, embora o motivo seja falta de vontade. Depois, será que não se interessando pelos acontecimentos sociais teria algum prazer em ver seu nome numa lista de elegância?!? De qualquer maneira prometo solenemente que a indicada passará por rigorosa observação, pois minhas listas de elegantes já estão concluídas e alguém teria, no caso, que ceder seu lugar.⁴⁰⁷

Esta fala de Zicil demonstra a concorrência para fazer parte de uma lista que elege as mais elegantes da cidade e os critérios para a sua escolha. Era importante que a candidata participasse dos eventos sociais, exibindo suas roupas e seu porte, que fosse reconhecida como uma candidata viável e também que desse a ver a importância do título eventualmente recebido. A cronista relutava em escolher entre as suas dez preferidas alguém que não valorizasse tal deferência.

Esta eleição era, normalmente, baseada apenas na observação e opinião da cronista, o que nem sempre agradava a todos os leitores e membros da elite. No trecho a seguir MyrAz justifica sua escolha diante das reclamações da ausência de alguns nomes:

(...) E por falar nesta lista, sei perfeitamente que diversas pessoas manifestaram discordâncias e desaprovações. Naturalmente, a maneira e o prisma de encarar a elegância sofrem variações, portanto é impossível organizar uma lista que seja aceita por todos. (...)

Quero explicar apenas, que a lista expressa minha opinião pessoal, logo não posso exigir que todos concordem comigo. Para mim, aquelas foram as mais elegantes do ano, o que não exclui muitas outras elegantes que também se salientaram com destaque, no meio da 'society' rio-grandina, que não obstante a ausência, e o silêncio, que ela registra, por tradição ou prevenção, no noticiário e nas crônicas da Capital do Estado, vai ganhando terreno satisfatória e aceleradamente.⁴⁰⁸

Zicil também procurava mostrar que a seleção dos “Dez mais elegantes” era feita unicamente pela cronista e esclarecia as mudanças feitas em algumas listas, que poderiam gerar estranhamentos em seu público leitor:

Aguardem para breves dias a publicação das Listas de Elegantes. Adianto que apesar (sic) das muitíssimas modificações que sofrerão as listas anteriores, não quer dizer que os excluídos deixaram de ser elegantes: unicamente cederam lugar a outros mais

⁴⁰⁷ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 15/12/1960.

⁴⁰⁸ MYRAZ. “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 05/01/1957.

indicados ao posto por terem distintamente se evidenciado sem ainda fazer parte da LISTA DE ELEGÂNCIA.⁴⁰⁹

Apenas no ano de 1959 a escolha dos mais elegantes foi diferente. Neste ano as senhoras e senhorinhas mais elegantes de 1959 escolheram quem consideravam os senhores mais elegantes e Zicil fez a escolha final:

OS “DEZ MAIS”...

Cada elegante de 59 escolheu o nome de três senhores da sociedade riograndina para figurar na lista de elegância. Dos trinta nomes (alguns repetidos) ZICIL selecionará os “DEZ MAIS” para lista que será publicada no último jornal deste ano. É espantosa a cotação de um cento elegante, que tem o seu nome muitíssimo indicado.⁴¹⁰

Pelo espaço e destaque dado na crônica social para esta competição de elegância e pelas cartas de leitores querendo participar e interferir na escolha da cronista, estas listas pareciam movimentar os desejos e afetos dos rio-grandinos, sendo a participação cobiçada pelos concorrentes e uma honra para os escolhidos. Ser um dos “Dez mais” era uma distinção e parte importante da definição de quem é elite neste meio, assim como acontecia em outras cidades, como Porto Alegre e Rio de Janeiro, e com outros cronistas, como Ibrahim Sued e Jacinto de Thormes.

O outro lado, ou seja, as pessoas que eram da elite, mas não eram bonitas ou elegantes, certamente não apareciam em notas sobre esse assunto com o mesmo destaque e, por vezes, eram criticadas. Não há registros das cronistas chamando alguém diretamente de feio ou deselegante. No entanto, em alguns raros momentos elas se mostram decepcionadas com a vestimenta, o penteado, os quilos a mais de algumas pessoas. Tais críticas se constroem normalmente através de insinuações e sem nomes. Até as integrantes das listas de “Dez mais” às vezes eram criticadas quando desapontavam, não fazendo jus ao seu título: “(...) Duas das Mais Elegantes Riograndinas parecem ter mandado a elegância para longe, pois desapontaram completamente.”⁴¹¹

Como já foi mencionado, ser considerado elegante ou bonito pelas cronistas sociais ia muito além de atributos estéticos ou de bom gosto. As pessoas que eram adjetivadas assim na escrita de Zicil e MyrAz pareciam apresentar um conjunto de características que englobavam

⁴⁰⁹ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 17/11/1958.

⁴¹⁰ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 18/12/1959.

⁴¹¹ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 11/09/1959.

outros aspectos como simpatia, sociabilidade, graça, charme, distinção, *finesse*, desafetação, bom humor, simplicidade de maneiras, desembaraço, cultura, cordialidade, personalidade. Todos esses foram citados junto às palavras beleza – e suas semelhantes: linda, lindíssima, deslumbrante, encantadora, belíssima – e elegância para descrever os membros da elite.

Não bastava ter apenas o visual, era necessário saber usá-lo, saber conviver com seus pares e mostrar o que se tem; era necessário saber jogar o jogo da alta sociedade e cair nas graças das cronistas. Nem todos, no entanto, atingiam essa habilidade:

‘ELEGANTE’

Você que tanto se preocupa em parecer elegante, que tanto acompanha os últimos lançamentos da moda, devia saber que para ser ELEGANTE não basta a distinção no vestir é necessária também a distinção de maneiras.

Há pouco tempo acabou uma amizade, que muito lhe apreciava, por estar ‘cançada’ (sic) dela, atualmente acabou, ou melhor, acabaram a amizade com você dois casais de grande projeção nesta cidade, porque você usou o seu gênio contra eles.

Em Rio Grande não há muito campo de ação para pessoas ‘temperamentais’, assim aceite um conselho de amiga: domine-se, ou consulte um psiquiatra.⁴¹²

Como mostra Zicil no trecho acima, ser elegante não se resumia a acompanhar a moda, mas fazia parte de um conjunto de comportamentos, de formas de se portar e de tratar os seus pares.

A leitura e análise das notas sobre beleza e elegância, tomando-as em seu conjunto, parecem mostrar, com o tempo, o esvaziamento do real sentido dessas palavras. Evidentemente que elas procuravam definir e separar quem é belo e elegante ou não, procurando mostrar que a elite rio-grandina, além de diversos outros atributos, ainda destacava-se por sua visualidade e bom gosto. Entretanto, essas duas palavras foram tantas vezes repetidas e atribuídas a tantas pessoas que seu verdadeiro sentido parece perder-se. Ou seja, as pessoas consideradas importantes pelas cronistas – e neste ponto principalmente por Zicil – eram automaticamente tidas como elegantes e belas, levando mais em conta sua posição e status nessa sociedade do que qualidades estéticas ou de gosto. Quase todos eram elegantes, quase todos eram belos, e como um grupo diferenciavam-se dos “de fora”, que não conseguiam alcançar essa beleza, essa elegância e, portanto, essa distinção.

⁴¹² ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 19/03/1958.

A moral e os costumes dos anos 1950, acrescidos da visualidade própria dessa época, da sua moda e do que considera bom, belo e elegante mostram como a elite rio-grandina era vista e via-se, quais as suas características e como essas alimentavam as representações do grupo. A seguir examino como as relações da elite com paradigmas de fora, como algumas “cidades-modelo” possibilitaram também essa construção da sua identidade e como isso estava presente no discurso das cronistas.

3.3. As cidades-modelo e as relações com a elite rio-grandina

Rio Grande, cidade portuária e comercial, apresentava intenso fluxo de pessoas, mercadorias, conhecimentos e cultura. Vivia ainda nos anos 50 as consequências do seu *boom* industrial no final do século XIX e começo do XX e era importante para o comércio do Estado. Sua vida social era agitada e com opções diferenciadas de diversão, porém, como toda cidade ainda considerada “do interior”, espelhava-se na vida das grandes metrópoles, desejando seu cosmopolitismo e buscando relações que a tornassem semelhante. As cronistas sociais davam recorrentes mostras desta busca, visitando, falando sobre e buscando ligações dos rio-grandinos com estas “cidades-modelo”. Esta admiração ia da mais próxima cidade – e ainda em pé de igualdade – como Pelotas, expandindo-se para a Capital do Estado, Porto Alegre e para cidades importantes no Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo e a recém-inaugurada Brasília, até alcançar o âmbito internacional, como a Europa e os Estados Unidos.

Pelotas, localizada a cerca de 50 km de Rio Grande, era uma cidade-irmã, com diversas relações entre ambas, entre emulação e competição. As elites das duas cidades trocavam convites para suas festas e frequentavam a vida social da cidade vizinha. Zicil costumava noticiar nas suas crônicas sobre algumas festas com mais vulto que aconteciam em Pelotas, às vezes informando só o local e o motivo do baile, outras, quando conseguia participar, fazendo um resumo completo do acontecimento e dando especial atenção aos rio-grandinos presentes:

Jantar no Hawai – Pelotas

A simples entrada no Clube Diamantinos, na noite de sábado, já era um espetáculo quase indescritível. A ornamentação, completamente com motivos hawaianos, foi trabalho de arte e bom gosto.

Colocação das mesas, não individuais, deram o toque todo singular, reunidas em grupos de quatro ou cinco (às vezes bem mais) estendiam-se vertical ou horizontalmente, mantendo os presentes em contacto mais íntimo.

Cada lugar era assinalado por uma palma, onde constava em tinta branca o nome do ocupante e os cardápios traziam na capa uma bonita hawaiana colorida. Os centros de mesas, variados dificultaram uma justa descrição; frutas pintadas de dourado, arranjos belíssimos.

Jovens vestidas com sarongues recepcionavam os convidados e ofereciam colares coloridos (nêsse simples oferecimento conseguiram, numa cooperação espontânea (sic), dezessete mil cruzeiros).

O Clube Diamantinos esteve lotadíssimo. O máximo da sociedade pelotense e riograndina compareceu ao jantar que, certamente, incluir-se-á entre as maiores festas de Pelotas.

Com destacável elegância: Sr. e Sra. Waldir Fonsêca, Sr. e Sra. Élio Pontes, Sr. e Sra. Milton Espírito Santo, Sr. Fernando Pinho acompanhado por Neida Regina Souza, Sras. Francisca Peña Braga e Nina Ehlers. Em outro grupo: Sr. e Sra. Abrantes e Ornella Anselmi.

De Pelotas, em destaque: Terezinha Rohrig, a dinâmica organizadora da festa, Sr. e Sra. Darcy Schuch, Sr. e Sra. Paulo Luiz de Souza, Sr. e Sra. Nelson Kraft, Sr. e Sra. Eduardo Kraft, Sr. e Sra. Silvio Allemand, Sr. e Sra. Joaquim Osório, Sr. e Sra. Rubens Xavier, Sr. e Sra. Raul Gonçalves, Sr. e Sra. Luiz Carlos Vilar, Sr. e Sra. Adolfo Fetter.

Na mesa de imprensa: Gilda Marinho e Favéco, do Diário de Notícias, Jader Siqueira da Revista do Globo, Herton de Leon da A Hora de Pôrto Alegre, Gilberto Gigante da Crônica Social de Pelotas e outros cronistas sociais da capital e de Jornais do Rio de Janeiro.

Carlos Alberto Motta, da imprensa de Pelotas, acompanhado pela elegante Benette que exibia comentado modêlo de Rui.

Foi apresentado rápido e bem organizado desfile de modas, por sete jovens da Sociedade pelotense. As desfilantes alcançavam a pista e dali dirigiam-se por todo salão, entre as filas de mesas, recebendo o máximo em aplausos.

Uma nota a parte foi oferecida por Auzenda Maria Sequeira e suas alunas Maria Luiza Ehlers, Susana Peña Braga, Lídice Fonseca e Maria Izabel Llopart. As bailarinas em ambos os números foram apreciadíssimas tendo, por insistência do público, que repetir um bailado, apesar de já estarem sem as fantasias. Realmente Auzenda Maria e suas alunas estavam num de seus grandes dias; apresentaram um grande espetáculo.

Agradeço à direção organizadora do Jantar no Hawai, o gentil convite e toda atenção de que fui alvo.⁴¹³

Assim como em bailes locais, Zicil faz uma descrição do que mais lhe chamou atenção no decorrer da festa, porém, como é uma cronista de Rio Grande, escreve principalmente sobre as personagens conhecidas pelos seus leitores, destacando a elite e as dançarinas riograndinas e seu sucesso na cidade vizinha.

⁴¹³ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 19/10/1959.

O Clube Diamantinos era um dos mais citados por Zicil quando referia-se a Pelotas, oferecendo as mais variadas festas, como o “Jantar no Hawai”, já mencionado, a “Festa das Violetas”, eleições de misses e bailes beneficentes. Alguns rio-grandinos também iam a Pelotas para assistir espetáculos de ópera e teatro e algumas moças debutavam naquela cidade:

Hoje, em Pelotas, exibição das Debutantes-60, incluindo-se no ról das meninas moças uma bôa quantidade das lindas debutantes riograndinas.

XXXX

Lídica Magalhães Fonsêca, Debutante nº 1, na sociedade riograndina, fará seu “debut” na data de hoje, em Pelotas. Zicil prevê o sucesso da garota.

XXXX

Ruy Miranda liderando a caravana social que irá a Pelotas, assistir aos mais comentado baile do ano. Espiões informam que vários brotos riograndinos e suas respectivas mães, tomarão parte nessa caravana.⁴¹⁴

As “misses” de Rio Grande eram convidadas para desfilar e exibir seu título em festas nesse clube, levando consigo sua família e amigos.

Miss Rio Grande faz sucesso em Pelotas

Marlene Terezinha Ferreira Mancio, Miss Rio Grande, deu na manhã de domingo na cidade de Pelotas uma das maiores provas de simpatia e cordialidade.

Nossa Miss representou a altura a cidade de Rio Grande, conquistando plenamente pela maneira franca, por sua beleza e pela espontaneidade (sic) dedicada aos pelotenses.

XXXX

OUTRA RIOGRANDINA DIGNA DE ELOGIOS

Soninha Flôres, a bonita Rainha do Aéro Clube, foi homenageada pela sociedade pelotense, retribuindo as provas de carinho que lhe foram tributadas.

XXXX

⁴¹⁴ ZICIL, “Tic-Tac”, Jornal *Rio Grande*, 01/10/1960.

PELOTAS SOCIAL OFERECEU UMA RECEPÇÃO SEM PRECEDENTES ÀS
REPRESENTANTES DA BELEZA RIOGRANDINA

Sábado, no grandioso baile do Clube Diamantinos, Marlene Terezinha foi apresentada à sociedade pelotense, fez um bonito desfile, usou da palavra e conquistou o público presente.

Domingo, na festa beneficente realizada no Educandário Bom Pastor, Miss Rio Grande e Rainha do Aéreo Clube tiveram o máximo que poderiam esperar em homenagens carinhosas por parte de Miss Rio Grande do Sul, Tania de Oliveira, candidatas ao título de Miss Pelotas, e grande número de pessoas de projeção na sociedade pelotense, além de cronistas.

As representantes de beleza riograndense compareceram ao campo de futebol, atraindo, como é natural, a atenção de torcedores que deixaram por alguns instantes a torcida para aplaudirem as jovens, numa prova de extrema simpatia.⁴¹⁵

Estas gentilezas e homenagens também eram oferecidas às misses de Pelotas em festas rio-grandinas. Algumas moças pelotenses, inclusive, ao veranearem no Balneário Cassino, concorriam a “Miss” ou “Rainha do Cassino” e “Miss Glamour” com outras garotas de Rio Grande, Porto Alegre e Bagé:

O movimento do fim semana no Cassino cresce consideravelmente assim que tanto a avenida como os clubes de danças estiveram concorridíssimos no sábado último.

A S.A.C. ofereceu o já comentado baile que lançou as candidatas ao título de ‘Rainha do Cassino’ que será escolhida em breves dias. A jovem eleita concorrerá ao título de ‘Rainha das Praias do Atlântico Sul’.

São as seguintes as concorrentes: Aurora Dourado (Lóla), Yedda Helena Carvalho, Eloisa Santos Rocha (Porto Alegre), Léa Fonseca, Lia Strauch, Marilice Llopart (Zuzu), Stellinha Bertaso (Pelotas), Valkiria Lopes (Pelotas), Helena Curi (Pelotas), Tania Medicis (Bagé) e Elaine d’Alarriba.

Uma jovem entre essas irá a Tramandaí para concorrer ao título, representando o Cassino.⁴¹⁶

E uma pelotense ganhou o título de “Miss Cassino”: “(...) em concorrido baile, foi eleita Miss Cassino a bonita pelotense Stella Bertaso, recebendo a faixa de Sra. Marta Peró Osório (Miss Cassino 1955).”⁴¹⁷ Esta participação de pessoas de fora era normal, devido ao grande fluxo de visitantes no balneário durante o verão. Os pelotenses eram os principais veranistas de fora, que aproveitavam a proximidade para desfrutar da praia, do *footing* na avenida principal e das festas oferecidas pela SAC ou pelo Hotel Atlântico:

⁴¹⁵ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 27/05/1959.

⁴¹⁶ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 20/01/1958.

⁴¹⁷ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 10/02/1958.

Como era de se esperar, obteve completo êxito o grandioso baile realizado sábado, na Boite Blue Moon, do Hotel Atlântico, no Cassino.

Apezar (sic) do forte calor reinante, os amplos salões estiveram sempre superlotados, o que contribuiu decisivamente para o sucesso alcançado.

Aliás, já é de praxe, quase todos os bailes e reuniões dansantes efetuados no Cassino ultrapassam a expectativa.

Um fato deveras interessante, que merece ser registrado, é o que diz respeito a animação dos pelotenses, que constituíram a maioria dos presentes, inclusive muitos vieram especialmente da Princesa do Sol, naquela noite em vários ônibus.

Analisando a procedência dos veranistas do Cassino, conclui-se que predominam ali, pessoas provenientes de Pôrto Alegre, Pelotas, Uruguaiana e Bagé. Os rio-grandinos situam-se em minoria numérica.⁴¹⁸

Porém, se havia eventos que realmente uniam rio-grandinos e pelotenses eram os campeonatos de bridge. Esse jogo de cartas movimentava os grupos sociais em torneios nas duas cidades, despertando amizades, rivalidades e viagens frequentes entre as duas localidades. Essas competições foram ganhando força e frequência com o tempo, havendo grande número de torneios em diversas cidades do Estado e do país, destacando-se um campeonato em uma fazenda nas proximidades de Pelotas, oferecido por um casal da elite desta cidade, com grande número de convidados rio-grandinos, e um campeonato de duplas mistas, reunindo um integrante de cada cidade para jogarem juntos: “Amanhã, em Pelotas, mais um torneio de “bridge” entre riograndinos e pelotenses. Para fazer uma cousa diferente, cada jogador de Rio Grande terá como parceiro um de Pelotas. (Pode ser que dê certo...)”⁴¹⁹

De malas prontas um grupo de elegantes “bridgistas” riograndinos para passarem a Semana Santa na fazenda dos Rocha (Olenkinha e Milton) da sociedade pelotense.

A famosa fazenda fica a 180 km. de Pelotas e pelo movimento que se inicia, será um dos mais divertidos e “esportivos” fins de semana.

Comentários por esta coluna, com fotos.⁴²⁰

Todos estes eventos sociais eram comentados pelos cronistas sociais das duas cidades. Assim como falava sobre os pelotenses, Zicil também destacava a presença dos cronistas sociais desta cidade quando participavam de festas em Rio Grande e requisitavam a ela nomes de rio-grandinos e fotos dos acontecimentos. A lista das mais elegantes, além de bailes no

⁴¹⁸ MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 23/01/1957.

⁴¹⁹ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 26/08/1960.

⁴²⁰ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 11/04/1960.

Clube do Comércio e outros eventos, como o “Jantar Húngaro”, renderam reportagens em crônicas sociais pelotenses:

Tive a satisfação de receber a visita do popularíssimo Cronista Social de Pelotas, Carlos Alberto Motta, responsável pela coluna “Encontro Marcado” do Diário Popular de Pelotas.

Carlos Alberto solicitou reportagem e fotos de TIC-TAC, referentes a Noite Húngara que será reproduzida em sua coluna social.

Noite Húngara foi bastante comentada na cidade de Pelotas sendo agora a reportagem desta coluna e fotografias publicadas no Diário Popular daquela cidade.⁴²¹

Herton de Leon o popularíssimo cronista social de “Sociedade em Caixa Alta” da “Ultima Hora”, que com seus freqüentes telefonemas para nossa cidade tem incluído, quase que diariamente, a sociedade riograndina em sua coluna anunciou que passará a noite de quarta-feira em Rio Grande, para comentar, para todo o Estado, o baile do Clube do Comércio.⁴²²

Pelotas contava ainda, a partir de março de 1958, com uma revista cujo principal assunto era sua alta sociedade, chamada “Pelotas Social”. Assim como nas crônicas sociais, os eventos rio-grandinos ganhavam algum espaço nesta revista, sendo Zicil uma das colaboradoras, fornecendo reportagens sobre os acontecimentos sociais de Rio Grande:

Revista ‘PELOTAS SOCIAL’

Recebi a visita do Sr. Pedro F. Lourenço, Diretor da Revista ‘Pelotas Social’.

Sr. Lourenço em sua breve permanência em nossa cidade levou importantes reportagens, com fotos, para sua inicial mas já famosa revista. Nas reportagens, estão as soberanas da beleza: Telma Tavares Marques – Miss Rio Grande, Marilice Llopart (Zuzú) Rainha das Praias do Atlântico Sul, Elza Rubarth Ennes – Rainha dos Primeiros Jogos Universitários do Rio Grande do Sul e Magda Libório – Miss Elegante Bangú. Outra reportagem, também com fotos, da S.T.A.R.

‘Pelotas Social’ é uma revista que tem tudo para vencer, por seu perfeito acabamento, amplas reportagens, belíssimas fotografias e pelo assunto que divulga. Ainda mais, fará uma cobertura completa dos maiores acontecimentos sociais do Estado do Rio Grande do Sul.⁴²³

Esta intensa convivência com pessoas da cidade vizinha gerou relações que, além da amizade, conferiam certo destaque aos envolvidos. Tanto rio-grandinos e pelotenses que

⁴²¹ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 30/10/1959.

⁴²² ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 28/11/1960.

⁴²³ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 24/03/1958.

experimentavam essas amizades figuravam nas crônicas sociais, por fazerem parte não apenas da elite de suas cidades, mas também por circularem em elites de outros locais.

Um pelotense que está fazendo parte da ‘TURMA CHIC’ (para os que ainda não sabem são esses os componentes da turma ‘chic’: Magda e Léa Libório, Othilia Rheingantz, Maria Conceição Cuello Lopes, Myriam Nascimento (Pôrto Alegre) Maria Cecília e Maria Francisca Becker (P.A.), Maria Conceição Lima (Livramento), Roger Levinson e Clóvis Gastal) é o elegante Claudio Ribeiro, que apresentou um perfeito ‘show’ de dança acompanhado por Magda Libório (Miss Elegante Bangú). Parabéns ao jovem dançarino e sua acompanhante.⁴²⁴

As relações entre Rio Grande e Pelotas pareciam se desenvolver, na maioria das vezes, em pé de igualdade no que se refere a cosmopolitismo e modernidade – ou pelo menos era isso que as cronistas procuravam transmitir para o seu público. O fato de Pelotas ter apresentações de ópera e uma revista sobre a alta sociedade, naquela época, pode indicar um desenvolvimento maior em relação a Rio Grande, porém no momento não temos fontes suficientes para uma investigação mais aprofundada. O que podemos inferir é que, apesar de experimentarem alguma rivalidade, procurando mostrar “qual é a melhor do interior”, os habitantes dessas cidades mantinham relações de amizade e frequência mútua na vida social uns dos outros.

As relações dos habitantes de Rio Grande com a sua capital, Porto Alegre, também podem ser consideradas de intimidade e frequência, sendo esta a cidade mais citada nas crônicas sociais. Zicil, principalmente, gostava muito de referir-se a essa cidade e aos rio-grandinos que circulavam por ela. Porto Alegre era o modelo mais próximo de cidade-metrópole, de vida social intensa e glamorosa.

As viagens à Capital ocorriam pelos mais variados motivos. Muitos jovens rio-grandinos mudavam-se para lá para estudar, tanto ainda durante o colégio quanto para cursar uma faculdade, ou ainda para fazer cursos de curta duração. Zicil contava aos seus leitores os sucessos dessas pessoas fora de Rio Grande, qual era seu “capital escolar” e anunciava as suas visitas durante os recessos escolares, sempre desejando uma boa estadia e um bom regresso:

Despedidas

Seguiu para Pôrto Alegre e para a Faculdade de Medicina o Sr. Bernardo Karaver, após um período de merecido descanso na praia do Cassino.

⁴²⁴ ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 25/01/1958.

Felicidades ao doutorando.⁴²⁵

Os “brotos” estão seriamente interessados nos sucessos da vida e, trocam as praias pelos cursos preparatórios para as faculdades. Entre êles:

Emilce Avelina, estudando em Porto Alegre para o vestibular de Física.

Lucy Mendes, preparando-se em Pelotas, para o Vestibular de Filosofia.

Avany Rossari, em Pôrto Alegre para enfrentar uma banca de Faculdade.

Rosinha Goldenberg, a partir de ontem em São Paulo, para tentar o Vestibular de Medicina. Boa sorte às valiosas jovens riograndinas.⁴²⁶

Às vezes, a mudança para outras cidades levava pessoas ou toda uma família de destaque. Quando eram de projeção social e queridas pelos seus pares, Zicil encarregava-se de divulgar a partida e a falta que fariam entre os rio-grandinos:

Rio Grande perde, com a despedida de estimada Ivone Machado, uma de suas jovens de maior projeção Social.

Conquistando durante três anos lugar de destaque na lista das MAIS ELEGANTES RIOGRANDINAS e desfrutando de grandes amizades em nossa sociedade é de lastimar-se sua transferência de residência para a Capital do Estado.

Felicidades em Pôrto Alegre, Ivone, e não se esqueça que a esperamos no Carnaval.⁴²⁷

Entre os que se despedem definitivamente de nossa cidade está a família Franco. Sr. e Sra. Aluizio Franco, Tânia e Ato, que transferem (sic) residência para Pôrto Alegre.

Aos queridos amigos, possuidores de vastíssimo círculo de relações e amizades em Rio Grande, esta coluna envia despedidas sinceras e votos de felicidades na Capital do Estado.⁴²⁸

Além disso, os rio-grandinos iam a Porto Alegre visitar parentes, fazer compras, passear e fazer o *footing* pela Rua da Praia, participar de diversas festas, casamentos, aniversários, formaturas e batizados, ir ao cinema e a bares, fazer negócios, participar de campeonatos de bridge. As cronistas também circulavam muito por esta cidade, e reportavam o que, onde e quem viram através do espaço que detinham na imprensa de Rio Grande:

⁴²⁵ ZICIL, “*Tic-Tac*”, Jornal *Rio Grande*, 14/03/1959.

⁴²⁶ ZICIL, “*Tic-Tac*”, Jornal *Rio Grande*, 08/01/1960.

⁴²⁷ ZICIL, “*Crônica Social*”, Jornal *Rio Grande*, 14/01/1959.

⁴²⁸ ZICIL, “*Tic-Tac*”, Jornal *Rio Grande*, 21/02/1959.

Numa linda e quente manhã primaveril, na sempre movimentada ‘Rua da Praia’, encontrei as papareias Derly Irigoyen e Marília Espírito Santo, muito elegantes, sorridentes, em pleno gozo de férias. Seguimos, juntas, para as ‘Americanas’, pois o excessivo calor reinante obrigou-nos a refrescar a garganta com um delicioso sorvete de ‘Banana Split’.

Vocês recordam aquela moreninha mignon Mara Baungartem Azevedo? Ela está residindo na capital do Estado, e de romance firme com um jovem engenheiro pelotense Mario Simões Lopes e pretende fazer o vestibular na Faculdade de Filosofia.⁴²⁹

Muitos porto-alegrenses visitavam Rio Grande, alguns mais assíduos e já conhecidos dos habitantes locais, e divertiam-se em bailes, na praia e passando tempo com seus amigos e parentes.

Comentadíssima a elegância da Sra. Agisa Kanan Buz, de Pôrto Alegre, que está passando alguns dias no Cassino em companhia de sua filha, a famosa Rainha de Atlântida de 1958, Martha.

Os comentários gerais são que se a loiríssima Martha tivesse concorrido ao título de Rainha do Cassino, sem dúvida seria a vencedora. Infelizmente a jovem chegou ao Cassino no dia em que foi feita a eleição, assim torna-se impossível fazer previsões, mas que Martha está parando o trânsito na praia, nem se discute.

XXXXXX

Um dos “brotinhos” de sucesso no Cassino é Maria Francisca Becker, da sociedade portoalegrense.⁴³⁰

A vida artística da Capital é destacada em algumas crônicas sociais, discorrendo sobre suas diversas atrações. Algumas dessas chegavam a ir para Rio Grande, como apresentações de ballet e teatro, além de conjuntos musicais como o de Baudalf e os Trabajaras. Rio Grande também mandava suas atrações para Porto Alegre, destacando-se o ator Luiz Carlos Magalhães, sucesso, segundo Zicil, no teatro e na então embrionária televisão e o “Conjunto Vocal Minuano” comandado pela professora Inah Martensen, que se apresentou no rádio e na TV: “Inah Emil Martensen e suas alunas convidadas para exibirem-se na Televisão portoalegrense, em meados de novembro. Espiões informam que o convite foi aceito.”⁴³¹

⁴²⁹ MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 24/10/1956.

⁴³⁰ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 05/02/1960.

⁴³¹ ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 14/10/1960.

Notícias de Porto Alegre informam o sucesso artístico de Luiz Carlos Magalhães, bem como monetário, mas espíões comentam que o nosso artista está com planos de dar uma espichada até São Paulo para ingressar nos meios artísticos da paulicéia.⁴³²

A vida social e cultural da capital atraía os rio-grandinos, que procuravam novas formas de divertimento e lazer. Ter a possibilidade de fazer este tipo de viagens era uma forma de distinção dentro deste grupo e, com certeza, rendia notas nas crônicas sociais. Um bom exemplo disso é o jovem José Guimarães que fazia viagens frequentes a Porto Alegre, sempre interessado em arte e teatro, e que era referido seguidamente por MyrAz e Zicil: “Tive o prazer de bater um papinho com José Guimarães, que regressou de uma temporada em Porto Alegre, encantado com a vida social noturna da metrópole gaúcha.”⁴³³

PÔRTO ALEGRE E UM ELEGANTE RIOGRANDINO...

Ao que parece a Capital fascinou demais certo elegante de nossa cidade, que prolongou ao máximo sua permanência naquela cidade.

José Guimarães trouxe uma imensa bagagem de novidades, e, com pequena exceções (sic), encontra-se a mostra para suas amizades.

Seu amor pela arte está no auge, tanto que o Teatro da S.T.A.R. pretende aproveitar o impulso e contratá-lo para tomar parte em sua equipe. Será???

⁴³⁴

Assim como acontecia com Pelotas, as relações entre Rio Grande e Porto Alegre também previam uma troca entre seus cronistas sociais. Os cronistas porto-alegrenses faziam visitas seguidas em busca de notícias sociais do interior e publicação da lista das mais elegantes; as cronistas rio-grandinas, como vimos, também discorriam em diversos momentos sobre os acontecimentos sociais da Capital e as viagens da elite para lá. As misses rio-grandinas também procuravam exibir seu título fora da cidade natal, comparecendo a bailes e jantares e as debutantes tomavam parte no “Baile do Perfume” do Clube do Comércio de Porto Alegre, repetindo esse ritual de passagem e apresentação também nessa cidade:

Níobe Silva Ribeiro e sua coleção de “brotos” aprontando as malas e os suntuosos vestidos, para o Baile do Perfume no Clube do Comércio da Capital que se realizará amanhã.

87 jovens farão seu “debut” à sociedade portoalegrense, entre elas está a mimosa Maria Helena Allend da Silva, de nossa cidade.⁴³⁵

⁴³² ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 29/08/1960.

⁴³³ MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 01/09/1956.

⁴³⁴ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 12/10/1959.

No ano de 1960 Zicil intensificou suas relações com Porto Alegre e sua sociedade, pois “contratou casamento” com Henrique Zamel, que ali residia, e para onde ela passou a viajar frequentemente. Nessas ocasiões, participava de diversos eventos sociais, ia ao cinema e a bares, visitava amigos e conhecia melhor seu noivo:

Quando esta coluna foi publicada estarei experimentando um dos confortáveis aparelhos da Varig, para atender um compromisso social em Pôrto Alegre, no bem montado apartamento dos Bergman (Ita e Víctor).

Segunda feira circularrei novamente por Rio Grande anotando para os leitores de TIC-TAC as novidades de nossa sociedade.⁴³⁵

Nestes dias “gastos socialmente” em Porto Alegre, em eventos e passeios, Zicil encontrava rio-grandinos que faziam o mesmo, e aproveitava para relatar, na volta, estes encontros e notícias:

DROPS

Aqui vão alguns “drops” riograndinos e portoalegrenses, dos últimos dias sociais, para os leitores de TIC-TAC.

XXXX

De Pôrto Alegre

Inah Emil Martensen e seu Conjunto Vocal Minuano tiveram brilhante atuação na Rádio Farroupilha da Capital do Estado, sábado e domingo últimos.

XXXX

A nova méta do Conjunto Vocal Minuano indica Rio de Janeiro, onde as valiosas alunas da Escola Inah Emil Martensen exibir-se-ão na Radio Nacional e Televisão. Gráu Dez.

XXXX

⁴³⁵ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 28/10/1960.

⁴³⁶ ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 25/06/1960.

No Old Viena Club, de Pôrto Alegre, numa bem freqüentada mesa destacavam-se os riograndinos Luiz Carlos de Magalhães, Marília Leonini, Yedda Vianna do Couto, entre outros. No vai e vem de nomes de projeção alguém reconheceu os “artistas” e o resultado foi brilhante interpretação ao piano por Yedda Vianna do Couto acompanhando Marília Leonini que cantou “Till”. Muitíssimo ovacionadas.

Luiz Carlos de Magalhães, que a muito não declamava em público, atendendo solicitações apresentou “Essa Vida”, de Guilherme de Almeida e o sucesso impressionante do jovem obrigou-o a voltar repetidas vezes à pista de danças, para oferecer ao exigente público mais algumas poesias de seu seletto repertório. Parabéns!

XXXX

Certo portoalegrense está seriamente interessado em construir no Cassino, em plena praia, uma “boite” funcional e nos moldes das melhores casas do gênero em Paris. Tratando-se de uma obra desmontável e rápida, estará, provavelmente, em funcionamento ainda nesta temporada.

Estão de sorte os veranistas riograndinos. Zicil fará comentários detalhados dentro de poucos dias. (...) ⁴³⁷

No final deste ano Zicil parou de escrever a crônica social “Tic-Tac” para o Jornal Rio Grande, pois se casou e foi morar em Porto Alegre. Ela foi convidada, no entanto, para continuar contribuindo com o jornal, esporadicamente, com notícias sobre a Capital:

Quero participar aos leitores de TIC TAC que, atendendo atencioso convite da Direção do “RIO GRANDE” escreverei, muito espaçadamente é claro, assuntos sociais da Capital para esta cidade. Notas que se relacionem com esta sociedade, riograndinos que desfilem por Pôrto Alegre, ou que lá residem. ⁴³⁸

Outra cidade das mais relatadas pelas cronistas sociais era o Rio de Janeiro. Essa cidade era, na época, a mais importante do país quando se referia à vida social e cultural. A Velhacap, chamada por Zicil, era vista como uma “cidade-modelo” por excelência, com seus teatros, clubes, praias, atraindo visitantes do sul e alimentando o imaginário dos que não podiam fazer esta viagem.

Assim como em relação às outras cidades já citadas, Pelotas e Porto Alegre, as cronistas relatavam as viagens de rio-grandinos para o Rio, para férias, visita a parentes, lazer e campeonatos de bridge; e a visita dos cariocas, a parentes ou amigos em Rio Grande. A presença destes visitantes era noticiada com destaque, com votos de boas vindas e bom regresso ainda mais esmerados do que os dirigidos aos porto-alegrenses. As informações são

⁴³⁷ ZICIL, “Tic-Tac”, Jornal *Rio Grande*, 10/11/1960.

⁴³⁸ ZICIL, “Tic-Tac”, Jornal *Rio Grande*, 31/12/1960.

as que se dá sobre qualquer visitante: sua posição de elite, lugares onde se fazem presentes, como se vestem e impressões que causam. Mas percebe-se uma diferença no discurso sobre o Rio de Janeiro e sobre os cariocas na ênfase das palavras amigáveis e na visão de que tudo que vem da Velhacap é elegante e distinto por natureza, e novidade impactante:

Despedidas

Após um período de férias em nossa cidade retornou ao Rio de Janeiro Esther Tanapolsque, que aqui viera em visita a sua irmã Sra. Dr. Abraham Galbinsky (Rosita).

Esta jovem com sua simpatia e simplicidade cativou a todos que tiveram oportunidade de conhecê-la pessoalmente (por falta de sorte nossa apresentação deu-se na véspera de sua viagem).

Em suas palavras de despedida confessou-se encantada com nossa cidade e seu povo (mais uma prova de simpatia entre cariocas e gaúchos). Não contive o riso quando, com seu modo de falar, lento e chiado, perguntou-me:

- Você sabe como é que me chamam aqui? Sputnik III!

Ao que Marcos Karaver retrucou:

- É que tu foste uma 'bomba' que caiu em nossa cidade.

Esta jovem de personalidade marcante, que em pouco tempo de palestra cativa e encanta, deixou nossa terra com grande pesar, levando consigo ótima impressão.

À você Esther, renovo os votos de felicidade e lastimo que tenhamos sido apresentadas na véspera de sua partida.⁴³⁹

A análise das crônicas aponta o quanto qualquer fato, por mais banal, se ligado ao Rio de Janeiro era relatado como de muita importância e interesse. Zicil, principalmente, dava a ver tal importância, relatando todas as viagens de membros da elite para aquela cidade e também reservando crônicas inteiras para relatar os acontecimentos sociais com presença de rio-grandinos no Rio de Janeiro quando era ela que viajava de férias. Duas crônicas sociais, na íntegra, mostram bem como eram tratadas essas notícias e a visão positiva da metrópole no imaginário da cronista:

Crônica Social

ZICIL

Um grande abraço aos amigos riograndinos e aqui envio algumas notícias destas terrinhas. (...)

oxxxo

⁴³⁹ ZICIL, "Crônica Social", *Jornal Rio Grande*, 03/12/1957.

RIO DE JANEIRO

Cidade de luz e de beleza. Os espetáculos naturais deslumbram.

XXXXO

GAÚCHOS NO RIO

Elegante casal é constituído pelo Sr. José e Bela Martins (Izabel Flôres), que residem num belo apartamento da aristocrática URCA.

XXXXO

Por falar em flores...

A sempre “Miss” Terezinha está cada vez mais elegante e bonita.

Distintíssimo par é formado por Terezinha e seu namorado Dr. Nício Medrado Dias.

OXXO

CONTRATO DE CASAMENTO

Realizou-se dia 12 o noivado da Srnha. Esther Tanapolski com um jovem estudante de engenharia.

Esther, para os riograndinos esquecidos, é a irmã da Sra. Dr. Abraham Galbinsky (Rosita) que nos visitou há alguns meses atrás.

Linda festa foi oferecida na residência da noiva.

Ao par, felicidades!

XXXXXXX

REGRESSOS

Deixou Rio de Janeiro com Destino a um Rio bem maior (Rio Grande) a Sra. Dr. Abraham Galbinsky (Rosita) acompanhada por sua filha.

Feliz viagem à elegante Rosita e cumprimentos ao distinto casal pela passagem do 1º aniversário de casamento.

OXXO

GAÚCHOS EM COPACABANA

Incomparável a alegria de encontrar conterrâneos.

Refiro-me ao feliz encontro com os encantadores Sr. e Sra. Dr. Ruy Poester Peixoto, Sr. e Sra. Amaury Santos acompanhados pelo cavalheiríssimo Sr. Querubim Marques na famosa Copacabana.

XXXXXXX

Por falar em feliz encontro...

A Sra. Niame Ferreira (Enny Vagheti) muito bonita e feliz é uma das mais simpáticas riograndinas que visitei no Rio.

XXXXXXX

E por falar em Rio...

As praias concorridíssimas provam que de inverno aqui só existe o nome da Estação.

XXXXXXX

O Melhor filme exibido em São Paulo:

“A Volta ao Mundo em 80 Dias”

O Melhor filme exibido no Rio:

“O Príncipe e a Parisiense” com Brigitte Bardot e Charles Boyer.

A Melhor peça teatral exibida no Rio:

GIGI autoria de Colette com a notável interpretação de Suzana Freira e a inconfundível Morineau.



Por hoje é só...⁴⁴⁰

Como se pode perceber, há uma mistura entre os elementos cariocas, suas praias, bairros, cinemas e teatros, casa das pessoas conhecidas, e os rio-grandinos que lá moram ou por lá circulam. Esta junção torna a crônica diferente, oferecendo novidades, pois conta sobre lugares mais distantes e experiências novas, saindo do âmbito local; porém ao mesmo tempo é familiar, pois fala de pessoas já conhecidas dos integrantes da elite ou de um leitor assíduo dessas colunas. Essas narrativas são representações, valorizando o que está distante e por vezes fora do alcance, ou seja, a modernidade cosmopolita do Rio de Janeiro e dão a ver uma necessidade de reiterar a elite dentro desse espectro. A próxima crônica corrobora esta visão, dando mais detalhes sobre as relações entre o Rio e os rio-grandinos:

Crônica Social

ZICIL

RIO DE JANEIRO

TEATRO

Completo sucesso vem obtendo a peça de Collete, “Gigi”, apresentada pela célebre Morineau e tendo, no papel título Suzana Freira.

OXXXO

Numa elegante sexta-feira, entre os espectadores de Gigi, um grupo conhecidíssimo e simpático destacava-se. Eram êles: Sr. e Sra. Capitão de Mar e Guerra Claudio Acylino de Lima, Gilda Regina, Verinha Mendes, Daniel Acylino de Lima e sua bonita noiva Ana Norberta Lobo, a belíssima Sra. Comandante Pedro Moreira Pena (Lilia), Marta Blanchet e eu mesma.

OXXXO

COMENTANDO:

Que terá havido com a nossa querida Verinha Mendes? Em poucos dias no Rio e já está usando “Você” em vez de “tu” e “chiando” tal qual os cariocas.

OXXO

Ao conhecer a noiva de Daniel compreendi logo porque êle não se interessou pelas gaúchas. Ana Norberta é um verdadeiro e (sic) encanto e seu rosto poderia facilmente vencer um concurso de beleza.

XXXOXXX

⁴⁴⁰ ZICIL, “Crônica Social”, Jornal *Rio Grande*, 21/07/1958.

Em palestra com o Capitão dos Portos, soube que em setembro Rio Grande receberá a visita da Marinha de Guerra do Brasil.

À postos, gaúchas!

xxxoxxx

E por falar em mar...

No dia 23 de agosto, o Sr. Claudio Acylyno de Lima completará, em Rio Grande, mais um aninho de existência.

xxoxx

Martha Blanchet está um encanto e maravilhada com as belezas do Rio.

oxxo

A elegante Sra. Lilia Moreira Pena está, se isso é possível, ainda mais bonita que por ocasião de sua breve permanência em nossa cidade. Garanto que muitos desconheciam a habilidade de Lilia na direção de um automóvel.

xxoxx

INVERNO CARIOCA...

É doloroso!

Só mesmo numa praia, tomando banhos de mar é que se enfrenta este calor a que os cariocas apelidaram de inverno.

oxxxo

FUGITIVOS

Encontrei um casal de fugitivos riograndinos: Dr. Fábio Palhano e Da. Ritinha. O querido casal após anos de ausência visita sua terrinha maravilhosa – Rio.

xxxoxxx

TEATRO

Tônia Carrero (agora loiríssima) está obtendo êxito absoluto com a exibição da notável peça “Calúnia”.

Quando assisti, já era a 155ª apresentação, com o teatro lotado.

xxxxxxx

UM GAÚCHO SURPREENDIDO

Por incrível que pareça um gaúcho, darei somente as iniciais: Dr. Ruy Poester Peixoto, deixou um Rio úmido, para ser atacado neste Rio seco por forte gripe.

Mas como quem visita o Rio de Janeiro quer é passear, o nosso caro amigo decidiu ficar bom (notícia confirmada por um telefonema há poucos minutos).

~~~~~

Por hoje é só...

E como quem visita o Rio quer passear...<sup>441</sup>

Zicil também destacava romances, namoros e casamentos frutos dessas viagens ao Rio de Janeiro. A cronista percebe uma simpatia mútua entre os rio-grandinos e os cariocas e

<sup>441</sup> ZICIL, “Crônica Social”, Jornal *Rio Grande*, 25/07/1958.

procura, como em outros momentos, aproximar as pessoas residentes nesta “cidade-modelo” de distinção social com os integrantes da elite local, enaltecendo-a por aproximação:

### **RIO que vae (sic) e RIO que vem**

Não há dúvida quanto a simpatia entre cariócas e gaúchos. É só uma gaúcha visitar o Rio de Janeiro e lá estão os cariócas para recebê-la, oferecer simpatia, amizade e... casamento.

E quando os representantes do Rio de Janeiro nos visitam, também estão aqui as gaúchas para cativá-los.

(Não tome isto como publicidade turística, pois pode ser que você vá do Rio para o Rio e nada aconteça).

TERESINHA FLÔRES – Nossa elegantíssima Miss Rio Grande 1956, foi ao Rio de Janeiro e encontrou não só a terra maravilhosa, como o coração do Engenheiro Arquitéto Sr. Rolf Werner, com quem contrairá casamento no início do ano.

MYRTIS RUSHEL BERGAMASCHI – Miss Elegante Bangú do Interior do Estado – por ocasião de sua viagem à Capital do País, a fim de concorrer ao título de Miss Bangú Brasil, conheceu o Capitão do Exército, Pedro Paulo W. de Leoni Ramos, de quem está noiva.

SIOMAR MARTINS – a belíssima jovem Rio Grandina, atualmente residindo em Pôrto Alegre, está em véspera de casamento com o Oficial do Exército Sr. Jobb, residente no Rio de Janeiro.

E quando o Rio vem...

Um jovem oficial do exército, atualmente no Rio de Janeiro, sendo destacado para nossa cidade perdeu o coração para uma elegantíssima garota da nossa sociedade.

Parece prestes a enquadrar-se neste caso, uma jovem super elegante e um certo oficial da Marinha de Guerra.<sup>442</sup>

Algumas senhorinhas, como Terezinha Flôres e Myrtis Bergamaschi, acima citadas por seus noivados com cariocas, tornaram-se símbolos do que Zicil considerava sucesso no Rio de Janeiro. Essas moças são referidas seguidamente por fazerem parte, depois de seus casamentos, da sociedade carioca, na qual, segunda a cronista, elas se destacavam. Ambas vencedoras de concursos de beleza – Miss Rio Grande e Miss Bangú, respectivamente – e bastante conhecidas em Rio Grande, com casamentos “bem feitos” e a mudança para a antiga capital política, mas ainda capital cultural do país, fez com que se tornassem modelos de êxito na vida pessoal e social.

Alguns integrantes da elite podiam reservar alguns dias, semanas e até meses para aproveitar o Rio de Janeiro, escapando do frio do sul do país e aproveitando a vida social

---

<sup>442</sup> ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 02/12/1957.

agitada e glamorosa na metrópole: “E entre os ‘fugitivos’ do Inverno gaúcho, está a encantadora Sra. Maurício Karaver (Clara), atualmente a caminho do Rio de Janeiro.”<sup>443</sup>

#### ELEGÂNCIA A CAMINHO DO RIO DE JANEIRO...

Eloá Amaral, a elegância máxima de Rio Grande, está em vésperas de viajar ao Rio de Janeiro, para um de seus costumeiros passeios anuais.

À distinta viajante votos de felicidade de ZICIL.<sup>444</sup>

#### OUTRO RIOGRANDINO REGRESSARÁ À TERRINHA

Dentro de breves dias seguirá viagem, com permanência em São Paulo e outras Capitais o elegante Carlos George Laudares Lawson.

A partida de Carlos George deixará muita carióca saudosa, pois é conhecidíssima sua fama de “divertido” e diariamente sua presença é notada nas grandes “boites” sempre acompanhado por bonitas garotas.

Há comentários que o elegante riograndino está com planos de repetir a façanha anualmente, prolongando então sua permanência no Rio de Janeiro por três meses, no mínimo.<sup>445</sup>

Casais mais velhos, com tempo e dinheiro disponíveis, ou jovens que reservavam suas férias para circular pela antiga capital do país, o fato é que constituíam um grupo dentro de outro maior, chamado aqui de elite, dotados do que Bourdieu chamou de disposição estética, ou seja, o poder econômico e a distância da necessidade para dispor de luxos como esse:

#### O Rio e suas utilidades

Rio de Janeiro que serve para tanta cousa, está servindo agora como medicamento para curar resfriados de milionários riograndinos.

Assim o remédio é êsse mesmo, para resfriados uns dias de permanência (e tratamento) na Capital do Samba.<sup>446</sup>

Próximo e distante ao mesmo tempo, o Rio de Janeiro, dentre as cidades mais comentadas nas crônicas sociais, era a cidade que mais se destacava. O imaginário dos riograndinos sobre ela, percebido pelas colunas, era de uma cidade de lazer, feita para a diversão

<sup>443</sup> ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 30/06/1958.

<sup>444</sup> ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 01/09/1959.

<sup>445</sup> ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 07/08/1959.

<sup>446</sup> ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 18/08/1959.

e o bem viver. Era lá que estava a verdadeira alta sociedade brasileira, que inspirava e ensinava como a vida social deve ser, como se comportar, o que admirar, com quem se relacionar.

Assim como o Rio significava uma vida social intensa para as cronistas, São Paulo era mais lembrada por seu caráter de cidade de negócios. Ela era muito menos referida por MyrAz e Zicil, tanto na quantidade de menções por crônica, quanto na extensão de cada nota. Normalmente eram breves, sem grandes detalhes, o suficiente para nomear o poder masculino na sociedade burguesa: “Regressou de um giro, a negócios, por São Paulo a Sr. Caetano Germano e, ao que parece, o viajante trouxe grande excesso de novidades em sua bagagem.”<sup>447</sup>

Os rio-grandinos viajavam para São Paulo para tratar de negócios, visitar familiares e amigos, aproveitar as férias e passear, conhecer outras cidades, e também para fugir do frio do inverno. Alguns iam estudar, tentar o vestibular nessa cidade, ou mesmo aproveitavam para fazer cursos enquanto passeavam, como foi o caso de Eneida Dourado:

#### UMA GAÚCHA NA PAULICEIA

Soube que Eneida Dourado, a bonita gaúcha atualmente passeando em São Paulo, não ocupa só o tempo com passeios, pois é destacada aluna de um apreciado curso de cerâmica.

Contamos com a exposição de seus trabalhos, Eneida, e, quem sabe, algumas aulas de seu importante curso.<sup>448</sup>

Zicil, quando fazia suas viagens de férias, também circulava por São Paulo. No entanto, mesmo em se tratando de uma das mais importantes cidades do Brasil na época, não parecia despertar o fascínio que o Rio de Janeiro exercia sobre ela, manifestando-se em suas crônicas. Ela falava muito bem da cidade, admirava-a e fazia questão de noticiar as viagens, as visitas e as relações entre rio-grandinos e paulistas, também como uma forma distintiva para a elite da qual falava. Porém, analisando o número de crônicas assim como seu conteúdo, a importância *social* de São Paulo era muito menor, tanto em relação ao Rio de Janeiro, quanto até em relação a Porto Alegre.

<sup>447</sup> ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 17/08/1960.

<sup>448</sup> ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 05/04/1958.



Brasília, inaugurada em abril de 1960 e então uma novidade para o país, atraía os rio-grandinos curiosos sobre a “Novacap”. Com a mudança da capital do país ainda muito recente, os rio-grandinos pareciam não ter uma imagem bem definida desta cidade. Alguns privilegiados, inclusive a cronista Zicil, foram conhecer a cidade e contavam na volta o que achavam. O senhor Newton (Tola) Azevedo, em visita à cidade para tratar de assuntos do Rotary Club de Rio Grande, do qual era presidente, tornou-se um dos maiores admiradores da nova capital:

Recebi atencioso cartão social do elegante Dr. Newton Azevedo (Tola), da Novacap, onde manifesta sua admiração por Brasília, a qual compara a um novo Paraíso.

O “Dez Mais” além de muito trabalho em prol de nossa cidade, esteve mostrando o sucesso pessoal da elegância gaúcha.

XXXX

Retornou de Brasília Dr. Sérgio Daniel Freire, enquanto Dr. Tola resolveu prolongar sua espichada até Pôrto Alegre, estando sua chegada prevista ainda para esta semana.

Depois dos abraços cordiais e fotográficos entre o Presidente do Rotary Clube local e o Presidente da República, Dr. Tola vai entrar em nova circulação, como o assunto do momento.<sup>449</sup>

E, como dizia Zicil, ele era também um grande propagandista: “Dr. Newton (Tola) Azevedo classificando-se como o maior propagandista da Novacap. Com o dom de convencer o ouvinte, Dr. Tola consegue maravilhas descritivas. Parabéns!”<sup>450</sup>

Com o passar do ano de 1960, Brasília começou a entrar no circuito de cidades a serem visitadas pelos “elegantes” rio-grandinos. Zicil passa a comentar sobre quem conhece a cidade e sobre quem tem planos de conhecê-la. No dia 7 de outubro de 1960 a cronista publica uma foto da capital, acompanhada da nota a seguir, destacando a novidade e também os rio-grandinos, por aproximação, como já vimos em diversos momentos em relação a outras cidades e prometendo fazer uma reportagem mais completa sobre Brasília (o que não se cumpre):

Brasília cresce diariamente para orgulho dos brasileiros. Os riograndinos que têm circulado pela Novacap são unânimes em seus elogios. Entre êles: Sr. e Sr. (sic) e Sra. Dr. Alberto Ayres, Dr. Newton (Tola) Azevedo, Dra. Marília Rache Faral, Sra.

<sup>449</sup> ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 22/09/1960.

<sup>450</sup> ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 12/10/1960.

Yetta Souza, e outros. Esta cronista pretende oferecer aos leitores de TIC-TAC, dentro de alguns meses, uma reportagem social sôbre a nova Capital.<sup>451</sup>

As viagens internacionais, para a Europa e os Estados Unidos, eram mais raras, mas quando aconteciam eram divulgadas nas crônicas sociais. Alguns rio-grandinos, tanto jovens querendo conhecer o mundo ou estudar, ou mais velhos, buscando descanso e lazer, se davam ao luxo de passar semanas ou meses fora do Brasil:

#### DESPEDIDAS

Trouxe-me seu abraço de despedida a belíssima Silvia Cora Moody, que permanecerá durante dois meses as terras da Europa.

À Silvia Cora, uma das mais bonitas jovens rio-grandinas, esta coluna envia sinceros votos de felicidades.<sup>452</sup>

Zicil fez uma entrevista que ocupou duas crônicas, em janeiro de 1958, com Ornella Anselmi. Esta jovem, destaque na elite de Rio Grande passara um ano na Itália estudando. Através de questões sobre cursos que fizera, lugares, belezas que vira e as respostas de Ornella sobre sua experiência, Zicil leva seus leitores a uma realidade provavelmente não muito próxima, nem deles nem dela própria. Ornella tornou-se, depois disto, modelo de beleza, elegância e cosmopolitismo, intensificando-se as menções ao seu nome e informações sobre sua vida social. A seguir, na íntegra, a primeira crônica com a entrevista, que possibilita perceber o que era interessante mostrar ao público e a visão construída sobre a moça em questão:

#### Entrevista com Ornella Anselmi

Foi uma satisfação rever Ornella após um ano de ausência, em que estive em Roma com uma Bolsa de Estudos. Os momentos passados em sua companhia foram deliciosos pois além de voltar maravilhada com as belezas que viu, Ornella tem a maneira toda especial de reproduzir e descrever os lugares onde esteve. Ao mesmo tempo em que menciona isto ou aquilo ia mostrando belíssimos postais obtidos no local.

É impossível reproduzir na íntegra nossa palestra, mas farei o possível para, em forma de perguntas e respostas, expor aos leitores algo de todas as maravilhas que soube otimamente descrever.

- Que cursos tirou em Roma, Ornella? Onde se hospedou?

<sup>451</sup> ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 07/10/1960.

<sup>452</sup> ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 30/06/1958.

- Frequentei a Academia de Belas Artes, fiz um curso detalhado de História da Arte, estudei Literatura Italiana e o Idioma Italiano. Hospedei-me no Pensionato Nossa Sra. de Sion, que fica no Bairro Gianicolo.

- Certamente foi a primeira aluna da classe. (comentei)

- Não, Cecília. Lá não tem nada disso, felizmente.

- Qual sua opinião sobre Roma?

- Considero Roma como uma cidade completa, em belezas naturais, em vida artística... Adoro Roma!

- Poderia citar algumas de suas belezas?

- Meu Deus, nem sei por onde começar. (Ficou pensativa). O Famoso Museu do Vaticano, a Galeria Palatina do Palácio Pitt, a Galeria de Uffizi que é a mais importante da Itália e onde se encontram obras famosas no mundo inteiro, a Piazza Navona onde está localizada a Embaixada Brasileira; Trinitá dei Monti é uma escadaria famosa em Piazza España; o que mais me deslumbrou ali foi uma famosa exposição de Orquídeas.

As igrejas romanas são belíssimas, verdadeiras obras de arte. Entre elas citarei algumas e você escolherá três para não estender (sic) demais o assunto, são elas: San Giovanni in San Paolo, de perfeitas linhas arquitetônicas; San Pietro (Vaticano) é uma igreja riquíssima e Sta. Maria Maggiore.

Em matéria de teatro, o que mais me impressionou foi a apresentação dos Clássicos Gregos (teatro de arena) em Óstia Antiga; assisti: 'Le donne a Parlamento' de Aristofane e 'I menecmi' de Plauto. No Teatro Valle assisti a peça 'O Diário de Ana Franka'. Em teatro moderno a apresentação de Vitério Gasmann em 'Uma Pulga atrás da orelha' foi notável.

As óperas em Roma são concorridíssimas. Entre as que tive oportunidade de assistir, destaco: Mme. Butterfly, e as óperas ao ar livre na Terme de Caracala e os concertos, também ao ar livre na Basília Massêncio.

Presenciei deslumbrantes desfiles de modas, sendo mais admirável o desfile de automóveis e modelos no Al Pincio Roma.

- Sei que além dessa cidade você viajou por quase toda Itália; quer citar algumas das cidades italianas que mais lhe agradaram e porque?

- Algumas cidades que visitei ficam perto de Roma e foi fácil atingí-las (sic); outras, devido à distância, conheci na época de férias mas desejava ardentemente viajar. Entre elas:

Firenze (Florença) – cidade da arte típica; Bologna – cidade dos arcos; Gênova, visitei o famoso Cemitério de Staglieno considerado como o 1º do mundo; Veneza – traduzo como 'cidade colorida'; Ravena – possui os mozaicos mais belos do mundo; Milano – cidade de São Lourenço.

De todos esses lugares Ornella ia mostrando fotos coloridas belíssimas e explicando mas creio que a foto mais linda foi a de sua pessoa junto ao Lago de Trevi (Fonte dos Desejos) em Roma.

- E Napoles, Ornella?

- Conheci Napoles, mas a verdade é que estava evitando mencionar essa cidade, porque... bem, foi tão grande a propaganda que esperava demais e não encontrei a cidade que imaginava. Mais bonitos que Napoles achei os arredores, como: Capri, Amalfi, Sorriento.

- Além da Itália que outros países visitou?

- Suíça, França, Bélgica, Holanda, Dinamarca e Alemanha. Procurei viajar o máximo possível e para isso fiz parte de uma sociedade cujo fim é o turismo.

- Quais os que mais lhe agradaram?

- Em primeiro lugar a Alemanha, em segundo a Holanda e em terceiro a Dinamarca.
- Na próxima crônica gostaria de apresentar sua viagem por esses países, mas antes de encerrar esta entrevista quero fazer-lhe uma pergunta mais: E os italianos?
- São sociabilíssimos Cecília, e muito simpáticos.
- Não era bem isso o que eu queria saber, mas aceito a resposta.

Agradeço a atenção recebida de Ornella e na próxima crônica apresentarei a entrevista sobre os demais países que visitou.<sup>453</sup>

Uma viagem de tal vulto, por diversos países da Europa, era um grande acontecimento no meio social rio-grandino, e, como se pode perceber, era muito bem explorado e divulgado pela cronista. É interessante notar, no entanto, que uma viagem dentro do Brasil, uma visita à cidade natal para os que moravam fora, ou a visita aos parentes em Porto Alegre ou Rio de Janeiro, que eram mais corriqueiros e não necessariamente um acontecimento de grande vulto para quem o vivenciava, ainda assim tornava-se notícia nas crônicas sociais.

Ter a possibilidade econômica de viajar, por si só, constituía um fator de diferenciação: a distância da necessidade, característica da própria sociedade burguesa, transformada em disposição estética, isto é, em opções distintivas simbolicamente, gerava pessoas numa escala de raridade, de valor, em competição interna em termos de posição social, comportamento, educação, linhagem, tradição da família, adequação aos aspectos visuais, e, também, de relações que essas pessoas mantinham com centros de maior importância social. Divulgar o contato dos rio-grandinos com estes lugares e seus habitantes distinguia-os da “não-elite” e mostrava-os em um grupo de maior poder, a alta sociedade brasileira.

---

<sup>453</sup> ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 14/01/1958.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

### O discurso das cronistas: palavras distintas

Chegando ao final deste trabalho, acredita-se que o leitor já tenha uma ideia de como as cronistas sociais aqui estudadas construíram a imagem da elite sobre a qual falavam. É importante, no entanto, destacar palavras e expressões usadas por elas, evidenciando os recursos discursivos e uma retórica específica, para enunciar representações deste grupo.

A escrita das crônicas sociais entre os anos de 1956 e 1960, assim como as lembranças das pessoas que viveram nesta época falam de uma camada da sociedade restrita à participação daqueles que preenchiam certos requisitos. Pessoas com uma situação financeira abonada, de boa educação e cultura, que frequentavam os lugares “certos” e se portavam adequadamente, enfim, “a mais fina sociedade riograndina”<sup>454</sup>.

Essas “falas” que nos contam quem fazia parte do grupo ou não, ou como era esse grupo, se inscrevem tanto nas crônicas sociais quanto em convites e notas publicadas pelos próprios clubes no jornal. Quando os clubes solicitavam, em seus convites, que as famílias de sócios não levassem pessoas estranhas às festas<sup>455</sup>, nota-se que não são todas as pessoas bem vindas. Esse pedido não se explica apenas por essas “pessoas estranhas” não serem sócias e, assim, não pagarem a mensalidade do clube, mas também por uma tentativa de escolher quem são as pessoas que se coadunam a esse tipo de local, impedindo a entrada, por exemplo, de pessoas mais pobres, não tão “elegantes”, bem educadas, ou, em suma, não classificáveis como “gente bem”. Por meio de um discurso excludente e elogioso, tanto das pessoas como dos lugares, busca-se essa diferenciação de outros grupos e espaços existentes na cidade.

A forma como as cronistas tratam as personagens sobre as quais escrevem, as palavras que utilizam, dizem muito sobre a imagem que acreditam ser verdade e que procuram passar para os seus leitores. A nomeação deste grupo, a descrição do seu conjunto varia entre algumas expressões, todas, no entanto, girando em torno da ideia de “elite”.

MyrAz utiliza o termo “nossa elite social”<sup>456</sup> para identificar sobre quem fala, além de “destacadas figuras de nossa sociedade”<sup>457</sup>, “elegante membro de nossa ‘society’” e “todo

<sup>454</sup> ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 14/06/1958, 17/06/1958, 26/11/1958.

<sup>455</sup> CLUBE CAIXEIRAL, “*Convite*”, op. cit.

<sup>456</sup> MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 12/10/1956.

<sup>457</sup> MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 03/08/1956.

‘grand-mond’ de Rio Grande”<sup>458</sup>. Esta cronista, mesmo na origem da publicação de crônicas nos jornais rio-grandinos, já mostra a disposição extremamente elogiosa, destacando algumas pessoas e tratando o seu conjunto por elite. Durante o “Flash Social” de MyrAz as críticas, mesmo que veladas, são muito raras, sendo encontradas mais nos últimos anos de escrita de Zicil.

Zicil, mesmo parecendo ganhar mais confiança e liberdade de escrita ao longo de seu tempo como cronista, o que lhe permitiu ter um olhar mais crítico sobre as pessoas de quem fala, até o fim manteve o tom elogioso e de destaque desta sociedade. As expressões utilizadas por ela têm mais variações, porém mantendo as características das usadas por MyrAz, como por exemplo: “a elegante sociedade riograndina”<sup>459</sup>, “a mais fina sociedade riograndina”<sup>460</sup>, “o máximo da sociedade riograndina”<sup>461</sup>, “destacados elementos da sociedade riograndina”<sup>462</sup>, “a alta sociedade riograndina”<sup>463</sup>, “elementos de grande projeção social”<sup>464</sup>, “cultura sociedade riograndina”<sup>465</sup>, etc.

Mesmo estes pequenos trechos, nos quais as cronistas nomeiam o grupo que se reunia em diversos eventos sociais, como bailes, casamentos, aniversários, churrascos, chás beneficentes, jantares, etc. são amostra de como a diferenciação do grupo era importante. Os adjetivos citados, em variadas ordens e combinações, deixam claro sobre quem se está falando.

Assim como o grupo em geral era adjetivado, as pessoas, de uma forma mais individual ou em pequenos grupos também o eram. Os frequentadores destes lugares também aparecem sempre cercados de elogios. São constantemente tratados por elegantes e belos, como já se viu, e raramente há menção a riqueza ou dinheiro. Porém, a riqueza e distinção fica explícita na sua descrição. As pessoas são representadas como “distintos casais”<sup>466</sup>, “uma

<sup>458</sup> MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 01/09/1956.

<sup>459</sup> ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 14/07/1960.

<sup>460</sup> ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 14/06/1958, 17/06/1958, 26/11/1958.

<sup>461</sup> ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 20/10/1958, 26/11/1958, 27/01/1959; ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 15/04/1959, 11/05/1959, 05/11/1959, 30/05/1960, 19/10/1960.

<sup>462</sup> ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 09/01/1958, 27/09/1958, 10/12/1958; ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 28/02/1959, 25/05/1959, 02/06/1959, 29/08/1959, 12/10/1960, 28/10/1960, 08/11/1960, 25/11/1960.

<sup>463</sup> ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 09/06/1958; ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 03/03/1959, 18/08/1959, 11/09/1959, 19/11/1959, 16/12/1959.

<sup>464</sup> ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 05/02/1958, 11/06/1958, 03/12/1958; ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 10/03/1959, 31/03/1959, 13/04/1959, 14/12/1959, 12/01/1960, 25/03/1960, 31/05/1960, 11/08/1960, 26/08/1960, 27/09/1960, 31/10/1960, 20/12/1960.

<sup>465</sup> ZICIL, “Tic-Tac”, *Jornal Rio Grande*, 03/12/1959.

<sup>466</sup> ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 30/05/1958.

das mais famosas e bonitas mulheres da alta sociedade gaúcha”<sup>467</sup>, “(...) um conjunto de meninas moças (...) homogêneo em luxo e encanto.”<sup>468</sup>, “distinta ‘madame’”<sup>469</sup>, “elegantes de nossa cidade”<sup>470</sup>, etc.

O título recorrente de algumas notas também mostra esta diferenciação. Reportando o encontro de algumas pessoas para um passeio de barco, tendo como anfitrião o Capitão dos Portos, Claudio Acylino de Lima e sua família, Zicil intitula-o “‘Importantes’ se divertem”.<sup>471</sup> O grupo continua reunindo-se para diversos passeios, e Zicil mantém o mesmo nome em suas notas sobre estes encontros, porém retirando as aspas da palavra importantes. A utilização do adjetivo *importante* gera a ideia de que estas pessoas são diferentes das outras, das menos importantes: são “famílias de grande destaque em nosso meio social”<sup>472</sup> e “senhorinhas e rapazes da alta sociedade riograndina”<sup>473</sup> mais do que os outros merecendo ter seus nomes e qualidades expostos no jornal.

Não só o grupo como um todo ou as pessoas individualmente viam suas qualidades destacadas, mas também as festas e os locais onde eram realizadas, cenários desta vida social, adquiriam destaque. Nota-se uma forma peculiar de descrever os acontecimentos, com mistura de palavras estrangeiras e superlativas que procuram mostrar como estes ambientes eram diferentes de outros, mais “chiques e glamorosos”. Segundo as cronistas os bailes oferecidos eram sempre esperados com muita expectativa<sup>474</sup>, já que se mostravam sempre divertidos e agradáveis. Percebe-se isto no comentário de MyrAz:

Prometem êxitos extraordinários os próximos bailes que serão realizados no Hotel Atlântico (Boite Blue Moon).

Dia 2 de fevereiro teremos o baile do ‘GLAMOUR’ em que tomarão parte diversas representantes da elegância gaúcha como Myrtis Bergamaschi (Rio Grande) e Edelma Zabaleta (Pelotas), Wilma Orsy (Uruguaiana) e Floriza Magalhães (Bagé)

Dia 10 de fevereiro haverá o concurso para eleição de ‘MISS CASSINO’, que, como nos anos anteriores, constitui um espetáculo à parte. Na minha opinião será muito difícil selecionar a mais linda dentre tantas beldades presentes.<sup>475</sup>

<sup>467</sup> ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 09/06/1958.

<sup>468</sup> ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 06/01/1958.

<sup>469</sup> ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 18/06/1958.

<sup>470</sup> ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 16/08/1958.

<sup>471</sup> ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 20/05/1958, 29/05/1958, 10/06/1958, 16/08/1958, 02/10/1958.

<sup>472</sup> ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 27/09/1958.

<sup>473</sup> ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 11/09/1959.

<sup>474</sup> REPORTAGEM, *Jornal Rio Grande*, 23/06/1950; MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 02/10/1956; ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 27/12/1958.

<sup>475</sup> MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 29/01/1957.

É comum encontrar comentários como o acima, sobre a expectativa por alguma festa e outros, posteriormente, sobre o seu sucesso, em frases como “O baile prolongou-se animado e muito concorrido”<sup>476</sup>, “Passando ao baile, que decorreu sempre animado, apesar do calor reinante (...)”<sup>477</sup>, “Sucesso completo obteve o baile oferecido à Marinha (...)”<sup>478</sup>, “Um baile realmente ‘bem’”<sup>479</sup>, “Como era de se esperar, obteve completo êxito o grandioso baile realizado sábado, na Boite Blue Moon, do Hotel Atlântico, no Cassino.”<sup>480</sup> ou ainda “Êsse baile (...) está indicado como um dos maiores acontecimentos sociais do Clube do Comércio.”<sup>481</sup> Além de não deixar dúvidas quanto a excelência dos eventos sociais (sucesso e animação) estende-a aos frequentadores e, por fim, a todo um grupo.

Vejamos, por exemplo, os seguintes comentários de MyrAz:

Conforme estava programado, realizou-se sábado, dia 8 do corrente, grandioso baile no Clube do Comércio, em comemoração ao seu aniversário e, também, a Semana da Pátria. Salão completamente lotado, mesas ‘idem’, ambiente ‘três chic’, salientando nossa ‘gente bem’. O número elevadíssimo de pares dançando impossibilitou-me observar os trajes, detalhadamente. Contudo posso adiantar que eram belíssimos.<sup>482</sup>

Trago novamente parte de uma citação que permite perceber a maneira como a cronista utiliza algumas palavras procurando destacar aspectos dos eventos, lugares e pessoas envolvidos.

O tradicional ‘Réveillon’ realizado no ‘mui nobre’ Clube do Comércio aconteceu distintamente na madrugada de primeiro de janeiro do novo mil novecentos e cinquenta e sete. Ano novo... vida nova... toilettes novas e chics, aliás ‘três chics’, foi o que se verificou no decorrer desse magnífico baile, onde todos desabafaram alegria e otimismo, num ambiente cordial e feliz.<sup>483</sup>

A escolha das palavras para descrever os bailes não é feita ao acaso. Palavras como “grandioso” e “magnífico” tem a intenção de não deixar dúvidas quanto a sua imponência, assim também expressões tais como “completamente lotado” e “número elevadíssimo de pares dançando” não deixam dúvida do sucesso de público, isto é, da coesão da elite. O local da festa é sempre ilustre, sendo tratado por “tradicional”, “mui nobre”, e o ambiente “cordial”

<sup>476</sup> ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 12/09/1958.

<sup>477</sup> ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 27/12/1958.

<sup>478</sup> ZICIL, “*Crônica Social*”, *Jornal Rio Grande*, 21/01/1959.

<sup>479</sup> MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 05/01/1957.

<sup>480</sup> MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 23/01/1957.

<sup>481</sup> ZICIL, “*Tic-Tac*”, *Jornal Rio Grande*, 23/03/1959.

<sup>482</sup> MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 17/09/1956. Com aspas no original. Grifo meu.

<sup>483</sup> MYRAZ, “*Flash Social*”, *Jornal Rio Grande*, 05/01/1957. Com aspas no original. Grifo meu.



e “feliz”. As pessoas recebem os mais diversos adjetivos, sempre elogiosos, como “gente bem”, “belíssimos”, “distintamente”, “chics”, “três chics” e se comportam com “alegria” e “otimismo”.

A expressão “gente bem”<sup>484</sup>, cunhada por Jacinto de Thormes, cronista do Rio de Janeiro, é usada regularmente nas crônicas para designar as pessoas dessa camada, acredita-se que estilizada em uma alusão ao dito popular “gente de bem”. Durante um tempo, inclusive, funcionou no Clube do Comércio a “Boite Bem”<sup>485</sup>, uma boate frequentada por essas mesmas pessoas, principalmente os jovens, e que funcionava em fins de semana quando não aconteceriam bailes. A “Boite” fez muito sucesso, mas parou de funcionar devido a reformas no prédio do Clube do Comércio. Portanto, além de se autodenominarem “gente bem” esse grupo ainda fundou uma festa com esse nome, reafirmando ainda mais a sua identidade.

Os Clubes, tanto quanto as pessoas que os frequentavam, também eram vistos como o que de mais glamoroso existe em Rio Grande. Além de abrigarem os mais “grandiosos bailes”<sup>486</sup>, como são descritos recorrentemente, são também vistos como “prestigiosa entidade”<sup>487</sup> com “tradição na vida social do Rio Grande”<sup>488</sup>. É comum, ainda o jornal referir-se aos “luxuosos salões do Clube do Comércio”<sup>489</sup> sendo, aliás, esse Clube citado muitas vezes como o “‘mui nobre’ Clube do Comércio”<sup>490</sup>. O título de uma crônica de 1958 não deixa dúvidas da opinião sobre esse Clube: “Clube do Comércio – Ponto Máximo das Festas Sociais”<sup>491</sup>. O texto da crônica ainda reafirma a ideia dizendo que “inegavelmente o Clube do Comércio lidera os grandes acontecimentos sociais da nossa cidade. Outra prova disso tivemos quarta-feira última na reunião dançante oferecida em homenagem à Marinha de Guerra que nos visitou.”<sup>492</sup>

Além de acontecer nos melhores locais, de terem o melhor público e de serem os melhores e mais divertidos bailes, ainda eram “abrilhantados”<sup>493</sup> pelas melhores orquestras. Essas recebiam destaque nas colunas sociais, sendo mais um atrativo para tornar os bailes ainda mais concorridos.

<sup>484</sup> MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 17/09/1956.

<sup>485</sup> MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 28/06/1956.

<sup>486</sup> CLUBE DO COMÉRCIO, “Convite”, op. cit.; MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 17/09/1956.

<sup>487</sup> CLUBE DO COMÉRCIO, “Miss Rio Grande”, *Jornal Rio Grande*, 13 maio 1955.

<sup>488</sup> Idem.

<sup>489</sup> Idem.

<sup>490</sup> MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 05/01/1957, 02/10/1956.

<sup>491</sup> ZICIL, “Crônica Social”, *Jornal Rio Grande*, 17/10/1958.

<sup>492</sup> Idem.

<sup>493</sup> CLUBE DO COMÉRCIO, “Convite”, op. cit.; CLUBE DO COMÉRCIO, “Convite”, *Jornal Rio Grande*, 18/08/1955; MYRAZ, “Flash Social”, *Jornal Rio Grande*, 12/10/1956.

Ao elogiar as festas, os clubes, as pessoas individualmente ou como grupo, as cronistas acabam por elogiar a si mesmas. Participantes destas festas e desta sociedade a qual retratam, MyrAz e Zicil também são personagens distintas, e ao elogiar esta elite, se auto-enobressem. Esse discurso é usado, conscientemente ou não, pelas cronistas e pelo grupo frequentador desta vida social para se diferenciar dos outros. Através de uma fala que os representa como os mais elegantes, mais divertidos, mais educados e cultos, aqueles que têm “brilho social”<sup>494</sup>, enfim, a “gente bem” de Rio Grande, eles controlam a sociedade e o que é aceitável ou não dentro dela.

É importante reter, após a dissertação sobre variados aspectos da elite rio-grandina, que sua formação e sustentação liga-se a uma relação passado-presente. As suas representações se baseiam na ligação com um passado importante e diferenciado, utilizando os clubes como cenário e os seus objetos como legitimação, juntamente com um presente que se quer moderno, jovem e distinto. Todo o conjunto de características deste grupo têm a função de consagrar a identidade social, contribuindo para a reprodução da moral, dos valores, virtudes e competências que o fundamentam. A frequência do contato com os objetos levam a aquisição do gosto – que não passa da familiaridade com objetos do gosto –, a uma disposição estética, à distância da necessidade, ao sentimento de pertencimento a um mundo seguro e também a uma adesão imediata, inscrita profundamente no *habitus*, aos gostos e aversões próprias do grupo. O mundo de origem, com seus objetos próprios, fundamenta no imaginário social, no inconsciente de seus membros, a unidade de uma classe.

Unidas e legitimadas pelos clubes e lugares frequentados, por seus nomes e tradições familiares, pela educação e cultura a que tiveram acesso, pelo seu comportamento em eventos sociais, pelos costumes e moral que guiam esse comportamento, pela visualidade que ostentam, pela rede de amizades, pela forma como são retratadas, as pessoas que compõem a elite se veem diferentes dos “outros”. É essa alteridade – mesmo sem especificar diretamente quem é o outro – que estimula a definição do grupo. A elite só é elite se existir quem não seja como ela é publicamente. Este é o papel de sua exposição na imprensa.

Uma identidade social só é plenamente construída com aspectos afirmativos e negativos; eu sou dessa maneira e não sou de outra maneira. Estas são as distinções, as características organizadas pela crônica social: aplicando-as em comentários, publicados numa imprensa de prestígio, as cronistas criam normas que representam e definem a elite. Mas as cronistas dependem também de sua recepção. Elas começam por ser parte da elite,

---

<sup>494</sup> REPORTAGEM, *Jornal Rio Grande*, 12/07/1955.

caso de MyrAz e Zicil, e do “contato” que estabelecem com os leitores, dentro e fora desse grupo.

Nesse sentido, o que se dá a ver no desenvolvimento deste trabalho é a crônica social como sala de visita, um campo de luta e seleção interna. As cronistas são árbitros, figuras disciplinadoras, capazes de criar regras, repreender, especialmente a nova geração; destruir reputações, representando ameaça e temor (“ficar falada”); também são capazes de criar estratégias compensatórias, para suprir falta de tradição ou de riqueza, ou de beleza e elegância, por exemplo: destacar qualidades de organização de eventos ligados à beneficência, obras de caridade, ou qualidades artísticas, culturais e profissionais, especialmente as pedagógicas, ligadas ao magistério. Enfim, é preciso saber jogar o jogo.

A crônica social é a fonte capaz de responder às questões colocadas pelos conceitos, para o período que me propus analisar. Myriam Azevedo, precursora, mostrou o caminho, desde o início escrevendo colunas com um tom distintivo, mas teve pouco tempo para amadurecer seu estilo. Cecília Goldenberg levou essa tarefa adiante. Zicil conquistou espaço e fama ao longo de sua trajetória. Junto com isto, é inegável o poder que adquiriu na sociedade rio-grandina. Usando um pseudônimo, mas amplamente conhecida pelos seus leitores e amiga de grande parte das personagens sobre as quais escrevia, mantinha uma rede de relações e de conhecimento que legitimava sua escrita e suas opiniões, expostas no jornal. Zicil tinha a autoridade de selecionar o que e quem era digno de figurar nas crônicas ou não, o que devia ser do interesse do público ou não; tinha a autoridade de dizer o que era certo e o que era errado e de acordo com quais preceitos as pessoas “bem” deviam viver suas vidas.

Zicil pode ser entendida como uma “representante” – de acordo com as palavras de Chartier no começo deste trabalho – à quem é delegada a coerência e a estabilidade da identidade do grupo ao qual pertence, de acordo com suas representações coletivas. Essas representações, são (re)construídas pelo próprio grupo e por Zicil e difundidas por ela nas suas colunas; são representações tidas como a concepção “certa” do mundo social e, num movimento circular, também dão autoridade a quem as reproduz. A legitimidade da cronista é originada nas representações que difunde e alimentada cada vez mais por sua posição de poder junto a esta difusão e reconstrução.

A elite rio-grandina, a partir de suas cronistas sociais, construiu uma representação elogiosa de si mesma, definindo-se como “melhor” e distinguindo-se de outros grupos. As principais fontes aqui estudadas tinham essa tradição: o elogio, mostrar que a elite era o

“gosto legítimo”, destacar suas características, suas diferenças do “comum”. Elas são textos *feitos para mostrar*, controlar e selecionar continuamente.

Quem lê o conjunto das crônicas sociais selecionadas apreende as dissonâncias. Quem tem contato com um número menor de crônicas, fragmentadas e fora de uma cronologia não poderia percebê-las. Elas aparecem nos momentos críticos, mais seletivos: “as dez mais”, por exemplo, em que as cronistas precisam “se explicar” ou reeducar a elite; os “papai pernilongos”; as mocinhas levianas, namoradeiras, as desequilibradas, as que não controlam os quilinhos, as que não frequentam a sociedade, etc. Mas estes casos confirmam as regras e apontam os custos da não conformidade a elas, inclusive uma autonomia extremada do gosto. Não explicitar, não apontar o feio, o “deselegante” não quer de modo algum dizer que ele não exista. Ele está presente, sempre, pelo subtexto implicado em qualquer classificação e “destaque”. Deve permanecer no silêncio; não faz parte do elogio, o principal da crônica. As crônicas mostram o que *se quer mostrar*, o que *se quer ser* e não necessariamente *o que se é*; é a imagem que o espelho social reflete, como aponta Sirinelli, é a construção de uma identidade social como aponta Chartier. É o elogio, que, decodificado conceitualmente, alimenta uma história cultural do social.

## FONTES ANALISADAS

LIVRO DE ATAS – CLUBE DO COMÉRCIO. 1897-1955. Acervo da Câmara do Comércio de Rio Grande.

CLUBE CAIXEIRAL, “*Convite*”, *Jornal Rio Grande*, 28/06/1950.

CLUBE CAIXEIRAL, “*Carnaval*”, *Jornal Rio Grande*, 01/02/1956, Nº 52, Ano XLIII.

CLUBE DO COMÉRCIO, “*Aviso*”, *Jornal Rio Grande*, 12/02/1958, Nº 59, Ano XLV.

CLUBE DO COMÉRCIO, “*Convite*”, *Jornal Rio Grande*, 16/07/1955.

CLUBE DO COMÉRCIO, “*Miss Rio Grande*”, *Jornal Rio Grande*, 13 maio 1955

### Crônicas Sociais

Conjunto de crônicas sociais publicadas no *Jornal Rio Grande* entre os anos de 1956 e 1960:

MIRAZ, “*Flash Social*”, 28 de junho de 1956 a 27 de fevereiro de 1957.

ZICIL, “*Crônica Social*”, 20 de novembro de 1957 a 27 de janeiro de 1959.

ZICIL, “*Tic-Tac*”, 04 de fevereiro de 1959 a 31 de dezembro de 1960.

### Entrevistas

ALBRECHT, Walter. **Os bailes de Rio Grande**: depoimento. [07 dezembro 2007]. Rio Grande. Entrevista concedida a Marina Pelissari.

ARRUDA, Marlene de La Rocha; TRAPAGA, Eneida Dourado. **Os bailes de Rio Grande**: depoimento. [18 dezembro, 2007]. Rio Grande. Entrevista concedida a Marina Pelissari.

COSTA, Carmem Bergamaschi. **Os bailes de Rio Grande**: depoimento. [17 junho 2008]. Rio Grande. Entrevista concedida a Marina Pelissari.

MIRANDA, Glacy Serrat Leivas. **Os bailes de Rio Grande**: depoimento. [24 abril 2008]. Rio Grande. Entrevista concedida a Marina Pelissari.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Francisco das Neves. **A pequena imprensa rio-grandina no século XIX**. Rio Grande: FURG, 1999.

ALVES, Francisco das Neves. **A imprensa na cidade do Rio Grande**: um catálogo histórico. Rio Grande: FURG, 2005a.

ALVES, Francisco das Neves. A cidade do Rio Grande e o seu jornalismo: brevíssimo bosquejo histórico acerca do século XIX. In: Alves, Francisco das Neves (org.). **Imprensa & história no Rio Grande do Sul**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2001.

ALVES, Francisco das Neves. **Biblioteca Rio-Grandense**: textos para o estudo de uma instituição a serviço da cultura. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005b.

ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. **A cidade do Rio Grande: uma abordagem histórico-historiográfica**. Rio Grande: Universidade do Rio Grande, 1997.

ANASTASIA, Carla Maria Junho. De Drummond a Rodrigues: venturas e desventuras dos brasileiros no governo JK. In: MIRANDA, Wander Melo (org.). **Anos JK – Margens da Modernidade**. São Paulo: Imprensa Oficial; Rio de Janeiro: Casa de Lúcio Costa, 2002.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3.ed. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2004.

BASSANESI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORI, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina – ARI, 1980.

BITTENCOURT, Ezio. **Da rua ao teatro – os prazeres de uma cidade**. Sociabilidades & cultura no Brasil Meridional (Panorama da história de Rio Grande). Rio Grande: Editora da FURG, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DULCI, Luciana Crivellari. **Moda e cinema no Brasil dos anos 50: Eliana e o tipo “mocinha” nas chanchadas cariocas**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFMG, 2004.

ECO, Umberto (org.). **História da Beleza**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2004.

ENKE, Rebecca. **Balneário Villa Sequeira: a invenção de um novo lazer (1890-1905)**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, 2005.

FERREIRA, Alexandre Leonardo de Alvarenga. **Coluna Social**. Elementos utilizados pelo colonismo social que remetem ao processo de projeção e identificação do público, caracterizados por Edgar Morin. Monografia de Conclusão de Curso – UNI-BH, 2006. Disponível em <http://www.convergencia.jor.br/bancomonos/2006/alexandrealvarenga.pdf>. Acessado em 15/11/2010.

GONÇALVES, José Henrique Rollo. **Escavando o chão da futilidade**: colunas sociais, fontes para o estudo de elites locais. *Revista de História Regional* 4(2):35-59, Inverno 1999.

HEINZ, Flávio M. **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

KERBER, Alessander. **A legitimação da identidade através da alteridade**. *Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Debates*, 2010. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/58813>. Acessado em 23/032011.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Tempos de JK: a construção do futuro e a preservação do passado. In: MIRANDA, Wander Melo (org.). **Anos JK: Margens da Modernidade**. São Paulo: Imprensa Oficial; Rio de Janeiro: Casa de Lúcio Costa, 2002.

LAVER, James. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LORD, Lúcio. **Estudo antropológico das crônicas da vida cotidiana porto alegreense**: 35 anos de observatório do colunista Gasparotto. *Revista Iuminuras*, v. 2, n. 4, 2001.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. **Recônditos do mundo feminino**. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) *História da Vida Privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. V.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande**: industrialização e urbanidade (1873 – 1990). Rio Grande: Editora da FURG, 2006.

MILLS, C. Wright. **A elite do poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1962.

MONTEIRO, Charles. **Imagens sedutoras da modernidade urbana**: reflexões sobre a construção de um novo padrão de visualidade urbana nas revistas ilustradas na década de 1950. *Revista Brasileira de História*. Vol.27, n.53, São Paulo, Janeiro/ Junho de 2007.



MÜLLER, Dalila. **“Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza”**: Espaços de Sociabilidade em Pelotas (1840-1870). Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, 2010.

NEEDELL, Jeffrey. **Belle Époque Tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

NAPOLITANO, Marcos. **Cultura Brasileira. Utopia e Massificação (1950-1980)**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

PELISSARI, Marina Krüger. **Festas de elite**: sociabilidades, costumes e diferenciação nos bailes de Rio Grande (década de 1950). Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2008.

PELISSARI, Marina Krüger. **As elites no jornal**: representações e identidades na crônica “Flash Social” (Jornal Rio Grande – 1956-1957). Trabalho de Conclusão de Curso – Especialização. Universidade Federal do Rio Grande – FURG, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História, memória e centralidade urbana**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Nº 7, 2007. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/document3212.html>. Acessado em 20 out. 2007.

PESAVENTO, Sandra. **Os sete pecados da capital**. São Paulo Hucitec, 2008.

PINHO, Wanderley. **Salões e damas do Segundo Reinado**. São Paulo: Livraria Martins, 1970.

QUEIROZ, Maria Luiza Bertulini. **A Vila do Rio Grande de São Pedro, 1737-1882**. Rio Grande: Editora da FURG, 1987.

ROCHA, Francisco A. **Figurações do ritmo**: da sala de cinema ao salão de baile paulista. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 2003.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Aparência e poder**: novas sociabilidades urbanas, em Florianópolis, de 1950 a 1970. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

SENNA, Adriana Kivanski de. **A instituição matrimonial**: os casamentos em Rio Grande (1889-1914). Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2001.

SENNA, Adriana Kivanski de. **As tentativas de implantação do divórcio absoluto no Brasil e a imprensa rio-grandina (1889-1916)**. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2007.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In: RIOUX, Jean-Pierre. SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

SOUZA, Rogério Martins. **Colunismo e redemocratização**: das colunas sociais às notas informativas e políticas. 1º Colóquio em Comunicação e Sociabilidade. UFMG, 2008. Disponível em [http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispress/SOUZA\\_rogerio.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/cis/pdfs/grispress/SOUZA_rogerio.pdf). Acessado em 15/11/2010.

SOUZA, Rogério Martins. **O cavalheiro e o canalha**: Maneco Müller, Walter Winchell e o apogeu dos colunistas sociais após a Segunda Guerra Mundial. Revista Pauta Geral, n. 9, 2007.

SVENDSEN, Lars. **Moda**: uma filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TORRES, Luiz Henrique. **Câmara Municipal do Rio Grande**: berço do parlamento gaúcho. Rio Grande: Salisgraf, 2001.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TRAVANCAS, Isabel. **A coluna de Ibrahim Sued** – um gênero jornalístico. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/travancas-isabel-coluna-ibrahim-sued.pdf>. Acessado em 15/11/2010.

VIGARELLO, Georges. **História da Beleza**. O corpo e a arte de se embelezar, do Renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

## APÊNDICE - ELITE

Esta tabela apresenta os nomes que aparecem recorrentemente nas crônicas sociais do Jornal *Rio Grande*. Levando em consideração o número de citações combinado às informações dadas pelas cronistas sobre estas pessoas, este grupo foi chamado de *elite*. A tabela foi organizada em ordem alfabética por sobrenomes, mantendo as relações de parentesco explicitadas. A legenda de alguns símbolos usados permitirá uma leitura mais acurada deste mapeamento.

### LEGENDA

----- - Casamento

..... - Filhos de um casal

-.-.-.-. - Irmãos

♥ - Namoro

♥ (N) - Noivado

♥ (C) - Casamento

Número colocados entre parênteses (ex: (56-60) – (58)) - representam o ano referente ao acontecimento

10+56, 10+57, 10+58, 10+59 e 10+60 - ganhadores da eleição dos “10 mais elegantes” do referente ano

| NOME                    | RELAÇÕES AMOROSAS        | PROFISSÃO | OUTRAS INFORMAÇÕES                    |
|-------------------------|--------------------------|-----------|---------------------------------------|
| AITA, Roque             |                          |           | Rotary Club                           |
| AITA, Talita            |                          |           | Filantropia                           |
| ALVARO, Mário Correa    | (e Sra.)                 |           | Presidente do Clube Caixeiral (58-60) |
| ALVARO, Idna (MARTINEZ) | ♥ (C) Ubirajara Martinez |           |                                       |
| AMARAL, Jorge da Cunha  |                          |           |                                       |
| AMARAL, Olinda          |                          |           |                                       |

|                                    |                                                                 |                                                    |                                                                                    |
|------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|
| AMARAL, Irene                      | ♥ (N) Raul Torres (60)                                          |                                                    |                                                                                    |
| AMARAL, Carlos da Cunha            |                                                                 |                                                    |                                                                                    |
| AMARAL, Eloá                       |                                                                 |                                                    | 10+56, 10+57, 10+58, 10+59, 10+60 ( <i>hors concours</i> ) / Filantropia           |
| ANDRADE, Jandira                   | ♥ Bernardo Karaver ♥ Duilio Canuso ♥ Tenente Veterinário Amaury |                                                    | Srnha. / candidata a “Miss Rio Grande 59” / 21 anos / 1,61m                        |
| ANSEMI, Ornela                     | ♥ Antônio Satt (SP) (60) ♥ Ruy Miranda (set. 60)                |                                                    | Srnha.                                                                             |
| ARAÚJO, Manuel Poggi               |                                                                 | Capitão de Mar e Guerra/Capitão dos Portos (56-57) |                                                                                    |
| ARAÚJO, Lourdes Poggi              |                                                                 |                                                    |                                                                                    |
| ARAÚJO, Celia/Clécia (BITTENCOURT) | ♥ (C) Trajano Bittencourt                                       |                                                    | Broto (56)                                                                         |
| AYRES, Alberto José                |                                                                 | Médico                                             | Consultório: Avenida Silva Paes, 443 Residência: Rua Duque de Caxias, 288 / Bridge |
| AYRES, Laura                       |                                                                 |                                                    | Bridge / Melhores anfitriões de “Rio Grande Social” (60)                           |
| AVANCINI, Abel                     | (e Sra.)                                                        | Doutor                                             |                                                                                    |
| AVANCINI, José                     |                                                                 | Doutor                                             |                                                                                    |
| AVANCINI, Gladys                   |                                                                 |                                                    |                                                                                    |
| AVANCINI, Lia Maria                |                                                                 |                                                    | Srnha.                                                                             |
| AVANCINI, Maria Tereza             |                                                                 |                                                    | Srnha.                                                                             |
| AVANCINI, Maria José               |                                                                 |                                                    | Srnha.                                                                             |
| AVELINE, Emilce C.                 |                                                                 |                                                    | Srnha. / 18 anos (set. 59) / Muda para POA (59) para Estudar / Vestibular de       |

|                                    |                                                          |                         |                                                                                 |
|------------------------------------|----------------------------------------------------------|-------------------------|---------------------------------------------------------------------------------|
|                                    |                                                          |                         | Física (60)                                                                     |
| ÁVILA, Shirley                     |                                                          | Professora              | “Miss Elegante” / “Rainha do Lemos Júnior” / Candidata a “Miss Rio Grande 59”   |
| AZAMBUJA, Haroldo Pradel           |                                                          | Coronel                 |                                                                                 |
| AZAMBUJA, Elvira Pradel (Vêga)     |                                                          |                         | 10+56                                                                           |
| AZEVEDO, Newton (Tola)             |                                                          | Médico                  | Rotary Club - Presidente (jul. 60) / 10+58, 10+59, 10+60 / “Solteirão cobiçado” |
| AZEVEDO, Myrian (OLINTO)           | ♥ (C) Alcione Olinto                                     | Cronista Social (MyrAz) | Srnha.                                                                          |
| AZEVEDO, Teófilo                   |                                                          |                         | Lions Club – 1º Tesoureiro (60)                                                 |
| AZEVEDO, Valkiria Rodrigues        |                                                          |                         |                                                                                 |
| AZEVEDO, Maria Tereza Rodrigues    | ♥ Paulo Antônio Duhá                                     |                         | Broto – Debut (58)                                                              |
| BACIGALUZ, Délia Maria             | ♥ Paulinho Guimarães (60)                                | Professora (59)         | Srnha.                                                                          |
| BALLESTER, Dirceu                  |                                                          |                         |                                                                                 |
| BALLESTER, Giovanna Di Gesu        |                                                          |                         | 10+58, 10+59, 10+60 ( <i>hors concours</i> ) / Filantropia                      |
| BALLESTER, Luiz                    |                                                          |                         | Casamento (mar. 58)                                                             |
| BALLESTER, Enilda Carderon         |                                                          |                         |                                                                                 |
| BERGAMASCHI, Orestes Lúcio         |                                                          |                         |                                                                                 |
| BERGAMASCHI, Iris                  |                                                          |                         |                                                                                 |
| BERGAMASCHI, Sérgio Rushel         | ♥ Yedda Helena Carvalho                                  | Oficial                 | Namorado (58)                                                                   |
| BERGAMASCHI, Carmem Rushel         | ♥ (N) Guatemí Costa (60)                                 | professora (57-59)      | Srnha. / 10+57                                                                  |
| BERGAMASCHI, Ligia (Liginha)       |                                                          |                         | Broto                                                                           |
| BERGAMASCHI, Myrtes Rushel (RAMOS) | ♥ (C) Paulo W. de Leoni Ramos (RJ) – Capitão do Exército |                         | “Miss Elegante Bangú” RG (56) / 10+56 / Filhos: Silvia e um bebê (60)           |

|                                      |                                                                       |                        |                                                          |
|--------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------|------------------------|----------------------------------------------------------|
| BLANCHET,<br>Ricardo Alberto         |                                                                       | Cônsul da<br>Argentina |                                                          |
| BLANCHET, Maria<br>Martha            |                                                                       |                        |                                                          |
| BLANCHET,<br>Martha Judith           | ♥ Tomberth                                                            |                        | Debut (58)                                               |
| BLANCHET,<br>Susana                  |                                                                       |                        |                                                          |
| BRAGA, Jorge<br>Pereira              |                                                                       |                        |                                                          |
| BRAGA, Francisca<br>Peña             |                                                                       |                        |                                                          |
| BRAGA, Suzana<br>Peña                | ♥ (N) Solon de<br>Almeida (POA) –<br>estudante de<br>odontologia (60) |                        | Bailarina / 15 anos (nov. 59)<br>/ Debut (59) / POA (60) |
| BRAGA, Zulaina                       |                                                                       |                        | Srnha.                                                   |
| BRAUNSTEIN,<br>Humberto              | ♥ Mary Rosa<br>Bertelli (nov. 60)                                     |                        |                                                          |
| BRITTO,<br>Jinarajadaza              |                                                                       |                        | 10+57, 10+60                                             |
| BRUM, Aureo da<br>Costa              | (e Sra.)                                                              |                        |                                                          |
| BRUM, Carmem<br>Vera de Miranda      | ♥ Moroty Duarte                                                       |                        | Debut (60)                                               |
| BURGER, Arlindo                      |                                                                       | Economista             | 10+58, 10+ 59                                            |
| BURGER, Isolda                       |                                                                       |                        | 10+57, 10+58, 10+59                                      |
| CAETANO,<br>Roberto                  | ♥ Josefina (Tetê)<br>Gomes ♥ Déa<br>Mara Ernst (59)                   |                        |                                                          |
| CALDEIRA, Sérgio                     |                                                                       |                        |                                                          |
| CALDEIRA, Lúgia                      |                                                                       |                        | 10+59                                                    |
| CAMPELLO,<br>Ricardina Maria<br>Leal | ♥ (C) Horácio<br>Ubatuba de Farias                                    |                        | Srnha.                                                   |
| CANUSO, Duilio                       | ♥ Jandira Andrade                                                     |                        |                                                          |
| CARVALHO,<br>Edmundo                 | (e Sra.)                                                              |                        |                                                          |
| CARVALHO,                            | ♥ Sérgio                                                              |                        | 10+57                                                    |

|                                  |                                                 |                                   |                                                                                                                                                                               |
|----------------------------------|-------------------------------------------------|-----------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Yedda Helena                     | Bergamaschi                                     |                                   |                                                                                                                                                                               |
| CARVALHO, Sylvia                 | ♥ Luiz Fernando Santos (Pel)                    |                                   | Broto                                                                                                                                                                         |
| CARVALHO, Thiago                 |                                                 |                                   | Organizador de concursos de miss / Lions Club (60)                                                                                                                            |
| CARVALHO, Geny                   |                                                 |                                   |                                                                                                                                                                               |
| CATRAIA, Sr.                     | ♥ Ivone Costa                                   |                                   | Presidente da Sociedade Amigos do Cassino (SAC)                                                                                                                               |
| CHAVES, Olga                     | ♥ (N) Antônio Olinto                            |                                   |                                                                                                                                                                               |
| COELHO, Manoel                   |                                                 |                                   |                                                                                                                                                                               |
| COELHO, Julinha Nahuys           |                                                 | Diretora da Escola Juvenal Miller | Homenageada em 4/60 – afasta-se da Escola                                                                                                                                     |
| COELHO, Paulo Nahuys             |                                                 |                                   |                                                                                                                                                                               |
| COELHO, Alba Cruz e Souza        |                                                 |                                   | Miss Rio Grande (54)                                                                                                                                                          |
| COLUSSI, Emir (Miro)             | ♥ Alzira Notti ♥<br>Maria Tereza Barcellos (RJ) | Comerciante                       | 10+58, 10+59, 10+60                                                                                                                                                           |
| COPSTEIN, Estela Magalhães       |                                                 |                                   | 10+58                                                                                                                                                                         |
| CORREA, Rubens Saião             |                                                 | Gerente da Varig Rio Grande (60)  | Rotary Club / 10+58, 10+60                                                                                                                                                    |
| CORREA, Cecy                     |                                                 |                                   |                                                                                                                                                                               |
| CORREA, Dulce Maria              | ♥ Egon Anselmi (60)                             |                                   | Debut (57) / 10+58                                                                                                                                                            |
| CORRÊA, Almiro                   |                                                 | comerciante                       | Nascimento: 07/04/1927 / Em: Ribeirão Grande, Distrito de Jaguarão – SC / Viúvo de Cléa Gama Corrêa – falecida. Casou com Alba Dourado (56)                                   |
| CORRÊA, Alba Maria Abreu Dourado |                                                 | professora primária (70-72)       | Nascimento: 07/02/1933 / Em: Rio Grande / End: Duque de Caxias, 383 / Diploma: Curso Normal – Colégio Joana d'Arc / Foto / Na certidão de casamento é tida como “doméstica” / |



|                                |                                                     |            |                                                                                                                                                                  |
|--------------------------------|-----------------------------------------------------|------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                |                                                     |            | 10+56                                                                                                                                                            |
| COSENZA,<br>Colombo            |                                                     | Médico     | Consultório: Rua 24 de<br>Maio, 826 (junto com Pedro<br>A. Gatti) / Bridge                                                                                       |
| COSENZA,<br>Conceição Santos   |                                                     |            | Formou-se no Colégio Joana<br>d’Arc (32) / Filantropia /<br>Bridge                                                                                               |
| COSENZA, Flora<br>Maria        |                                                     |            | 15 anos (60) / Colégio Joana<br>d’Arc (60)                                                                                                                       |
| COSTA, Terezinha               | ♥ Ayrton ♥ João<br>Gonçalves Soares<br>(Exército)   | Professora | Srnh.                                                                                                                                                            |
| COTLIARENKO,<br>Gladys (Dinha) |                                                     |            | POA – visitante (veranista)                                                                                                                                      |
| COUTO, Yedda<br>Vianna do      | ♥ Mário Kukidis<br>(60)                             | Professora | Srnh. / Pianista / Integrante<br>da STAR / Filantropia                                                                                                           |
| CUNHA, Gilka                   | ♥ Roberto Peixoto<br>♥ (C) Ennio<br>Adams (dez. 60) |            | Broto / “Miss Brotinho” (58)<br>/ POA (60)                                                                                                                       |
| CURI, José                     |                                                     |            | Bridge                                                                                                                                                           |
| CURI, Lucy                     |                                                     |            | Bridge / 10+57, 10+60                                                                                                                                            |
| CURI, Marta                    | ♥ Rui Macedo (60)                                   |            | Broto (56)                                                                                                                                                       |
| DANIEL, Ruth Py                | ♥ Luiz Carlos<br>Gonçalves Gomes                    |            | Debut (57) / “Rainha do<br>Cassino” (58 ou 59) / “10<br>carinhas mais bonitas de Rio<br>Grande” (59) / “Namorada<br>da Engenharia” (60) /<br>“Glamour Girl” (60) |
| DELFINO, Álvaro                |                                                     | Teatrólogo | Rotary Club                                                                                                                                                      |
| DELFINO, Ada                   |                                                     |            |                                                                                                                                                                  |
| DIAS, Jorge                    |                                                     |            | Presidente (57-58) - Vice<br>(59) do Clube do Comércio /<br>Rotary Club                                                                                          |
| DIAS, Aldina                   |                                                     |            |                                                                                                                                                                  |
| DIAS, Julieta Braga            |                                                     |            | Debut (58) / 15 anos (dez.<br>58)                                                                                                                                |
| DOURADO, Abel<br>Francisco     |                                                     |            | Portugal                                                                                                                                                         |
| DOURADO, Aurora<br>Abreu       |                                                     |            | Rio Grande do Sul                                                                                                                                                |

|                                     |                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|-------------------------------------|------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| DOURADO, Abel Abreu                 | ♥ (C) Deolinda Helena Coelho Dourado                       | Administrador de Empresas<br>Sócio-gerente de Abel Dourado Indústrias Alimentícias LTDA (69-79)<br>Diretor da Câmara do Comércio de Rio Grande (74-75)<br>Diretor-Presidente da Rádio Cassino de Rio Grande LTDA (81)<br>Diversas empresas<br>Prefeito Municipal (81) | Nascimento: 12/10/1941<br>Em: Rio Grande<br>End: Mal. Floriano, 522<br>Curso Primário: Juvenal Miller<br>Curso Ginásial: Lemos Jr.<br>Curso Técnico: construção de máquinas e motores – Escola Técnica Federal de Pelotas<br>Técnico em Administração de Empresas – UCPel “preferido dos brotos” (58) |
| DOURADO, Aurora Abreu (Lola) (DORA) | ♥ Ayrton Alcântara<br>♥ (C) Dr. João Carlos Dora (dez. 59) | Professora                                                                                                                                                                                                                                                            | Srnh. / Madrinha da Faculdade de Engenharia / 10+56, 10+57                                                                                                                                                                                                                                            |
| DOURADO, Alba Maria Abreu (CORREA)  |                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                       | Ver informações em Alba Dourado CORREA                                                                                                                                                                                                                                                                |
| DOURADO, Eneida                     |                                                            | Professora (58-59)                                                                                                                                                                                                                                                    |                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| DOURADO, Roberto                    |                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| DOURADO, Dirceu                     |                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| DOURADO, Maria                      |                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| DUHÁ, Dídio                         |                                                            | Titular de Duhá & Cia                                                                                                                                                                                                                                                 | Representante da Câmara do Comércio (60)                                                                                                                                                                                                                                                              |
| DUHÁ, Helena D.                     |                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| DUHÁ, Maria da Glória               | ♥ Roberto Torres                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                       | Debut (57)                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| DUHÁ, Maria da Graça                |                                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                       | Debut (57)                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| DUHÁ, Paulo Antônio                 | ♥ Maria Tereza Azevedo ♥ Vera (broto) ♥ Alice              |                                                                                                                                                                                                                                                                       | Namorador                                                                                                                                                                                                                                                                                             |

|                                |                                                                                                        |                                                                    |                                                                                  |
|--------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------|
|                                | Ferraz ♥ Eillen<br>Mace (60) ♥ Lêda<br>Amaral (nov. 60)                                                |                                                                    |                                                                                  |
| ELICHIRIGOITTE,<br>Gilberto Py | ♥ Lia Strauch ♥<br>Alzira Notti ♥<br>Suzana Gatti (set.<br>59) ♥ Rosita<br>Tanapolsque (fora<br>de RG) |                                                                    |                                                                                  |
| EHLERS, Artur<br>Américo       |                                                                                                        | Engenheiro –<br>Diretor da<br>Divisão de Rio<br>Grande do<br>DEPRC | Mudam-se para POA (jul.<br>60)                                                   |
| EHLERS, Nina                   |                                                                                                        |                                                                    | Filantropia                                                                      |
| ENGELHARDT,<br>Carlos F.       | (e Sra.)                                                                                               | Médico                                                             | Consultório: Avenida Silva<br>Paes, 275<br>Residência: Rua Gal.<br>Portinho, 326 |
| ENNES, Elsa<br>Rubarth         |                                                                                                        | Professora                                                         | Srnh. / “Rainha dos 1º<br>Jogos Universitários do RS”                            |
| ERNST, Déa Mara                | ♥ Ramiro Martinez<br>♥ Roberto Caetano                                                                 |                                                                    | Broto / 10+60                                                                    |
| ESPÍRITO SANTO,<br>Milton      |                                                                                                        |                                                                    |                                                                                  |
| ESPÍRITO SANTO,<br>Cantalice   |                                                                                                        |                                                                    | 10+57 / 10+60                                                                    |
| ESPÍRITO SANTO,<br>Milton Luiz |                                                                                                        |                                                                    | 13 anos (58)                                                                     |
| ESPÍRITO SANTO,<br>Sarinha     |                                                                                                        |                                                                    | Broto (60) / Bailarina                                                           |
| FARACO,<br>Francisco Domingos  |                                                                                                        | Comerciário                                                        | Presidente do Lions Club<br>(60) / 10+59, 10+60                                  |
| FARACO, Maria                  |                                                                                                        |                                                                    |                                                                                  |
| FARAL, Luiz<br>Amaro           |                                                                                                        | Doutor                                                             |                                                                                  |
| FARAL, Urânia                  |                                                                                                        |                                                                    |                                                                                  |
| FARAL, Marília<br>Rache        |                                                                                                        | Doutora                                                            | Srnh. / 10+60                                                                    |
| FARAL, Luiz                    |                                                                                                        |                                                                    |                                                                                  |
| FARAL, Guayba<br>Rache         | (e Sra.)                                                                                               |                                                                    |                                                                                  |

|                            |                                                                                                              |                                     |                                                                                                                                |
|----------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| FARIAS, Córa Ubatuba de    |                                                                                                              |                                     | Sra.                                                                                                                           |
| FARIAS, Horácio Ubatuba de |                                                                                                              | Engenheiro                          | Prefeito (60)                                                                                                                  |
| FARINHA, Maria Luiza       |                                                                                                              |                                     | Debut (57) / “10 carinhas mais bonitas de Rio Grande” (59)                                                                     |
| FELIPE, Justino de         |                                                                                                              | Doutor                              |                                                                                                                                |
| FELIPE, Amélia de          |                                                                                                              |                                     | 10+56                                                                                                                          |
| FERRAZ, Ainda W.           | ♥ Héرتون de Leon (dez. 60) ♥ José Karaver (58 ou 59)                                                         | Professora – Juvenal Miller (58-60) | Srnha. / Nascida em Porto Alegre, fez faculdade de Letras Neolatinas na UFRGS e foi ser professora em Rio Grande entre 58 e 60 |
| FIGUEIRA, Edy Cruz (Sr.)   |                                                                                                              |                                     | Integrante da STAR                                                                                                             |
| FLORES, Terezinha          | ♥ Nício Medrado Dias (Dr.) (RJ)                                                                              |                                     | Srnha. / “Modelo profissional” / Miss Rio Grande (56) / Muda para o RJ                                                         |
| FLORES, Sônia (Soninha)    | ♥ Henrique Caetano ♥ José Carlos Gonçalves Gomes ♥ Sérgio Peixoto (60)                                       |                                     | Broto (58) / “Rainha do Aéreo Clube” (59) / “10 carinhas mais bonitas de Rio Grande” (59) / integrante da STAR (58)            |
| FONSECA, Léa               | ♥ Fernando Becher (57 e 59) ♥ 2º Tte. Antônio Lourenço de Oliveira (58) ♥ Ronald Sttigger (56 e (N) jun. 60) |                                     | 10+57, 10+58                                                                                                                   |
| FONSECA, Waldir            |                                                                                                              |                                     |                                                                                                                                |
| FONSECA, Carmem            |                                                                                                              |                                     | 10+58 / Filantropia                                                                                                            |
| FONSECA, Lídice Magalhães  |                                                                                                              |                                     | Broto / Debut (60) / Escola Lemos Jr. (60) / 10+60                                                                             |
| FONSECA, Terezinha         | ♥ (N) Aluízio Precioso (59)                                                                                  |                                     | Srnha. / Integrante da STAR / “10 carinhas mais bonitas de Rio Grande” (59)                                                    |
| FONSECA, Vasco Vieira      |                                                                                                              | Cônsul de Portugal                  | 10+59                                                                                                                          |
| FONSECA, Alba              |                                                                                                              |                                     | 10+56                                                                                                                          |
| FRANCO, Aluízio            |                                                                                                              |                                     | Mudaram para POA (fev. 59)                                                                                                     |

|                              |                                                          |        |                                                                                                                                                              |
|------------------------------|----------------------------------------------------------|--------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| FRANCO, Gilda Pasquier       |                                                          |        |                                                                                                                                                              |
| FRANCO, Tânia Maria Pasquier | ♥ Carlos Uberaldo Sallies de Lima                        |        | Broto (56) / “Brotinho Sensação” (58) / Debut (58) / Formou-se no Curso Ginásial do Joana d’Arc (58) / 10+58 / “10 carinhas mais bonitas de Rio Grande” (59) |
| FRANCO, Atto Pasquier        | ♥ Lourdes Rocha                                          |        |                                                                                                                                                              |
| FRANCO, Lacy Mattos          |                                                          |        | Sra.                                                                                                                                                         |
| FRAZÃO, Bolívar              |                                                          |        | Presidente (59) - Vice do Clube do Comércio / Rotary Club                                                                                                    |
| FRAZÃO, Maninha              |                                                          |        |                                                                                                                                                              |
| FRUET, Nair                  |                                                          |        | Srnh. / Formou-se no Colégio Joana d’Arc (32) / viagem à Europa (jun.58)                                                                                     |
| GALBINSKY, Abraham           |                                                          | Médico | Serviço de Medicina Interna com José Salomão e Nery Sequeira / 10+58, 10+59                                                                                  |
| GALBINSKY, Rosita Epelbaum   |                                                          |        | 10+58, 10+59                                                                                                                                                 |
| GALBINSKY, Regina            |                                                          |        | Nasceu (58)                                                                                                                                                  |
| GALBINSKY, Renata            |                                                          |        | Nasceu (set. 60)                                                                                                                                             |
| GALBINSKY, Elias             |                                                          |        |                                                                                                                                                              |
| GALBINSKY, Luiza             |                                                          |        |                                                                                                                                                              |
| GALBINSKY, Stellinha         |                                                          |        |                                                                                                                                                              |
| GALBINSKY, José              |                                                          | Doutor | Casaram (jun. 58)                                                                                                                                            |
| GALBINSKY, Julieta Couto     |                                                          |        | De POA                                                                                                                                                       |
| GASPAR, João Francisco       |                                                          |        |                                                                                                                                                              |
| GASPAR, Horaida              |                                                          |        |                                                                                                                                                              |
| GATTI, Suzana                | ♥ Élio Vieira (59)<br>♥ Gilberto Py Elichirigoitti (set. |        | Srnh. / 10+56                                                                                                                                                |

|                               |                                                    |                                                              |                                                                                                  |
|-------------------------------|----------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                               | 59)                                                |                                                              |                                                                                                  |
| GOLDENBERG, Henrique          |                                                    |                                                              |                                                                                                  |
| GOLDENBERG, Raquel            |                                                    |                                                              |                                                                                                  |
| GOLDENBERG, Cecília           | ♥ (C) Henrique Zamel (60)                          | Professora (56-60) / Bibliotecária / Cronista Social (Zicil) | Nascimento: 04/07/1935 / Em: Rio Grande / Curso Ginásial – Escola Lemos Jr. / Integrante da STAR |
| GOLDENBERG, Rosa (Rosinha)    |                                                    |                                                              | Broto / Escola Lemos Jr. / Vestibular de Medicina SP (60)                                        |
| GOLDENBERG, Abraham           | ♥ (C) Alzira Mizrahi Goldenberg                    |                                                              | Moram em SP / Filha Ruth Goldenberg (nasceu 60)                                                  |
| GOLDENBERG, Issac             |                                                    | Funcionário do Importo de Renda (60)                         |                                                                                                  |
| GOLDENBERG, Vany Dias Duro    |                                                    |                                                              | De Santa Maria                                                                                   |
| GOLDENBERG, Luiz Guilherme    |                                                    |                                                              | Nasceu (60)                                                                                      |
| GOMES, Ary Gonçalves          |                                                    | Capitão dos Portos/Capitão de Fragata (59-60)                | Família do Rio de Janeiro                                                                        |
| GOMES, Julieta (Jujú)         |                                                    |                                                              | Filantropia                                                                                      |
| GOMES, Célia Regina Gonçalves |                                                    |                                                              | Colégio Joana d’Arc (60)                                                                         |
| GOMES, José Carlos Gonçalves  | ♥ Soninha Flores (59) ♥ Maria Delícia Miranda (60) |                                                              |                                                                                                  |
| GOMES, Leda Maria Gonçalves   | ♥ Álvaro Conceição (Oficial do 9º R.I. (Pel) (60)  |                                                              |                                                                                                  |
| GOMES, Luiz Carlos Gonçalves  | ♥ Ruth Py Daniel                                   |                                                              |                                                                                                  |
| GUIMARÃES, José               |                                                    |                                                              | Integrante da STAR                                                                               |
| HERRERA, Heitor Almeida       | (e Sra.)                                           | Coronel – Comandante                                         | Novos na cidade (59) / Bodas de Prata (59)                                                       |

|                                     |                             |                                             |                                                                                |
|-------------------------------------|-----------------------------|---------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
|                                     |                             | do 7º<br>G.A.Cos.M.                         |                                                                                |
| HORMAIN, Stella<br>Farias           |                             |                                             | Sra. / 10+60                                                                   |
| KARAVAR,<br>Maurício                |                             |                                             |                                                                                |
| KARAVAR, Clara                      |                             |                                             |                                                                                |
| KARAVAR, Carlos                     | (e Sra.)                    | Doutor                                      | Morava em SP                                                                   |
| KARAVAR, José                       | ♥ Aida W. Ferraz            |                                             | Mudou-se para SP (59)                                                          |
| KARAVAR, Marcos                     |                             |                                             | “preferido dos brotos” (58) /<br>integrante da STAR /<br>Mudou-se para SP (59) |
| KARAVAR,<br>Bernardo                | ♥ Jandira Andrade           | Médico                                      | POA                                                                            |
| LARANJO,<br>Eduardo                 | (e Sra.)                    |                                             |                                                                                |
| LAWSON, Denis                       |                             | Presidente da<br>Câmara do<br>Comércio (60) | 10+58                                                                          |
| LAWSON, Inah                        |                             |                                             | 10+57 / Filantropia                                                            |
| LAWSON, Carlos<br>George Laudares   |                             |                                             | Procura por uma noiva (59)                                                     |
| LEIVAS, Glacy                       |                             |                                             | Srnha. / 10+56                                                                 |
| LEONINI, Marília                    |                             | Professora                                  | Srnha. / Apresentação<br>artística                                             |
| LIBÓRIO, J. Reis                    |                             |                                             |                                                                                |
| LIBÓRIO, Carmem                     |                             |                                             |                                                                                |
| LIBÓRIO, Magda<br>Lêda              | ♥ Oswaldo Ribas             |                                             | 10+57, 10+58, 10+59, 10+60                                                     |
| LIBÓRIO, Léa                        |                             |                                             | 10+57, 10+58, 10+60 / POA<br>(60)                                              |
| LIMA, Leor Sallies<br>de            | (e Sra.)                    |                                             |                                                                                |
| LIMA, Carlos<br>Uberaldo Sallies de | ♥ Tânia Franco              |                                             | “preferido dos brotos” (58)                                                    |
| LIMA, Ana Maria<br>Sallies de       | ♥ José Adolfo<br>Schweitzer |                                             | Srnha. / 10+58                                                                 |
| LIMA, Claudio<br>Acylyno de         |                             | Capitão de<br>Mar e<br>Guerra/Capitã        | 25 anos de casamento (nov.<br>58) / Voltam para o RJ (fev.<br>59)              |

|                               |                                                    |                                                                                                                                                 |                                                   |
|-------------------------------|----------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------|
|                               |                                                    | o dos Portos do RS (57-59)                                                                                                                      |                                                   |
| LIMA, Gilda                   |                                                    |                                                                                                                                                 |                                                   |
| LIMA, Gilda Regina            |                                                    |                                                                                                                                                 | 18 anos (58)                                      |
| LIMA, Daniel Acylyno de       | ♥ Ana Norberta Lobo (RJ)                           | 1º Tenente da Marinha de Guerra do Brasil                                                                                                       | Morava no RJ / visitante                          |
| LLOPART, Maria Izabel         |                                                    |                                                                                                                                                 | Bailarina                                         |
| LLOPART, João                 |                                                    |                                                                                                                                                 | Rotary Club                                       |
| LLOPART, Paula                |                                                    |                                                                                                                                                 |                                                   |
| LLOPART, Marilice (Zuzú)      | ♥ Ênio Campello                                    |                                                                                                                                                 | Debut (57) / "Rainha das Praias do Atlântico Sul" |
| LLOPART, Paulo (Paulinho)     |                                                    |                                                                                                                                                 |                                                   |
| LLOPART, Roger                |                                                    | Delegado da Marinha Mercante                                                                                                                    |                                                   |
| LLOPART, Dalva                |                                                    |                                                                                                                                                 |                                                   |
| LOPES, Carlos Alberto Cuello  |                                                    | Doutor                                                                                                                                          |                                                   |
| LOPES, Ana Maria Braga        |                                                    |                                                                                                                                                 | 10+60                                             |
| LOPES, Maria Conceição Cuello |                                                    |                                                                                                                                                 | Srnha.                                            |
| LOTUFO, Alice                 | ♥ Júlio Miranda – Oficial da Marinha Mercante (RJ) | Professora (49) / Orientadora do Ensino Primário (53) / Chefe de expediente (57) / Diretora da Diretoria de Educação e Saúde de Rio Grande (59) | Nascimento: 08/08/1925 / Em: Rio Grande           |
| LOUREIRO, Vera Regina         | ♥ Sérgio Peixoto                                   |                                                                                                                                                 | Debut (57) / 10+57                                |
| MACE, Charles Sidney          |                                                    | Gerente de Navegação da                                                                                                                         |                                                   |



|                                       |                                                                                                                                                  |                        |                                                                                                                            |
|---------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                       |                                                                                                                                                  | Cranston<br>Whoodhead  |                                                                                                                            |
| MACE, Neuza                           |                                                                                                                                                  |                        |                                                                                                                            |
| MACE, Eillenn                         | ♥ Paulo Antônio<br>Duhá                                                                                                                          |                        | Debut (59) / fez parte do<br>“Garotas em surdina”<br>(banda)                                                               |
| MACE, Susan<br>Dianne                 |                                                                                                                                                  |                        | Debut (60)                                                                                                                 |
| MACHADO,<br>Eduardo                   |                                                                                                                                                  | Coronel                | Família muda-se para POA<br>(jan.59)                                                                                       |
| MACHADO,<br>Cecília                   |                                                                                                                                                  |                        |                                                                                                                            |
| MACHADO,<br>Terezinha                 |                                                                                                                                                  |                        | Srnha. / Amiga - hospedou-<br>se com Alba e Almiro<br>Correa depois de mudar-se<br>para POA                                |
| MACHADO, Maria                        | ♥ Astolfo<br>Conceição                                                                                                                           |                        | Srnha. / faculdade de Ed.<br>Física em POA                                                                                 |
| MACHADO, Ivone                        | ♥ Dr. Zilmar<br>Albuquerque ♥ (C)<br>Ivando Gadelha<br>(Recife) (60)                                                                             | Professora (54-<br>55) | Nascimento: 15/09/1934 /<br>Em: Porto Alegre / Foto /<br>Srnha. / 10+56, 10+57,<br>10+58, / “Rainha do Aero<br>Clube” (58) |
| MANCIO, Marlene<br>Terezinha Ferreira | ♥ (N) Dr. Adão<br>Paulo Franco (não<br>casou) ♥ Luiz<br>Carlos de<br>Azambuja Fortuna<br>(Engenheiro –<br>POA) ♥ “Fã” dela -<br>Dr. Moraes (Pel) |                        | Srnha. / Miss Rio Grande<br>(59) / foi morar em Caxias<br>do Sul (59)                                                      |
| MARQUES, Telma<br>Tavares             | ♥ (C) Rubens Leão<br>(POA)                                                                                                                       | Professora             | “Miss Rio Grande” (57) /<br>“10 carinhas mais bonitas de<br>Rio Grande” (59) / Filho<br>Eduardo (set. 60)                  |
| MARQUES, Jorge                        |                                                                                                                                                  |                        |                                                                                                                            |
| MARQUES,<br>Eugênia Kosinsky          |                                                                                                                                                  |                        |                                                                                                                            |
| MARQUES, Maria<br>Regina Kosinsky     | ♥ José Luiz Maia<br>(59) ♥ (N) Roberto<br>Peixoto (jul. 60)                                                                                      |                        | 15 anos (abr. 59) / Debut<br>(59)                                                                                          |
| MARQUES,<br>Querubim                  |                                                                                                                                                  |                        | Mora no RJ, mas visita RG<br>seguidamente                                                                                  |

|                                              |                                                                                                       |                                      |                                                                                                                            |
|----------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| MARTENSEN,<br>Oswaldo                        |                                                                                                       |                                      |                                                                                                                            |
| MARTENSEN,<br>Inah Emil                      |                                                                                                       |                                      | Professora de artes/piano /<br>oferece noites artísticas                                                                   |
| MARTÍ, Nereu<br>Rodrigues                    |                                                                                                       | Médico                               | Consultório: Gal. Câmara,<br>287<br>Residência: Rua Zalony, 246                                                            |
| MARTÍ, Ana Luiza<br>Faria                    |                                                                                                       |                                      | Casamento (dez. 60)                                                                                                        |
| MARTINEZ,<br>Ramiro                          | (e Sra.)                                                                                              |                                      |                                                                                                                            |
| MARTINEZ,<br>Ramiro (Ramirinho)              | ♥ Déa Mara Ernst<br>♥ Josefina (Tetê)<br>Gomes                                                        |                                      | Escola Lemos Jr. (dez. 58) /<br>viagem ao Chile patrocinada<br>pelo Rotary Club / POA -<br>estudos (59)                    |
| MARTINEZ,<br>Regina Maria                    | ♥ Pedro Afonso<br>Mibielli (60)                                                                       |                                      | Broto (56) / Debut (57)                                                                                                    |
| MARTINEZ, Paulo                              |                                                                                                       |                                      | Casaram (59)                                                                                                               |
| MARTINEZ, Eline<br>Robinson                  |                                                                                                       |                                      |                                                                                                                            |
| MARTINS, Raul                                |                                                                                                       |                                      |                                                                                                                            |
| MARTINS, Biba<br>Flores                      |                                                                                                       |                                      | 10+56, 10+57 / irmã de<br>Yetta Flores Souza                                                                               |
| MARTINS, Roberto                             |                                                                                                       |                                      | Aniversário (set. 58)                                                                                                      |
| MARTINS, Roger                               |                                                                                                       |                                      |                                                                                                                            |
| MEDEIROS, Hirta<br>Marly Miller<br>(PEREIRA) | ♥ (C) Renato<br>Pereira (jul. 60)                                                                     | Professora<br>substituta (58-<br>59) | “10 carinhas mais bonitas de<br>Rio Grande” (59)                                                                           |
| MENDES, Antônio<br>(Netto)                   |                                                                                                       |                                      |                                                                                                                            |
| MENDES, Neuza                                |                                                                                                       |                                      | 10+57 / Filantropia                                                                                                        |
| MENDES, Lucy                                 | ♥ José Carlos<br>Henriques                                                                            | Professora RG<br>(60)                | Broto (56) / Vestibular de<br>Filosofia (Pel) (60)                                                                         |
| MENDES, Vera                                 | ♥ Rex Souza ♥<br>Carlos Eduardo<br>“Cadu” (Oficial da<br>Marinha de<br>Guerra) (60) –<br>querem casar |                                      | Debut (57) / Formou-se no<br>curso ginásial no Colégio<br>Joana d’Arc (58) / 10+58,<br>10+60 / “Rainha do Cassino”<br>(60) |
| MENDES, Neuza<br>(Neuzinha)                  | ♥ Renê Souza                                                                                          |                                      | Debut (59) / 1ª debutante /<br>“10 carinhas mais bonitas de<br>Rio Grande” (59) / “Brotinho                                |

|                                         |                                                      |                              |                                                                                                                                                                 |
|-----------------------------------------|------------------------------------------------------|------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                         |                                                      |                              | Sensação” (59)                                                                                                                                                  |
| MILANO, Érico                           |                                                      |                              |                                                                                                                                                                 |
| MILANO, Alda<br>Marly Pereira           |                                                      |                              | 10+56, 10+57 / remadora                                                                                                                                         |
| MIRANDA,<br>Clotilde Castro             |                                                      |                              | Srnha. / 10+56                                                                                                                                                  |
| MIRANDA, Maria<br>Delícia               | ♥ José Carlos<br>Gonçalves Gomes<br>(60)             |                              | Broto / “Garota do Ano”<br>(59) / Escola Lemos Jr. (60)                                                                                                         |
| MIRANDA, Rui                            | ♥ Ornella Anselmi<br>(60) ♥ Terezinha<br>Bonini (60) |                              |                                                                                                                                                                 |
| MOODY, Frederico                        | (e Sra.)                                             |                              |                                                                                                                                                                 |
| MOODY, Silvia<br>Córa                   | ♥ Paulo Silveira<br>(dez. 60)                        |                              | Srnha. / 10+56 / viagem à<br>Europa (jun. 58) / “10<br>carinhas mais bonitas de Rio<br>Grande” (59) / “Rainha do<br>Cinquentenário” do FBC<br>Riograndense (59) |
| MORAES, Oscar<br>(Oscarzinho)<br>Campos | ♥ Léa Rocha                                          |                              | Popular                                                                                                                                                         |
| MOTTA, Carlos<br>Alberto                |                                                      | Cronista social              | De Pelotas                                                                                                                                                      |
| MOTTA, Benette<br>Cassareto             |                                                      | Pintora                      | De Pelotas                                                                                                                                                      |
| NEUMAN, Raquel                          |                                                      | Professora (54)              | Natural de: Santa Maria /<br>Estudou: Escola Lemos<br>Júnior / Foto / Srnha. / Muda<br>para POA                                                                 |
| NEUMANN,<br>Maurício                    |                                                      |                              |                                                                                                                                                                 |
| NEUMANN,<br>Elfrides                    |                                                      |                              | Filantropia                                                                                                                                                     |
| NEUMANN,<br>Beatriz                     |                                                      |                              | Criança                                                                                                                                                         |
| NEVES, Walter                           |                                                      | Dono da<br>Ferragem<br>Neves |                                                                                                                                                                 |
| NISSONSON,<br>Plínio                    | (e Sra.)                                             | Dono da Loja<br>Liquigás     | Presidente da União dos<br>Varejistas (60)                                                                                                                      |

|                         |                                                                                            |                              |                                                                    |
|-------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------|--------------------------------------------------------------------|
| NISSENSON, Irene        |                                                                                            |                              |                                                                    |
| NOTTI, Alzira           | ♥ Oficial do Exército Weber ♥ Miro Colussi                                                 |                              |                                                                    |
| OLINTO, Alcione         |                                                                                            |                              | Casaram (59)                                                       |
| OLINTO, Myrian Azevedo  |                                                                                            | Cronista Social (MyrAz) (56) | Grávida (60)                                                       |
| PEIXOTO, Roberto Cramer | ♥ Gilka Cunha ♥ Maria Regina Kosinsky Marques (60)                                         |                              |                                                                    |
| PEIXOTO, Érico Poester  |                                                                                            | Doutor - Médico              | 10+59, 10+60                                                       |
| PEIXOTO, Estela Cramer  |                                                                                            |                              | 10+56, 10+57, 10+58, 10+59 / Filantropia                           |
| PEIXOTO, Isnard         |                                                                                            | Doutor                       |                                                                    |
| PEIXOTO, Maria          |                                                                                            |                              |                                                                    |
| PEIXOTO, Isnard (Filho) |                                                                                            | Doutor - Médico              | Consultório: Beneficência Portuguesa - Residência: Rua Zalony, 467 |
| PEIXOTO, Orfila         |                                                                                            |                              |                                                                    |
| PEIXOTO, Ruy Poester    |                                                                                            | Doutor - Advogado            | 10+59, 10+60                                                       |
| PEIXOTO, Antonieta      |                                                                                            |                              |                                                                    |
| PEIXOTO, Sérgio Marques | ♥ Vera Regina Loureiro ♥ Soninha Flores (60) ♥ Tânia Bittencourt Dornelles (POA) (dez. 60) |                              | Bridge / POA (60)                                                  |
| PELAYO, Glayr (HIRSCH)  | ♥ (C) Waldir Hirsch                                                                        |                              | “Miss Rio Grande” (58)                                             |
| PEÑA, Nicanor           | ♥ Ólbia Felka Martins                                                                      |                              |                                                                    |
| PEREIRA, Álvaro Ribeiro |                                                                                            | Doutor                       | Prefeito (56-59)                                                   |
| PEREIRA, Córa           |                                                                                            |                              |                                                                    |
| PEREIRA, Renato         |                                                                                            |                              | Casamento (jul.60)                                                 |

|                                           |                                           |                                        |                                                                                         |
|-------------------------------------------|-------------------------------------------|----------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------|
| PEREIRA, Hirta<br>Marly Medeiros          |                                           | Professora substituta (58-59)          | “10 carinhas mais bonitas de Rio Grande” (59)                                           |
| PERNIGOTTI, Renato                        |                                           | Vice Cônsul da República Italiana (59) |                                                                                         |
| PERNIGOTTI, Ana Maria Rheingantz          |                                           |                                        | Presidente da Legião Brasileira de Assistência em Rio Grande (59)                       |
| PERNIGOTTI, Oscar Paulo                   | ♥ (C) Noemi Pernigotti                    | Doutor                                 |                                                                                         |
| PERNIGOTTI, Sérgio Luiz Carlos Rheingantz |                                           | Doutor                                 | Mudaram-se para Caxias do Sul (dez. 59)                                                 |
| PERNIGOTTI, Vera Maria Mancio             |                                           |                                        | Irmã de Marlene Terezinha Mancio                                                        |
| PERNIGOTTI, Maritza                       |                                           |                                        | Criança                                                                                 |
| PERNIGOTTI, Rossana                       |                                           |                                        | Criança                                                                                 |
| PINHO, Fernando                           | ♥ Neida Regina Souza                      |                                        | “playboy”                                                                               |
| PINTO, Ana Maria Terra                    | ♥ João Carlos                             |                                        | Srnh. / piano (59)                                                                      |
| PINTO, Edda Canuso                        | ♥ Oficial Heitor Parreiras (Marinha) (60) |                                        |                                                                                         |
| PINTO, Zaira Maria Canuso                 |                                           | Professora do Lemos Jr. (60)           | Srnh. / Formanda da Faculdade de Filosofia de Pelotas – curso de Letras Neolatinas (59) |
| PONTES, Élio                              |                                           |                                        |                                                                                         |
| PONTES, Alcidina Farinha                  |                                           |                                        | 10+58, 10+60 / Filantropia                                                              |
| PORTO, Saul                               |                                           | Diretor do Jornal “O Tempo”            |                                                                                         |
| PRADEL, Adolfo                            |                                           | Doutor                                 |                                                                                         |
| PRADEL, Odete Velloso                     |                                           |                                        | Filantropia                                                                             |
| PRADEL, Terezinha Velloso                 |                                           |                                        | Srnh.                                                                                   |
| PRECIOSO, Aluizio                         | ♥ (N) Terezinha Fonsêca (59) ♥ Terezinha  | Oficial do Exército – 1º Tenente       |                                                                                         |

|                                |                                              |                                 |                                                                                             |
|--------------------------------|----------------------------------------------|---------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                | Touguinha                                    |                                 |                                                                                             |
| PRETO, Paulo                   | (e Sra.)                                     | Doutor                          | 10+60                                                                                       |
| RIBAS, Oswaldo                 | ♥ Wilma Orsy (Uruguaiana) ♥<br>Magda Libório | Comerciante                     | 10+59                                                                                       |
| RIBEIRO, Silvio                | (e Sra.)                                     |                                 |                                                                                             |
| RIBEIRO, Carmem Vera           |                                              |                                 | Broto                                                                                       |
| RIBEIRO, Maureen               |                                              |                                 | Broto                                                                                       |
| RIBEIRO, Níobe Silva           | viúva ♥ Agripino Silva                       | Professora                      | Filantropia                                                                                 |
| RIBEIRO, Maria Tereza          |                                              |                                 | Broto                                                                                       |
| RHEINGANTZ, Otilia             |                                              |                                 | Srnha. / Muda para POA (60)                                                                 |
| ROBINSON, Walter               | (e Sra.)                                     | Trabalhava na Cranston Woodhead |                                                                                             |
| ROBINSON, Eline (MARTINEZ)     | ♥ (C) Paulo Martinez (59)                    |                                 | Srnha. / Tenista / 10+56 / entrevista gosto-não gosto (26/11/56) / elegância esportiva (57) |
| ROBINSON, Carmem Vera (MORAES) | ♥ (C) Luiz Augusto de Campos Moraes          | Professora (57-59)              | Colégio Joana d'Arc                                                                         |
| ROCAMORA, Roberto Paganini     |                                              | Doutor                          | Rotary Club / 10+58, 10+60                                                                  |
| ROCAMORA, Liza                 |                                              |                                 |                                                                                             |
| ROCAMORA, Maria Lola Paganini  |                                              |                                 | Broto / "Brotinho Destaque" (60)                                                            |
| ROCHA, Daoiz de La             |                                              | Diretor do Jornal "Rio Grande"  |                                                                                             |
| ROCHA, Noris de La             |                                              |                                 |                                                                                             |
| ROCHA, Marlene de La           |                                              | Cronista Social – (MaRc)        | Srnha.                                                                                      |
| RODRIGUES, Mário               |                                              | Diretor da Fazenda              | Ator / integrante da STAR / cronista colaborador do Jornal "A Hora" / Rotary Club           |

|                             |                               |                                                                                                                                                                                  |                                                                 |
|-----------------------------|-------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|
| RODRIGUES,<br>Dorilda       |                               |                                                                                                                                                                                  |                                                                 |
| RUBARTH, Elza<br>Ennes      |                               |                                                                                                                                                                                  | Srnh. / “Rainha dos<br>Primeiros jogos<br>Universitários do RS” |
| SAENGER, Nery               |                               |                                                                                                                                                                                  |                                                                 |
| SAENGER,<br>Romilda Colussi |                               |                                                                                                                                                                                  | 10+57, 10+60                                                    |
| SALOMÃO, Adib               | ♥ (C) Jussara<br>Mansur (SP)  | Doutor /<br>Diretor da<br>Diretoria de<br>Educação e<br>Saúde (55) /<br>Faculdade de<br>Direito – PUC<br>(55) / Sub-<br>Secretário de<br>Educação e<br>Cultura do<br>Estado (59) | casamento (maio 60) em SP                                       |
| SALOMÃO, Wadie              |                               | Doutor -<br>Advogado                                                                                                                                                             | Morava em POA (59)                                              |
| SANDES, Israel              |                               |                                                                                                                                                                                  |                                                                 |
| SANDES, Ida                 |                               |                                                                                                                                                                                  |                                                                 |
| SANTOS, Amaury              |                               |                                                                                                                                                                                  | Diretoria da SAC -<br>Presidente                                |
| SANTOS, Beatriz             |                               |                                                                                                                                                                                  |                                                                 |
| SCHIMIDT, Cedric            |                               |                                                                                                                                                                                  |                                                                 |
| SCHIMIDT, Ilma              |                               |                                                                                                                                                                                  | 10+60                                                           |
| SEQUEIRA,<br>Antônio        | (e Sra.)                      |                                                                                                                                                                                  |                                                                 |
| SEQUEIRA,<br>Auzenda Maria  | ♥ Ecy Santos (60)             | Professora de<br>dança – Dona<br>da Escola de<br>Bailados<br>Auzenda<br>Sequeira                                                                                                 | 10+59, 10+60 / Filantropia                                      |
| SIEDLER, Vera<br>Maria      | ♥ Marco A. M.<br>Fonseca (60) |                                                                                                                                                                                  | Broto                                                           |
| SILVA, Oscar Berg<br>da     |                               |                                                                                                                                                                                  | Diretor Social do Lions Club<br>(60) / 10+58                    |

|                               |                                                                        |                                          |                                                                                                                            |
|-------------------------------|------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| SILVA, Carmem Laviaguerra     |                                                                        |                                          | 10+56                                                                                                                      |
| SILVA, Amaury Braga da        |                                                                        |                                          | Jovem / Escreveu a peça “Os Mascarados” / integrante da STAR / “cuidava os brotos” (mar. 58) / muda para POA (60)          |
| SILVEIRA, Hugo Dantas         | (e Sra.) – Suely S. da Silveira                                        | Secretário Municipal de Educação (81-83) | Nascimento: 05/10/1925 / Em: Rio Grande / End: Major Carlos Pinto, 378 / Diploma: Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais |
| SILVEIRA, Maria Helena        | ♥ João Carlos Papaléo                                                  |                                          |                                                                                                                            |
| SOUZA, Neida Regina           | ♥ Fernando Pinho                                                       | Professora (56-57)                       | Nascimento: 24/08/1936 / Em: Rio Grande / Foto / Srnha. / 10+56, 10+57, 10+58 / POA (60)                                   |
| SOUZA, Ayres                  |                                                                        |                                          |                                                                                                                            |
| SOUZA, Ietta Flores           |                                                                        |                                          | Irmã de Biba Flores Martins                                                                                                |
| SOUZA, Renan                  |                                                                        |                                          |                                                                                                                            |
| SOUZA, Renê                   |                                                                        |                                          |                                                                                                                            |
| SOUZA, Rex                    | ♥ Lúcia Helena Llopart ♥ Verinha Mendes                                |                                          |                                                                                                                            |
| SOUZA, Regis                  |                                                                        |                                          |                                                                                                                            |
| STIGGER, Marcos               | (e Sra.)                                                               | Doutor                                   |                                                                                                                            |
| STIGGER, Ronald               | ♥ Léa Fonseca (56 e 60)                                                |                                          |                                                                                                                            |
| STRAUCH, Carlitos             |                                                                        |                                          |                                                                                                                            |
| STRAUCH, Emil Fonseca         |                                                                        |                                          |                                                                                                                            |
| STRAUCH, Lia Fonseca          | ♥ Gilberto Elichirigoitte ♥ Dr. Alfredo Henrique Pancada de Mello (60) |                                          | Srnha. / 10+56, 10+58, 10+59, 10+60                                                                                        |
| STRAUCH, Regina Maria Fonseca |                                                                        |                                          | “Miss Brotinho” (60)                                                                                                       |



|                               |                              |                                                    |                                                     |
|-------------------------------|------------------------------|----------------------------------------------------|-----------------------------------------------------|
| TOSI, Emílio                  |                              | Comerciante                                        | 10+58, 10+59, 10+60                                 |
| TOSI, Lourdes                 |                              |                                                    | 10+57, 10+58, 10+60                                 |
| VAGECK, Rubem Pilla           |                              |                                                    | 10+58                                               |
| VAGECK, Helena                |                              |                                                    |                                                     |
| VELLOSO, Ernesto G.           | (e Sra.)                     |                                                    |                                                     |
| VELLOSO, Cely                 |                              |                                                    | Broto                                               |
| VELLOSO, Lenira               |                              |                                                    | Debut (59)                                          |
| VELLOSO, Cyrenia Simões Lopes |                              |                                                    | Debut (60)                                          |
| VELLOSO, Hellos               | (e Sra.)                     | Diretor da Barutot Velloso S/A Comercial e Técnica |                                                     |
| VIANNA, Adylio Martins        |                              | Deputado Federal                                   | De Rio Grande provavelmente, mas morava em Brasília |
| VIANNA, Emília Magalhães      |                              |                                                    |                                                     |
| VIANNA, Solon                 |                              | Doutor                                             |                                                     |
| VIANNA, Marilene              |                              |                                                    | Broto                                               |
| VILLAR, Sr.                   |                              |                                                    |                                                     |
| VILLAR, Irene (Mitchi)        |                              |                                                    | Broto                                               |
| ZOGBI, Félix                  |                              |                                                    | Bodas de Prata (59)                                 |
| ZOGBI, Albertina Karan        |                              |                                                    |                                                     |
| ZOGBI, Maria Helena Karan     |                              |                                                    |                                                     |
| ZOGBI, Reginaldo Karan        | ♥ (N) Vera Maria Azevedo     |                                                    |                                                     |
| ZOGBI, Rejane                 |                              |                                                    | 15 anos (out. 60)                                   |
| ZUNINO, Mary                  | ♥ Moroty (Jara) Duarte Filho |                                                    | Srnha.                                              |

